



INSTITUTO  
UNIVERSITÁRIO  
DE LISBOA

---

## **O(S) TEMPOS(S) E OS ESPAÇO(S) NAS VIDAS FEMININAS**

O Caso das Mulheres Residentes na Quinta do Loureiro

Sara Anágua Simões Nunes

Mestrado em Sociologia

Orientador:

Doutor João Sebastião, Professor Associado,  
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Co-Orientadora:

Doutora Eva Gonçalves, Professora Auxiliar Convidada,  
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2024



SOCIOLOGIA  
E POLÍTICAS PÚBLICAS

---

Departamento de Sociologia

**O(S) TEMPOS(S) E OS ESPAÇO(S) NAS VIDAS FEMININAS**

O Caso das Mulheres Residentes na Quinta do Loureiro

Sara Anágua Simões Nunes

Mestrado em Sociologia

Orientador:

Doutor João Sebastião, Professor Associado,  
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Co-Orientadora:

Doutora Eva Gonçalves, Professora Auxiliar Convidada,  
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2024

## AGRADECIMENTOS

O trabalho que constituí esta dissertação de mestrado foi desenvolvido ao longo dos últimos quatro anos e relata, não só o processo de desconstrução e construção de conhecimento sobre um determinado objeto de estudo, mas também de desconstrução e construção pessoal. Processos que não foram pacíficos, por serem erigidos com base nos processos de outros - autores e sujeitos - que se admiram, bem como por constituírem um período de intensa reflexividade sociológica, social e pessoal.

Esta dissertação de mestrado procurou, primordialmente, ser um caminho de aprendizagem, de experimentação e de aprofundamento de conhecimentos a todos os níveis. Nesse sentido, retrata o tempo vivido a trabalhar sobre este tema – os avanços, retrocessos, desafios, conquistas e falhanços – descrevendo, também ela, um percurso (não fossem os percursos uma boa forma de descrever e compreender um processo), que será sempre inacabado e permeado por relações sociais, sob a forma de sujeitos especiais aos quais importa agradecer e dedicar este trabalho.

Em primeiro lugar, este trabalho é dedicado às mulheres, cujas vida sustentam este trabalho. Agradeço por confiarem em mim. Agradeço, também, aos moradores da Quinta do Loureiro, pelo acolhimento e pelos bons momentos passados.

Um especial agradecimento, também, aos professores com quem tive a oportunidade de contactar ao longo do meu percurso no Iscte-IUL, cujo trabalho inspirou a condução desta pesquisa e estimulou a minha Imaginação Sociológica. Agradeço, igualmente, aos meus orientadores/coordenadores do CIES-Iscte pelas oportunidades de aprendizagem que me proporcionaram ao longo desta dissertação, fundamentais para a construção da mesma.

Agradeço, ainda, aos *critical friends* que fiz ao longo deste percurso. Aos colegas da 2N07, em especial à Daniela pelas trocas de ideias inspiradoras, essenciais no início deste processo; e aos colegas do CoLABOR pelo interesse e incentivo na fase de conclusão.

Um agradecimento especial às minhas amigas - Sofia, Maria e Cabaço – por partilharmos este processo juntas, ainda que em tempos, espaços e matérias diferentes. Espero que continuemos a caminhar juntas. Um obrigada à Luísa e à Vivi, e ao meu duo dinâmico favorito – João e Mafalda – por aturarem os meus desabafos, muitas vezes sem entender, mas sempre com paciência para ouvir.

Um agradecimento muito especial ao Gui, que ganhei na reta final desta pesquisa, pelo apoio incondicional.

Por fim, um agradecimento profundo aos meus pais, por me escutarem, apoiarem cegamente e me darem asas para voar. Agradeço lhes por tudo, desde o primeiro dia.

## **RESUMO**

A presente pesquisa parte do questionamento acerca dos fatores que contribuem para a configuração das identidades femininas nas sociedades contemporâneas e quais os impactos das transformações contextuais, decorrentes de mudanças tempo-espaciais, na formação e transformação dessas identidades. Na procura de respostas, definimos como hipótese de estudo que a formação e transformação das identidades resulta de processos de construção social, influenciados pelas especificidades dos contextos tempo-espço.

Assim, propusemo-nos a observar os processos de formação e transformação de identidades, seguindo uma estratégia de pesquisa indutiva/abdutiva, que permitisse conjugar uma teoria flexível com uma metodologia criativa, tomando como elemento empírico central o caso concreto das mulheres residentes na Quinta do Loureiro. Este desenho empírico implicou que a estratégia metodológica definida fosse de caráter iminentemente qualitativo, com aprofundamento à escala individual através da utilização do método biográfico na construção de histórias e linhas de vida.

A pesquisa conduzida evidencia a complexidade das identidades femininas, marcadas por encontros e desencontros, revelando que as trajetórias das entrevistadas são moldadas tanto por fatores individuais quanto estruturais. As transições habitacionais e ocupacionais revelam vínculos com desestruturas familiares e vulnerabilidades sociais, enquanto as trajetórias conjugais mostram uma antecipação para casamento e maternidade, com perfis variados que refletem mudanças sociais e históricas. As dinâmicas de pobreza e exclusão em locais como a Quinta do Loureiro têm um papel significativo na formação dessas identidades, refletindo como contextos sociais e históricos afetam as oportunidades e escolhas dessas mulheres ao longo da vida.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Identidades | Género | Tempo-Espaço | Histórias de Vida | Linhas de Vida

## **ABSTRACT**

This research is based on the question of the factors that contribute to the configuration of female identities in contemporary societies and the impact of contextual transformations, resulting from time-space changes, on the formation and transformation of these identities. In the search for answers, we defined as a study hypothesis that the formation and transformation of identities results from processes of social construction, influenced by the specificities of time-space contexts.

We therefore set out to observe the processes of identity formation and transformation, following an inductive/abductive research strategy that allowed us to combine a flexible theory with a creative methodology, taking the concrete case of the women living in Quinta do Loureiro as the central empirical element. This empirical design meant that the methodological strategy defined was of an imminently qualitative nature, with in-depth study on an individual scale through the use of the biographical method in the construction of stories and lifelines.

The research conducted highlights the complexity of female identities, marked by encounters and mismatches, revealing that the interviewees' trajectories are moulded by both individual and structural factors. Housing and occupational transitions reveal links with family breakdowns and social vulnerabilities, while marital trajectories show an anticipation of marriage and motherhood, with varied profiles that reflect social and historical changes. The dynamics of poverty and exclusion in places like Quinta do Loureiro play a significant role in shaping these identities, reflecting how social and historical contexts affect these women's opportunities and choices throughout their lives.

## **KEYWORDS**

Identities | Gender | Time-Space | Life Stories | Life Lines

“Olhei à minha volta e comecei a reparar nas outras mulheres.”

Exposição *As Mulheres de Maria Lamas*

Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa (2024)

Introdução.....	10
<b>Capítulo 1.....</b>	<b>12</b>
<u>Formação e Transformação de Identidades</u>	
<b>1.1. Reflexividade, Individualização e Diferenciação.....</b>	<b>12</b>
<b>1.2. O Conceito de Identidade.....</b>	<b>13</b>
<i>Identidades Pessoais e Expressão</i>	
<i>Identidades Sociais e Interpretação</i>	
<b>1.3. Evolução do Conceito.....</b>	<b>15</b>
<i>O Pressuposto Construtivista</i>	
<i>O Pressuposto Contextual</i>	
<b>Capítulo 2.....</b>	<b>20</b>
<u>Compreender o Social através do Biográfico</u>	
<b>2.1. Desenho de pesquisa: do plano... ..</b>	<b>20</b>
<i>O Porquê de uma Abordagem Compreensiva</i>	
<i>Um Estudo de Caso(s)</i>	
<i>A Centralidade do Método Biográfico</i>	
<b>2.2. Trabalho de Campo: à prática! .....</b>	<b>30</b>
<i>A Entrevista Biográfica</i>	
<b>Capítulo 3.....</b>	<b>34</b>
<u>O Espaço da(s) Identidade(s) Observada(s)</u>	
<b>3.1. Era uma vez... Um Bairro no Vale de Alcântara.....</b>	<b>34</b>
<i>Dinâmicas Históricas</i>	
<i>Dinâmicas Funcionais</i>	
<i>Dinâmicas Marginais</i>	
<i>Dinâmicas Populacionais</i>	
<b>Capítulo 4.....</b>	<b>47</b>
<u>O(s) Tempos(s) e os Espaço(s) nas Vidas Femininas</u>	
<b>4.2. Caracterização das Entrevistada.....</b>	<b>47</b>

<b>4.1. Histórias e Linhas de Vida.....</b>	<b>48</b>
<b>4.3. Encontros e Desencontros.....</b>	<b>50</b>
<i>Trajetos Residenciais</i>	
<i>Trajetos Ocupacionais</i>	
<i>Trajetos Conjugais</i>	
<b>4.4. Aprofundar os (Des)Encontros Através dos Discursos.....</b>	<b>56</b>
Considerações Finais.....	60
Bibliografia.....	64
Anexos.....	73

## ELEMENTOS VISUAIS

	<b>Páginas</b>
<b>Figura 1:</b> Modelo de Análise.....	21
<b>Figura 2:</b> Estratégia Metodológica.....	31
<b>Figura 3:</b> Mapa da Quinta do Loureiro.....	34
<b>Figura 4:</b> Análise Comparada de Linhas de Vida.....	57

## ANEXOS

	<b>Páginas</b>
<b>Anexo I:</b> O(s) Tempo(s) das Identidades Femininas.....	73
<b>Anexo II:</b> Técnicas, objetos e instrumentos do Método Biográfico.....	87
<b>Anexo III:</b> Tópicos e perguntas do guião de entrevista.....	88
<b>Anexo IV:</b> Retratos da Quinta do Loureiro I.....	91
<b>Anexo V:</b> Retratos da Quinta do Loureiro II.....	92
<b>Anexo VI:</b> Retratos da Quinta do Loureiro III.....	93
<b>Anexo VII:</b> Pressupostos da análise de conteúdo (Diário de Campo).....	94
<b>Anexo VIII:</b> Grelha de caracterização das entrevistadas.....	95
<b>Anexo IX:</b> Histórias e Linhas de Vida.....	96
<b>Anexo X:</b> Pressuposto de análise de conteúdo (Entrevistas).....	163
<b>Anexo XI:</b> Matriz de Códigos.....	166
<b>Anexo XII:</b> Nuvem de Palavras.....	167

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo central **compreender como se formam e transformam as identidades**, identificando e discutindo os conceitos e parâmetros teóricos que contribuem para a operacionalização deste conceito, refletindo sobre os mecanismos direta e indiretamente associados ao fenómeno de construção e reconstrução das identidades, de modo a compreender o carácter múltiplo, compósito e complexo deste objeto de estudo, simultaneamente produto e produtor da realidade social.

Procurando atender a esta dupla necessidade de coerência com o objeto teórico e de operacionalização da pesquisa, optámos por delimitar o nosso objeto empírico centrando-nos sobre a formação e transformação das identidades de género, com particular enfoque nas identidades femininas, tendo também em vista a ênfase colocada sobre as questões do género na atual discussão pública em torno das identidades. Deste modo, orientámos o nosso questionamento para a compreensão de **(Q1)** que fatores contribuem para a configuração das identidades femininas nas sociedades contemporâneas? e **(Q2)** quais os impactos das transformações contextuais, decorrentes de mudanças tempo-espaciais, na formação e transformação das identidades femininas?

Este desenho empírico implicou a realização de uma pesquisa à escala individual, alicerçado na **utilização do método biográfico para observação das vidas de nove mulheres de diferentes gerações**.

A tentativa de compreender as variações tempo-espaciais plasmadas nas identidades femininas obrigaram à assunção do pressuposto de que, para compreender o social é necessário contextualizá-lo num tempo e num espaço. Pois, só assim é possível captar uma imagem clara da realidade social, pelo menos tanto quanto a lente do investigador o permite. Tal facto levou à necessidade de enquadrar o trabalho de campo no tempo, recapitulando as principais transformações históricas da condição social feminina e do papel social das mulheres na sociedade; e no espaço, em concreto num dos bairros de habitação social que deriva da operação de realojamento do antigo bairro do Casal Ventoso.

A integração destas múltiplas dimensões de análise contribuiu para a captação das regularidades e das diferenças que conferem unidade e diversidade às identidades femininas, sendo igualmente úteis à problematização das desigualdades existentes entre categorias identitárias de género e outras categorias identitárias e sociais.

Nas páginas que se seguem apresentamos o trabalho desenvolvido no âmbito desta pesquisa, dividida em quatro capítulos tematicamente organizados, numa estrutura que procura escapar à ortodoxia académica típicas das dissertações de mestrado, sugerindo a possibilidade de uma leitura criativa do conhecimento construído pelas Ciências Sociais.

No **Capítulo 1** é colocada a problemática identitária no contexto social e científico da Modernidade Tardia, assente sobre a relação entre os fenómenos da Reflexividade, Individualidade e Diversidade.

Posteriormente, é apresentado o conceito de Identidade, os seus sentidos e significados, e os tipos de identidades associados a formas de expressão e interpretação dos mesmos.

O **Capítulo 2** condensa as perguntas, os objetivos e a estratégia metodológica adotada, bem como a fase de exploração e entrada no terreno, fazendo a ligação entre as duas partes da pesquisa - *Do plano... À prática!* Na primeira parte do capítulo são discutidos os desafios e potencialidades de uma abordagem compreensiva nas Ciências Sociais, a partir da qual se estabelece a ligação com Método Biográfico. A segunda parte é dedicada à descrição do processo de condução de entrevistas biográficas.<sup>1</sup>

O **Capítulo 3**, complementa o exercício de contextualização da problemática em estudo, traçando uma caracterização histórico-geográfica do território investigado e uma breve descrição sociográfica da sua população residente e principais dinâmicas socio-espaciais, que servem de contextualização ao(s) tempo(s)-espaço(s) da pesquisa.

Por fim, o **Capítulo 4** incide sobre a exposição e análise dos principais resultados empíricos, sendo protagonizado pelas nove mulheres entrevistadas. Num primeiro momento é apresentada uma breve caracterização sociográfica das entrevistadas. Seguindo-se uma análise comparativa das linhas de vida e discursos, procurando traçar (se não conclusões) caminhos para o entendimento da forma como as mulheres incorporam, expressam, interpretam e reformulam as identidades femininas.

A pesquisa conduzida é finalizada com uma síntese das principais conclusões encontradas, à luz da estrutura, dos objetivos, perguntas de partida e estratégia metodológica inicialmente desenhados. Ao longo deste último ponto, são avançadas algumas reflexões acerca das decisões tomadas durante o processo de pesquisa, retomando e introduzindo questionamentos suscitados durante o trabalho realizado.

---

<sup>1</sup> Este capítulo é complementado pelo anexo I, no qual são trata as questões das identidades de género, em particular, do feminino. Este é composto por um primeiro ponto onde fazemos um breve enquadramento sobre o conceito de Género, clarificando as diferenças entre Sexo e Género, reportando-nos às questões dos Papéis e Condições Sociais de Género. Um segundo ponto aprofunda a distinção entre as ideias de Diferença e Desigualdade de Género, focando as temáticas das Desigualdades Inter e Intra Género. Seguindo-se uma seção que enquadra as dimensões e transformações do papel e condição feminina no período da Modernidade Tardia, posicionando as principais questões sociais associadas ao papel e condição da mulher, bem como as diferentes vagas do movimento feminista.

## **Capítulo 1**

### ***Formação e Transformação de Identidades***

Na Sociologia Contemporânea, a procura de compreensão acerca do fenómeno identitário e o aprofundamento das dinâmicas sociais que lhe subjazem têm constituído preocupações sociológicas prementes, cristalizadas na discussão das transformações, características e ritmos de mudança da(s) Modernidade(s), em particular, associadas aos processos de transformação social inerentes à Modernidade Tardia (Giddens, 1992).

O objetivo das páginas que se seguem é, exatamente, o de identificar e discutir os parâmetros teóricos com base nos quais é possível operacionalizar o conceito de Identidade, refletindo sobre os fatores e mecanismos sociais que contribuem para a sua construção e reconstrução, de modo a compreender o carácter histórico, múltiplo e compósito das mesmas, simultaneamente como produto e produtoras da realidade social. Ao mesmo tempo, procuramos também, reunir os instrumentos operatórios que se considera serem mais relevantes para a construção de uma abordagem empírica sobre a problemática da Formação e Transformação de identidades.

#### **1.1. Reflexividade, Individualização e Diferenciação**

O estudo da(s) Modernidade(s), enquanto estágios específicos e subsequentes das sociedades humanas, suas características, estruturas e relações sociais, tem sido um dos principais objetos da Sociologia, em particular na sua vertente de análise histórica, potenciadora de compreensão aprofundada sobre fenómenos sociais presentes.

A Modernidade Tardia surge, neste quadro, como o estágio mais recente da realidade social, sendo caracterizada por complexos e interligados fenómenos de transformação social. A reestruturação do sistema Capitalista, designadamente as renovadas lógicas de produção racional Pós-Industriais com efeitos ao nível da organização flexível e individualização dos processos produtivos, vieram introduzir intensas transformações sociais a partir da segunda metade do século XX. Tais mudanças económicas, assentes sobre uma nova centralidade das tecnologias, do conhecimento e da informação, confluíram para novas conceções de formas de organização das sociedades, como o Tempo e do Espaço estáticos, transformados num Tempo Atemporal e num Espaço de Fluxos que conduziram à crescente interdependência entre diferentes regiões do mundo, num fenómeno inédito de Globalização (Castells, 2002; Giddens, 2008).

Embora o fenómeno de Globalização contenha uma dimensão marcadamente económica, dele emergem questões socioculturais relacionadas com renovados desafios identitários, decorrentes da oposição entre fenómenos de Individualização e Diferenciação, frutos do “enfraquecimento e perda de enquadramento das estruturas sociais e dos laços tradicionais de integração nas sociedades”, conducentes à florescência de maior Reflexividade individual (Caetano, 2013: 59).

O debate em torno do (res)surgimento da questão identitária coloca-se no quadro da relação dialética entre os fenómenos de Reflexividade, Individualização e Diferenciação. Assim, o conceito de Reflexividade, ao traduzir o processo despoletado pelo confronto constante com novas informações, conhecimentos, ideias e perspetivas, designa o processo a partir do qual os indivíduos refletem sobre si próprios e sobre o que os rodeia, questionando práticas e crenças preestabelecidas (Giddens, 2008). Este questionamento individual incentiva os indivíduos a construir as suas próprias biografias, questionando os caminhos predeterminados pelas estruturas sociais tradicionais, contribuindo para fragilização das mesmas (Beck, Giddens e Lash 2000), num processo de Desinstitucionalização que alimenta a o fenómeno de Individualização. Por sua vez, em face de uma Individualização crescente, acresce, também, a Diferenciação exacerbada e moldada pelas novas estruturas de informação e comunicação, onde circula o conhecimento, mas também símbolos, signos e imagens (idem).

Não obstante a compreensão das condições de surgimento e consequências sociais dos fenómenos de formação e transformação das identidades, ficam por identificar objetivamente fatores e mecanismos que contribuem para a configuração das mesmas. Nesta linha, as abordagens sociológicas recentes têm se mostrado dispersas e, em certa medida, insuficientes. O esforço para a operacionalização do conceito de Identidade, paralelo à discussão das transformações, características e ritmos da Modernidade que levaram ao recrudescimento deste fenómeno, não tem sido equivalente ao estudo de problemáticas conexas às questões identitárias que, ora tomam como ponto de partida o indivíduo, ora partem da observação do coletivo para a exploração de outras problemáticas sociais. Pouco tem sido feito para sintetizar os elementos que caracterizam e compõem as identidades, no sentido de compreender explicitamente a forma como operam os processos mediante os quais estas se formam e transformam nos diversos contextos sociais. Permanecer na discussão abstrata destes pressupostos cristalizados, que envolvem complexidade e multiplicidade, é contrariar a própria lógica de reflexividade social e limitar a Imaginação Sociológica. Fatores, estes, que podem vir a constituir um impasse senso-comunal adverso ao progresso científico, apesar das contraindicações que uma abordagem (tendencialmente holística) como esta pode apresentar.

## **1.2. O Conceito de Identidade**

Quando falamos de Identidade ou Identidades referimo-nos comumente ao conjunto de atributos que distinguem um indivíduo, ou um conjunto de indivíduos, de outro. De forma simplista a Identidade pode corresponder ao conjunto de características básicas cuja combinação identifica os principais traços físicos e sociais de um determinado indivíduo, podendo materializar-se objetivamente num documento de identidade - como um passaporte, bilhete de identidade ou cartão de cidadão - onde se reúnem os indicadores, institucionalmente definidos como essenciais, para reconhecer determinada pessoa – o nome, sexo, a nacionalidade ou a data de nascimento, etc.

Do ponto de vista sociológico, o conceito de Identidade é multifacetado, extravasando esse conjunto limitado de indicadores e podendo assumir diversos formatos, na medida em que se trata também de um processo socialmente construído e, portanto, alvo de múltiplas interpretações. Na literatura esta noção é sintetizada em função de dois grandes tipos que, embora distintos, estão intimamente relacionados

### ***Identities Pessoais e Expressão***

A Identidade Pessoal surge associada à noção de Individualização, justamente enquanto fenômeno interno, correspondente ao “processo de desenvolvimento pessoal através do qual formulamos uma noção intrínseca de nós próprios e do relacionamento com o mundo à nossa volta” (Giddens, 2008: 29). Trata-se, portanto, de uma consciencialização individual que dota o indivíduo de agência e lhe permite criar e moldar a sua própria identidade, através da negociação interna que esta faz com o mundo exterior, implicando, assim, um processo de interação entre o “mundo pessoal” e o “mundo público” (idem), sob o ato de expressão da sua identidade.

Esta visão do conceito de Identidade deriva, sobretudo, da corrente do Interacionismo Simbólico, na qual os contributos de G. Herbert Mead, em particular na sua obra *Self, Mind and Society* (1934), tiveram grande importância, através da definição do conceito de *Self* - enquanto a personalidade individual que se desenvolve da interação entre indivíduo e sociedade, através dos processos de internalização de normas, valores e expectativas sociais - e das distinção entre *Social Mind* e *Individual Mind*. Esta é uma ideia explorada pelos sociólogos Candace West e Don H. Zimmerman no famoso artigo *Doing Gender* (1987), no qual interpretam as categorias de género (mulher/homem) como construções sociais, produzidas através da ação individual de expressão identitária, em contextos de interação social. Por exemplo, um indivíduo que nasça com caracteres sexuais femininos, ao tomar essa consciência poderá identificar-se com as características identitárias femininas e, por sua vez, assumir-se como sendo do sexo feminino, ou como pertencendo ao género mulher, por sua vez distinguindo-se daqueles que se identificam com outros géneros.

### ***Identities Sociais e Interpretação***

Ao contrário da Identidade Pessoal, a Identidade Social, associada à interpretação das identidades, pressupõe uma abordagem focada nas múltiplas variações identitárias estando, por isso, assente no conceito de Diferenciação. A Identidade Social estabelece as “formas segundo as quais os indivíduos são semelhantes a outros”, implicando um processo de reconhecimento externo ao indivíduo, no qual outros indivíduos lhe atribuem certas características “vistas como marcadores que indicam, de um modo geral, quem essa pessoa é [posicionando-a] em relação a outros indivíduos com quem partilha os mesmos atributos” (Giddens, 2008: 29-30). Podemos verificar que estamos na presença de um indivíduo com uma identidade feminina observando os significados de género inerentes, por exemplo, à sua figura corporal, ao seu vestuário, à sua postura e forma de agir. Este tipo de análise é introduzido

por E. Goffman no artigo *The Arrangement Between Sexes* (1977), onde o autor interpreta de forma contextualizada as interações sociais entre indivíduos com diferentes papéis de género.

Não obstante, esta análise levanta novas questões associadas ao facto de as Identidades Sociais poderem abranger mais do que um atributo. Como exemplifica Giddens, “uma pessoa pode ser simultaneamente mãe, engenheira, muçulmana e vereadora [pois,] o facto de se ter múltiplas identidades sociais reflete as múltiplas dimensões da vida de uma pessoa” (Giddens, 2008: 30). No entanto, tal não é uma característica única do tipo de Identidade Social. Também a Identidade Pessoal pode comportar múltiplas dimensões, na medida em que um indivíduo pode conjugar internamente diferentes características identitárias, inclusive, em alguns casos justapostas. Exemplo disso é a emergência de discursos identitários de género em que indivíduos que biologicamente se identificam como do sexo masculino, podem comportar identidades femininas, na medida em que se identificam de igual modo com o ser mulher. Do ponto de vista social, tais factos, permitem uma fluidez identitária, mas ao mesmo tempo bloqueiam a capacidade de interpretação externa da sua identidade por parte de outros indivíduos, o que muitas vezes compreende formas de conflito latente, não apenas internas, mas também externas.

### **1.3. Evolução do Conceito**

A flexibilização do conceito de Identidade, em função do seu entendimento enquanto fenómeno externo ou interno aos indivíduos, conflui para a sua afirmação como um Facto Social Total (Mauss, 2003 [1923 – 1924]) - múltiplo, compósitos e (por tudo isso) complexo – pois, engloba uma ampla variedade de dimensões sociais, individuais e coletivas, que refletem a totalidade da realidade social, carecendo de um olhar interdimensional. Múltiplo porque se manifesta, não só em diferentes dimensões, mas de diferentes formas, que se combinam quer na construção da individualidade e dos indivíduos quer na construção da diversidade e das sociedades que estes compõem, tornando-se produto e produtoras de múltiplos significados. Compósito, pois culima numa combinação subjetiva de caracteres, por vezes paradoxais (na medida em que se podem complementar e divergir simultaneamente e em diferentes intensidades), constitutivos de uma espécie de ADN social composto por traços imbrincados dos contextos individuais de existência, que se transformam ao longo da vida com a sucessão de combinações de Tempo-Espaço.

Na tentativa de definir a essência das Identidades e os seus processos de formação e transformação, o escritor e académico, A. Maalouf sintetiza estas características na expressão “genes da alma” (Maalouf, 1998: 11). Mas perante o universo caótico que compõe a genética identitária, coloca-se a questão da operacionalização do seu significado. É neste cenário que mergulhar no património teórico da Sociologia se torna particularmente útil, atuando como um mapa orientador do caminho para a compreensão deste complexo fenómeno.

### ***O Pressuposto Construtivista***

Não obstante a existência de uma variedade de perspectivas acerca da própria extensão em que a realidade social pode ser considerada uma construção e a tensão entre objetividade e subjetividade inerente a essa construção (Hjem, 2014), a abordagem epistemológica do Construtivismo Social é um importante ponto de partida para a compreensão dos processos de formação e transformação social, neste caso, das Identidades.

Neste âmbito, um dos principais contributos da Sociologia é dado pelos autores P. Berger e T. Luckman, (1966), na obra *The Social Construction of Reality*, que coloca o debate sobre a forma como os indivíduos e as sociedades participam na criação da realidade social argumentando que esta é socialmente construída através das interações sociais. Segundos os autores, nesse processo de construção articulam-se mecanismos de socialização, reificação, legitimação e manutenção ou transformação, através dos quais são criadas estruturas e normas sociais relativamente duráveis, que constituem aquilo que entendemos como realidade social.

Na mesma linha, a obra *The Construction of Social Reality*, de J. Searle (1995), segue uma abordagem objetiva da perspectiva construtivista, mergulhando na discussão sobre a própria natureza da realidade social e como as entidades socialmente construídas – o dinheiro, os Estados ou o casamento – existem em virtude da crença e reconhecimento coletivos da sua existência. Versões subjetivas desta corrente têm desafiado concepções mais objetivas da realidade social, como é o caso do trabalho da académica V. Burr (2003) que, no campo da Psicologia Social, tem procurado apurar a influência de fatores culturais, como a linguagem, na construção da realidade social, argumentando que as construções da realidade variam entre diferentes culturas e podem mudar ao longo do tempo. Já contributos mais recentes, como o do académico D. Elder-Vass (2012), têm procurado uma aproximação entre as visões objetivas e subjetivas do Construtivismo Social, reconhecendo que embora a realidade seja socialmente construída com base em crenças e práticas coletivas, pode ter consequências tangíveis. Uma ideia sintetizada pelo autor no conceito de *Mixed Causation* que enfatiza a multicausalidade dos processos de construção social, frutos de por uma combinação de fatores, tanto sociais como naturais. Para além da centralidade da interação social como mecanismo produtor de realidade, o ponto comum em todas estas visões do Construtivismo Social é o reconhecimento da existência de um desafio ontológico. Uma vez que os argumentos que sustentam uma determinada construção social são eles próprios socialmente construídos, é possível que todas as construções sociais possam ter inúmeros pontos de vista em função da forma como o mundo fenomenológico é interpretado e apreendido no mundo numenal. Assim, o verdadeiro entendimento acerca de uma construção social tem de partir da sua desconstrução e da análise do seu processo de constituição, assente sobre uma procura teoricamente orientada, crítica e sistemática das linhas de objetividade presentes na observação da subjetividade inerente aos fenómenos sociais.

Nesta ótica, a tentativa de compreender os processos de formação e transformação das identidades parte do pressuposto de que as Identidades são socialmente construídas através de interações sociais assentes noutras construções sociais que confluem para a sua composição; o que lhes confere uma natureza particularmente complexa, na medida em que obriga a compreender de igual forma os próprios processos de construção dos fatores socialmente construídos que participam para a construção das identidades.

A compreensão de qualquer fenómeno social deve prever, ainda, o elemento conjuntural, dada a influência de externalidades tempo-espaciais nos processos de construção social. Facto que nos leva a considerar um outro pressuposto.

### ***O Pressuposto Contextual***

Apesar do individuo, nos seus processos internos de cognição e de expressão, ser o elemento-chave para a concretização dos processos de construção social, os contextos – sobre o qual esses processos internos assentam e no qual a interação decorre – constituem uma variável igualmente importante, na medida em que têm a capacidade de influenciar e determinar a ação individual por via da Reflexividade (Caetano, 2013).

Uma das abordagens sociológicas que incorpora esta visão é o Pragmatismo Americano, associada à compreensão da ação e das práticas sociais nos processos de significação de situações contextualizadas. O contributo fundador desta corrente é a obra de W.I. Thomas e F. Znaniecki, *Polish Peasants in Europe and America*, que retrata o fenómeno de intensa imigração de camponeses polacos para os Estados Unidos, nas primeiras décadas do século XX, procurando compreender as transformações nas identidades sociais decorrentes da desintegração das suas antigas formas de vida e as formas de reconstrução das identidades na adaptação a um novo país.

Mais próximo da contemporaneidade, algumas abordagens da Sociologia Compreensiva têm vindo a preocupar-se com a operacionalização desta ideia de Pressuposto Contextual, com destaque para os contributos substantivos de E. Goffman, em linha com as correntes que derivam da Teoria da Ação e do Interacionismo Simbólico, para a exploração da importância dos contextos na análise dos factos sociais. Ao centrar a sua análise na noção de Papéis Sociais, proposta por G. Herbert Mead, à qual acrescenta um reconhecimento da natureza altamente estruturada e performática desses papéis na vida quotidiana, na sua obra mais conhecida - *The Presentation of Self in Everyday Life* (1959) -, E. Goffman observa as interações sociais quotidianas como encenações, moldadas por normas e expectativas sociais, mas também influenciadas por contextos situacionais. É na operacionalização desta análise que E. Goffman introduz a ideia de Dramaturgia Social, analisando a realidade como peças teatrais - com atores (indivíduos), papéis (sociais) e cenários (contextos) - inferindo acerca da alternância dos indivíduos entre diferentes Papéis Sociais em função do contexto social, por forma a adequarem a sua interação a situações específicas. O autor conceptualiza estes cenários como

*Frameworks*, unidades de experiência organizada que permitem aos indivíduos localizar, perceber, identificar e classificar eventos. Quando incorporadas por membros de uma determinada comunidade, os *Frameworks* cristalizam-se como elementos culturais. A visão de E. Goffman sobre a pertinência dos *Frameworks* tende, assim, a preocupar-se sobretudo com a observação implícita das estruturas normativas que subjazem a interação aproximando-se, nessa medida, da perspectiva introduzida pela corrente da Etnometodologia, focada na análise quotidiana da interação social como meio para compreender a forma como os indivíduos constroem a ordem social.

Ainda neste âmbito, destacam-se os contributos fundamentais de H. Garfinkel que, através de métodos de observação diretas das interações, análise de conversas e interpretação de símbolos, procurou identificar as regras implícitas através das quais os indivíduos interagem num mesmo quadro de significados partilhados, reforçando que a interação social é um processo contínuo de construção de sentido assente sobre a ação social (Garfinkel, 1999). Neste quadro, a preocupação com os elementos contextuais emerge da necessidade de compreensão/explicação da interação observada e das normas sociais subjacentes, respetivamente.

Não obstante, do ponto de vista empírico, o acionamento de técnicas de recolha de informação e análise qualitativas focadas na observação (Interacionismo Simbólico) e interpretação de conversações (Etnometodologia) relegam para segundo plano uma operacionalização mais aprofundada do Pressuposto Contextual. Ao delimitarem a importância de elementos conjunturais ao espectro da interação, através de uma análise micro situada, a apreensão de elementos contextuais estruturais, de macro situação das interações, são descurados, sendo entendidos como fenómenos paralelos à análise dos fenómenos sociais objetivamente definidos, em vez de elementos produtores e produto da interação.

Nos últimos anos, algumas perspetivas têm procurado conciliar dimensões de análise micro e macro. Um desses contributos foi oferecido por A. Giddens, que procurou desenhar essa relação, através do estabelecimento de uma Teoria da Estruturação (Giddens, 1979) onde argumenta a favor da centralidade das interações sociais para a formação, transformação e compreensão da realidade social, enfatizando a existência de uma reciprocidade entre ação e estrutura na sociedade. A dimensão contextual surge, na obra de A. Giddens, como elemento passivo relativamente ao qual é reconhecida relevância enquadradora, na medida em que as ações individuais são situadas dentro das estruturas sociais, em oposição à mobilização da dimensão contextual nas abordagens que temos vindo a evidenciar. Ainda assim, a proposta de A. Giddens acrescenta uma camada de complexidade relativamente à ideia de contexto que aqui temos vindo a discutir, ao fundir a dimensão de contexto com o conceito de Estrutura Social, noções que não estão dissociadas, mas que também não são sinónimas. A Estrutura Social é produto de uma racionalização de factos sociais observáveis, pressupondo na sua operacionalização as ideias de sistemas e de formas de organização. Enquanto

isso, a dimensão contextual incorpora uma natureza paradoxal, por um lado, associada a uma maior imaterialidade do contexto temporal, por outro, uma maior materialidade decorrente do contexto espacial. Apesar da pertinência conciliadora da proposta de A. Giddens, esta enfrenta limitações relacionadas com a sua aplicação prática, que não nos permitem inferir acerca da captação empírica da dimensão contextual, embora não totalmente ausente na sua abordagem.

Opostamente, o contexto, enquanto dimensão explicativa, assume um estatuto privilegiado na Sociologia Contemporânea de P. Bourdieu, despoletado pela definição do conceito de Habitus (Bourdieu, 2002). Enquanto um esquema durável e transponível de percepção, pensamento e ação moldados pelo contexto social – históricos, económicos, políticos – o Habitus é produzido por condições sociais que, por sua vez, condicionam as práticas individuais, num movimento dialético entre condições (Estrutura) e práticas (Agência) (Bourdieu, 1983). Na proposta de P. Bourdieu as dimensões de Tempo e de Espaço são constitutivas do contexto onde operam as estruturas sociais e onde se desenrola a interação social, conducentes à formação e transformação do Habitus. Do ponto de vista empírico, o autor tem contributos igualmente inovadores para a compreensão dos processos de formação e transformação das estruturas sociais, alicerçados sobre a dimensão contextual, operacionalizada tanto por via de metodologias quantitativas como qualitativas. No âmbito quantitativo, destaca-se o contributo de P. Bourdieu para a compreensão da articulação entre padrões culturais e Habitus de classes, na sua obra *La Distinction* (1979), onde autor mobiliza técnicas de inquérito por questionário e análise estatística procurando mapear as desigualdades no contexto da sociedade francesa dos anos 1960. Já no quadro dos estudos qualitativos, P. Bourdieu procurou operacionalizar o seu *Esboço de uma Teoria da Prática* (1972) através da aplicação de técnicas etnográficas, numa perspetiva de captação das interações sociais em primeira mão, através de observação participante e condução de entrevistas intensivas e de histórias de vida, por forma a compreender as trajetórias sociais dos indivíduos e, mais concretamente, as estruturas subjacentes que moldam as práticas sociais.

## Capítulo 2

### *Compreender o Social através do Biográfico*

Identificados e discutidos os parâmetros teóricos que contribuem, no âmbito desta pesquisa, para observação dos processos de formação e transformação das identidades, colocamos a hipótese de que **(H0) a formação e transformação das identidades resulta de processos de construção social, influenciados pelas especificidades dos contextos Tempo-Espaço**. Para operacionalizar esta hipótese, importa refletir em torno dos mecanismos direta e indiretamente associados ao processo nela inscrito, tarefa que nos ocupará no próximo ponto.

#### **2.1. Desenho de pesquisa: do plano...**

Considera-se para a compreensão dos fenómenos identitários o conceito de Interação Social, que obriga a uma identificação de dimensões específicas nas quais se traduzam as formas objetivas e subjetivas das Identidades. Trata-se, portanto, de “objetivar subjetividades, procurando identificar elementos do social no individual, estabelecendo ligações entre dimensões macrosociológicas e microsociológicas” (Carmo, et al., 2023: 21) e vice-versa.

Nesse sentido, são considerados como dimensão de análise os mecanismos de Expressão identitária mais subjetivos, observáveis nas teorias da ação – como o Interacionismo Simbólico, a Etnometodologia ou as correntes pragmáticas da Sociologia – para análise de experiências vividas, dos modos de vida quotidianos, de papéis sociais assumidos, da individualidade e da diferenciação. Paralelamente, são igualmente consideradas como dimensões de análise os mecanismos de Interpretação de identidades que permitem uma abordagem coletiva do fenómeno identitário, centrada sobre a identificação das regularidades nas quais assentam condições sociais objetivas, representações e formas de ação coletivas, possíveis de captar através de uma análise socio-histórica. Os conceitos de Interpretação e Expressão identitárias dialogam, na hipótese colocada, com o de contextos Tempo-Espaço, que importa considerar na análise dos significados atribuídos coletivamente no decorrer dos processos dinâmicos de construção de singularidade individual, pois é “nos contextos em que os indivíduos são inseridos ou se inserem ao longo da vida, [que] ocorre silenciosamente a introdução, anulação ou reforço das disposições para agir, para querer e para perceber” (Lahire, 2002b em idem: 27). Só assim se torna possível compreender “o tipo de individuo socialmente construído numa determinada sociedade e as suas lógicas de ação” (Bourdieu, 2009 em idem: 23).

Dessa forma, o conceito de Tempo-Espaço é operacionalizado em função de duas subdimensões. Por um lado, a subdimensão do Tempo Biográfico, que corresponde a uma micro escala de construção das identidades e decorre de processos de socialização individual ao longo do tempo, numa lógica sincrónica do tempo biográfico (Carmo et al., 2023: 20), diretamente associada à ideia de expressão identitária. O objetivo inerente à operacionalização desta subdimensão de análise é partilhado pela subdimensão Espaço Local, que ancora a análise da subdimensão de Tempo Biográfico no quadro das

espacialidades e especificidades dos contextos locais. Por outro lado, a subdimensão do Tempo Histórico corresponde à macro escala de construção das identidades que envolve considerar o fenómeno de reificação social de processos de socialização individuais, numa lógica diacrónica do tempo histórico, articulando-se com a subdimensão Espaço Global para o enquadramento da análise da subdimensão de Tempo Histórico num quadro mais vasto de transformações sociais geograficamente enquadradas.

Para ilustrar a articulação lógica dos pressupostos, hipóteses, conceitos, mecanismos, dimensões e subdimensões de análise que temos vindo a apontar como parte do modelo explicativo dos processos de formação e transformação das identidades, procurámos adaptar o modelo proposto por J. Coleman (1990). A opção pela aplicação de um modelo explicativo à luz da proposta de Coleman, é justificada pela centralidade de fatores que procuram articular *“both characteristics of the individuals being studied and characteristics of their social environments, ranging from family to friends to larger social contexts”* (Coleman, 1990: 1), uma prioridade partilhada pela proposta de pesquisa que temos vindo a apresentar. Por outro lado, importa esclarecer que a adaptação da proposta de Coleman à presente pesquisa se torna pertinente na medida em que:

*“(...) the information about the mechanisms helps to understand underwhich background conditions the causal dependency holds, how it would change when some of the background conditions change, and what can be done to prevent or sustain the causal outcome.”*

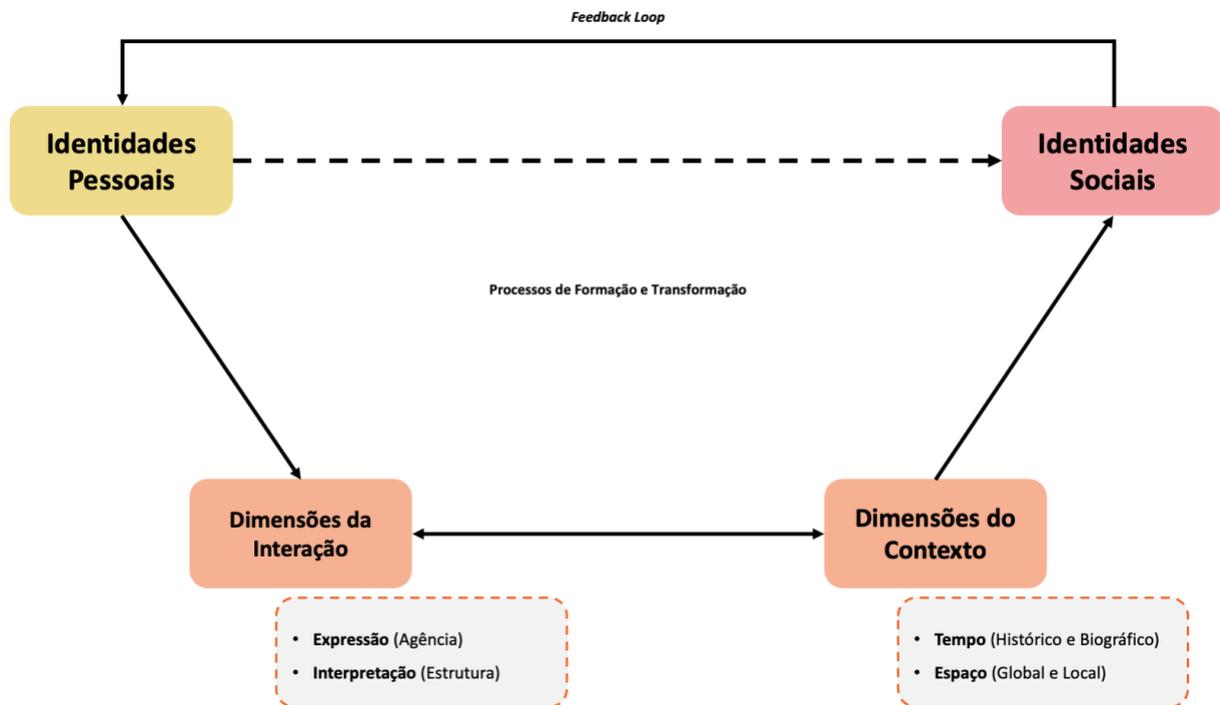
Ylikoski, 2011 em Ylikoski, 2016: 9

O modelo, designado por Coleman de *“internal analysis of system behavior”* (Coleman, 1990: 2), *“gives an ideal description of the full sociological explanatory narrative (...) [,] rather than just citing a relation between two macro variables”* (Ylikoski, 2016: 11). Esta sugestão para análise dos factos sociais a várias escalas, propensa à compreensão de como uma multiplicidade de fatores, conflui para a construção da realidade macrossocial, bem como para a determinação da ação microssocial. No entanto, esta adaptação do modelo explicativo proposto por Coleman inclui, no entanto, um ajuste omissivo na proposta do autor, que considera os processos de transmissão das consequências da ação de um indivíduo às condições estruturais e aos atributos individuais dos agentes – designados por *Feedback Loops* (idem: 21 - 22) –, reforçando a lógica dialética entre elementos da Estrutura e elementos da Agência.

A linha superior do modelo (Identidades Pessoais -> Identidades Sociais) estabelece a relação direta entre os mecanismos que compõem a Interação e o Contexto na construção das Identidades. Para a análise dos processos de formação e transformação identitários concorrem as dimensões analíticas da Expressão das identidades pessoais e da Interpretação das identidades sociais. Estas interagem com as dimensões analíticas do Contexto, concretamente, o Tempo e o Espaço, subdivididos em dimensões de Tempo Biográfico e Tempo Histórico e de Espaço Local e Espaço Global. A relação direta entre

dimensões de Interação e dimensões de Contexto representa o seu efeito combinado na construção das Identidades como um todo.

**Figura 1:** Modelo de análise.



### ***O Porquê de uma Abordagem Compreensiva***

*“Methods are not simply neutral tools: they are linked with the ways in which social scientists envision the connection between different viewpoints about the nature of social reality and how it should be examined.”*

Bryman, 2012: 19

A natureza complexa do objeto de estudo definido e o caráter descritivo e compreensivo dos objetivos orientadores da pesquisa, constituíram-se como fatores decisivos para a estratégia de pesquisa adotada, de pendor eminentemente indutivo, focado numa apreensão da realidade social reflexiva e crítica. No entanto, o desenrolar do processo de investigação num ritmo intercalado, encaminhou a pesquisa para uma lógica abduativa, visão relativamente recente<sup>2</sup> nas Ciências Sociais.

A pesquisa abduativa é uma proposta dos autores B. Glaser e A. Strauss e deriva do desenho de uma *Grounded Theory* (1967) sugestiva de uma visão dialética entre observação e teorização para compreensão de um determinado fenómeno. Esta é inspirada pelo pensamento pragmático da Sociologia e preocupa-se com a compreensão contextualizada da realidade social, recorrendo frequentemente ao método comparativo, numa abordagem dos fenómenos sociais “a partir de baixo”.

<sup>2</sup> Por comparação às lógicas dedutiva e indutiva, incorporadas na génese da Sociologia por referência às metodologias predominantes no domínio das Ciências Exatas.

A incorporação orgânica de uma estratégia de pesquisa de carácter abduutivo revelou-se a mais adequada no quadro da presente investigação, pois permitiu a apreensão compreensiva e intensiva da realidade social, deixando o confronto entre Imaginação Sociológica e realidade observada, guiar o rumo da investigação. Numa primeira fase, partiu-se da observação de uma realidade social concreta, acerca da qual se refletiu e a partir da qual emanaram questionamentos. Para esses questionamentos foram procuradas respostas teoricamente informadas, em relação aos quais a observação empírica se tornou atenta. Face a tais observações, procurou-se interpretar e compreender os seus significados, recorrendo novamente à teoria. Ainda que em linha com as abordagens indutivas, a estratégia abduitiva distingue-se pelo facto de se basear na explicação e na compreensão das visões do mundo dos participantes, pois o investigador fundamenta uma compreensão teórica dos contextos e das pessoas que está a estudar na linguagem, nos significados e nas perspetivas que formam a sua visão do mundo (Bryman, 2012). Desta forma, uma pesquisa abduitiva assume um carácter mais flexível, igualmente adaptável a diferentes estratégias metodológicas e capaz de incorporar técnicas de recolha e análise de dados qualitativas e quantitativas. No contexto social e científico atual, as abordagens abdutivas revelam-se particularmente vantajosas, pois tomam em consideração o carácter dinâmico, acelerado e constante da produção e disseminação de conhecimento e informação.

Por outro lado, este tipo de abordagem permitiu evidenciar a relevância científica da incorporação de metodologias multimétodo na análise social, reconhecendo-se que “(...) *quantitative and qualitative research are each connected with distinctive epistemological and ontological assumptions, but the connections are not viewed as fixed and ineluctable*” (Bryman, 2012: 613). Ademais, a utilização articulada de técnicas de análise – qualitativas e quantitativas - características de diferentes tipos de metodologias – intensivas e extensivas – constitui um fator de inovação e progresso metodológico (Nilsen e Brannen, 2009), além de assegurar a compreensão aprofundada de um determinado facto social, bem como previr o risco de ilusão acerca da realidade social uma crítica frequente às pesquisas baseadas em dados qualitativos (Nico, 2012).

Não obstante, o enfoque na dimensão subjetiva dos processos sociais não implica menor organização e planeamento no desenho das estratégias de observação da realidade empírica. Pelo contrário, implica uma definição igualmente clara das técnicas de pesquisa a aplicar em cada fase da investigação, em face dos objetivos e dimensões de análise definidas. Neste caso, o recurso a técnicas quantitativas consubstanciou-se na análise de dados secundários e terciários, para enquadramento dos contextos tempo-espço de formação e transformação das identidades, ainda que os métodos que dão substância à análise empírica conduzida acerca destes processos tenham sido iminentemente intensivos, através da aplicação de técnicas de pesquisa qualitativas, designadamente de pesquisa documental, observação participante, o recurso a elementos típicos de abordagens etnográficas e etnosociológicas, como a manutenção de um diário de campo e, sobretudo a condução de entrevistas

aprofundadas. A aplicação deste conjunto de técnicas constitutivas do método etnográfico às quais acresceu a análise de dados qualitativos, permitiram contextualizar no tempo e no espaço, o ponto de partida para a compreensão dos processos de transformação da identidade. Tal facto conduziu à delimitação de um contexto tempo-espaço para a análise deste fenómeno, através da identificação de uma população alvo – indivíduos do sexo feminino – e um território de análise – um bairro de habitação social localizado da zona Oeste da cidade de Lisboa.

Em primeiro lugar, foi definido como público-alvo da pesquisa a população do sexo feminino, por duas razões, ambas decorrentes do olhar sociológico. Por um lado, tendo em conta os pressupostos teóricos previamente discutidos, preocupamo-nos em observar formas de expressão e interpretação de identidades que tivessem manifestações individuais e coletivas evidentes, o que acontece no caso das identidades de género, mais concretamente no caso das mulheres. Por outro lado, é também socialmente relevante compreender e desconstruir os traços identitários que concorrem para a definição daquilo que se entende como pertencendo ao feminino, uma necessidade crescente em face do contexto social atual no qual as liberdades identitárias das mulheres têm vindo a ser questionadas. Este recorte permite, ainda, ultrapassar o desafio de complexidade inerente à observação das identidades, analisando na singularidade da biografia de cada mulher os desafios coletivos enfrentados por esta categoria social de género e transpostos em movimentos sociais de carácter feminista.<sup>3</sup>

Em segundo lugar, a delimitação de um território de pesquisa decorreu do próprio processo de projeção da investigação, beneficiando da participação num projeto de investigação desenvolvido no bairro da Quinta do Loureiro, em Lisboa, em 2021<sup>4</sup>, que serviu de porta de entrada para no território e para o desenvolvimento de relações e contatos privilegiados com os residentes nessa comunidade, em particular com a população feminina. A estadia prolongada e intensiva na Quinta do Loureiro permitiu observar dinâmicas sociais e relacionais específicas desse contexto, bem como estabelecer contatos privilegiados com atores com papéis diversos no território. Tais fatores de inserção de inserção do investigador na comunidade da Quinta do Loureiro propiciaram a realização do trabalho de campo neste território, não descurando a relevância social de uma pesquisa conduzida num território socialmente vulnerável.

### ***Um Estudo de Caso(s)***

Importa frisar que a presente pesquisa acumula o estatuto de Estudo de Caso, não só na medida em que *“in one sense all research is case study: there is always some unit, or set of units, in relation to which data are collected and/or analysed”* (Hammersley e Gomm, 2000: 2 - 4), mas também pela

---

<sup>3</sup> Esta opção de operacionalização é fundamentada no anexo I.

<sup>4</sup> Sobre o projeto de investigação consultar <https://ciencia.iscte-iul.pt/projects/bairro-meu/1638>.

associação deste método a técnicas como a etnografia, observação participante, pesquisa qualitativa e histórias de vida (idem), fundamentais para a operacionalização da estratégia de pesquisa definida. Apesar do conceito de Estudo de Caso não ser um termo claramente fixado e definido, as suas principais características são o aprofundamento detalhado de um número de casos restrito, uma realidade igualmente concordante com os objetivos de pesquisa definidos. O facto desta pesquisa incidir sobre os processos de formação transformação das identidades de mulheres residentes num bairro de habitação social da cidade de Lisboa, englobando dimensões de compreensão que envolvem uma contextualização no tempo e no espaço, constitui também um conjunto de fatores coerentes com uma pesquisa de estudo de caso - “(...) *the case(s) are studied in depth, and over time rather than at a single point*” (idem: 5).

Por outro lado, um elemento enquadrado nessa flexibilidade conceptual que distingue esta pesquisa de outras com conceções mais tradicionais de Estudo de Caso é o facto de existir uma preocupação de comparabilidade, que envolve o estudo de um conjunto de casos coexistentes no mesmo contexto tempo-espaço, em vez do estudo de um único caso isolado, tratando-se assim de um Estudo de Caso(s). A admissão desta característica na estratégia de pesquisa desenhada revela-se, mais do que adequada, pertinente. Por um lado, porque permite pôr em prática, de forma evidente, o conceito de contexto Tempo-Espaço, parte fundamental desta pesquisa; ao mesmo tempo promovendo uma análise longitudinal dos casos em estudo, focada na compreensão causal dos processos de formação e transformação das identidades numa perspetiva de articulação entre história e biografia (Mills, 2000 [1959]). Nesta afirmação como Estudo de Caso(s) traça-se a ligação entre teoria e empírea, consolidando a preocupação concreta de compreensão dos processos de formação e transformação das identidades ao longo do tempo e de que forma essas identidades se expressam individual e coletivamente.

Tal associação de causalidade entre processos de formação e transformação de identidades e a pertinência da dimensão de Tempo - histórico e biográfico – está desde logo patente no reconhecimento do caráter mutável dos processos sociais, sendo inclusive transposto na formulação da problemática em estudo, através das expressões “Formação” e “Transformação”. A centralidade da dimensão contextual de Tempo para a compreensão dos fenómenos sociais é uma característica fundamental dos estudos de caráter biográfico.

#### ***A Centralidade do Método Biográfico***

“A narrativa de uma história de vida faz parte de um conjunto de narrativas que se interligam, está incrustada na história dos grupos a partir dos quais os indivíduos adquirem a sua identidade.”

Connerton, 1993: 26 in Nico, 2001: 9

Do ponto de vista científico, o Método Biográfico começou por ser visto de forma cética pela comunidade académica aquando da sua introdução como método da Sociologia. Associado às metodologias qualitativas, em particular à corrente do Interacionismo Simbólico e aos estudos desenvolvidos pela Escola de Chicago no quadro de transição para a Modernidade (Fontes, 2019), o Método Biográfico enfrentou na sua génese críticas relacionadas com a fiabilidade e objetividade na tradução da realidade social, associados a uma ideia mais tarde conceptualizada como Ilusão Biográfica (Bourdieu, 1986). À época, o estado da arte da Sociologia apontava já para uma predominância da Sociologia quantitativa, assente em estatísticas e preocupada com a descrição de grandes agregados, seguindo os princípios tradicionais da ciência, de representatividade e generalização. A Sociologia qualitativa, em particular o Método Biográfico, ficava arredada do rótulo de “Sociologia Pura”, confundindo-se frequentemente com outras áreas disciplinares conexas, como a Antropologia e História<sup>5</sup>.

Na segunda metade do século XX, a Sociologia Pós-Moderna, preocupada com a conciliação de visões teóricas e metodológicas e com o início da exploração de metodologias multimétodo/mistas, aprofundou as estratégias de ultrapassagem dos desafios inerente às análises qualitativas, assumindo o carácter não representativo destas técnicas e definindo que “para evitar a ‘ilusão biográfica’ de unidade é fundamental atentar a estrutura das relações e contextos sociais em que cada individuo se encontra inserido” (Bourdieu, 2001 em Caetano, 2016: 47). Tal facto conduziu a uma reintrodução do Método Biográfico, comprovando que “os métodos são [também] produto do seu tempo e espaço” (MacLeod e Thomson, 2009: 6 em Nico, 2012: 5). Pois, o próprio contexto social de ressurgimento do Método Biográfico - com alargamento das tecnologias de recolha, tratamento e análise dados qualitativos<sup>6</sup>; bem como a crescente preocupação sociológica “de ‘dar a voz’ às minorias sociais, às classes desfavorecidas, às franjas discriminadas ou menos integradas na sociedade” (Denzin e Lincoln, 1998 em Nico, 2012:5), reflexo do interesse crescente no papel e significado da agência na realidade social – teve repercussões, ainda que implícitas, na chamada “*turn to biographical methods*” (Chamberlayne et al., 2000 em Bryman, 2012: 490).

Desde o seu reaparecimento, o Método Biográfico acumulou um léxico variado, envolvendo noções relativas a técnicas de pesquisa conexas, outras respeitantes a orientações teóricas e/ou objetos de estudo e até mesmo instrumentos. A incorporação de tal variedade teórico-metodológica dotou o

---

<sup>5</sup> No campo da Antropologia, o método biográfico ganha destaque no formato das histórias de família enquanto método conciliador de várias técnicas (a este respeito ver, por exemplo, de Pina Cabral e Pedrosa de Lima, 2005). Já no quadro da História, o método biográfico assume destaque nas técnicas, algo desconhecidas no campo disciplinar da Sociologia, de Prosopografia ou Biografia Coletiva – “investigação das características comuns do passado de um grupo de atores na história através do estudo coletivo de suas vidas” (Stone, 1971 in Almeida, 2011: 1).

<sup>6</sup> Os *computer-assisted qualitative data analysis softwares* (CAQDAS).

campo da pesquisa biográfica de uma flexibilidade paradigmática, promovendo a criatividade metodológica e a liberdade intelectual nas abordagens empíricas da realidade social, simultaneamente desafiadoras e críticas da tradicional rivalidade entre metodologias qualitativas e quantitativas, através da demonstração da pertinência de modelos explicativos não causais, preocupados com a descrição dos processos sociais numa perspetiva longitudinal.

Este princípio de conciliação metodológica do Método Biográfico, assente no interesse de análise longitudinal da realidade social, foi inicialmente introduzido pelos estudos da Demografia Histórica, com a análise dos Ciclos de Vida enquanto forma de análise biográfica centrada na normatividade dos fenómenos demográficos; e, numa vertente mais qualitativa, pelos contributos da História Social, numa vertente mais interpretativa dos factos (Elder, Kirkpatrick Johnson e Crosnoe, 2002). Nos estudos sociológicos, as análises longitudinais materializaram-se em variados formatos, alguns mais próximos da vertente quantitativa da Demografia Histórica, com a criação e instrumentos e análise focados na descrição de modelos não causais, preocupados com a compreensão dos processos de construção social dos factos, dos quais são exemplo as **Event History Analysis** (EHA) e as **Sequence Analysis** (AS) (Abbott, 1995). Outros, mais próximos da vertente qualitativa da História Social, a mais popular nos estudos de carácter biográfico em Sociologia, contribuindo para a definição deste campo de pesquisa como um campo eminentemente qualitativo, assente sobre as **Histórias de Vida** (Caetano, 2016; Gutiérrez-García, Solano-Ruiz, Siles-González e Perpiñá-Galvañ, 2021; Caetano et al., 2023) ou, ainda, por formatos mais Etnográficos ou Etnosociológicos, propostos pela Antropologia Social, dos quais emerge um conjunto de outros conceitos com cabimento no quadro mais lato das pesquisas biográficas, como é o caso da noção de **Retratos Sociológicos** (Lahire, 2002; Gomes et al., 2014; Junior e Massi, 2015; Carmo et al. 2023); de **Narrativas de Vida** (Bertaux, 2020 e 2021; Teixeira Lopes, 2023; Rivière, 2007; Eichsteller, 2019); ou, mais recentemente, de **Ethnographic Biography** (Yosepha Tabib-Calif e Edna Lomsky-Feder, 2021).

Para além da centralidade da técnica de entrevista (sobre a qual falaremos mais adiante) importa, ainda, destacar dois instrumentos emergentes no âmbito da pesquisa biográfica que se constituem como importantes ferramentas de apreensão e compreensão das realidades estudadas, mas também de análise e comunicação das mesmas – os Calendários de Vida e as Linhas de Vida.

Tanto os Calendários de Vida como as Linhas de Vida são ferramentas de análise biográfica que assentam sobre os conteúdos apurados pela técnica de entrevista. Ainda que do ponto de vista prático divirjam no seu formato, o seu objetivo é único:

*“(…) [to provide a] framework within which [the reserachers] could pinpoint major turning points in [the researcheds] lives, such as marriage, job change, and divorce. (...) Through the collection of these data, the researchers were able to enhance their understanding of the significance of turning points in an individual’s life.”*

Os **Calendários de Vida** “[podem apresentar] algumas variações consoante os estudos, mas a sua base é relativamente constante e transversal” (Nico, 2012: 8) - um conjunto de colunas, cada uma correspondente a uma dimensão de análise biográfica (escolar, profissional, conjugal, parental, etc.) que podem ser complementadas por dimensões de análise mais específicas (dirigidas à análise de uma dimensão específica do estudo), todas elas orientadas por uma primeira coluna correspondente à dimensão temporal, onde deve constar o ano civil e a idade do entrevistado. A estrutura do Calendário de Vida deve ser formulada pelo investigador, previamente à aplicação da entrevista, e deve ser preenchida em conjunto pelo entrevistador e entrevistado, permitindo:

“(…) a relação entre a experiência individual e a identificação de momentos-chave, históricos ou individuais; [melhorar] a relação entre entrevistado e entrevistador/investigador, (...) um entendimento holístico do fenómeno ao promover a interdependência dos relatos acerca dos vários eventos e permite regressar a eventos relatados em momentos diferentes da entrevista.”

Parry, Thomson e Fowkes, 1999 em Nico, 2012: 10

Do ponto de vista analítico, os Calendários de vida possibilitam uma multiplicidade de análises. Por um lado, a acumulação das experiências, numa lógica mais próxima das Histórias de Vida e das suas preocupações com a vertente longitudinal – do Cursos de Vida, dos Trajetos e Trajetórias – das pesquisas biográficas. Por outro lado, a avaliação ou interpretações dessas mesmas experiências de vida numa lógica mais próxima da Narrativa de Vida preocupada com a componente do relato das situações vividas:

“Os dados recolhidos desta forma podem [assim] ser analisados através de quatro análises biográficas diferentes (ou complementares), a saber, a análise de conteúdo holístico; a análise de conteúdo temática, análise da forma holística, e a análise da forma das categorias”

(Cohler e Hostetler, 2002: 560 em Nico, 2012: 10).

As **Linhas de Vida** são “*visual representations of the chronology of life events that can include assessments about them*” (Gramling & Carr, 2004 in Gutiérrez-García, Solano-Ruíz, Siles-González e Perpiñá-Galvañ, 2021: 3). Trata-se, assim, de uma linha cronológica que inicia com o ano de nascimento do indivíduo entrevistado e termina no ano da pesquisa, com referência à idade do sujeito nesse momento. Ao longo da linha são demarcadas as principais fases da vida da pessoa, à semelhança das dimensões definidas nos Calendários de Vida – escolar, profissional, conjugal, etc. – neste caso, com a particularidade de se ter a referência visual do intervalo de anos em que o indivíduo esteve nessa fase de vida. Dentro de cada fase de vida são, então, assinalados cronologicamente os eventos que marcaram a sua biografia, numa tarefa realizada em conjunto ao longo da interação entre

entrevistado/a e entrevistador/a, desde o traçar da linha cronológica à finalização com os eventos específicos que marcam a biografia do/a entrevistado.

Esta forma de representação gráfica das sequências biográficas individuais permite visualizar objetivamente *“the timing, sequencing and length of the key phases and events in the life course”* (Nilsen, Brannen and Lewis, 2013: 35), fazendo com que estes instrumentos de análise reúna um conjunto de informações mais aprofundado e de leitura mais intuitiva do que os Calendário de Vida. Do ponto de vista da comparação das Linhas de Vida, estas são também um instrumento particularmente intuitivo e proveitoso na identificação de *“patterns of linearity and nonlinearity in education and employment trajectories and differences by gender and social class (...)”* (idem) vantagem à qual acresce a possibilidade de incluir na cronologia eventos históricos estruturais para a vida do entrevistado, como aponta Siles González, *“it is also possible to create lifelines when the research focus on important events that were turning points in the participant’s life trajectory”* (Siles González, 2006 em Gramling & Carr, 2004 in Gutiérrez-García, Solano-Ruiz, Siles-González e Perpiñá-Galvañ, 2021: 4).

No fundo, tanto os Calendário como as Linhas de Vida são instrumentos complementares à entrevista biográfica, orientados por objetivos semelhantes e decorrentes da interação entre entrevistado/a e entrevistador/a, assumindo em certa medida o caráter de metodologia participativa. Os seus formatos são, no entanto, relativamente distintos, bem como os resultados que cada instrumento permite alcançar. Enquanto os Calendários permitem reunir informação biográfica mais detalhada e sistematizar essa informação para efeitos de análise exploratória ou entrevistas de *follow-up*; as Linhas de Vida cumprem de forma mais sintética essas mesmas funções, às quais acresce a vantagem de visualização/comunicação de informação sem necessidade de tratamento posterior ao seu desenho, bem como a mais-valia de poder coordenar nessa representação gráfica da informação biográfica, informação histórica, facilitando a visualização de eventos não só no quadro das diferentes fases da vida, mas também posicionando esses eventos e fases no tempo histórico mais vasto.

\*

Consagrando-se atualmente como um campo de diversidade - ou aplicando as palavras de C. Wright Mills (1959 [2000]: 50) de “desinibição” - metodológica é inegável a predominância das metodologias qualitativas nos estudos biográficos e/ou longitudinais. No entanto, a característica de abrangência e flexibilidade deste paradigma teórico-metodológico obriga a um esforço constante de sistematização dos métodos, técnicas e instrumentos da pesquisa biográfica para que se possa fazer um uso coerente do seu património. É com base nessa revisão e sistematização das técnicas, objetos meta-teóricos e instrumentos (anexo II), característicos do Método Biográfico que apresentamos, no capítulo que se segue, a estratégia de recolha empírica para o estudo dos processos de formação e transformação das identidades de mulheres residentes num bairro de habitação social da cidade de Lisboa.

## 2.2. Trabalho de Campo: à prática!

A aplicação do modelo analítico dos processos de formação e transformação das identidades ao caso concreto das mulheres residentes num bairro de habitação social da cidade de Lisboa implica transpor os parâmetros teóricos de conceptualização das identidades para instrumentos concretos de análise da realidade social. O presente subcapítulo centra-se nessa tarefa de operacionalização, descrevendo a estratégia metodológica adotada em face dos objetivos de pesquisa.

Uma **primeira fase**, de carácter exploratório, coincidiu com o processo de construção da problemática de pesquisa e com a participação, em paralelo, num projeto de investigação. Nesta fase, o interesse heurístico acerca do fenómeno identitário, foi confrontado com a emergência de questões acerca da condição feminina e do papel das mulheres, desenvolvidas no quadro concreto da Quinta da Loureiro. A conjugação destes fatores levou ao aprofundamento de três frentes de pesquisa. Do lado da teoria, as questões da Formação e Transformação de identidades, numa lógica de pesquisa abductiva. Do lado da empíria a questão da formação e transformação da condição e papel das mulheres e dos movimentos feministas; e a questão da formação e transformação das dinâmicas sociais num bairro de habitação social da cidade de Lisboa. Assim, foram mobilizadas técnicas de pesquisa quantitativas – pesquisa documental (com análise de documentos históricos, arquivos fotográficos, reportagens, documentários, livros, artigos jornalísticos) – e quantitativas - recolha, tratamento e análise de dados estatísticos secundários e terciários (designadamente dados da BGRI<sup>7</sup> do INE, com referência aos anos censitários para análise de variáveis de caracterização sociográfica da população residente no bairro Quinta do Loureiro; e dados de caracterização habitacional e socioeconómica cedidos pela Gebalis no âmbito do projeto de investigação). O acionamento destas técnicas de pesquisa, numa fase primária da investigação, permitiu compreender os diferentes elos de ligação entre os fenómenos observados, simultaneamente contribuindo para sustentar a dimensão contextual da pesquisa e, ao mesmo tempo, familiarizando a investigadora o públicos-alvo da pesquisa e seus contextos.

A **segunda fase** da estratégia metodológica correspondeu à entrada no terreno, momento que se procurou complementar e clarificar a informação previamente compilada. Neste período foram mobilizadas técnicas de pesquisa estritamente qualitativas – observação participante, conversas informais, manutenção de um diário de campo e entrevistas exploratórias a informadores privilegiados.

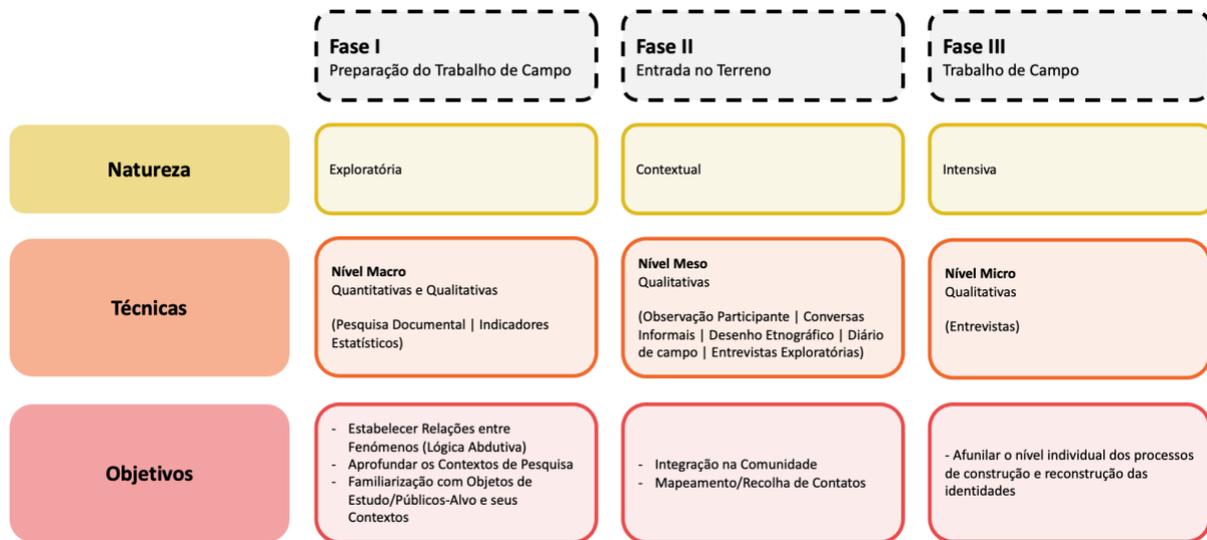
A **terceira fase** da estratégia metodológica continuou a afunilar a observação do macrossocial para o microssocial, assentando sobre o nível individual dos processos de construção e reconstrução das identidades com enfoque no discurso, enquanto “via fundamental de acesso a esses processos” (Caetano, 2016: 44). Tal facto obrigou, novamente, à adoção de técnicas de pesquisa qualitativas, de

---

<sup>7</sup> Base Geográfica de Referência de Informação.

cariz intensivo, com recurso à técnica de entrevista, aplicada a nove mulheres, de diferentes gerações, residentes na Quinta do Loureiro.

**Figura 2:** Síntese da estratégia metodológica



A recolha, tratamento e análise dos discursos individuais são parte essencial da estratégia metodológica adotada, sobretudo na terceira fase da pesquisa, na qual a técnica de entrevista é fundamental. Pois, para compreender a pluralidade de um fenómeno singular, em que a unidade de análise parte do individuo para o coletivo, a técnica de entrevista, ao incidir sobre as experiências vividas do sujeito, é inegavelmente a forma mais vantajosa de aceder à realidade que se pretende estudar (Quivy e Campenhoudt, 2005). Nesse sentido, importa tecer algumas considerações acerca da aplicação desta técnica no quadro da presente pesquisa.

### **A Entrevista Biográfica**

Ao pensarmos que **(H0) as identidades decorrem de processos de construção social, influenciados pelas especificidades dos contextos tempo-espço**, tornou-se imperativo equacionar uma estratégia metodológica que assentasse sobre técnicas passíveis de incorporar, não só a dimensão individual das identidades, mas também a sua característica mutável - “[and] it is the flexibility of the interview that makes it so attractive” (Bryman, 2012: 469).

A característica de flexibilidade da técnica de entrevista potencia a diversidade de formatos que esta técnica assume<sup>8</sup>, tanto do ponto de vista da sua aplicação prática, como no que respeita ao seu escopo temático. Do ponto de vista prático, destacam-se dois tipos de entrevistas qualitativas ou entrevistas em profundidade (*in-depth interviews*) – a entrevista semiestruturada ou semidirigida (*semi-structured interview*); e a entrevista aberta ou intensiva (*unstructured interview* ou *intensive interview*) (Bryman, 2012: 212–113 e Quivy e Campenhoudt, 2005: 96) – cuja diferença fundamental recai sobre o próprio

<sup>8</sup> Alguns de natureza qualitativa, como aqueles sobre os quais trabalhamos na atual pesquisa; outros de carácter quantitativo, sobre os quais se pode encontrada mais informação em Bryman, 2012: 212.

formato de interação entre entrevistador/a e entrevistado/a. Enquanto a entrevista semiestruturada é composta por uma série de questões condensadas de forma sequencial num guião, que pode ser aplicado de forma seguida ou salteada; as entrevistas abertas correspondem a um conjunto de tópicos, num formato mais próximo de uma conversa informal, variando na formulação frásica e na sequência de temas (Bryman, 2012: 212-213). Por sua vez, no âmbito temático destacam-se, também, dois tipos de entrevista que traduzem essa característica de flexibilidade através da preocupação com a dimensão mutável dos factos abordados. Um dos quais, parte da pesquisa histórica, nomeadamente do método da História Oral, que assenta, do ponto de vista das suas técnicas, na condução de entrevistas históricas (*oral history interview*):

*“(...) an unstructured or semi-structured interview in which the respondent is asked to recall events from his or her past and to reflect on them. There is usually a cluster of fairly specific research concerns to do with a particular epoch or event, so there is some resemblance to a focused interview.”*

Bryman, 2012: 213

As Ciências Sociais, em particular a Sociologia, incorporam esta técnica de pesquisa como parte do seu leque metodológico, do qual decorre o segundo tipo de entrevista – a entrevista biográfica ou entrevista de história de vida (*life history interview*) - preocupado com a recolha da biografia completa de cada indivíduo (idem), na medida em que, através dos atos de contar “(...) são criadas condições para que os sujeitos se construam como autores e atores das suas vidas dentro dos limites das possibilidades internas e externas” (Lechner, 2009: 5).

Este carácter mais flexível (no caso dos formatos semiestruturados) ou menos flexível (no caso dos formatos abertos), acrescentam à entrevista biográfica a particularidade de ser um instrumento de recolha aprofundada de informação, devido à sua natureza intensiva e recursiva. Intensiva, porque são entrevistas que assumem uma maior duração. Recursiva, porque ocorrem normalmente num conjunto de sessões e não apenas num momento isolado, como é comum noutras entrevistas de outros tipos, nomeadamente quantitativo.

Do ponto de vista procedimental, o autor americano R. Atkinson, procurou sistematizar informação acerca do *modus operandi* na condução de entrevistas biográficas, na obra *The Life Story Interview* (1998). Partindo da sua vasta experiência na aplicação desta técnica de pesquisa, R. Atkinson observa que a duração normal de uma entrevista de história de vida pode variar consideravelmente e acrescenta que esta compreende, normalmente, duas ou três sessões (idem). Nessa mesma obra, o autor avança, ainda, um conjunto de tópicos-chave para a construção/condução de entrevistas de histórias de vida, cobrindo períodos e temas como a Infâncias e a Família de Origem; Educação; Emprego e Trabalho; Vida Amorosa; Eventos e Períodos Históricos; Reforma; Visões de Futuro; etc. (idem: 43-53). Esta partilha de experiência(s) foi tidas em conta na construção do guião de entrevista

utilizado, inicialmente na definição de tópicos gerais que foram, posteriormente, afinados em perguntas abertas e complementados com perguntas suplementares (anexo III). O guião de entrevista assumiu, assim, o formato típico de um guião (semiestruturado/aberto) de entrevista de história de vida, assente sobre seis tópicos de análise concretos:

1. Família, amigos e vizinhos.
2. Habitação, comunidade e tempos livres.
3. Escola, trabalho e transições.
4. Desigualdades, discriminação e violência de género.
5. Mobilização coletiva e feminismos.
6. Visões sobre o passado, o presente e o futuro.

A estrutura do guião procurou, na **primeira parte** – do primeiro ao terceiro tópico –, aliar a dimensão do contexto tempo-espaço à dimensão identitária, no quadro mais lato das biografias individuais, através da recolha de relatos que permitissem traçar um retrato das vidas passadas e presentes das entrevistadas, com vista à comparação longitudinal dos seus respetivos contextos relacionais, habitacionais, escolares e laborais. Assim, a primeira parte do guião procura olhar de forma mais abrangente para as dimensões simbólicas dos papéis da mulher e nos seus contextos tempo-espaço, permitindo “através dos catalisadores da diacronia, perceber a sincronia nas atividades do dia a dia, os hábitos, protagonistas, ruturas, como se articula a identidade no dia a dia, não só no passado” (Caetano, 2016: 50). Paralelamente, a informação recolhida na fase inicial da entrevista permite posicionar o percurso de vida das entrevistadas, acionando-o como meio para aceder o objeto de estudo: os processos de formação e transformação das identidades, contribuindo para evitar a “ilusão biográfica” (Bertaux, 2001; Conde, 1993b; Bourdieu, 2001 em Caetano, 2016). Na **segunda parte** – quarto e quinto tópicos –, a entrevista aprofunda os testemunhos acerca da experiência identitária no feminino, fazendo a ponte entre macro e micro fenómenos de género, através da forma como as entrevistadas experienciam os efeitos estruturais da condição feminina e como os interpretam e incorporam nos formação e transformação das suas identidades enquanto mulheres. A **terceira e última parte** do guião - sexto tópico – foi reservada à observação da consciência identitária, numa perspetiva diacrónica, procurando complementar as histórias contadas no presente sobre a vida passada, com as expectativas para o futuro (Nilsen e Brannen, 2011: 609), num reconhecimento do carácter mutável dos processos de formação e transformação identitários.

### Capítulo 3

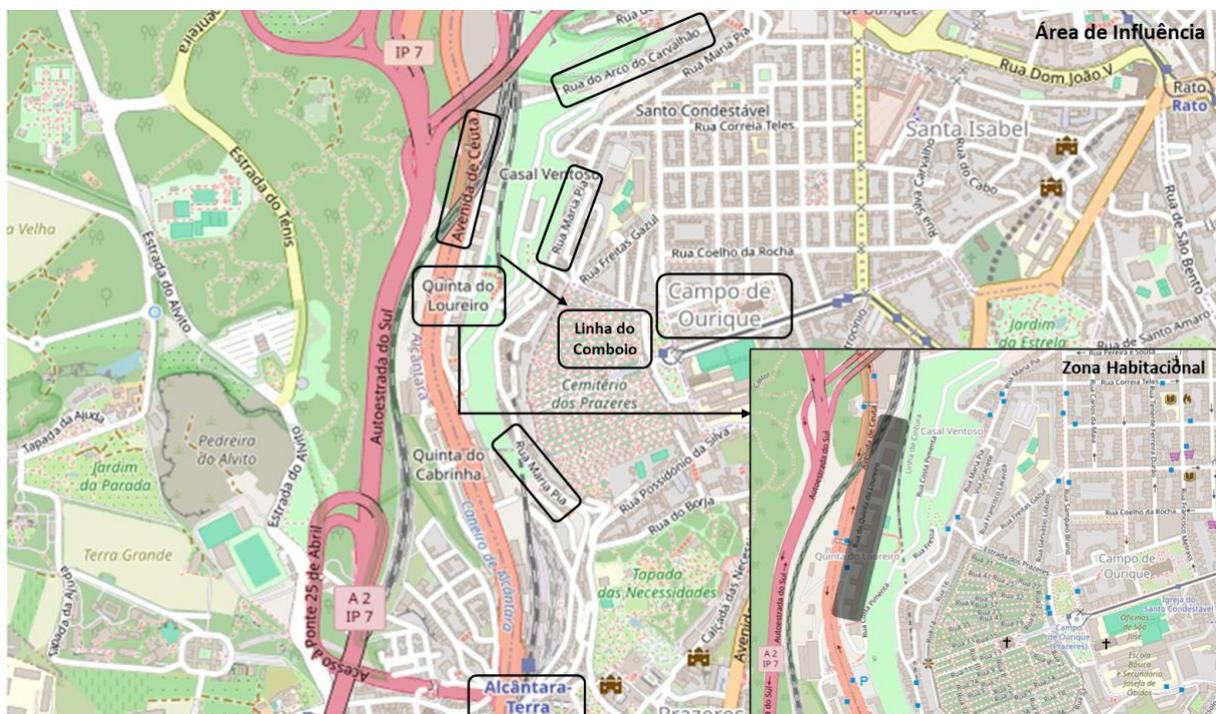
#### *O Espaço da(s) Identidade(s) Observada(s)*

No presente capítulo, observamos a realidade espacial onde os sujeitos de análise – as mulheres – se situam - um bairro de habitação social da cidade de Lisboa - por forma a operacionalizar a dimensão analítica de contexto tempo-espaço.

#### **3.1. Era uma vez... Um Bairro no Vale de Alcântara**

Atualmente localizado na freguesia de Campo de Ourique<sup>9</sup>, na parte Ocidental da cidade de Lisboa, a Quinta do Loureiro corresponde a uma pequena zona habitacional localizada na encosta do Vale de Alcântara, entre uma das principais artérias da cidade – a Avenida de Ceuta – e a linha de comboio que liga Azambuja a Alcântara-Terra.

**Figura 3:** Mapa da Quinta do Loureiro.



**Fonte:** [Diretório da Cidade de Lisboa](#) (adaptado).

Apesar da sua localização no atual centro da cidade de Lisboa, por via do processo de expansão urbana que tem vindo a marcar a cidade nas últimas décadas (Seixas, 2021), a Quinta do Loureiro tem a particularidade de ser um território circunscrito, em parte, devido à sua geografia acidentada. Este fator carrega um significado simbólico, com efeitos para as dinâmicas funcionais e sociais desse espaço urbano. Desde logo, pela distinção que é feita dentro da própria freguesia de Campo de Ourique, entre a “zona alta” da freguesia no topo da encosta, corresponde ao famoso bairro de Campo de Ourique

<sup>9</sup> Este território pertenceu à antiga freguesia do Santo Condestável até à reestruturação administrativa da cidade de Lisboa, em 2013, ano em que se deu a unificação da freguesia do Santo Condestável e de Santa Catarina, dando origem à atual freguesia de Campo de Ourique.

(Carvalho, 2014); e a “zona baixa” no vale, onde se localiza a Quinta do Loureiro. Esta distinção tem raízes históricas, pertinentes para a compreensão do território na atualidade.

### ***Dinâmicas Históricas***<sup>10</sup>

A Quinta do Loureiro pertence a um conjunto de três bairros de habitação social que resultam da operação de desmantelamento do antigo bairro do Casal Ventoso, um bairro que surge, na segunda metade século XIX, como um bairro de autoconstrução, composto por pátios e vilas de construção precária, que se estendem numa densa malha urbana ao longo da encosta Este do Vale de Alcântara (Chaves e Pereira, 2019; Soares, 2010; Chaves, 1999). A sua edificação foi tradutora de um período histórico marcado por intensas transformações sociais, decorrentes da transição para a Modernidade, caracterizada pelos fenómenos de industrialização e intensa urbanização da cidade de Lisboa, por via do aumento demográfico associado, em grande medida, ao alargamento da capital portuguesa devido aos fluxos migratórios provenientes das áreas rurais do país, em função dos atrativos horizontes de emprego (Chaves, 1999). A maioria da população que rumou à cidade, confrontada com dificuldades na obtenção de trabalho, reflexo das vagas cíclicas de desemprego em momentos de retração económica, foi remetida para situações de fragilidade e exclusão do sistema produtivo, que conduziram a condições de subsistência e habitação precárias (Martins, 1997 em Chaves e Pereira, 2019). Esta população instalou-se na periferia da cidade de Lisboa devido à proximidade com as principais indústrias da capital, culminando na edificação de grandes aglomerados urbanos, desordenados e sobrelotados.

A gestão dos desafios habitacionais, desencadeados pela concentração populacional desordenada na cidade de Lisboa foi, no final do século XIX, deixada à responsabilidade da iniciativa privada fazendo com que a integração das diferentes classes sociais no espaço urbano se tivesse feito de forma diferenciada. Enquanto as classes trabalhadoras permaneceram alojadas nas zonas periféricas da cidade, constituídas por bairros de elevada densidade populacional e enorme precariedade em termos de qualidade construtiva – como Xabregas, Beato e Poço do Bispo, na zona oriental de Lisboa; e o Vale de Alcântara, na zona ocidental –; o centro da cidade foi deixados às elites, que ocupavam imóveis mais valorizados e de amplas dimensões (Rodrigues, 1979 em Chaves e Pereira, 2019). Esta distribuição desigual dos diversos grupos sociais pela malha urbana levou a uma intensificação das formas de hierarquização e de segregação espacial no interior da cidade, agravando a condição social das classes mais desfavorecidas. No Vale de Alcântara, esta desigualdade era particularmente visível pela coexistência de dois bairros socialmente distintos. O bairro de Campo de Ourique, que dispunha de planeamento e de equipamentos qualificados, onde residiam essencialmente famílias de classe média; e o bairro do Casal Ventoso, habitado por classes populares e marcado “pela degradação habitacional

---

<sup>10</sup> Ver anexo IV.

e ambiental, pelo uso de materiais provisórios e por défices infraestruturais e de redes de abastecimento” (Chaves e Pereira, 2019: 11).

Esta disposição inicial do Casal Ventoso, bem como as suas características arquitetónicas, mantiveram-se com o passar do tempo sendo que, a expansão da cidade e o alargamento das linhas de caminho de ferro e das redes rodoviárias da cidade, já durante o século XX, contribuem para uma melhor delimitação deste território, consolidando a fixação da população residente naquele local da cidade (Chaves e Pereira, 2019). Tais factos, aliados a uma perpetuação generalizada das situações de precariedade laboral, da dificuldade em obter e manter os postos de trabalho, dos baixos rendimentos e da pouca qualificação da mão-de-obra (Soares, 2010), bem como as reduzidas medidas de intervenção social para alterar os processos de reprodução social internos, ao nível da redução do abandono escolar precoce e do aumento da escolaridade, concorreram para uma reprodução dos problemas multidimensionais de pobreza que bloquearam as oportunidades de mobilidade social, contribuindo para que o Casal Ventoso se consolidasse num “universo habitacional consideravelmente fechado e autocontido” (Chaves e Pereira, 2019: 14). O fenómeno de exclusão social verificado potenciou a criação de um estigma em torno do Bairro, associado a uma “pobreza ociosa e insubordinada” que veio introduzir a ideia de delinquência como uma característica inata da população residente (Chaves e Pereira, 2019: 107). Uma profecia assente sobre a crença generalizada na existência de “uma ‘cultura própria’, que conteria no seu seio uma desvalorização do ‘trabalho legal’ e, inversamente, o enaltecimento das atividades ilegais, a ponto de estas passarem a ser consideradas normais (...) e objeto de transmissão [intergeracional]” (Chaves e Pereira, 2019: 57); e que se autorrealizou, consubstanciando-se no afastamento voluntário da população residente no Casal Ventoso face à sociedade exterior.

O quadro de crise económica registado no final do século XX em Portugal, marcado pelo agravamento das taxas de desemprego a nível nacional e a maior debilidade das condições laborais, funcionou como elemento consolidador do antigo Bairro como um lugar de marginalidade, pois foi nessa altura em que se iniciou um intenso período de adoção do estilo de vida ilegal no Bairro do Casal Ventoso, em particular através da intensificação do comércio das drogas (Soares, 2010), não só como alternativa aos fenómenos de saída precoce do sistema educativo e precariedade laboral (Chaves e Pereira, 2019), mas também, como reflexo do aumento de consumidores em Portugal e na Europa (Chaves, 1999). A crescente procura por substâncias estupefacientes, por um lado, e a proximidade do Casal Ventoso com o mundo da ilegalidade, por outro, bem como o próprio ambiente circunscrito do Bairro, levou a uma grande concentração de população toxicodependente neste território e nas suas imediações, onde podiam consumir de forma relativamente segura (Guerra e Lages, 2002 em Soares, 2010), criando-se uma “estrutura de oportunidades ilegais, quer isto dizer, uma estrutura que oferecia

possibilidades de entrada e de enquadramento aos indivíduos que nele estivessem dispostos a participar” (Chaves e Pereira, 2019: 101).

Sobre a estrutura do comércio das drogas existente no Bairro, reuniam-se uma variedade de atividades ilegais, como o furto, a prostituição e os assaltos a lojas e a transeuntes, na sua generalidade praticados pelos consumidores de droga e não pelos habitantes (Soares, 2010). Estas atividades ilegais eram praticadas, não só por parte dos numerosos desempregados, mas também por indivíduos que prescindiram da sua inserção no mercado de trabalho em função da obtenção de rendimentos elevados, através do tráfico (Chaves, 1999).

Ainda assim, os valores dominantes de condenação da criminalidade apresentavam-se largamente difundidos no interior do Bairro, mesmo entre os traficantes, não existindo qualquer sistema local de valores que legitimasse esta atividade internamente (Chaves, 2000). As atividades ilegais eram, por isso, essencialmente desenvolvidas numa lógica de sobrevivência, como resposta a processos de dominação simbólica e estigmatização, originários das representações globais e do poder estatal, mais uma vez, sem correspondência em medidas políticas que apresentassem alternativas (idem). No entanto, a concentração de práticas marginais no Casal Ventoso levou a que o Bairro passasse a ser alvo de uma grande mediatização, sendo considerado o bairro de tráfico mais importante de Portugal, o que contribuiu para a crescente marginalização do seu território e comunidade (Chaves e Pereira, 2019).

No final dos anos 1990, a constituição do tráfico e consumo de droga como uma das preocupações fundamentais da sociedade portuguesa (Chaves e Pereira, 2019) fez com que a população do Casal Ventoso fosse considerada uma das mais “fustigadas por uma realidade que se tornou num emblema de degradação física e humana”, não só do concelho de Lisboa, como à escala nacional, o que tornou imperioso a reabilitação do Bairro e o realojamento dos seus residentes (Sampaio, 1995 em Soares, 2010: 16).

A operação de realojamento no Bairro do Casal Ventoso foi iniciada em 1996 (Ministério do Planeamento, 2001), na sequência da sua designação como Área Crítica de Recuperação e Reconversão Urbanística, tendo sido incluído numa candidatura ao Programa de Iniciativa Comunitária que permitiu, posteriormente, levar a cabo a demolição do Bairro e o realojamento dos seus residentes (Chaves e Pereira, 2019). Foi, então, desenvolvida uma intervenção em todo o Vale de Alcântara, que permitiu a qualificação urbanística do Casal Ventoso, desagregada em três bairros – a Quinta do Loureiro, a Quinta do Cabrinha e o Bairro Ceuta Sul - e que previa a promoção da inserção socioeconómica da população a realojar, bem como a prevenção da toxicodependência (Ministério do Planeamento, 2001). Após a viragem do século, em 2001, foi concluída a demolição integral do bairro original do Casal Ventoso e, até 2002, a sua população foi realojada nos três núcleos habitacionais reconstruídos, com um total de cerca de 1000 fogos habitacionais (idem).

Embora se tenham verificado:

“(…) duas ruturas significativas vividas por esta população – o tráfico de droga e a demolição do Bairro –, associadas às continuadas más condições materiais de existência, às típicas formas institucionais e burocratizadas de relacionamento que envolvem um processo de realojamento e à inserção num bairro social, que por definição sofre de estigma social, reforçam o isolamento da população, penalizando, ao mesmo tempo, a qualidade das relações internas.”

Chaves e Pereira, 2019: 192

Em auscultações posteriores (Chaves e Pereira, 2019 e Soares, 2010) são vários os relatos de moradores realojados que afirmam “que a população não foi suficientemente ouvida nem chamada a participar nas tomadas de decisão relativamente ao seu próprio realojamento”, defendendo, ainda, que “a população não foi devidamente preparada” (Chaves e Pereira, 2019: 192). Neste sentido, o realojamento é visto também como uma rutura com a comunidade que, apesar da pobreza e da imagem exterior negativa, considerava viver bem no Casal Ventoso por valorizar a vida comunitária e as sociabilidades estabelecidas (Chaves e Pereira, 2019). Com a dispersão dos moradores pelos vários bairros de realojamento, os grupos de vizinhos e as redes e laços sociais anteriormente estabelecidos foram quebrados, potenciando fatores de stress sociocultural (Freitas, 1993 em Soares, 2010) e aumentando a probabilidade de deterioração dos novos bairros (Chaves e Pereira, 2019), quer em termos espaciais quer em termos sociais. Preocupações que se verificam atualmente na Quinta do Loureiro e que, a par da persistência de dificuldades de integração profissional da população ativa comparativamente aos trabalhadores residentes em áreas próximas, fizeram com que os níveis de exclusão social no novo Bairro permanecem elevados, conduzindo a novos problemas associados à disseminação do tráfico e consumo de droga, que se constituíram numa degradação renovada e a “diversos aspetos de descontentamento, tais como a vandalização dos espaços comuns, a pouca higienização do bairro ou mesmo a ausência de alguns serviços de proximidade, como sejam as mercearias, talhos/peixarias, ou o que consideram ser uma pior acessibilidade em termos de transportes públicos” (Soares, 2010: 42). Em adição, a grande alteração sentida pelos moradores realojados em relação ao enfraquecimento das redes sociais e a crescente imagem de que o novo bairro é um lugar inseguro, contribuíram para atrasar e deteriorar, não só os desejados processos de inclusão/mobilidade social (idem), como também o ambiente físico e social registado neste território.

#### ***Dinâmicas Funcionais<sup>11</sup>***

A Quinta do Loureiro é um bairro historicamente marcado por múltiplas e complexas dinâmicas sociais de pobreza, exclusão social e marginalidade, fenómenos que, apesar das tentativas de mitigação, não

---

<sup>11</sup> Ver anexo V e anexo VI.

se diluíram no tempo, refletindo-se no espaço físico e nas dinâmicas funcionais e sociais, atuais, deste território.

Do ponto de vista arquitetónico, a estrutura física da Quinta do Loureiro é composta por cinco blocos de construção em altura com cinco andares, num total de vinte lotes interligados por túneis interiores que unem cada um dos blocos. Os pisos superiores cumprem a função habitacional, sendo os rés-do-chão dirigidos a atividades de serviços e comércio. Ao longo da fachada exterior do Bairro - virada para a arborizada Avenida de Ceuta - as janelas dos andares superiores fazem-se compor por pequenos e recatados varandins. Já as lojas, distribuídas ao longo da fachada exterior dos prédios, são antecedidas por largos e íngremes canteiros que acompanham as escadas que conduzem ao corredor exterior, ligados por túneis, que atravessam todo o Bairro. A separar as escadarias, corredores e túneis que distribuem as entradas de cada lote e loja da Rua Quinta do Loureiro, existem pátios compostos por algumas árvores de grande porte e mobiliário urbano, na continuidade da zona de estacionamento que circunda o perímetro exterior da Quinta do Loureiro. Na fachada interior dos blocos habitacionais - intermitentemente virada, ora para uma encosta íngreme e descampada, ora para os comboios urbanos que ligam Azambuja a Alcântara e vice-versa - existe uma segunda via de circulação que faz a ligação entre uma ponta e outra do Bairro. Neste local acomoda-se mais estacionamento, mas também uma zona de convívio com mesas, cadeiras e sombras naturais, um campo de jogos, parque infantil e uma horta cultivada pelos moradores com animais de pequeno/médio porte.

Para além da estrutura fechada e labiríntica da Quinta do Loureiro, existem outros vestígios físicos e visuais que refletem as dinâmicas históricas que persistem neste território, indicativas de um espaço urbano continuamente marcado pelos fenómenos de pobreza, exclusão e marginalidade. Sinais esses, que se evidenciam em simultâneo com a recuperação de uma identidade coletiva fortemente visível, malgrado a rutura decorrente da reabilitação e realojamento.

De um lado, as fachadas coloridas, recentemente pintadas, constituem-se como símbolos por excelência de edificações desta natureza aos quais crescem fatores como a despreocupação com a conservação dos espaços comuns, quer por via de uma fraca consciencialização para as questões ambientais por parte dos residentes quer por via do desleixe das entidades públicas gestoras do parque habitacional e da autarquia, reforçadas pelas próprias dinâmicas de marginalidade que, como veremos adiante, ocupam ainda este lugar:

Já na ponta sul do bairro Quinta do Loureiro iniciei o meu trajeto até ao seu interior. À medida que ia passando cada pátio (...) via prédios, ruas, passeios, mobiliário urbano crescentemente degradado e sujo. O bairro estava todo esburacado, alguns acessos pelo passeio estavam cortados, o que me faziam avançar pelo meio da estrada. (...) À medida que ia entrando no Bairro, a paisagem alterava-se (...) começava a ver cada vez mais locais de degradação, portas de prédios partidas, lixo nas ruas, pinturas de prédios velhas, rabiscos grafitados nas paredes.

Diário de Campo - Secção 1.1 (quarta-feira, 12 maio de 2021)<sup>12</sup>

De outro lado, a presença de *graffitis* espalhados pelas paredes, ilusivos a figuras emblemáticas do Bairro, dos quais se retiram também elações acerca das dinâmicas sociais e identitárias inerentes ao modo de vida de uma parte da população residente, bem como altares erguidos em honra de habitantes póstumos, constituem-se símbolos da identidade e memória da Quinta do Loureiro:

Saltaram-me à vista dois novos *graffitis*, ambos alusivos a “heróis” do Bairro. Um deles representava cães de raça *pitbull* com uma coleira de picos, à semelhança da mascote de um dos vigias que costumava frequentar aquele pátio. (...) Mais à frente, outro *graffiti* que retratava um “herói-vítima” do Loureiro, com a legenda “Descansa em Paz (1988-2021)”. Mesmo em frente estava estacionada a carcaça de um carro completamente destruído.

Diário de Campo - Secção 1.2 (quinta-feira, 4 novembro de 2021)

Estes indícios são reforçados quando aprofundamos a caracterização funcional da Quinta do Loureiro. Grande parte das lojas que se distribuem pelo perímetro do edificado estão abandonadas, fator que concede um carácter iminente habitacional a este território:

Demos a volta ao bairro, passando por inúmeras associações encerradas. Nunca vi tantas associações por metro quadrado... Associação do sindicato da polícia, do cancro da mama, de formação de professores...

Diário de Campo - Secção 2.2 (quarta-feira, 12 maio de 2021)

As poucas lojas em funcionamento são ocupadas por serviços, comércio e algumas associações, na maioria dos casos provenientes do antigo Casal Ventoso, sendo elas as principais contribuintes para as atuais dinâmicas associativas do Bairro através da mobilização dos moradores para diferentes tipos de atividades de lazer e entretenimento, sobretudo. Rara é a exceção da instituição com capacidade de atração de população exterior ao Bairro, pois a maioria tem carácter de apoio social à comunidade - como é o caso do Projeto Alkântara, da Fundação Aga Khan, a Associação Alzheimer, o gabinete da Junta de Freguesia de Campo de Ourique, a GEBALIS e a Santa Casa da Misericórdia. Às associações de carácter social, crescem os clubes desportivos - o Futebol Clube Lisboa, o Boxing G Club e o Casalense Futebol Clube - com forte representação num território de dimensões relativamente reduzidas, complementando as funções de natureza desportiva, com atividades dirigidas à comunidade<sup>13</sup>.

Tanto a Aga Khan como o Projeto Alkântara estavam abertos. À porta do Projeto Alkântara as idosas faziam fila para entrar e iniciar as atividades que as esperavam. Era terça-feira<sup>14</sup>.

Diário de Campo - Secção 2.1 (terça-feira, 9 novembro de 2021)

---

<sup>12</sup> Ver anexo VII sobre pressupostos e estrutura de análise qualitativa dos conteúdos do Diário de Campo.

<sup>13</sup> Uma caracterização mais aprofundada das instituições da Quinta do Loureiro é traçada no relatório final do projeto Bairro Meu.

<sup>14</sup> No Projeto Alkântara, as tardes de terças e quintas-feiras eram dedicadas às atividades dirigidas à população idosa.

### ***Dinâmicas Marginais***

A par da caracterização funcional deste território, existem dinâmicas sociais de marginalidade implícita, que o permeiam, uma herança do antigo bairro tradutora de um fenómeno estrutural de reprodução das situações de pobreza e exclusão social neste território (Monteiro, 2019). O fenómeno da droga persiste na Quinta do Loureiro, não obstante, distinguindo-se do seu formato no antigo bairro do Casal Ventoso. Este é ainda um Território Psicotrópico, no sentido de J. Fernandes (1997) e S. Mata (2023), pois constitui-se ao dia de hoje como “(...) um atractor de indivíduos com interesse comum num estilo de vida onde as drogas desempenham papel significativo” (Fernandes, 1997: 337 em Mata, 2023: 23). A expressão urbana do fenómeno da droga na Quinta do Loureiro parte de um conjunto de fatores multidimensionais que remontam ao mesmo ponto de partida, designadamente a desarticulação entre a intervenção urbanística e intervenção social, aquando do desmantelamento do Casal Ventoso e realojamento da sua população residente na Quinta do Loureiro. Estudos de diferentes naturezas e áreas do conhecimento (Guerra, 1994; Pinto, 1994; Capucha, 2005; Soares, 2010; Santos, 2015; Menezes, 2015) - têm vindo a alertar para a urgência de intervenções urbanísticas sistémicas e integradas, que permitam, não só romper com os problemas infraestruturais, de precariedade e insalubridade habitacional, mas também dar resposta aos problemas sociais - de pobreza, exclusão e marginalidade - que os retroalimentam. O que não se verificou no processo de transição do Casal Vento para a Quinta do Loureiro (Soares, 10). Neste sentido, os Modos de Vida da Pobreza (Capucha, 1990, 2005 e 2016) que permeavam o Casal Ventoso aquando do seu desmantelamento foram realojados com os seus moradores, fazendo com que o problema das drogas reemergisse, motivado pelas próprias dinâmicas paralelas do mercado de procura/oferta de estupefacientes, com efeitos sobre uma nova degradação das condições físicas e sociais da Quinta do Loureiro:

Um colega do projeto [Bairro Meu], que desenvolveu trabalho de campo no antigo Casal Ventoso no final dos anos 1990, descreveu-me algumas situações enquanto visitávamos [pela primeira vez] o Loureiro. Disse-me que na altura em que o antigo Bairro estava a ser demolido “os toxicodependentes juntavam-se na linha do comboio e várias vezes ficaram lá grupos”. (...) [No entanto referiu] que o ambiente no Loureiro “está melhor do que antes”, no tempo do Casal Ventoso, “antes nem se podia lá entrar”. (...) Outra colega da área social, que trabalhou na Quinta do Loureiro após o realojamento, referiu que, no momento em que o visitávamos, o “Bairro está péssimo, muito pior do que depois da reconversão”.

Diário de Campo – Secção 3.1 (quarta-feira, 12 maio de 2021)

“Há, aqui no Cabrinha [esse problema de tráfico/consumo de droga], mas não é aquela droga pesada. É só fumos, como eles costumam dizer. Não é como no Loureiro, no Loureiro é mais pesado. É tudo mais pesado.”

Ex-Moradora e Técnica no Projeto Alkântara

Conversa Informal | Diário de Campo – Secção 3.3. (quinta-feira, 20 de abril 2023)

Ainda que essa degradação não corresponda àquela vivida no antigo Casal Ventoso no final da década de 1990, um “território das drogas [marcado] pela presença de zonas de consumo de elevada insalubridade, tanto para os consumidores como para a comunidade envolvente” (Mata, 2020: 22), neste aspeto, a qualidade de vida da Quinta do Loureiro distingue-se de outros bairros de Lisboa, inclusive dos que lhe são mais próximos como o de Campo de Ourique<sup>15</sup>.

No entanto, o retorno dos comportamentos marginais que se pretendiam erradicar com a construção do novo Bairro, bem com as suas consequências, têm-se vindo a intensificar nos últimos anos:

(...) seguimos para o pátio do tráfico, que era também o pátio da GEBALIS e do Gabinete da Junta de Freguesia. (...) os vigias estavam ao cimo das escadas, uns em cada esquina do pátio e outros distribuía-se junto às entradas dos lotes habitacionais (...).

Diário de Campo – Secção 3.3.1 (quinta-feira, 4 de novembro de 2021)

Numa conversa informal, no final da intervenção, o DR [artista/interventor no projeto Bairro Meu], partilhou comigo alguma informação sobre a distribuição do negócio da droga na estrutura do Bairro. Disse-me que “do lado de Alcântara, os primeiros dois terços do Bairro são ‘o Bairro bom’. Um bairro normal. O último terço é ‘o Bairro mau’, onde há o tráfico que se divide em duas “lojas” concorrentes.”

Diário de Campo – Secção 3.3.1 (segunda-feira, 12 de julho de 2021)

Logo à primeira vista, nota-se uma maior movimentação e pessoas estranhas ao Bairro. Tanto o Sr. V [morador do Loureiro e representante de um clube desportivo do Bairro] como a AM [interventora no projeto Bairro Meu] comentaram comigo que “há mais gente estranha a passar por cá”, “há mais consumidores, por isso é que o Bairro está mais sujo”. (...) Na encosta surgiram dois “abrigos” feitos de caixas de papelão.

Diário de Campo – Secção 3.3.2 (sexta-feira, 21 de janeiro 2022)

Por volta das 17h (...) [estava] à espera do motorista da Uber para me levar a casa, [quando me apercebi] que a afluência de consumidores começava a aumentar. Alguns estavam desesperados, não cumpriam os procedimentos impostos pelos traficantes e subiam logo aos patamares, sem serem chamados pelo “sistema de senhas” implícito que organizava as trocas comerciais. (...) O meu Uber tinha chegado, não fiquei para ver como se desenrolava a situação.

Diário de Campo – Secção 3.3.2 (segunda-feira, 26 de julho 2022)

---

<sup>15</sup> Considerado por vários meios de comunicação *online*, como um dos melhores bairros de Lisboa para viver ([NIT - Melhor Bairro do Mundo #7: Campo de Ourique é o Cristiano Ronaldo dos bairros](#) (abril de 2017); [NIT - Votação NiT: a melhor zona para viver em Lisboa é...](#) (agosto de 2017); [TimeOut - Bairros de Lisboa — O melhor de Campo de Ourique](#) (setembro 2019).

Comecei a reparar na quantidade crescente de carros estacionados ao fundo do Bairro [do lado Norte], em pleno dia. (...) Apercebi-me que alguns são de consumidores. Estacionam ali os carros e, no seu interior, consomem de imediato. Alguns fazem-no sozinhos, outros acompanhados.

Diário de Campo – Secção 3.3.2 (segunda-feira, 8 de maio 2023)

O aumento recente da incidência de traços de degradação social e espacial, um pouco por todo o Bairro<sup>16</sup> conduziu à construção e abertura de uma sala de consumo assistido, em maio de 2021<sup>17</sup>. Uma escolha controversa, vista pelo governo local e entidades competentes como a solução acertada e perentória para o ressurgimento de dinâmicas de consumo de droga no espaço da Quinta do Loureiro<sup>18</sup>, mas entendida pelos moradores como uma forma de intensificar as dinâmicas de tráfico e, por sua vez, de estigmatização e exclusão social daquele território, como apontam alguns moradores:

“(…) Da mesma maneira que fizeram ali a sala de xuto. Eu sou contra aquilo. Porque é assim, eu estou aqui a vender droga e quem vem comprar vai logo ali com todas as condições para fazer o seu trabalho. Em 3 meses fizeram aquela porcaria, mas fazer ali o pavilhão se for preciso vai demorar mais 10 anos. A sala de xuto foi em três tempos, para os drogados. Então e nós que vivemos aqui?”

Morador e Representante de Associação Desportiva

Conversa Informal | Diário de Campo – Secção 3.4 (segunda-feira, 7 de março de 2022)

Apesar de (ainda) não podermos afirmar que houve uma “considerável cristalização (...) nas funções territoriais dos (...) protagonistas [deste território psicotrópico]” (Mata, 2020: 22), à semelhança do sucedido noutros territórios das drogas alvo de requalificação urbanística, todos estes sinais que surgiram durante o período da pesquisa no terreno apontam para uma intensificação das dinâmicas marginais na Quinta do Loureiro.

Durante a Pandemia de Covid- 19<sup>19</sup>, coincidente com o momento de maior presença no território investigado, os fatores conjunturais reunidos potenciaram o incremento do fenómeno da droga na Quinta do Loureiro. Por um lado, motivada pelo início ou agravamento das situações de precariedade

---

<sup>16</sup> Como alguns meios de comunicação têm, também, noticiado ([MAGG - 20 anos depois, o que é feito do Casal Ventoso?](#) (fevereiro 2019); [DN - Não basta deitar um bairro abaixo para a droga desaparecer](#) (fevereiro 2019); [RTP - Casal Ventoso. Vinte anos depois do realojamento, o que mudou?](#) (fevereiro 2019); [RTP - Casal Ventoso. Vinte anos depois, problemas com drogas continuam](#) (março 2019); [JN - Morar na rota da droga](#) (março 2023); [Público - “Eu tinha alertado” que tráfico de droga no Porto iria para outros locais](#) (junho 2023); [Expresso – Redes de crack usam crianças e jovens no tráfico](#) (março 2024); CNN Portugal - [Como voltar ao Casal Ventoso. Nunca houve tanta droga na rua e isso traz "mais violência e ameaças"](#) (maio 2024).

<sup>17</sup> A este respeito, ver [Sapo - Uma "sala de chuto" no antigo Casal Ventoso](#) (março 2018).

<sup>18</sup> [Público - “Se tivermos cem pessoas aqui por dia, são cem momentos em que não estão na rua”](#) (agosto 2021).

<sup>19</sup> Segundo a OMS – Organização Mundial de Saúde, o alastramento do vírus Covid-19 teve início em dezembro de 2019, tendo sido declarada uma situação de pandemia em março de 2020 ([OMS - Histórico da pandemia de COVID-19](#)). O fim da Pandemia de Covid-19 foi declarado em maior de 2023 ([OMS - Director-General's opening remarks at the media briefing](#)).

laboral e pobreza da população residente na Quinta do Loureiro, decorrentes da suspensão imprevista das atividades económicas imposta pela Pandemia (Silva et al., 2020), que se estenderam à atividade das instituições presentes no próprio Bairro. Por outro lado, promovida pela intensificação do consumo de estupefacientes, como têm vindo a apontar a EUDA - *European Union Drugs Agency*<sup>20</sup>, cujos dados apresentados no *European Drug Report* entre 2022 e 2024 traduzem um aumento generalizado do consumo de drogas na Europa (EMCDDA, 2022 e 2024). No entanto, em Portugal o último relatório sobre a situação do país em matéria de drogas e toxicodependências (2022) realizado pelo ICAD – Instituto para os Comportamentos Aditivos e nas Dependências<sup>21</sup>, aponta para uma descida relevante do consumo de drogas no país entre 2017 e 2022. Efeitos da Pandemia nas dinâmicas de tráfico e consumo de estupefacientes que, apesar de uma quebra no início do primeiro confinamento, voltaram a aproximar-se dos níveis de consumo pré-pandémicos com a atenuação das medidas de distanciamento social durante o verão de 2020, revelando um mercado resiliente (EMCDDA, 2021). Ainda do ponto de vista da oferta, também o incremento das situações de vulnerabilidade dos residentes na Quinta do Loureiro durante a Pandemia foi catalisador de dinâmicas de marginalidade específicas, assentes sobre o reforço da presença e do poder das redes de tráfico de droga instaladas na Quinta do Loureiro, numa lógica de *narco-bairro* (Rodgers, 2019):

(...) pós-pandemia [o tráfico/consumo de droga piorou] muito! Porque há uns anos atrás, a venda era feita num único lote. Com a pandemia perdemos o controlo total (...) tivemos quase de competir com uma rede de tráfico que também estava a dar uma resposta à comunidade, chamada comida. Tão simples quanto isto. Durante a primeira grande fase da Pandemia, ou seja, 2020, em abril, organizaram uma espécie de doação de bens essenciais – leite, frangos... [Quem?] Esta rede [de tráfico de droga instalada na Quinta do Loureiro]. De maneira a conseguir controlar as pessoas (...) quase como uma chantagem. Então, quando se voltou ao Bairro presencialmente, já estavam todos os lotes envolvidos em tráfico e depois, estes comportamentos acabam por levar à violência.

Interventora/Técnica da UMAR

Conversa Informal | Diário de Campo – Secção 3.1 (terça-feira, 14 de março 2023)

### ***Dinâmicas Populacionais***

A Quinta do Loureiro continua a ser um território marcado por múltiplas e complexas dinâmicas sociais de pobreza e exclusão, traços do tempo que se prolongam e que se refletem no seu espaço físico, mas também na composição sociográfica e socioeconómica das suas famílias e população residente<sup>22</sup>.

---

<sup>20</sup> Anteriormente, EMCDDA – *European Monitoring Center for Drugs and Drug Addiction* ([European Drug Report 2024: Latest data on drug situation in Europe](#)).

<sup>21</sup> Antigo SICAD – Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências.

<sup>22</sup> Este subponto resulta de uma síntese da análise conduzida no relatório preliminar do projeto Bairro Meu e assenta sobre os dados produzidos pelo INE, resultado dos Censos de 2011, disponibilizados no BRIG - Plataforma

Há três anos, em 2021, altura em que se desenrolou a primeira fase do trabalho de campo conduzido no âmbito desta pesquisa, a Quinta do Loureiro era um território urbano onde residiam 948 indivíduos, num total de 369 famílias e um número equivalente de alojamentos ocupados, em média, por agregados familiares compostos por cerca de 3 pessoas.

A maioria das famílias residentes na Quinta do Loureiro em 2021 (64%) vivia no Bairro há mais de 20 anos, tendo os seus contratos de habitação sido estabelecidos aquando do realojamento. Facto que alimenta a ideia de Ciclos de Pobreza (Lewis, 1979) reproduzidos intergeracionalmente, mas que acarretam o simbolismo de uma identidade coletiva construída ao longo do tempo, como nos contou um dos moradores, num dilema entre reprodução da pobreza e reprodução de memória individual e coletiva:

“A mim revolta-me é que eu, fui nascido e criado aqui, tenho aqui as minhas raízes e pago 300€ de renda. Eu também não quero que eles digam ‘ele agora (...) não paga renda’. (...) Nós andamos numa luta constante, que é os desdobramentos familiares. Se eu tenho duas filhas, já maiores de idade e só tenho um quarto para as duas, elas vão namorar, vão casar, vão ter filhos. Eu acho que a Câmara Municipal, acho que está no caderno de encargos quando viemos lá de cima cá para baixo, que há uma avaliação que se fazia que as famílias têm direito a desdobramentos. A minha filha, ainda não tem, mas vai ter um filho. Se vive comigo, vamos procurar um desdobramento para essa rapariga criar o filho, ter um quarto para o filho e para o marido. Mas não, não se faz isso, metem outras famílias cá. Isso gera conflitos.”

Entrevista a Morador e Representante de Associação Desportiva

A maioria da população da Quinta do Loureiro em 2021 eram composta por mulheres – cerca de 52% dos indivíduos eram do sexo feminino, face a 47% de população masculina. Uma tendência que se manteve ao longo de 10 anos, quando comparamos com os dados referentes ao ano de 2011, no qual 51% da população residente no Loureiro era do sexo feminino e 49% do sexo masculino.

Na estrutura etária, a população do Loureiro em 2021 concentrava sobretudo população em idade ativa, entre os 25 e os 64 anos (cerca de 45% dos residentes), seguindo-se a faixa etária dos indivíduos com idades superiores a 64 anos (22%) e, com menos peso, os residentes com idades até aos 24 anos (21%). Apesar da estrutura etária do Bairro ser relativamente semelhante em ambos os sexos, as mulheres eram quem concentrava em 2021 a maior proporção de população com idades iguais ou superiores a 64 anos (19%), enquanto a percentagem de homens nesta faixa etária corresponde a 13%.

---

de Dados Alfanuméricos e Geográficos, que permitem analisar a composição sociográfica de uma determinada unidade territorial ao nível da subsecção, neste caso o bairro da Quinta do Loureiro. A estes dados de caracterização sociográfica, acrescem os dados de caracterização socioeconómica, disponibilizados pela GEBALIS, com referência ao ano de 2021.

No que respeita à diversidade dentro do Bairro, em 2021 constatava-se uma predominância de população com nacionalidade portuguesa, na casa dos 94%. Apesar do seu peso reduzido no total da população residente no Bairro em 2021, os residentes de nacionalidade estrangeira apresentavam uma relativa diversidade quanto aos seus países de origem, na maioria proveniente de países africanos, como Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Angola e Guiné-Bissau.

Quanto à escolaridade, em 2021 cerca de 70% dos residentes no Loureiro tinham concluído somente o ensino básico, a maioria tendo obtido um grau corresponde ao 1.º ciclo (37%). Por sua vez, a população residente com ensino secundário, pós-secundário ou superior apresenta-se muito reduzida - inferior a 5% -, sendo inclusive superada pela percentagem de população que não sabe ler nem escrever (8%).

O indicador da situação na profissão revela-nos que, em 2021, a maior fatia da população residente na Quinta do Loureiro (20%) eram pessoas fora do mercado de trabalho, isto é, estudantes e/ou pessoas incapacitadas para o trabalho. Sendo que existia uma proporção semelhante (19%) de indivíduos reformados/pensionistas e, ainda, de indivíduos empregados (19%), perfazendo um total de cerca de 60% da população residente no Bairro. A percentagem de população desempregada em 2021 era de cerca de 12%.

O perfil de população residente na Quinta do Loureiro em 2021 era caracterizado, sobretudo, por mulheres entre os 25 e os 64 anos, com nacionalidade portuguesa e escolaridade correspondente ao 1.º ciclo do ensino básico, a maioria fora do mercado de trabalho e a residir no Bairro há mais de 20 anos. Perfil, este, compatível com os ideal-tipo de perfis de pobreza identificados por vários autores, em estudo de naturezas distintas (Capucha, 2004 e 2016; Castro et al., 2011; Diogo, Castro e Perista (orgs.), 2015; Diogo (coord.), 2021). Neste sentido, torna-se duplamente pertinente tomar como objeto de análise os processos de formação e transformação das identidades femininas, no contexto espacial e social específico que constitui a Quinta do Loureiro.

## **Capítulo 4**

### ***O(s) Tempo(s) e os Espaço(s) nas Vidas Femininas***

O presente capítulo constitui a dimensão empírica que fundamenta o trabalho teórico, cujos objetivos, pressupostos, metodologia e enquadramento, temos vindo a apresentar. Este é composto por uma breve caracterização sociográfica das entrevistadas<sup>23</sup>, por forma a situar o leitor em relação aos elementos essenciais das respetivas identidades. De seguida, faz-se uma apresentação e reflexão inicial acerca do processo de construção dos *outputs* utilizados para a análise conduzida – as histórias e linhas de vida. Posteriormente, faz-se uma análise comparativa das suas histórias de vida, sistematizadas em linhas de vida, com vista à observação dos processos de formação e transformação das suas identidades, enquadrados no contexto tempo-espácio previamente apresentado, numa lógica descritiva-exploratória<sup>24</sup>.

#### **4.1. Caracterização das Entrevistadas**

No âmbito da presente pesquisa, foram entrevistadas nove mulheres com idades entre os 22 e os 90 anos (N = 9), o correspondente a uma média de idades de 52 anos (52,2 anos) e a uma moda e mediana de 49 anos; sendo que, 66,6% das entrevistadas tinha idade igual ou inferior à mediana (N = 6) e 33,3% tinha idade superior a 50 anos (N = 3).

Todas as mulheres entrevistadas têm nacionalidade portuguesa e cerca de 78% das mulheres entrevistadas são naturais de Lisboa (N = 7), existindo duas entrevistadas naturais de outras geografias - uma natural da Marinha Grande (N = 1) e outra de Arouca (N = 1). Apesar de mais de metade das entrevistadas residirem na Quinta do Loureiro (N = 7), duas residiam noutras localizações - nomeadamente na Ajuda (N = 1) e na Cova da Piedade (N = 1).

A quase totalidade das entrevistadas era detentora do ensino básico (N = 8) - com escolaridade equivalente ao 1.º e 3.º ciclos do ensino básico existiam seis (N = 3, respetivamente) e com escolaridade correspondente ao 2.º ciclo do ensino básica existiam duas (N = 2). Apenas uma tinha escolaridade correspondente ao ensino secundário (N = 1).

No que respeita à situação na profissão, quatro entrevistadas eram reformadas ou pensionistas (N = 3 e N = 1, respetivamente), valor equivalente ao número de entrevistadas empregadas (N = 4). No total das nove mulheres entrevistadas, apenas uma estava desempregada (N = 1). Entre as profissões exercidas pelas empregadas, predomina a profissão de auxiliar de limpeza (N = 4), de interventora social (N = 2) e de assistente operacional (N = 2).

---

<sup>23</sup> A grelha de caracterização é apresentada no anexo VIII.

<sup>24</sup> As nove histórias de vida e respetivas linhas de vida das mulheres entrevistadas encontram-se no anexo IX. Os pressupostos de análise de conteúdo assumidos para a construção das mesmas encontram-se sistematizados no anexo X.

Relativamente ao estado civil das entrevistadas, existiam em maior número as que eram viúvas (N = 3), seguindo-se em número equivalente entrevistadas solteiras, em união de facto e separadas/divorciadas (N = 2, respetivamente).

A caracterização sociográfica das mulheres entrevistadas, acompanha o perfil da população residente na Quinta do Loureiro em 2021, anteriormente apresentado.

#### **4.2. Histórias e Linhas de Vida**

As linhas de vida são instrumentos de recolha, tratamento e visualização de informação qualitativa que permitem concentrar numa imagem grandes quantidades de informação qualitativa, passível de ser interpretada sociologicamente (Nilsen, 1994). Este instrumento tem sido, contudo, um recurso pouco frequente nos trabalhos sociológicos qualitativos e, inclusive, biográficos, iminentemente focados em formas tradicionais de análise de conteúdo, através de grelhas de análise ou, mais recentemente, de *outputs* provenientes de CAQDAs. No quadro da presente pesquisa, a opção por este instrumento de análise justificou-se, em primeiro lugar, devido à possibilidade de gestão de um vasto conjunto de informação recolhida durante a pesquisa de terreno decorrente da componente biográfica assumida, mas também devido à sua pertinência, pois:

*“Lifelines are useful in the phase of analysis of individual interviews when they are seen in view of the interpretations interviewees themselves have of the phases and events in their lives as rendered in their own narrative style. Taken together a group of lines can give snapshots of individuals’ trajectories in relation to birth cohort and structural aspects of a specific historical period. They can also indicate gender and class specific aspects of types of trajectories.”*

Nilsen, 2023: 156

No entanto, o facto de este não ser um instrumento de análise frequente, impôs um conjunto de desafios *à priori*, relacionados com o processo de operacionalização e construção das linhas de vida, reforçando o carácter iminentemente indutivo do processo de construção das linhas de vida, como apontado por alguns autores (Bjerén e Elgqvist-Saltzman, 1994; Nilsen e Brannen, 2009; Nilsen, 2023). Importa, por isso, descrever em detalhe o processo concreto de operacionalização e construção das linhas de vida traçadas, antes de as analisar.

As linhas de vida desenhadas decorreram, numa primeira fase, do objetivo de sintetização da informação recolhida através da aplicação de entrevistas biográficas, posteriormente transcritas e analisadas com recurso ao *software* de análise de conteúdo MAXQDA. Essa análise, da qual resultaram as nove histórias de vida (anexo IX), seguiu uma estratégia de análise de conteúdo tradicional – temática (Poirier e Valladon, 1983) ou categorial (Bardin, 2011) – identificando os temas centrais da entrevista a analisar em profundidade com recurso à identificação e à contagem de categorias e subcategorias. Paralelamente, procurou-se identificar os elementos essenciais para a construção das linhas de vida recorrendo à análise dos fatores comuns nos trabalhos de diferentes autores,

utilizadores deste instrumento de análise (Bjerén e Elgqvist-Saltzman, 1994; Nilsen e Brannen, 2009; Nilsen, 2023), bem como nos trabalhos produzidos por autores utilizadores de outras ferramentas de sistematização de informação semelhantes, como os calendários de vida (Nico, 2011 e Nico, 2012), procurando distingui-los entre si. Através desta comparação foi possível identificar quatro elementos comuns na construção de linhas de vida – escala do tempo biográfico, escala do tempo cronológico, fases e eventos. No caso dos calendários de vida, apesar da incorporação de elementos relativos à equivalência de escalas temporais biográficas e cronológicas, verificou-se uma distinção pouco clara entre as fases e eventos inscritos nas biografias, não obstante a categorização temática dessas situações dificilmente distinguíveis. Nesse sentido, pareceu-nos importante incorporar, na construção própria das linhas de vida das nove entrevistadas no contexto desta pesquisa, não só a distinção entre fases e eventos sugerida pelas linhas de vida, bem como a categorização temática – do tipo de fases e tipo de eventos – oferecida pelos calendários de vida. A combinação entre escalas temporais, tipos e fases, e eventos revelou-se uma forma interessante de sistematizar e organizar a informação recolhida, facilitando a análise e ao mesmo tempo potenciando a compreensão da duração de determinadas fases da vida e dos eventos que as iniciam, premeiam e encerram, como revemos adiante. A distinção objetiva entre fase e eventos, pouco clara nas aplicações de linhas de vida estudadas (Bjerén e Elgqvist-Saltzman, 1994; Nilsen e Brannen, 2009; Nilsen, 2023), revelou-se um outro desafio. Ainda assim, o fator diferenciador entre fases de vida e eventos na vida é o da temporalidade, pois cada um desses conceitos exprime uma noção de tempo, período ou momento. Enquanto o significado etimológico de “Fase” indica um período delimitado no tempo – com início, meio e fim - indicativo de um intervalo de tempo específico; o de “Evento” corresponde a um acontecimento, uma ocasião, um momento esporádico, de curta duração no tempo.<sup>25</sup>

Do ponto de vista gráfico, as linhas de vida desenhadas são compostas por duas escalas – a do tempo biográfico – com correspondência – à escalada do tempo cronológico – que acompanham toda a linha de vida traçada desde o início e até ao momento de referência para construção da linha – na escala biográfica, a linha de vida inicia nos zero anos, terminando na idade mais recente do indivíduo; e na escala cronológica, a linha começa no ano civil correspondente ao ano de nascimento e termina no ano civil de referência para construção da mesma. A linha é depois preenchida pelas fases da vida e eventos que se pretende observar.

Neste caso foram tidas em conta, de acordo com a análise temática das entrevistas, três dimensões distintas, mas justapostas – Trajetos Residenciais, Trajetos Ocupacionais e Trajetos Conjugais – às quais

---

<sup>25</sup> “fase”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2024, <https://dicionario.priberam.org/fase>; “evento”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2024, <https://dicionario.priberam.org/evento>; “momento”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2024, <https://dicionario.priberam.org/momento>.

foram atribuídas cores diferentes. Por forma a ultrapassar a justaposição de fases de vida em diferentes dimensões na mesma escala biográfica, optou-se por incluir no desenho de cada linha de vida uma camada correspondente a cada dimensão. Tal ajuste permitiu sistematizar, ainda mais, a informação, potenciando a comparação entre a sobreposição de diferentes fases da vida em diferentes dimensões. Em cada uma dessas camadas, existem fases da vida em branco, representativas da não abrangência das fases de vida consideradas nessa dimensão.

Para além da identificação das fases, com blocos de cores correspondentes a diferentes dimensões, nas linhas de vida são também identificados os eventos, isto é, um conjunto de elementos mais subjetivos nas vidas retratadas. Numa primeira instância os eventos foram representados nas linhas de vida com setas seguidas de uma legenda, como proposto pelas autoras A. Nilsen, J. Brannen e S. Lewis (2013).

No entanto, a pretensão de comparar as nove linhas de vida traçadas, de modo a visualizar de forma justaposta as semelhanças e disparidades entre as fases, eventos e trajetos individuais, levou a que se optasse por uma *“typical application of SA [Sequence Analysis] in the early days”* através da codificação das histórias de vida como sequências, para medição de dissemelhanças de pares entre sequências e alguma forma de redução de dados (Liao et al., 2022: 2). Neste contexto, optou-se por inscrever os eventos nas linhas de vida através de símbolos e caracteres legendados. A figura que se apresenta adiante constitui, assim, a adaptação de uma *Sequence Analysis* que ilustra as histórias de vida traçadas, sugerindo uma análise comparada das mesmas que, à semelhança da análise conduzida nos calendários de vida (Nico, 2011), procura não só ler as linhas de vida individuais, mas também, observá-las em oposição umas às outras, pois:

*“Aggregating life-lines for groups sharing salient characteristics evokes a visual representation of patterns that ‘tells more than a thousand words’. Combining life-line research with the ‘homogenous-groups’ strategies for choosing strategic samples as described by Patton (Patton, 1987) produces possibilities for qualitative analysis and convincing representation that are quite exceptional.”*

Bjerén, 1994: 23

#### **4.3. Encontros e Desencontros**

Através da análise conduzida procurámos identificar elementos estruturais, destacando os encontros e desencontros biográficos, nas vidas das mulheres entrevistadas, procurando traçar (se não conclusões) caminhos para o entendimento da forma como as mulheres expressam e interpretam a sua identidade enquanto seres femininos, em função das suas vivências do contexto Tempo-Espaço. A figura que se apresenta de seguida concilia as nove linhas de vida traçadas, bem como as diferentes fases consideradas na análise e eventos. Apesar das suas diferentes dimensões, correspondentes às diferentes idade e anos de nascimento distintos das entrevistadas – linhas mais longas, no caso das

entrevistadas mais idosas e vice-versa – é possível constatar alguns padrões no que respeita a algumas fases e eventos, inseridos em trajetos específicos.

Importa destacar que tais trajetos são representativos da “passagem de uma condição a outra, em termos de fase de vida, desempenho de papéis sociais ou mudança de estatuto social” (Elder, 1985 e Hughes, 1971 em Caetano, 2018: 94) e que, embora não devem ser entendidos de forma direta ou linear, constituem um modo possível de associação entre fenómenos, frequentemente expectáveis e enquadradas institucionalmente (*idem*). As diferentes configurações assumidas pelos trajetos das vidas individuais traduzem, assim, processos de formação e transformação identitários na medida em que ilustram o processo encadeado de “afastamento de um papel fulcral para a constituição identitária e simultânea construção de uma identidade associada a um novo papel que tem em conta o anterior” – num fenómeno designado por *Role Exit* (Ebaugh, 1988 em Caetano, 2018: 94) – com a sucessiva reinterpretação do passado com o objetivo de manter a coerência face à situação presente – num processo de Ressocialização (P. Berger e T. Luckmann, 2004).

Nesse sentido, foram tidas em conta três dimensões típicas da análise sequencial e comparada das nove linhas de vida – a sequência das fases de vida (*Sequencing*); o tempo de cada fase (*Timing*); e a sua duração (*Duration*) (Liao et al. 2022: 2)<sup>26</sup> - em relação a três dimensões específicas – Trajetos Residenciais; Trajetos Ocupacionais; e Trajetos Conjugais - que emergiram como pontos comuns nas entrevistas conduzidas.

### ***Trajetos Residenciais***

No que respeita aos Trajetos Residenciais foram identificadas duas fases-chave, relacionadas com a transição de dentro para fora do Casal Ventoso e/ou da Quinta do Loureiro e vice-versa, bem como momentos de mudança habitacional dentro dos próprios bairros (incluindo o realojamento) e no seu exterior, por forma a enquadrar as biografias e identidades das mulheres entrevistadas.

A este respeito, as linhas de vida permitem constatar que, nos primeiros 22 anos de vida das entrevistadas, apenas duas deixaram de viver na Quinta do Loureiro/Casal Ventoso e uma passou a residir na Quinta do Loureiro/Casal Ventoso.

As duas primeiras – Luana (49 anos) e Mafalda (73 anos) – nasceram no Casal Ventoso, local onde residiram durante 18 e 19 anos, respetivamente. Essas mudanças habitacionais para fora do Casal Ventoso foram coincidentes com o início de novas fases nos Trajetos Conjugais (como veremos adiante), marcadas pelo casamento. Ainda assim, é curioso notar que, quer Luana quer Mafalda, voltaram a residir no Casal Ventoso/Quinta do Loureiro – Luana residiu temporariamente (cinco anos) durante o período de realojamento, altura em que foi mãe e apoiou a família de origem como

---

<sup>26</sup> Numa revisão acerca do passado, presente e futuro da aplicação de *Sequence Analysis* nas Ciências Sociais, os autores apontam estas três dimensões como os critérios elementares à condução de uma análise desta natureza (Liao et al., 2022: 2).

cuidadora informal, enquanto estava desempregada; Mafalda voltou a residir após o divórcio de oito anos de casamento, tendo experienciado o realojamento do Casal Ventoso e permanecendo na Quinta do Loureiro até à data de realização das entrevistas. Tais fatores ilustram um fenómeno de reprodução intergeracional da pobreza, iniciado no seio da família de origem, mas que é quebrado através do casamento (no caso de Luana), ainda que se constitua uma estratégia frágil de mobilidade social, como é manifesto no caso de Mafalda.

Leonor fez o percurso inverso, tendo nascido na Marinha Grande, lugar onde residiu até aos quatro anos tendo, posteriormente, mudado de habitação com a família de origem, por via da transição de emprego do seu pai, decorrente de fatores socioeconómicos históricos apontados no capítulo 3.

À semelhança de Leonor, também outras cinco mulheres passaram a residir tardiamente no Casal Ventoso/Quinta do Loureiro. Um desses casos é o de Silvina que veio residir, ainda no Casal Ventoso, aos 17 anos na busca de um emprego mais estável e de melhores condições de vida na capital, passando a fase de transição para a Quinta do Loureiro aos 59 anos e permanecendo no Bairro até ao presente. Mas também Alana, Cláudia, Natália e Elsa viveram fora do Casal Ventoso e/ou Quinta do Loureiro até ao início da vida adulta. Alana veio viver já para a Quinta do Loureiro com 26 anos, após um período da sua vida em que ficou sem-abrigo devido a desentendimentos familiares, assentes sobre o questionamento de imposições relativas à tradição cigana, cultura à qual pertence. Cláudia transitou para a Quinta do Loureiro quando tinha 26 anos, devido ao falecimento de um membro da família, cuja casa era alugada e habitada por Cláudia. Natália foi residir para a Quinta do Loureiro, após o casamento, com a gravidez da sua primeira filha, há 19 anos, aos 22 anos. No entanto, das quatro mulheres, Natália é a única que concretizou, há cerca de três anos, uma nova transição residencial para fora da Quinta do Loureiro. Já Elsa é, de todas as entrevistadas, aquela que reside na Quinta do Loureiro há menos tempo, tendo completado essa transição habitacional há três anos, aos 46 anos, devido ao aparecimento de um conjunto de comorbilidades que a atiraram para uma situação de pobreza.

### ***Trajetos Ocupacionais***

No caso dos Trajetos Ocupacionais foram consideradas quatro fases distintas – Escolaridade, Emprego, Desemprego e Aposentação – que decorreram das entrevistas conduzidas.

Comparando as linhas de vida nos primeiros 22 anos, é possível observar a existência de uma fase de escolaridade, mais duradoura no caso das linhas de vida das mulheres mais novas – como Pandora (22 anos) e Cláudia (36 anos) – e mais curta no caso das linhas de vida das mulheres mais velhas – como Mafalda (73 anos), Silvina (80 anos) e Leonor (90 anos). Esses trajetos ocupados pela escolaridade são, na maioria dos casos, seguidos de um fase marcada pela entrada no mercado de trabalho que se faz de forma mais precoce nas vidas das mulheres mais velhas – tanto Silvina como Leonor começaram a trabalhar após a conclusão da 4.<sup>a</sup> classe, tinham 10 anos – e mais tardiamente no caso das mulheres

mais novas, como é o caso de Pandora que começou a trabalhar com 18 anos, depois ter concluído o Ensino Secundário, a única a completar este nível de ensino e a que entrou mais tardiamente no mercado laboral. Tais observações ultrapassam a realidade local, marcada por fenómenos de pobreza e exclusões social, sendo reflexo de dinâmicas macro sociais que, no caso das entrevistadas mais novas, resultam dos impactos a longo prazo da aplicação de políticas educativas de combate ao abandono e insucesso escolar implementadas na juventude das entrevistadas mais idosas.

A realidade local observa-se, no entanto, na quase totalidade das linhas de vida – na de Alana, Cláudia, Natália, Luana, Elsa, mas também nas de Mafalda, Silvina e Leonor – o percurso escolar é interrompido precocemente, antes da maioridade, seja ele seguido de uma transição precoce para o mercado de trabalho, quer seja marcado pelo início de situações de desemprego/desocupação. No caso de Alana e Mafalda, ambas empregadas como auxiliares de limpeza<sup>27</sup>, estas situações foram mais prolongadas no tempo – cerca de oito anos, respetivamente. Já no caso de Elsa e Natália constituíram-se como situações mais restritas no tempo – durante um e quatro anos, respetivamente.

Em algumas linhas de vida, as situações de término da etapa de escolaridade seguidas do início de situações de desemprego prendem-se, frequentemente, com eventos relacionados com os trajetos conjugais e de parentalidade precoces; um traço evidente nas vidas de Alana e Mafalda, mas também de Elsa.

Importa acrescentar que, no que respeita à escolaridade, apenas três das oito mulheres que interromperam precocemente o percurso escolar durante a adolescência, terminaram ou encontravam-se a terminar o grau de estudos que deixaram a meio já durante a vida adulta – Elsa terminou o 3.º Ciclo do Ensino Básico com 32 anos, 18 anos após a desistência, quando tinha 14 anos; bem como Natália que terminou o mesmo ciclo de estudo com 38 anos, 27 anos depois de ter interrompido os estudos, aos 11 anos; já Cláudia encontrava-se a terminar o Ensino Secundário aos 36 anos, cerca de duas década após a interrupção aos 16 anos. Curioso é notar que, no caso de Cláudia e Natália, esse retorno à escola é acompanhado por mudanças para empregos onde a estabilidade é maior.

Já no que compete ao emprego, importa, de igual modo, notar que se verificam, também, situações de sobreemprego<sup>28</sup> nas vidas de três mulheres – Cláudia, Luana e Elsa -, ainda que em diferentes momentos da escala de tempo biográfico. No caso de Cláudia e Elsa essas situações aconteceram mais tardiamente – aos 24 e 28 anos, respetivamente – associadas ao nascimento do filho de Cláudia e à situação de mobilidade habitacional desencadeada pelo falecimento de um membro da família; e ao

---

<sup>27</sup> A profissão de cada entrevistada foi considerada, no caso de a entrevistada estar empregada, como a profissão desempenhada atualmente e, no caso de a entrevistada estar desempregada ou reformada, a profissão na qual esteve empregada durante mais tempo.

<sup>28</sup> Por oposição à noção de Subemprego, é entendido como a situação em que um trabalhador trabalha mais horas do que as de um trabalho a tempo inteiro.

nascimento de um dos filhos de Elsa, sucedido pelo divórcio do seu primeiro marido. No caso de Luana, a situação de sobreemprego aconteceu aos 19 anos, também motivada pela necessidade de prestar apoio à família de origem.

### ***Trajeto Conjugal***

Os Trajetos Conjugais são aqueles onde os encontros e desencontros das linhas de vida das mulheres entrevistadas são mais evidentes, em função da dimensão de tempo biográfico, designadamente em gerações mais velhas, com mais de 70 anos; intermédias, com mais de 40 anos; e mais jovens, com menos de 40 anos – não obstante as limitações amostrais anteriormente apontadas. Para análise desta dimensão foram tidas em conta três fases de conjugalidade – o namoro, o casamento e a vida de solteira. Estas etapas são, ainda, completadas com eventos relativos à família de origem, mas também à família de destino das mesmas (como o nascimento de filhos ou divórcios).

As fases de vida em que as conjugalidades se começam a desenvolver na vida das mulheres entrevistadas acontecem tardiamente, por comparação às dinâmicas ocupacionais, de emprego e desemprego vividas, na maioria dos casos a partir dos 17 anos.

Nesse sentido, os trajetos das entrevistadas mais novas – Pandora, Alana e Cláudia – são distintos. Por um lado, no caso de Pandora e Cláudia, estes verificam-se ainda para além dos 17 anos – no caso de Pandora, com 22 anos, a conjugalidade não passa de um projeto; e, no caso de Cláudia, o principal projeto de conjugalidade aconteceu aos 28 anos, mas não se estendeu no tempo. Por outro lado, no caso de Alana, o trajeto conjugal foi iniciado precocemente, aos 14 anos, fruto da imposição da tradição cigana que a levou a manter um casamento durador, apesar de confirmar que, no momento da entrevista, se encontrava separada do marido.

A maioria das entrevistadas, nas faixas etárias mais velhas e intermédias, – Natália, Luana, Silvina e Leonor – apresenta um trajeto conjugal típico, iniciado pelo namoro na flor da adolescência, com uma duração média de quatro anos e seguido de um casamento duradouro.

Elsa e Mafalda apresentam trajetos conjugais que se afastam das tendências identificadas entre as mulheres nas faixas etárias mais novas – com conjugalidades dicotómicas – e das mulheres nas faixas etárias intermédias e mais velhas – com conjugalidades tradicionais. Os trajetos de ambas foram marcados por divórcios e recomposições familiares, com diferentes naturezas e durações.

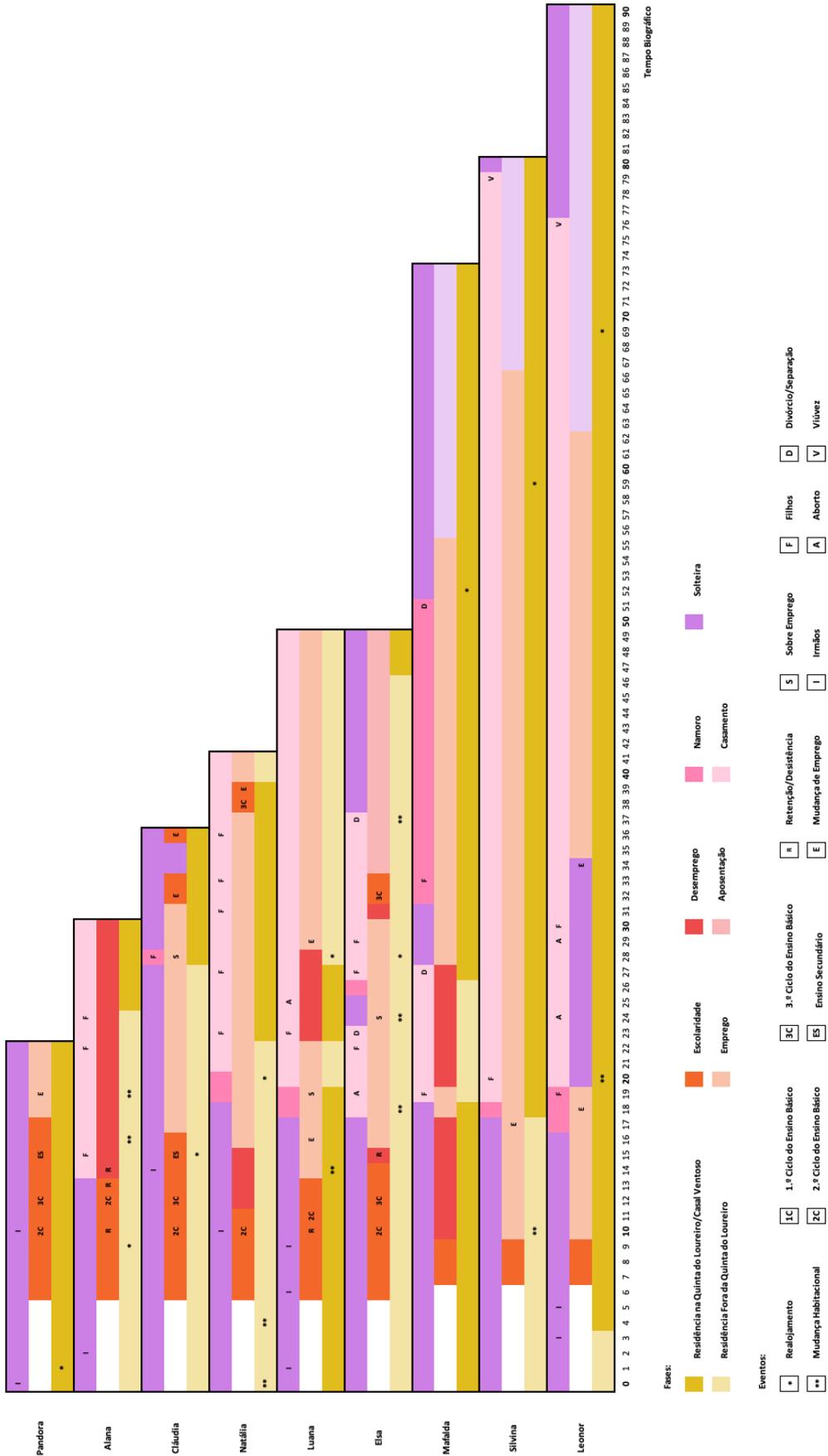
Elsa, por exemplo, iniciou o trajeto conjugal com 18 anos, através do casamento com o seu primeiro marido, relação da qual nasceu o seu primeiro filho, aos 22 anos. Aos 23 anos esse casamento acabou e dois anos depois do divórcio Elsa voltou a iniciar a sua vida conjugal com um namoro que durou um ano e precedeu um segundo casamento com a duração de 11 anos, terminando novamente em divórcio, quando Elsa tinha já 37 anos.

Mafalda teve um percurso semelhante. Casou aos 19 anos, no mesmo ano em que nasceu o seu primeiro filho e manteve-se nesse primeiro casamento durante oito anos, até aos 27 anos. Após um

período de quatro anos em que esteve solteira, Mafalda voltou a iniciar a sua vida conjugal com um namoro que durou cerca de 20 anos e que terminou em separação quando tinha 52 anos.

Neste aspeto, o peso da dimensão espacial, global e local, parece ter efeitos mais reduzidos nas biografias e identidades das mulheres entrevistadas, pois não é possível constatar uma regularidade entre início oficial da conjugalidade, através do casamento, e a saída do Bairro. Esse trajeto verifica-se, apenas, no caso de Natália, sendo que, olhando para os detalhes da sua história de vida, é um facto que se podemos atribuir à origem familiar do seu cônjuge. Nesse sentido, a dimensão espacial na composição dos trajetos conjugais surge, mais comumente entre as biografias das entrevistadas, quando a conjugalidade falha e estas mulheres são remetidas para situações de pobreza e posterior incerteza habitacional, que as fazem retornar ao Bairro onde cresceram ou enfrentar situação de pobreza nas quais a intervenção do estado é solicitada.

Figura 4: Análise Comparada de Linhas de Vida.



### 6.3. Aprofundar os (Des)Encontros Através dos Discursos

O exercício de construção das linhas de vida relevou-se profícuo na sistematização e visualização/apresentação da informação recolhida, permitindo avançar com a definição de dimensões de análise uniformes a tomar em consideração na observação não só dos trajetos biográficos das mulheres entrevistadas, mas também nos processos individuais de construção identitária, à luz de uma pesquisa que se constituiu, desde o início, indutiva/abdutiva. No entanto, avançar para o objetivo de compreensão, quer dos trajetos quer dos processos, envolveu o aprofundamento das dimensões empiricamente delimitadas, através da análise dos discursos das entrevistadas, que nos permitiram dar significado e compreender os elos entre fases e eventos que marcaram as respetivas linhas de vida, procurando responder a um novo questionamento, despoletados no decorrer da pesquisa, sobre **(Q3)** de que forma essas configurações biográficas se relacionam com o papel e condição feminina?

Para tal, decidimos aprofundar a análise temática das entrevistas - previamente conduzia por forma a “[desmembrar o] texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos (...) [de forma] rápida e eficaz na condição de se aplicar a discursos diretos (...) e simples” (Bardin, 2011 [1977]: 201) – comparando os discursos individuais com recurso ao *software* de análise de conteúdo MAXQDA<sup>29</sup>.

Nesse sentido, optamos por observar a associação dos temas relacionados com as dinâmicas de género – Desigualdades, Discriminação e Violência de Género e Mobilização Coletiva e Feminismo – que, apesar de terem uma menor expressão relativamente aos restantes códigos, permitem observar a interceção entre formas de expressão e de interpretação das identidades femininas, através da desigualdade de género em contexto tempo-espácio específicos.

Uma das principais elações que podemos retirar desta análise recai sobre a associação preponderante entre o código Visões sobre Condições, Papéis e Desigualdades e as questões da dinâmica trabalho-família, acerca da qual os discursos das entrevistadas traduzem um consenso sobre a ideia de progresso no que respeita à mudança dos papéis de género no espaço doméstico, ainda que prevaleça a memória sobre a desigualdade histórica de género nessa esfera da vida, bem como uma discriminação inversa que corrobora papéis de género tradicionais. Veja-se, por exemplo:

“Oh... Se fosse um homem trabalhava menos, em casa principalmente. É preciso os homens comecem a alinhar, mas agora já começam. Eles agora ajudam, estendem roupa, lavam roupa. É giro! O meu marido não estendia a roupa. Essas coisas ele não fazia, não, porque sabia que não era a ela que pertencia. Ele não queria que alguém o visse à janela [a estender a roupa] e se risse dele ‘Olha a gaja obriga-o a estender roupa!’ Antigamente isso acontecia, no geral.

---

<sup>29</sup> Um dos principais *outputs* que a utilização de ferramentas de análise deste tipo nos proporciona é a matriz de códigos, através da qual podemos observar a distribuição das intervenções das entrevistadas (anexo XI).

Eu gosto de ir à varanda e ver. Agora vê-se muitos homens a estender e a apanhar e a passar! Alguns também passam.”

Entrevista Silvina, 80 anos, Cozinheira/Reformada

Também associação entre as Visões sobre Condições, Papéis e Desigualdades e as questões da maternidade se destacam, sendo possível notar a intenção de transformação dos papéis de género tradicionais através da socialização primária, no seio da família, tanto no âmbito das práticas, como no dos valores de identidades. Tal ideia é clara, no discurso de Cláudia:

“(…) o meu filho desde sempre cresceu com as filhas da minha amiga e ele brinca com bonecas, fazem-lhe pinturas, ele faz pinturas. E as pessoas diziam-me, assim, ai ai o teu filho... E eu dizia ‘não, tu podes brincar com o que tu quiseres, isso não vai definir a tua sexualidade’. A mesma coisa com as tarefas, qualquer um pode fazer qualquer coisa. Isso para mim não é conversa. Eu acredito na geração do meu filho, daqui a vinte e muitos anos, que a sociedade vai ter mais essa visão.”

Entrevista Cláudia, 36 anos, Operadora de Caixa e Assistente de Limpeza

A visão progressista que, de um modo geral, as entrevistadas partilham acerca da Conciliação Trabalho-Família, divide-se no âmbito das questões da Violência, como é possível observar nos seguintes excertos:

“Se o assédio for considerado violência, sim [já sofri violência por ser mulher].”

“Uma mulher, eu não sei se já sentiu... Mas uma mulher é assediada. Há alturas que eu nem ligo, mas há outras que eu incomodo-me, porque há homens parvos, há homens porcos. Portanto sim, eu já me senti muito discriminada. E por isso os homens não passam.”

Entrevista Cláudia, 36 anos, Operadora de Caixa e Assistente de Limpeza

“(…) nunca experienciei um episódio de violência por ser mulher, mas acho que, sim, que é mais possível [existirem episódios de violência dirigidos a mulheres do que a homens]. Não acontece tanto ao contrário, eu acho que não. É a minha ideia. Sabe-se de mais casos [em que as mulheres são as vítimas].”

Entrevista Leonor, 90 anos, Costureira/Reformada

“[Acha mais provável esse tipo de situações acontecer a mulheres? Porquê?] Mais ou menos. Às vezes os homens também sobre esses tipos de violência. Os homens também podem viver esse tipo de situações. Tanto pode ser o homem a bater na mulher, como a mulher a bater no homem.”

Entrevista Pandora, 22 anos, Interventora Social

A este respeito é interessante observar esta divergência de opiniões por comparação à informação recolhida no âmbito do tema Mobilização Coletiva e Feminismo, em relação ao qual a displicência das entrevistadas é manifesta, sobretudo quando a questão se no contexto da comunidade na qual estão

inseridas, em particular quando questionadas acerca da capacidade, tanto individual como coletiva, de transformação da realidade social:

“Isso deve existir [alguma instituição de defesa dos direitos das mulheres], não existe? Há a APAV, mas isso é apoio à vítima. (...) Mas acho bem. Tudo o que for para ajudar, melhor. Mas conseguir enfiar na mente de uma pessoa que tem uma vida fácil, sem se esforçar, que pode ter outro tipo de vida, de outra maneira... Estamos a falar em sítios que, ou tu vives daquela maneira ou tu vives daquela maneira.”

“[O que acha que poderia ser feito, na sua comunidade e na sociedade, para promover a igualdade de género?] Na mente daquelas pessoas [do Bairro]? Dar-lhes um cheque chorudo todos os meses que eles começam a pensar na igualdade e a fazer as coisas como tu queres. Enquanto forem eles a bancarem, elas não vão fazer. Mais sincera eu não posso ser. Eu trabalho, sou independente, tenho o meu ordenado, tenho os meus rendimentos. Eu não preciso de nenhum homem a sustentar-me.”

Entrevista Natália, 41 anos, Assistente Operacional

“Eu acho que o Feminismo é uma coisa muito extremista. Por exemplo, para mim, não depilar é muito radical. Algumas coisas são muito levadas aos extremos e não há necessidade. Nós nem devíamos falar de igualdade em pleno século XXI. Devia ser uma coisa garantida. Mas concordo com a igualdade, o mesmo salário, sair à noite e sentir-se segura. Há sempre aqueles casos de mulheres violadas. Ser mulher já é sinal de insegurança.”

Entrevista Cláudia, 36 anos, Operadora de Caixa e Assistente de Limpeza

O paradoxo encontrado nos discursos, entre a realidade vivida - de desigualdade, discriminação e, em alguns casos, de violência – e a realidade percebida - de progresso no que respeita à mitigação das desigualdades e de igualdade plena entre mulheres e homens – é, inclusive, manifesta nas nuvens de palavras (anexo XII) que se destacam nas entrevistas no tema das Preocupações, de entre as quais não constam palavras relacionadas com estas questões. Por sua vez, as palavras que se destacam dizem, sobretudo, respeito a questões relacionadas com a família – as palavras “filhos” e “netos” são as que assumem maior peso nos discursos das entrevistadas relativamente às suas preocupações - mas também relacionadas com questões macrossociais, relacionadas com o país e com o Bairro, com impactos nas suas vidas individuais. Exemplo disso, são o surgimento de palavras como “governo”, “contas”, “problemas”, “futuro”, “incerto”, “medo”, “dinheiro”, “Portugal”, “droga”, sugerindo a influencia de fatores dos tempos e os espaços nas vidas e preocupações das entrevistadas, mas do que especificidades inerentes ao seu papel e condição enquanto mulheres.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa parte do questionamento acerca dos **(Q1)** fatores contribuem para a configuração das identidades femininas nas sociedades contemporâneas e **(Q2)** e de quais os impactos das transformações contextuais, decorrentes de mudanças tempo-espaciais, na formação e transformação dessas identidades. Na procura de respostas, definimos como hipótese de estudo que **(H0)** a formação e transformação das identidades resulta de processos de construção social, influenciados pelas especificidades dos contextos Tempo-Espaço. Assim, propusemo-nos a observar os processos de formação e transformação de identidades, seguindo uma estratégia de pesquisa indutiva/abdução, que permitisse conjugar uma teoria flexível com uma metodologia criativa (Nico, 2024), tomando como elemento empírico central o caso concreto das mulheres residentes na Quinta do Loureiro. Neste sentido, avançamos para a realização de uma pesquisa multimétodo que permitisse operacionalizar tanto a noção de Identidade, Pessoal e Social, como a de contexto Tempo-Espaço, recorrendo a métodos e técnicas de pesquisa de caráter iminente qualitativo, com recurso à condução de um Diário de Campo, pesquisa de bibliográfica e, sobretudo, condução de entrevistas em profundidade para o desenho de histórias e linhas de vida.

A presente pesquisa decorreu num período mais longo do que o inicialmente previsto - entre 2020 e 2024 – durante o qual se sentiram as mudanças próprias do contexto vivido. O seu início num momento já mais moderado da Pandemia de Covid -19 ficou marcado, do ponto de vista empírico, por uma maior reticência e intermitência das interações sociais estabelecidas com os atores no terreno. Ao mesmo tempo, este prolongamento da estadia no terreno acarretou a construção de relações sociais mais sólidas entre investigadora, entrevistadas e informadores privilegiados, que potenciaram uma maior abertura e acesso à realidade social em observação, numa fase posterior da pesquisa. Paralelamente, a descontinuidade da pesquisa no seu início permitiu, também, rever um conjunto de decisões inicialmente tomadas, tais como a adaptação linguística da pesquisa proposta, inicialmente concebida no quadro do Mestrado de Sociologia em Inglês. A estratégia de pesquisa, iminente qualitativa e ancorada no estudo de caso de uma realidade portuguesa, transformou essa ambição, com base na preocupação de perda de significado dos discursos apreendidos, reconhecendo os limites das pesquisas onde a língua de pesquisa e a língua de escrita não corresponde (Caetano, 2013).

A pesquisa inicialmente proposta foi, assim, moldada pelo trabalho intelectual realizado ao longo do processo de investigação, bem como pela observação direta da realidade desde o momento de entrada no terreno, reforçando a existência de múltiplos fatores que influenciam os processos de configuração das identidades. Por um lado, destacam-se os elementos ligados à construção das identidades femininas no plano macrossocial, focados em três dimensões específicas: Conciliação Trabalho-Família; Discriminação, Assédio e Violência; e Mobilização Coletiva Feminista. Por outro lado, são considerados os elementos que compõem os contextos micro sociais, em termos de tempo e espaço,

refletidos nos percursos biográficos genderizados que indicam a reprodução implícita de um papel e condição social específicos, alinhados com uma noção tradicional de identidade feminina. Paralelamente, as vidas femininas revelam também sinais de (trans)formações no contexto de tempo e espaço, operando de maneira implícita no quotidiano, tendências que sugerem a predominância de um Efeito de Lugar (Bourdieu, 2008 [1993]) de origem das entrevistadas que marca as suas biografias e identidades, num ato de reprodução de uma Cultura da Pobreza e incapacidade de ultrapassar uma situação estrutural de exclusão (Lewis, 1979).

No que respeita à análise comparada das linhas de vida construídas reconhecem-se, desde logo, algumas limitações que se prendem com a natureza da amostra utilizada, designadamente o facto de as mulheres entrevistadas pertencerem a gerações distintas. Apesar do conceito de Geração não estar consensualizado, este tem sido um termo utilizado nas pesquisas de carácter qualitativo focadas na compreensão dos processos de mudança social “(...) *as collective agents of change*” (Nilsen, 2014: 475). Pertencer a uma geração implica, por isso, uma combinação de fatores comuns, partilhados por diferentes indivíduos, nomeadamente o mesmo ano de nascimento e uma localização comum na dimensão histórica do processo social, esta última englobando uma dimensão física e social (Manheim, 1923 in Nilsen, 2014), sendo que estes fatores – de tempo e de espaço – acabam por ter pesos diferentes na observação da mudança social. Na prática, o conjunto de questões na génese da discussão do conceito de Geração parece ser o mesmo que se coloca na análise das linhas de vida desenhadas na tentativa de identificar os fatores, individuais e estruturais, por detrás das configurações biográficas e identitárias intra e inter gerações. Uma relação que fica por aprofundar. Ainda assim, foi possível chegar a algumas constatações através da observação dos diferentes trajetos nas linhas de vida construídas, que sugeriram a existência de desencontros, ilustrativos da singularidade identitária, expressa nas vidas das mulheres entrevistadas no que diz respeito, sobretudo, ao tempo (*Timing*) e à duração (*Duration*) das fases correspondentes às trajetórias residenciais, ocupacionais e conjugais. No entanto, existem também alguns pontos de encontro que se replicam na sequência das fases de vida (*Sequencing*) das entrevistadas, através da ocorrência de eventos comuns, sobretudo, associados a mudanças ocorridas no seio da família, seja ela a família de origem ou a família de destino; bem como uma interconexão entre os vários trajetos observados em cada linha de vida, catalisadores das mudanças ocorridas nas vidas individuais.

**No caso dos Trajetos Residenciais**, apesar de não ser possível observar um padrão uniforme nos tempos biográficos de transição habitacional para dentro e/ou para fora do Casal Ventoso/Quinta do Loureiro das entrevistadas, é possível verificar que essas mudanças habitacionais se devem a questões de desestruturação ou rutura familiar - como a prestação de cuidados a familiares (Luana); desentendimentos conjugais ou divórcios (Mafalda, Elsa, Natália, Alana); ou falecimentos (Cláudia) – que marcam uma (re)entrada no Casal Ventoso/Quinta do Loureiro.

Nos casos das entrevistadas cujas biografias são permeadas por momentos de saída e entrada do/s Bairro/s, os momentos de saída ocorrem mais cedo na escala de tempo biográfico, alavancados por situações matrimoniais nas quais as entrevistadas depositam uma expectativa de mobilidade social ascendente que, numa parte dos casos estudados (por exemplo, o de Luana) se concretiza sem romper a proximidade com a comunidade de origem, por via da preservação de relações sociais, sobretudo familiares, mas também laborais no espaço do Bairro abandonado. Os trajetos residenciais de entrada ou reentrada, tanto no Casal Ventoso como na Quinta do Loureiro, tendem a ocorrer mais tarde, fruto de situações de vulnerabilidade social relacionadas, na maioria dos casos, da degradação das condições económicas, motivadas por eventos de desestruturação ou rutura familiar, sendo que os trajetos residenciais da maioria das entrevistadas mais idosas (Silvina e Leonor) englobam, também, fenómenos de migração interna.

**No caso dos Trajetos Ocupacionais** é possível constatar um padrão de entrada precipitada no mercado de trabalho, comum a todas as mulheres entrevistadas, precedido pelo abandono precoce da escolaridade. Este tipo de fenómenos é típico das realidades sociais vividas em contexto espaciais cujas características socioeconómicas são marcadas pela coexistência de múltiplas vulnerabilidades, como é o caso da Quinta do Loureiro (Chave, 1999; Soares, 2010; Chaves e Pereira, 2019), lugar cuja história de construção sustenta a existência e manutenção de dinâmicas sociais como a pobreza, exclusão e marginalidade, assentes no facto de o processo de realojamento habitacional não ter sido acompanhado por políticas de carácter social (Guerra, 1994; Soares, 2010; Cachado, 2013).

Por outro lado, dinâmicas de desemprego e sobreemprego são ilustrativas da multiplicidade de perfis biográficos existentes, alicerçados sobre dinâmicas de precariedade (Carmo et al., 2023), sendo curioso notar que nas biografias que registaram situações de desemprego, estas surgem envolvidas em momentos de mutação familiar (nascimento dos primeiros filhos) e ocupacional (reprovação e/ou abandono escolar), desencadeando situações de fragilidade no qual as mulheres se voltam para a família e comunidade de origem, residente no/s Bairro/s.

**No caso dos Trajetos Conjugais**, à semelhança do que temos vindo a constatar, verifica-se uma Transição Antecipada para o casamento e para a maternidade, fenómeno que tem predominância em territórios marcados por características sociais coincidentes com maior vulnerabilidade (Guerreiro e Abrantes, 2007).

Para além disso, é nesta dimensão que se identificam mais objetivamente dois tipos de perfis, que não deixam de exibir elementos do contexto social e espacial de origem, ainda que de forma implícita. Por um lado, existe um perfil de mulheres nas faixas etárias mais novas marcado por diversidade no que compete aos trajetos conjugais, inclusive justapostas (solteiras, casadas e separadas), uma diversidade que assenta nos fenómenos da Modernidade, com a conquista e das liberdades femininas, mas também compatíveis com ideias de transições para a vida adulta inacabadas (Nico, 2011) no caso das

gerações mais jovens. Por outro lado, é de notar um perfil, maioritário, de mulheres nas faixas etárias intermédias e mais velhas, definido por uma certa homogeneidade conjugal, constituída por mulheres casadas ou em união de facto, reflexo de gerações cujas biografias foram permeadas por momentos históricos de transição na conquista da igualdade de direitos e oportunidade entre mulheres e homens, e que por isso incorporaram peso dos papéis tradicionais das mulheres nos processos de formação e transformação das suas identidades.

Embora a análise conduzida no quadro da presente pesquisa se consubstancie na observação descritiva e, por isso, exaustiva de uma determinada realidade social, bem como numa análise exploratória de uma problemática social específica, limitando a possibilidade de identificação de relações de inferência universais, os resultados empíricos reunidos não deixam de constituir *“the perfect type of sociological material”* (Thomas and Znaniecki, 1927: 1831-1833) por residir neles, nas histórias e linhas de vida, o legado das possibilidades (Nico, 2024).

Um das principais possibilidades de alargamento da pesquisa realizada prende-se com a perspetiva comparada dos processos de formação e transformação das identidades, sobretudo entre categorias de género, bem como dentro da mesma categoria feminina noutros contextos Tempo-Espaço, permitindo, assim, identificar continuidades e descontinuidades entre e dentro de categorias, os efeitos de eventuais combinações interseccionais mobilizadas e os seus respetivos pesos.

Outra curiosidade prende-se com a dimensão coletiva da identidade feminina, designadamente no que compete ao movimento feminista, em particular, entre mulheres de diferentes contextos sociais e geracionais. Os discursos observados sugerem a existência de uma dissonância entre realidade experiência e realidade percecionada, o que torna pertinente o questionamento do papel assume que movimentos sociais como o Feminismo assumem nos dias de hoje na sociedade e para as mulheres portuguesas.

## BIBLIOGRAFIA

- Abbott, A. (1995). Sequence analysis: New methods for old ideas. *Annual Review of Sociology*, 21, 93–113.
- Abbott, A. (1998). The causal devolution. *Sociological Methods & Research*, 27(2), 148–181.
- Aboim, S. (2020). COVID-19 e desigualdades de género: Uma perspetiva interseccional sobre os efeitos da pandemia. In R. M. do Carmo, I. Tavares, & A. F. Cândido (Eds.), *Um olhar sociológico sobre a crise Covid-19 em livro* (pp. 130-147). Observatório das Desigualdades, CIES-Iscte.
- Almeida, C. B. de. (2011). A prosopografia ou biografia coletiva: Limites, desafios e possibilidades. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho de 2011.
- Alves, P. C. (2021). Fenomenologia e teoria social. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, 21(1), 12–22. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2021.1.37315>.
- Amâncio, L. (1994). *Masculino e feminino: A construção social da diferença*. Edições Afrontamento.
- Arruzza, C., Bhattacharya, T., & Fraser, N. (2019). *Feminism for the 99 Percent: A manifesto*. Verso Books.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo* (1977). Edições 70.
- Barreno, M. I., Costa, M. V., & Horta, M. T. (Eds.). (2010). *Novas cartas portuguesas: Edição anotada. Dom Quixote*. (Original work published 1972).
- Basow, S. (1986). *Gender stereotypes: Traditions and alternatives*. Brooks/Cole Publishing Company.
- Beck, U., & Beck-Gernsheim, E. (1995). *The normal chaos of love*. Polity Press.
- Beck, Ulrich (2000 [1994]). Referência correta: Beck, U. (2000). A reinvenção da política e autodissolução e auto-ameaça da sociedade industrial: Que significa isto? Em U. Beck, A. Giddens, & S. Lash (Orgs.), *Modernização reflexiva: Política, tradição e estética na ordem social moderna* (pp. 1–51, 165–174). Oeiras: Celta Editora.
- Beck, U., & Beck-Gernsheim, E. (2006). *Individualization: Institutionalized individualism and its social and political consequences*. London: Sage Publications.
- Beck, Ulrich, Giddens, Anthony, Lash, Scott (2000). *Modernização reflexiva: política, tradição e estética no mundo moderno*. Oeiras: Celta Editora.
- Berger, P., & Luckmann, T. (1991). *The social construction of reality*. Harmondsworth: Penguin Books.
- Bernardi, L., Huinink, J., & Settersten, R. A. (2019). The life course cube: A tool for studying lives. *Advances in Life Course Research*, 41. <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1040260818301850>
- Bertaux, D. (2021). A utilização das narrativas de vida numa perspetiva socio-etnográfica. *Sociologia on-line*, 27, 11–30.

Bjerén, G. (Ed.). (1994). *Gender and education in a life perspective: Lessons from Scandinavia*. Avebury. Disponível em <https://archive.org/details/GenderAndEducationInALifePerspectiveLessonsFromScandinavia>.

Blumer, H. (1969). *Symbolic interactionism: Perspective and method*. Berkeley: University of California Press.

Bourdieu, P. (1983). *Sociologia*. São Paulo: Ática.

Bourdieu, P. (1986). L'illusion biographique. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 62-63, 69–72.

Bourdieu, P. (1990). *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense.

Bourdieu, P. (2002). *Esboço de uma teoria da prática: Precedido de três estudos de etnologia Cabila*. Oeiras: Celta Editora.

Bourdieu, Pierre (2008 [1993]). Efeitos de Lugar. In P. Bourdieu (Org.), *A miséria do mundo* (7ª ed., pp. 159-166). Petrópolis, RJ: Vozes.

Bourdieu, P. (2010). *A distinção: Uma crítica social da faculdade do juízo*. Lisboa: Edições 70.

Bourdieu, P. (2013). *A dominação masculina*. Relógio d'Água.

Bourdieu, P., & Wacquant, L. (1992). *Pierre Bourdieu avec Löïc Wacquant*. Paris: Seuil.

Bourdieu, Pierre (2003 [1979]). Referência correta: Bourdieu, P. (2003). *La distinction: Critique sociale du jugement*. Paris: Les Éditions de Minuit.

Burr, Vivien (2003). Referência correta: Burr, V. (2003). *Social constructionism* (2.ª ed.). Hove: Routledge.

Butler, J. (2006 [1990]). *Gender trouble* (2nd ed.). Routledge.

Butler, J. (2017). *Problemas de género – Feminismos e subversão da identidade*. Orfeu Negro.

Cachado, R. Á. (2013) “O Programa Especial de Realojamento. Ambiente histórico, político e social”, *Análise Social*, 206, xlviii (1.º).

Caetano, A. (2013). *Vidas refletidas*. Tese de doutoramento, Iscte-IUL.

Caetano, A. (2013). *Pensar a vida*. Lisboa: Mundos Sociais.

Caetano, A. (2018). O léxico das crises biográficas. *Análise Social*, 226, liii (1.º), 88-111.

Caetano, A., Pereira, A., Correia, S. B., & Nico, M. (2023). *De viva-voz: Ecos biográficos da sociedade portuguesa*. Tinta da China.

Campos, R., Brighenti, A. M., & Spinelli, L. (Eds.). (2011). *Uma cidade de imagens: Produções e consumos visuais no meio urbano*. Mundos Sociais.

Capucha, L. (1990). Associativismo e modos de vida num bairro de habitação social. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 8, 29–41. Disponível em <https://sociologiapp.iscte-iul.pt/pdfs/32/349.pdf>

Capucha, L. (2005). *Desafios da pobreza*. Celta.

Capucha, L. (2016). Modos de vida da pobreza revisitados. In F. L. Machado, N. A. Alves, & A. F. Costa (Eds.), *Sociologia e sociedade: Estudos de homenagem a João Ferreira de Almeida* (pp. 175–192). *Mundos Sociais*.

Carmo, R. M. do, Caleiras, J., Roque, I., & Assis, R. V. de (2023). *Mundo do trabalho a partir de baixo: Retratos e percursos*. Lisboa: *Mundos Sociais*.

Carvalho, J. E. (2014). *Campo de Ourique: A aldeia de Lisboa*. Quimera.

Casaca, S. F. (2010). A igualdade de género e a precarização do emprego. In *A igualdade de mulheres e homens no trabalho e no emprego em Portugal: Políticas e circunstâncias* (pp. 261-289). CITE.

Castells, M. (2002). *O poder da identidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Cera, M., Kaplan, G., Gerson, K., & Risman, B. (2024). A case of sticky gender? Persistence and change in the division of household labor during the COVID-19 pandemic. *Social Sciences*, 13(4), 182. Disponível em <https://doi.org/10.3390/socsci13040182>.

Cerqueira, C. (2020). Desigualdades de género em tempos de pandemia. *Communitas Think Tank – Ideias*. Disponível em <http://www.communitas.pt/ideia/desigualdades-de-genero-em-tempos-de-pandemia>.

Cerqueira, C., Taborda, C., & Pereira, A. S. (2023). #MeToo em Portugal: Uma análise temática do movimento através de artigos de opinião. *Cuadernos.info*, 55, 1-21. <https://doi.org/10.7764/cdi.55.57013>.

Charles, N. (2020 [1993]). Gender, politics and activism. In D. Richardson & V. Robinson (Eds.), *Introducing gender and women studies* (5th ed., pp. 40-57). Red Globe Press.

Chaves, M. (1999). *Casal Ventoso: Da gandaia ao narcotráfico: Marginalidade económica e dominação simbólica*. ICS.

Chaves, M. (2000). Dar à fuga. *Análise Social*, XXXIV (153), 893–893. Disponível em <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218801405Z3fQG1or8Vn49BZ0.pdf>.

Chaves, M., & Pereira, P. (2019). *Casal Ventoso revisitado: Memórias para imaginar um futuro*. Edições Húmus. ISBN: 978-989-755-432-2.

Coelho, L. (Coord.), Vieira, C. C., Lopes, M., Ribeiro, R., Ramos, L. M., & Heinzelmann, F. L. (2022). *Mulheres e homens em tempo de pandemia: Trabalho, rendimento, condições de vida, 2021*. *Arquivo Português de Informação Social*. APIS0090. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.20/2110>.

Costa, A. F. (2012). *Desigualdades sociais contemporâneas*. *Mundos Sociais*.

Crenshaw, K. (1989). Demarginalizing the intersection of race and sex: A Black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. *University of Chicago Legal Forum*, 1989(1), 139-167.

Crenshaw, K. (1989). Demarginalizing the intersection of race and sex: A Black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory, and antiracist politics. *The University of Chicago Legal Forum*, (140), 139–167.

Eichsteller, M. (2018). There is more than one way – A study of mixed analytical methods in biographical narrative research. *Contemporary Social Science*, 14(3–4), 447–462. Disponível em <https://doi.org/10.1080/21582041.2017.1417626>.

Elder-Vass, D. (2012). *The reality of social construction*. Cambridge: Cambridge University Press.

European Monitoring Centre for Drugs and Drug Addiction. (2021). *Impact of COVID-19 on drug markets, use, harms and drug services in the community and prisons: Results from an EMCDDA trendspotter study*. Publications Office of the European Union.

European Monitoring Centre for Drugs and Drug Addiction. (2022). *European drug report 2022: Trends and developments*. Publications Office of the European Union.

Fernandes, J. L. (1997). *Atores e territórios psicotrópicos: Etnografia das drogas numa periferia urbana*. Tese de Doutoramento. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Disponível em <https://hdl.handle.net/10216/18145>.

Fontes, B. C. (2019). A entrevista biográfica na sociologia. *Revista Sociais e Humanas*, 32(3). Disponível em [https://www.researchgate.net/publication/334939784\\_A\\_entrevista\\_biografica\\_na\\_sociologia](https://www.researchgate.net/publication/334939784_A_entrevista_biografica_na_sociologia).

Giddens, A. (1979). Agency, structure. Em *Central problems in social theory: Action, structure and contradiction in social analysis* (pp. 49–95). Cambridge: Polity Press.

Giddens, Anthony (1992). *As consequências da modernidade*. Oeiras: Celta Editora.

Giddens, A. (2008). *Sociologia* (5.ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Giddens, A., & Sutton, P. W. (2015). *Conceitos essenciais da sociologia*. São Paulo: Editora Unesp Digital.

Glaser, B., & Strauss, A. (1967). *The discovery of grounded theory: Strategies for qualitative research*. Chicago: Aldine.

Goffman, E. (1977). The arrangement between the sexes. *Theory and Society*, 4(3), 301–331. Disponível em <https://doi.org/10.1007/BF00206983>.

Gomes, R., Cerdeira, L., Teixeira Lopes, J., Vaz, H., Brites, R., Cabrito, B., Machado-Taylor, M. L., Magalhães, D., Patrocínio, T., Peixoto, P., Ganga, R., & Silva, S. (2014). *Retratos Sociológicos: Orientações Gerais*. Disponível em <https://doi.org/10.13140/RG.2.2.30278.68165>.

Guerra, I. (1994). “As pessoas não são coisas que se ponham em gavetas”. *Sociedade e Território – Revista de Estudos Urbanos e Regionais*, 20, 11–16. Edições Afrontamento.

Guerreiro, Maria das Dores e Abrantes, Pedro (2007). *Transições incertas. Os jovens perante o trabalho e a família*. Estudos, Comissão para a igualdade de género no trabalho e no emprego, Lisboa.

Guimarães, E. (1991). *Sete décadas de feminismo*. Comissão para a Igualdade e Direitos das Mulheres.

Gutiérrez-García, A. I., Solano-Ruíz, C., Siles-González, J., & Perpiñá-Galvañ, J. (2021). Life histories and lifelines: A methodological symbiosis for the study of female genital mutilation. *International Journal of Qualitative Methods*, 20. Disponível em <https://doi.org/10.1177/16094069211013118>.

Hacking, I. (1999). *The social construction of what?* Harvard University Press.

Hammersley, M., & Gomm, R. (2000). Introduction: What is case study research? In R. Gomm, M. Hammersley, & P. Foster (Eds.), *The case study method: Key issues, key texts* (pp. 1–16). Sage.

Harutyunyan, G. (2022). Researching social movements: Methodological choice. *Journal of Sociology: Bulletin of Yerevan University*, 13(1), 55–65. <https://doi.org/10.46991/BYSU:F/2022.13.1.055>. <https://ysu.am>.

Hjelm, T. (2014). *Social constructionisms: Approaches to the study of the human world*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.

Júnior, P. L., & Massi, L. (2015). Retratos sociológicos: Uma metodologia de investigação para a pesquisa em educação. *Ciência & Educação*, 21(3), 559–574. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1516-731320150030003>.

Lahire, B. (2001). *O homem plural: As molas da ação*. Lisboa: Instituto Piaget.

Lahire, B. (2002). *Retratos Sociológicos: Disposições e variações individuais*. ARTMED.

Lash, S. (2000). A reflexividade e os seus duplos e sistemas periciais ou interpretação situada? *Cultura e instituições no capitalismo desorganizado*. Em U. Beck, A. Giddens, & S. Lash (Orgs.), *Modernização reflexiva: Política, tradição e estética na ordem social moderna* (pp. 105–164, 187–204). Oeiras: Celta Editora.

Lewis, O. (1979). *Os filhos de Sanchez* (1961). Moraes.

Liao, T. F., Bolano, D., Brzinsky-Fay, C., Cornwell, B., Fasang, A. E., Helske, S., Piccarreta, R., Raab, M., Ritschard, G., Struffolino, E., & Studer, M. (2022). Sequence analysis: Its past, present, and future. *Social Science Research*, 107, 102772. <https://doi.org/10.1016/j.ssresearch.2022.102772>.

Maalouf, A. (1998). *Identidades assassinas* (2.ª ed.). Algés: Difusão Editorial S.A.

Machado Pais, J. (2001 [2016]). *Ganchos, tachos e biscates: Jovens, trabalho e futuro*. Edições Machado. Disponível em [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/24070/1/ICS\\_JMPais\\_Ganchos.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/24070/1/ICS_JMPais_Ganchos.pdf).

Massey, D., & McDowell, L. (Eds.). (1984). A women's place? In D. Massey & J. Allen (Eds.), *Geography matters! A reader* (pp. 128-147). Cambridge University Press.

Mata, S. (2023). *Atores do pó na idade da pedra: Uma cenografia urbana das drogas*. Outro Modo Cooperativa Cultural.

Mauss, Marcel (2003 [1923-1924]). Referência correta: Mauss, M. (2003). *Ensaio sobre a dádiva: Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas*. Em *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Companhia das Letras.

- Mead, G. H. (1934). *Mind, self and society*. Chicago, IL: The University of Chicago Press.
- Menezes, M. (2015). A intervenção em áreas habitacionais de promoção pública: Revisitando algumas experiências. *Revista Libertas*, 15(2), 5–26. Disponível em <https://periodicos.ufjf.br/index.php/libertas/article/view/18447>.
- Mills, C. W. (2000 [1959]). *The sociological imagination*. Oxford University Press.
- Ministério do Planeamento, Direção Geral do Planeamento Regional. (2001). Programa de Iniciativa Comunitária URBAN II Lisboa: Vale de Alcântara. Disponível em <http://www.ccdr-lvt.pt/09/livros/d2003gif/D2003-003.html>.
- Monteiro, A. A. (2019). *Compreender a exclusão social*. Mundos Sociais.
- Mortimer, J. T., & Shanahan, M. J. (2002). Handbook of the life course. In J. T. Mortimer & M. J. Shanahan (Eds.), *The emergence and development of life course theory* (pp. 3–19). Springer.
- Nico, M. (2001). *A reprodução da identidade circense: Estudo de uma companhia de circo itinerante em Portugal*. Tese de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- Nico, M. (2012). *Viragem e ilusão biográficas: Estratégias metodológicas alternativas para abordar a reflexividade e a temporalidade*. Trabalho apresentado na Secção Teorias e Metodologias, Congresso APS 2012, Porto.
- Nico, Magda (2024). *Para não perder de vista o tempo. A perspetiva crítica, teórica e metodológica do curso de vida*. Workshop LIM (Laboratório de Inovação Metodológica), CIES-Iscte, 30 de abril 2024.
- Nilsen, A. (1994). Life-lines: A methodological approach. In G. Bjerén & I. Elgqvist-Saltzman (Eds.), *Gender and education in a life perspective: Lessons from Scandinavia* (pp. 15–30). Avebury. Disponível em <https://archive.org/details/GenderAndEducationInALifePerspectiveLessonsFromScandinavia>.
- Nilsen, A. (1998). Jovens para sempre? Uma perspetiva da individualização centrada nos trajetos de vida. *Sociologia - Problemas e Práticas*, 27, 59–78.
- Nilsen, A. (2014). Cohort and generation: Concepts in studies of social change from a life course perspective. *Families, Relationships and Societies*, 3(3), 475–479. Disponível em <https://doi.org/10.1332/204674314X14110459685627>.
- Nilsen, A. (2014). Cohort and generation: Concepts in studies of social change from a life-course perspective. *Families, Relationships and Societies*, 3(3), 475–479. <https://doi.org/10.1332/204674314X14110459685627>
- Nilsen, A. (2023). *Biographical life course research: Studying the biography-history dynamic*. Palgrave Macmillan. Disponível em <https://archive.org/details/BiographicalLifeCourseResearch-StudyingTheBiography-HistoryDynamic>.
- Nilsen, A. (2023). *Biographical life course research: Studying the biography-history dynamic*. Palgrave Macmillan. Disponível em [https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-031-44717-4\\_7](https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-031-44717-4_7).

Nilsen, A., & Brannen, J. (2009). The use of mixed methods in biographical research. In A. Tashakkori & C. Teddlie (Eds.), *The handbook of mixed methods research* (pp. 547–565). Sage.

Nilsen, A., & Brannen, J. (2010). The use of mixed methods in biographical research. Em A. Tashakkori & C. Teddlie (Eds.), *The handbook of mixed methods research* (pp. 677–696). Thousand Oaks, CA: Sage.

Nilsen, A., Brannen, J., & Lewis, S. (2013). Transitions to parenthood in Europe: A comparative life course perspective. In *Methodological approaches, practices and reflections* (pp. 27–40). Polity Press.

Nilsen, A., Brannen, J., & Lewis, S. (Eds.). (2013). *Transitions to parenthood in Europe: A comparative life course perspective*. Policy Press.

Nunes, S. (2023). Dinâmicas sociográficas do emprego na administração pública. *Números em Análise*, 4, CoLABOR. Disponível em <https://doi.org/10.5281/zenodo.10362350>.

Oakley, A. (1972). *Sex, gender and society*. Harper & Row.

Oliveira Marques, A. H. (2018 [1997]). *Brevíssima história de Portugal* (Rev. ed.). Tinta da China.

OMA-UMAR. (2022). Relatório anual de 2021 sobre as mulheres assassinadas em Portugal. UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta. Disponível em <http://www.umarfeminismos.org/>.

Pérez, C. C. (2019). *Invisible women*. Vintage.

Perista, H., Cardoso, A., Brázia, A., Abrantes, M., & Perista, P. (2016). Os usos do tempo de homens e de mulheres em Portugal. CESIS – Centro de Estudos para a Intervenção Social & CITE – Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.

Perista, H., Perista, P., Rêgo, M. C. C., & Kitterød, R. H. (2022). O valor do trabalho não pago de mulheres e de homens: Trabalho de cuidado e tarefas domésticas. CESIS – Centro de Estudos para a Intervenção Social.

Perrot, M., Duby, G., Fraise, G., Godineau, D., & Thébaud, F. (Eds.). (1994). *História das mulheres: O século XIX* (Vol. 4). Edições Afrontamento.

Perrot, M., Duby, G., Fraise, G., Godineau, D., & Thébaud, F. (Eds.). (1995). *História das mulheres: O século XX* (Vol. 5). Edições Afrontamento.

Pina Cabral, J. de, & Pedroso de Lima, A. (2005). Como fazer uma história da família: Um exercício de contextualização social. *Etnográfica*, 9(2), 355–388.

Pinto, T. C. (1994). “A apropriação do espaço em bairros sociais: O gosto pela casa e o desgosto pelo bairro”. *Sociedade e Território – Revista de Estudos Urbanos e Regionais*, 20, 36–43. Edições Afrontamento.

Poirier, J., & Raybaut, S. P. (1995). *Histórias de vida: Teoria e prática*. Celta.

Quivy, R., & Van Campenhoudt, L. (2005). *Manual de investigação em ciências sociais*. Gradiva.

Ramos, R. M. P., Pita, V. T. S., & Ferreira, A. P. V. (2022). Entre a perceção e a realidade: Glass ceiling na elite administrativa em Portugal. *Revista Estudos Feministas*, 30(2), e76663.

Rawls, A. (2000). Harold Garfinkel. Em G. Ritzer (Org.), *The Blackwell companion to major contemporary social theorists* (pp. 122–153). Oxford: Blackwell.

Riviére, C. (2007). *Introdução à antropologia*. Edições 70.

Rodgers, D. (2019). *Drug booms and busts: Poverty and prosperity in a Nicaraguan narco-barrio*. Routledge. Disponível em <https://www.taylorfrancis.com/chapters/oa-edit/10.4324/9780429451324-8/drug-booms-busts-poverty-prosperity-nicaraguan-narco-barrio-dennis-rodgers>.

Saigner, L., & Morel, A. (2019). *As mulheres e Portugal, hoje: Quem são, o que pensam e como se sentem*. Fundação Francisco Manuel dos Santos. <https://www.ffms.pt/publicacoes/as-mulheres-em-portugal-hoje>.

Santos, C. (2015). Habitação social, vulnerabilidade social e serviço social: Um ensaio sobre o fracasso da mudança social nos bairros sociais. *Revista Libertas*, 15(1), 30–48. Disponível em <https://www.rcaap.pt/detail.jsp?locale=pt&id=oai:periodicos.ufjf.br:article/18313>.

Santos, M. H. (2015). Da origem do feminismo ao feminismo plural, do mundo a Portugal. In P. Gomes, D. Diniz, M. H. Santos, & R. Diogo (Eds.), *O que é o feminismo?* (pp. 61-83). Escolar Editora.

Searle, John (1995). Referência correta: Searle, J. (1995). *The social construction of reality*. London: Allen Lane.

Seidman, S. (2003). *The social construction of sexuality*. W.W. Norton.

Seixas, J. (2021). *Lisboa em metamorfose*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências, Direção de Serviços de Monitorização e Informação / Divisão de Estatística e Investigação. (2023). *Relatório anual 2022. A situação do país em matéria de drogas e toxicodependências. Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências*. Disponível em [https://www.sicad.pt/PT/Publicacoes/Paginas/detalhe.aspx?itemId=192&lista=SICAD\\_PUBLICACOES&bkUrl=BK/Publicacoes/](https://www.sicad.pt/PT/Publicacoes/Paginas/detalhe.aspx?itemId=192&lista=SICAD_PUBLICACOES&bkUrl=BK/Publicacoes/).

Setton, M. G. J. (2002). A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: Uma leitura contemporânea. *Revista Brasileira de Educação*, (20), 5–18. Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação.

Silva, P. A., Carmo, R. M., Cantante, F., Cruz, C. M., Estêvão, P., Manso, L., & Pereira, T. S. (2020). Trabalho e desigualdades no Grande Confinamento (I): Perdas de rendimento e transição para o teletrabalho. *Estudos CoLABOR*, 2.

Silva, P. A., Carmo, R. M., Cantante, F., Cruz, C. M., Estêvão, P., Manso, L., Pereira, T. S., & Lamelas, F. (2020). Trabalho e desigualdades no Grande Confinamento (II): Desemprego, layoff e adaptação ao teletrabalho. *Estudos CoLABOR*, 3.

Sistema de Segurança Interna. (2023). RASI. Relatório anual de segurança interna. XXIV Governo Constitucional. Disponível em <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc22/areas-de-governo/seguranca-interna>.

- Soares, L. (2010). Descendo a encosta do Casal Ventoso para a Quinta do Loureiro: Impactes sentidos pelos residentes ao nível da sua inserção profissional e redes sociais, após o realojamento. Tese de Mestrado, Iscte-IUL. Disponível em <http://hdl.handle.net/10071/3868>.
- Tavares, M. (2011). *Feminismos: Percursos e desafios (1947-2007)*. Texto Editores.
- Tavares, M., Bento, A., & Magalhães, M. (2004). Feminismos e movimentos sociais em tempos de globalização: O caso da MMM. In *Anais do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais* (pp. 1-10). Coimbra. Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/70242/2/88149.pdf>.
- Therborn, G. (2006). *Inequalities of the world: New theoretical frameworks, multiple empirical approaches*. Verso.
- Therborn, G. (2013). *The killing fields of inequality*. Polity Press.
- Therborn, Goran (2006). Referência correta: Therborn, G. (2006). *Inequalities of the world: New theoretical frameworks, multiple empirical approaches*. London: Verso.
- Torres, A. (2002). A sociologia da família, questão feminina e o género. *Revista da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres*, 6, 117-145.
- Torres, A. (2002). *Sociologia do casamento: A família e a questão feminina*. Celta.
- Torres, A. (2010). *Mudanças na família: O privado na agenda pública. Provas de Agregação em Sociologia*, Iscte-IUL.
- Torres, A. (Coord.). (2018). *Género e idades da vida: Educação, trabalho, família e condições de vida em Portugal e na Europa*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Torres, A., Sant'ana, I., & Maciel, D. (Eds.). (2015). *Estudos de género numa perspetiva interdisciplinar*. *Mundos Sociais*.
- UMAR. (2022). *Relatório sobre violência sexual em Portugal: Os casos noticiados na imprensa nacional em 2021*. UMAR - União de Mulheres Alternativa e Resposta. Disponível em <http://www.umarfeminismos.org/>.
- Vicente, L. (2019). *Feminismo de A a Z*. Objectiva.
- Walters, M. (2005). *Feminism: A very short introduction*. Oxford University Press.
- West, Candace, & Zimmerman, Don H. (1987). Referência correta: West, C., & Zimmerman, D. H. (1987). Doing gender. *Gender and Society*, 1(2), 125–151. Disponível em <https://doi.org/10.1177/0891243287001002002>.
- Ylikoski, P. (2016). *Thinking the Coleman's boat*. Institute for Analytical Sociology, Linköping University. University of Helsinki.

## ANEXOS

### Anexo I: O(s) Tempo(s) das Identidades Femininas.

A preocupação com a dimensão contextual assumida pela presente pesquisa obrigou, como vimos anteriormente, à delimitação de um contexto tempo-espaço para análise dos processos de formação de transformação das identidades, que se fez através da identificação de um território de análise e de uma população alvo, do sexo feminino. Nesse sentido, torna-se pertinente tecer algumas considerações acerca do Género, enquanto fenómeno socialmente construído, e a sua relação com as questões identitárias, traduzindo a lógica abduativa por detrás da incorporação da dimensão do género como componente fundamental da pesquisa.

#### I.I. Do Género à Identidade de Género

Em primeiro lugar, importa distinguir dois conceitos, frequentemente utilizados de forma intercambiável na discussão de questões relacionadas com as categorias e as identidades de género – o Sexo e o Género.

O **conceito de Sexo** corresponde a um marcador físico referente à anatomia reprodutiva, biologicamente determinada, com correspondência a categorias legais, socialmente construídas e atribuídas à nascença (Oakley, 1972). Objetivamente, o conceito de Sexo manifesta-se nas características físicas e fisiológicas de uma pessoa - nos seus órgãos, hormonas, cromossomas – que variam entre categorias biológicas - fêmea (do sexo feminino, uma pessoa com uma vulva, ovários e cromossomas XX); macho (do sexo masculino, uma pessoa com um pénis, testículos e cromossomas XY); e intersexo (uma pessoa com características fisiológicas que não se encaixam nas definições típicas de sexo feminino ou masculino)<sup>30</sup>.

A construção do **conceito de Género** parte deste facto observável, que se constitui como ponto de partida para a construção de normas sociais, determinantes do que é o feminino/feminilidade e o masculino/masculinidade, através da reificação de formas de socialização correspondentes a um conjunto de características físicas e comportamentos esperados (Connell, 1987). Apesar de partir de um facto biológico, o Género resulta do fenómeno de expressão de papéis sociais – papéis de género femininos, associados ao sexo feminino; papéis de género masculinos, associados ao sexo masculino; e ainda, papéis de género andrógenos, associados a pessoas não binárias, isto é, que independentemente do seu Sexo, não se identificam com os papéis de género binários, que variam entre feminino e masculino. O Género assume, assim, o carácter de construção social e cultural, assente

---

<sup>30</sup> O termo Intersexo, utilizado para descrever organismos que possuem, simultaneamente, características fisiológicas femininas e masculinas, surge em substituição do termo Hermafrodita, tradicionalmente utilizado para descrever pessoas nascidas com esta condição, associado a conotações históricas negativas, relacionadas com a ideia de variações fisiológicas anómalas ou defeituosas. Segundo associações LGBTQI+ (como a ILGA) e organizações de defesa dos Direitos Humanos (como as Nações Unidas) a alteração deste conceito prevê, assim, promover a aceitação e compreensão da diversidade humana e a não perpetuação de estigmas.

sobre concepções e representações que edificam diferenças biológicas, mas que são suscetíveis a mudanças normativas, de valores e, portanto, de modelos socialmente produzidos e reproduzidos em torno do que é ser mulher ou ser homem (Mead, 1935).

O confronto entre os conceitos de Sexo e Género resulta numa outra noção que importa clarificar e que se prende com o **conceito de Identidade de Género**. Se o conceito de Sexo sistematiza os factos físicos e fisiológicos que resultam em formas de expressão social normativas, constitutivas do conceito de Género; o conceito de Identidade de Género descreve à forma como os indivíduos autopercecionam o que ao seu Sexo e Género diz respeito (Killerman, 2011). Esta perceção pode encaixar nas categorias sexuais e de género tradicionais, feminino/mulher ou masculino/homem, ou numa terceira forma de Identidade Género fluida, tipicamente denominada *genderqueer*, que se posiciona entre as categorias mulher e homem (idem).

Nesta pesquisa, para compreensão dos processos de formação e transformação de identidades de mulheres, tomamos em conta os processos de construção social do Género e da Identidade de Género.

### ***Género Enquanto Construção Social***

As noções mobilizadas para a definição de Identidade de Género acompanham a lógica seguida na proposta de uma tipologia de processos de formação e transformação de identidades que, como vimos no primeiro capítulo, envolve uma componente focada na expressão identitária (as Identidades Pessoais) e outra focada na interpretação identitária (as Identidades Sociais); a primeira associada ao conceito de Identidade de Género e a segunda ao conceito de Género, ainda que registadas na realidade social como fenómenos dialéticos e intermutáveis, assentes sobre processos de interação social (Identidades Partilhadas). Importa, portanto, aprofundar o que nos dizem os contributos da Sociologia acerca do Género e da Identidade de Género enquanto construções sociais, socialmente formados e transformados para melhor compreender os processos de formação e transformação das identidades, igualmente, como fenómenos socialmente construídos.

A visão naturalizada de pertença biológica a um sexo – fêmea ou macho – e a sua correspondência ao “respetivo” género – feminino ou masculino – foi, ao longo de largos séculos, dominante. No entanto, os processos de mudança social acionados no final do século XX vieram introduzir questionamentos e alterações que confluíram no entendimento atual acerca das questões de Género e da Identidade de Género, passando a ter em conta a dimensão histórica e cultural deste fenómeno (Beauvoir, 1949/1954; Stoller, 1968; Oakley, 1972). O facto de o Sexo – os órgãos, as hormonas e cromossomas – estar escondido no desenrolar da vida social, colocou a tónica da construção social no Género – formas de expressão genderizadas. Esta visão performativa do Género, associado ao Sexo, contribuiu para a sua construção enquanto facto social (Butler, 2017), através da indexação social das expectativas normativas, exteriores a um determinado individuo, às exibições de género desse mesmo individuo. Neste sentido:

*“Gender ought not to be conceived merely as the cultural inscription of meaning on a pre-given sex (a juridical conception); gender must also designate the very apparatus of production whereby the sexes themselves are established. (...) The production of sex as pre-discursive ought to be understood as the effect of the apparatus of cultural construction designated by gender.”*

Butler, 2006: 10

O Género, enquanto resultado de construções sociais assentes em crenças culturais que estabelecem a diferenças entre sexos, através da determinação de normas comportamentais e sistemas de práticas, é, assim, um fenómeno produzido e reproduzido ao longo do tempo, suscetível às mudanças e transformações sociais que ocorrem no tempo e no espaço.

A natureza construível e mutável do fenómeno de Género tem vindo a ser um dos objetos de estudo mais trabalhados pelos teóricos construtivistas, da Sociologia contemporânea, como é o caso do sociólogo americano S. Seidman (2003) que concebe o processo de formação de categorias sexuais como determinante para definição da Identidade de Género. Partindo da noção de *Interactive Kinds*, proposta por I. Hacking (1991)<sup>31</sup>, S. Seidman afirma que as categorias sexuais são formas de tipificação em sociedade, assentes sobre ações performativas de género, a partir das quais os indivíduos escolhem e moldam as suas Identidade de Género. Esta visão do fenómeno de Género acaba por colocar a tónica dos processos de formação das identidades de género na capacidade de escolha individual. Isto é, numa perspetiva agencialista dos factos sociais, distinguindo-se de outras perspetivas que conjugam os efeitos da Agência e da Estrutura. Exemplo dessa perspetiva, é a proposta do construtivismo político-social de S. de Beauvoir, que incorpora uma maior complexidade dos processos de formação e transformação das identidades de género. Pois, apesar de reconhecer a dimensão interpretativa e reflexiva que subjaz estes processos ao nível individual, não descarta a existência de condicionantes políticas e sociais ao nível estrutural, através das quais as categorias sexuais e as identidades de género se formam (e transformam)<sup>32</sup>. De Beauvoir defende a existência de um efeito de Agência, mas também vê a sociedade como modeladora dos indivíduos, neste caso, através da definição de condições e papéis sociais de género. Assim, a filósofa e feminista francesa, procura articular Estrutura e Agência na sua análise os processos de construção social do Género, centrando-se sobre a interação política entre a condição das mulheres (Estrutura) e a sua capacidade de emancipação (Agência).

Uma outra visão relevante é a de P. Bourdieu, que interpreta o género como parte integrante do *Habitus*. Para o sociólogo francês há um *Habitus* de género, pois a determinação de categoria e papéis sociais socializam os indivíduos para serem mulheres ou homens, reconhecendo assim o efeito da

---

<sup>31</sup> *Interactive Kinds* são concebidos, por I. Hacking, como categorias que “loop back, interact with, and alter the individual and the types of behaviour to which they apply” (Hacking, 1991: 153).

<sup>32</sup> A este propósito, ver [Simone de Beauvoir on Feminism](#) (1967).

Estrutura nos processos de formação e transformação das identidades de género (Bourdieu, 2013). A reprodução dos papéis e condições de género tradicionais, assentes sobre categorias sexuais binárias, são, nesta perspetiva, perpetuadas pelo *Habitus*. Não obstante, esta visão mais estruturalista dos processos de formação e transformação das identidades de género, menospreza a capacidade a agência dos indivíduos para refletir (e reproduzir ou transformar) os papéis e condições sociais inerentes a cada categoria de género, bem como os contextos mais ou menos favoráveis a essa reprodução ou transformação estrutural.

### ***Papéis e Condições Sociais de Género***

O Género e a Identidade de Género enquanto fenómenos socialmente contruídos derivam, assim, de características atribuída à nascença, mas passíveis de serem negociadas ao longo da vida, quer do ponto de vista estrutural quer do ponto de vista individual, na medida em que os significados que lhes estão inerentes são mutáveis. Estes significados compõem aquilo que se entende por Papéis de Sociais ou Papéis Sociais de Género, com influência na determinação de Condições Sociais, também elas, associadas a diferentes categorias de género/sexuais.

Os Papéis de Género referem-se às expetativas e comportamentos atribuídos a um indivíduo em função da categoria de sexual que lhe é atribuída, de acordo com o seu Sexo, podendo variar conforme o contexto histórico e social:

“Conjunto de normas de ação e comportamento, tradicionalmente atribuídas a homens e mulheres e classificadas, respetivamente, por masculinas e por femininas. Os papéis de género aprendem-se através de processos de socialização e podem alterar-se não sendo, por isso, fixos.”

Comissão Europeia, 1998: 41

Enquanto os Papéis Sociais de Género derivam de um ponto de partida comportamental – as formas de agir, características e habilidades que se espera que um indivíduo de determinado género possua, determinando a sua ação em todas as esferas da vida social (na família, no trabalho, na escola, etc.) – as Condições Sociais, associada a Papéis de Género, assume uma natureza relacional. Esta parte da posição de um indivíduo na estrutura social, determinada em função dos fatores sexo/género, influenciando o acesso desse indivíduo a determinados recursos e oportunidades, desta forma condicionando, positiva ou negativamente, a sua mobilidade social.

Em suma, os Papeis Sociais são determinados por normais e expetativas sociais e culturais, impactando a forma como os indivíduos se comportam e interagem em diferentes contextos sociais; e as Condições Sociais são determinadas por relações hierárquicas de poder, condicionando o acesso a recursos e oportunidades. Neste sentido, o Papel Social de Género corresponde às expetativas relativas a cada indivíduo consoante o seu género/sexo, com efeitos sobre comportamentos e formas

de interação social; e a Condição Social de Género, corresponde à posição relativa de cada indivíduo, de acordo com o seu género/sexo, influenciando o acesso a recursos, oportunidades e direitos.

Esta distinção de género no quadro dos Papéis Sociais imprime, assim, normas de conduta reificadas em Condições Sociais, que frequentemente prejudicam a vida das pessoas que se afastam das visões dominantes e normativas de masculinidade e feminilidade, consubstanciando-se em estereótipos de género, fruto de uma leitura redutora da realidade geradora de fenómenos de desigualdade, discriminação e violência de género.

### **I.II. Desigualdades, Discriminação e Violência de Género**

Ao serem resultado de construções sociais históricas, a definição de categorias sexuais, com equivalência em categorias de género, reificadas em Papéis Sociais de Género é frequentemente utilizada para justificar fenómenos de desigualdade, discriminação e violência. O perfeito exemplo de uma problemática sociológica que é, simultaneamente, um problema social premente, tendo constituído um dos principais objetos de estudo da Sociologia contemporânea (Torres, Sant'ana e Maciel, 2015).

Algumas abordagens mais preocupadas com a análise descritiva dos factos sociais - como a da autora como S. Bwason (1986), no quadro internacional; e L. Amâncio (1994), a nível nacional - têm procurado estudar a forma como relação entre indivíduo e sociedade molda o Género e a Identidade de Género. Na obra *“Gender Stereotypes. Traditions and Alternatives”* (1986), S. Bwason discute a ideia de estereótipos de género, identificando quatro tipos de estereótipos, expressos através de características físicas, papéis sociais e atividades profissionais, “típicas” de mulheres e de homens. Um exercício que L. Amâncio replica, no quadro português, com a obra *“Masculino e Feminino. A construção social da diferença”* (1994), através do qual estabelece as diferenças essenciais entre as categorias tradicionais, binárias, de género.

Outras abordagens mais centradas na busca de relações de causalidade entre fenómenos sociais, tem procurado interpretar e justificar os processos através dos quais essas diferenças entre géneros se tornam em veículos que desaguam em circunstâncias de injustiça, isto é, os processos de transformação de diferenças sociais em desigualdades sociais (Therborn, 2006). As desigualdades sociais (nas quais de incluem as desigualdades de género) são fenómenos de natureza multidimensional e sistemática, expressando-se em várias dimensões da realidade social e interligam-se entre si, no tempo e no espaço, contribuindo para a sua reprodução numa lógica de causa-efeito que as institucionaliza como parte de um sistema de desigualdades abstrato e complexo (Costa, 2012). Ainda assim, avanços significativos têm sido feitos no mapeamento das desigualdades sociais, tanto do ponto de vista da sua conceptualização como da sua análise empírica, como é o caso do contributo do sociólogo sueco, G. Therborn, que propôs uma nova tipologia para analisar as desigualdades sociais, baseada em três condições da vida humana. Para a análise concreta das desigualdades de género,

destaca-se o princípio de reconhecimento da condição humana como “*persons with selves, living their lives in social contexts of meaning and emotion*” (Therborn, 2013: 48), a partir do qual o autor define o conceito de Desigualdades Existenciais, para descrever a atribuição desigual de individualidade com base em dinâmicas de género, raciais e étnicas que influenciam as relações sociais e o sistema implícito de atribuição de estatuto social através de fenómenos de opressão, restrição de liberdades, discriminação, estigmatização e humilhação. As Desigualdades Existenciais apresentam fortes desafios de operacionalização devido à sua subjetividade, associada à análise de experiências da vida quotidianas, aos estilos de vida e aos quadros culturais (Costa, 2012).

Neste sentido, alguns autores defendem que a operacionalização das desigualdades existenciais está, em geral, mais relacionada com abordagens metodológicas na esfera qualitativa (idem; Torres, 2018; Saigner, 2019) uma realidade que se tem vindo a alterar nos últimos tempos, sobretudo no quadro de metodologias de investigação-ação, com vista ao desenho de políticas públicas e sociais de combate às desigualdades, em particular, entre categorias de género binárias (Torres, 2018; Saigner e Morell (coords.) et al., 2019). Por outro lado, uma outra contribuição que sustenta a afirmação de que existem, ainda, impasses à operacionalização das Desigualdades Existenciais, em articular as de género, no quadro de abordagens metodológicas quantitativas/extensivas, é o de C. Criado Perez. Através da exploração de indicadores estatísticos a autora reflete acerca das principais dimensões de desigualdade entre homens e mulheres, na obra intitulada “*Invisible Women*” (2019), a autora discute as questões das desigualdades de género e da invisibilidade feminina, recorrendo a dados estatísticos secundários e terciários, procurando demonstrar que a igualdade entre homens e mulheres é, ainda, uma realidade por consolidar nas sociedades ocidentais, contemporâneas, sendo um fenómeno que ultrapassa a fronteira dos factos sociais observados, intrometendo-se na própria produção científica, ao nível da recolha de dados e da produção e análise estatística dos mesmos numa tentativa de compreensão mais abrangente e profunda da realidade social. Na análise efetuada, a autora identifica três dimensões centrais de desigualdade entre sexos – a dimensão do corpo; a dimensão do emprego; e a dimensão da violência - observando vários indicadores que lhe permitem concluir a influência do patriarcado na invisibilidade estatística das mulheres, uma consequência para a atenuação das desigualdades entre homens e mulheres.

\*

À semelhança das identidades, o Género e as Desigualdades de Género são fenómenos sociais múltiplos, compósito e, por isso, complexos, que se intercetam e confundem nos seus processos de formação e transformação. As identidades são marcadas por fenómenos de Género e de Desigualdade, não sendo incorreto afirmar que os próprios fenómenos de Género e de Desigualdade são, igualmente, permeados por identidades. Neste sentido, procurar compreender os processos de formação e transformação de identidades, em particular de mulheres cuja existência se enquadra num

determinado contexto Tempo-Espaço, é também procurar compreender fenômenos de Género e de Desigualdade Género. A presente pesquisa incorporou, assim, esta dimensão de Género e dos seus fenômenos subsequentes, numa primeira fase, enquanto opção de delimitação da amostra com vista à operacionalização dos objetivos de pesquisa inicialmente definidos. No entanto, o seguimento de uma lógica abduativa fez com que se acrescentasse, numa segunda fase, um objetivo de análise encruzilhada entre identidades e Género, na tentativa de **(O4)** aprofundar a forma como os fenômenos de construção social do Género e da Identidade de Género, bem como as suas consequências de Desigualdade Inter e Intra Género, contribuem para os processos de formação e transformação de identidades.

### **I.III. Modernidade Tardia e Agenda Feminista Contemporânea**

Como temos vindo a argumentar, compreender um determinado fenómeno social implica compreender o seu contexto de formação, que se prende em parte com transformações ao longo do tempo. O objetivo do presente capítulo é, justamente, o de enquadrar os processos de formação e transformação das identidades em estudo - mais concretamente, as identidades femininas – através do mapeamento do papel e condição social das mulheres numa perspetiva diacrónica, com incidência no período da Modernidade Tardia.

No rescaldo de um longo período de convulsão económica, política e social, o final do século XX na Europa ficou marcado pela consolidação das transformações inéditas ocorridas, consubstanciando-se no início de uma nova era de estabilidade e prosperidade. Paralelamente, o desenvolvimento revolucionário das tecnologias, assentes sobre o primado da informação e comunicação, com impactos ao nível da organização flexível e individualização dos processos produtivos desencadeiam uma nova fase do processo de mudança social. A crescente internacionalização das trocas comerciais e a importância central da informação e comunicação, potenciam a transformação do Tempo e do Espaço estáticos num Tempo Atemporal e num Espaço de Fluxos, conduzindo a uma crescente interdependência entre as diferentes comunidades e regiões do globo, num fenómeno de Globalização, baseado na constituição de um sistema de informação e comunicação - digital, omnipresente e diversificado - sobre o qual todas as relações económicas e sociais passaram a assentar (Castells, 2002 e Giddens, 2008).

Ao mesmo tempo, o fenómeno de individualização desencadeado por esta fase de Modernidade Tardia convocou, um pouco por toda a Europa, uma revisão da discussão em torno da exigência de posições simétricas entre homens e mulheres. Por um lado, no que respeita aos papéis e condições de género no quadro da instituição familiar, em particular a questão da com a conciliação entre realização pessoal e bem-estar familiar coletivo, e os novos desafios impostos às mulheres em face da contradição entre conciliação de ações e estratégias individuais limitadas pelos contextos domésticos e as expectativas e desejos existentes, objetivamente atingidos (Torres, 2010). Por outro lado, a

centralidade da Agência e da Reflexividade desencadeada pelo fenómeno de individualização, a par do confronto com a crescente diversidade, fruto do fenómeno de globalização, traduziu-se em novos diálogos em torno do género e das questões identitárias, bem como sobre a sua distinção das conceções tradicionais de sexo, género e sexualidade. Tal facto, a par de uma flexibilização das instituições estruturais na maioria dos países, contribuiu para uma disseminação efervescentes das identidades pessoais, o que, no contexto das questões de género, femininas e feministas, se refletiu no surgimento de novas camadas de complexidade (Vicente, 2019).

No plano associativo, o final da década de 1990 foi momento de consolidação dos movimentos feministas, mas também período de confronto com as oportunidades e desafios acarretados pela Modernidade Tardia. Com a conquista de grande parte dos principais direitos historicamente reivindicados na generalidade dos países europeus, a terceira vaga de feminismos ficou marcada pela continuada expansão do Feminismo além das fronteiras europeias e do mundo ocidental<sup>33</sup> (Tavares, 2011 e Gomes, Diniz, Santos e Diogo, 2015), um fator determinante para a mudança global da imagem tradicionalmente atribuída à mulher (Torres, 2010). Se outrora o mote da causa feminista era dado pela necessidade de igualdade entre mulheres e homens, no final do século XX o Feminismo era confrontado com as desigualdades no seu interior. A introdução de novas visões do movimento feminista, assentes na perspetiva interseccional proposta por K. Crenshaw com vista à rutura de novas cadeias de desigualdade dentro da própria categoria feminina ficaram marcadas, sobretudo, pela emergência do Feminismo Negro:

*“White women behaved as if the [feminist] movement belonged to them (...); they ignored the fact that women are divided by all kinds of prejudice, ‘by sexist attitudes, racism, class privilege’ (...). There is and must be a diversity of feminisms, responsive to the different needs and concerns of different women and defined by them for themselves. (...) Contrary to the best intentions of ‘sisterhood’, not all women share identical interests.”*

Hooks in Walters, 2005: 105

Também a discussão da ideia de Sororidade<sup>34</sup> passou a ser alvo de discussão entre as feministas face à crescente diversidade feminina, decorrente de uma nova onda de recodificação dos papéis de género tradicionais (Vicente, 2019).

---

<sup>33</sup> As lutas feministas no Brasil assumem uma grande importância, com ação não só sobre as questões das mulheres, contra a violência, mas também envolvidas nas questões urbanas, do direito à habitação e ambientais, com a proteção da natureza. Em África, os debates em torno de questões com a MGF ou a violência patriarcal na Índia têm igualmente vindo a ganhar grande relevância desde o início do século XXI, com abordagens e questões específicas das mulheres africanas, levantando o estandarte da Interseccionalidade.

<sup>34</sup> O conceito de Sororidade corresponde a “um conjunto de mulheres unidas pelo mesmo fim” (Vicente, 2019: 39), uma noção de solidariedade entre mulheres, integradora das suas diferenças e focada no campo comum de partilha de uma mesma identidade de género.

Ao mesmo tempo, o aparente adormecimento dos movimentos feministas na Europa, com a viragem para o século XXI, veio revelar a sua transposição para uma realidade *online*, sintetizada na nova aceção de Ciberfeminismo ou Feminismo Cibernético, incorporando os novos desafios acarretados pelo digital global (idem). Uma das manifestações fundamentais do Ciberfeminismo foi o *#MeToo*, um dos movimentos de ativismo feminista digital mais mediáticos dos últimos anos, criado em 2006, mas atingindo alcance mundial onze anos mais tarde, em 2017, através da divulgação do *hashtag* nas redes sociais:

“(…) dando-lhe uma dimensão global, o que contribuiu não só para o quebrar de silenciamentos culturalmente impostos, mas também para influenciar a forma como as temáticas relativas à violência e ao assédio sexual foram compreendidas e recebidas publicamente, questões que têm sido alvo de estudo em diversos países<sup>35</sup>.”

Cerqueira, Taborda e Pereira, 2023: 3

Num período de mudança acelerada, os fenómenos sociais que marcaram o Feminismo de Terceira Vaga – entre 1992 e 2006 – intersectam-se, por via dos fatores conjunturais introduzidos pela globalização, com o Feminismo de Quarta Vaga – de 2006 até ao presente. Se, por um lado, a terceira vaga do movimento fica marcada por um primeiro confronto declarado com a pluralidade dos feminismos, como sugere a autora feminista, L. Vicente (2019); por outro, esse confronto com a diversidade é potenciado pela omnipresença de um sistema mundial de comunicação assente nas tecnologias digitais, um fenómeno que L. Vicente (idem) associa à quarta vaga. Características de duas fases do Feminismo que não deixam de estar imbricadas, confundindo-se numa só.

Se por um lado, as tradicionais razões para a existência do movimento feminista, quer em Portugal<sup>36</sup> quer na Europa, se esbatem devido à conquista dos principais direitos das mulheres, que continuavam por conquistar noutras geografias onde o movimento revelava a sua força; por outro lado, a difusão de perceções senso-comunais acerca do Feminismo alimentavam noções erradas do seu princípio fundamental – igualdade entre géneros - subvertendo-o, frequentemente, em discursos populistas e misóginos. Uma realidade que se alastrou pelo século XXI dentro e que marca a agenda feminista contemporânea.

Nesse sentido, é possível identificar três temas-chave que permanecem, até aos dias de hoje, no centro das discussões acerca do papel e condição feminina, constituindo os traços gerais da agenda do Feminismo contemporâneo: **i)** o tema da conciliação trabalho-família; **ii)** o tema da discriminação, assédio e violência; e **iii)** o tema da mobilização coletiva feminista.

---

<sup>35</sup> Não obstante, a expressão do movimento *#MeToo* em Portugal foi fraca, como apontam as autoras Cerqueira, Taborda e Pereira (2023).

<sup>36</sup> Em Portugal o culminar da luta feminista acontece em 2007, com a criação da CIG - Comissão para a Igualdade de Género, ano em que é aprovado, no parlamento português, a [Lei n.º 16/2007, de 17 de abril](#) relativa à exclusão de ilicitude nos casos de interrupção voluntária da gravidez.

### ***Conciliação Trabalho-Família***

A integração das mulheres no mercado de trabalho foi um dos principais fatores de emancipação feminina. Mas é, também, através da questão laboral que surgem novas formas de desigualdade.

Vários estudos e indicadores, nacionais e internacionais, continuam a apontar para uma situação de desvantagem das mulheres em relação aos homens no mercado de trabalho. Em Portugal, os salários auferidos pelos trabalhadores do sexo masculino - no mesmo sector de atividade, com as mesmas profissões, qualificações, habilitações e antiguidade – eram, em 2021, 12% superiores aos das trabalhadoras do sexo feminino ([DataLABOR - Desigualdade de ganho médio mensal entre mulheres e homens ajustada](#)). Para além disso, o mercado de trabalho é permeado por fenómenos de segregação de género - vertical e horizontal<sup>37</sup> - mesmo em cenários onde a igualdade é aparente (Ramos, Pita e Ferreira, 2022; Nunes, 2023).

Os impactos destas desigualdades remuneratórias entre homens e mulheres têm, também, consequências indiretas. Estatísticas relativas à população inativa demonstram que, entre os mais idosos, existem desigualdades de género profundas que colocam as mulheres em situações de maior vulnerabilidade, fruto da repercussão das desigualdades salariais entre homens e mulheres nas contribuições para o sistema de Segurança Social. No ano de 2022, em Portugal, as mulheres com 65 anos ou mais auferiam pensões inferiores às dos homens, em cerca de 23,6% ([DataLABOR - Desigualdade no montante da pensão entre homens e mulheres](#)).

Ademais, fatores histórico-simbólicos - como a integração tardia das mulheres no mercado de trabalho, a interrupção dos percursos profissionais em detrimento da concretização de projetos de maternidade ou o apoio e cuidado a familiares – têm, também, impactos significativos no acentuar das desigualdades de género no mercado de trabalho e na gestão da dinâmica trabalho-família (Casaca, 2010; Perista et al., 2016; Perista, Perista, Rêgo e Kitterrød, 2022). Exemplo disso é a diferença entre o número de mulheres e homens em cargos de decisão, tanto no setor privado como no setor público. No final de 2023, apesar da tendência de aumento registada, a proporção de mulheres nos conselhos de administração de empresas cotadas correspondia a cerca de 35% ([DataLABOR - Proporção de mulheres nos conselhos de administração de empresas cotadas](#)); o peso das mulheres nomeadas para desempenhar cargos no governo central correspondia a 40,7% ([DataLABOR – Proporção de mulheres nomeadas para o governo central](#)); e a proporção de mulheres eleitas presidentes de município representava o valor residual de 9,4% ([DataLABOR – Proporção de mulheres presidentes de municípios](#)).

---

<sup>37</sup> “O primeiro relativo à concentração de mulheres e homens em setores e ocupações específicos e o segundo referente ao acesso desigual entre homens e mulheres a graus, nível de responsabilidade ou cargos específicos” (Nunes, 2023: 13).

No que respeita à conciliação trabalho-família, apesar dos avanços legislativos em direção à maior igualdade entre géneros<sup>38</sup>, as mulheres continuam a desempenhar a maioria das tarefas domésticas. De acordo com Inquérito à Fecundidade realizado em 2019 pelo INE, 44,3% das mulheres inquiridas afirmou realizar sozinha tarefas como preparação das refeições diárias, limpeza da casa, gestão e organização das despesas, entre outras ([INE – Mulheres com cônjuges/companheiro/a por divisão e tipo de tarefas domésticas](#)); no caso dos homens, essa proporção era de 23,8% ([INE – Homens com cônjuge/companheira/o por divisão e tipo de tarefas domésticas](#)). Essas desigualdades no desempenho de tarefas domésticas intensificam-se em famílias com crianças, nas quais 48,3% das mulheres realizam sozinhas tarefas como levar e buscar os filhos à escola, levar ao médico ou ficar em casa quando estão doentes ([INE – Mulheres com cônjuge/companheiro/a e crianças por divisão e tipo de cuidado a crianças](#)), face a uma percentagem de 8,4% no caso dos homens ([INE – Homens com cônjuge/companheira/o e crianças por divisão e tipo de cuidado a crianças](#)). Na sequência da Pandemia de Covid-19 vários estudos apontaram para o aumento dessa sobrecarga feminina no que respeita às várias dimensões de trabalho doméstico (Aboim, 2020; Cerqueira, 2020; Silva et al., 2020a e 2020b; Coelho et al. 2022; Cera et al., 2024).

Acrescentam-se a estas desigualdades entre categorias de género tradicionais, outras que se traduzem entre diferentes dimensões dentro da própria categoria feminina, num fenómeno de Interseccionalidade que permeia, também, o campo do trabalho e da conciliação trabalho-família.

Se observarmos as especificidades da categoria feminina no comportamento de indicadores como a desigualdade de ganho médio mensal, é possível constatar que essa desigualdade tende a ser maior, conforme os grupos etários vão avançando. Em Portugal, no ano de 2022, a desigualdade salarial entre homens e mulheres com menos de 25 anos correspondia a 6,7%; já no grupo etários dos 35 aos 44 anos, essa desigualdade aumenta para o dobro (12,9%); sendo, ainda, superior (em cerca de 19 p.p.) no caso do grupo etário dos 65 ou mais anos ([DataLABOR - Desigualdade salarial não ajustada entre homens e mulheres por grupo etário](#)). Não obstante, são as mulheres mais jovens que, em Portugal, tendem a estar em situações de maior precariedade laboral – em 2023, 58,4% das mulheres portuguesas, trabalhadoras por conta de outrem, com idades entre os 15 e os 24 anos tinham contrato de trabalho não permanente; essa percentagem era de 8,3% no caso das trabalhadoras portuguesas com idades entre 55 e 64 anos ([DataLABOR - Proporção da população empregada por conta de outrem com contrato de trabalho não permanente](#)). O mesmo fenómeno de intersecção entre desigualdades de género e desigualdades geracionais verifica-se nos outros indicadores que temos vindo a analisar,

---

<sup>38</sup> Para um aprofundamento da evolução legislativa no que diz respeito a este tema, ver [DataLABOR – Parentalidade e Família](#).

como as desigualdades de género do montante das pensões<sup>39</sup> ou ao nível da representação das mulheres em cargos de chefia, políticos e empresariais<sup>40</sup>.

Para além disso, é ainda possível constatar um aprofundamento desta multiplicidade das desigualdades dentro das mesmas categorias de género quando recorremos a comparações internacionais. Se compararmos a desigualdade de ganho entre homens e mulheres com menos de 25 anos nos vários países da Europa, é possível observar diferenças substanciais. Em 2022, por exemplo, a desigualdade salarial não ajustada em países como Espanha (- 3,8%), Bélgica (- 0,2%) e Islândia (0,7%) – próxima da equidade/igualdade - era bastante inferior à de países como Lituânia (12,4%), Letónia (11,1%) e Eslovénia (10%) ou mesmo Portugal (6,7%) ([DataLABOR - Desigualdade salarial não ajustada entre homens e mulheres na Europa](#)).

O facto de as desigualdades económicas estarem na base das desigualdades de género, acentuando-se em algumas categorias sociográficas e socioeconómicas e repercutindo-se na dimensão vida privada, tornam esta associação uma problemática cujos impactos importa considerar nos processos de formação e transformação das identidades femininas.

#### ***Discriminação, Assédio e Violência***

Não raramente, as situações de dependência económica que premeiam a condição feminina estende-se a uma dependência das relações laborais e familiares, no seio das quais se verificam as principais formas de discriminação e violência entre géneros (Bachman e Saltzman, 1995; Finkelhor e Yllo, 1985; Randall e Haskell, 1995; Russell, 1990 em UMAR, 2022). A título ilustrativo, o Inquérito às Condições de Vida aplicado pelo INE em 2023, aponta que a discriminação com base na variável sexo é o principal fator de discriminação apontado pelas mulheres. Nesse ano, 17,5% das mulheres inquiridas afirmou ter sido alvo de discriminação, mais 3% do que no caso dos homens ([INE - Proporção da população que sofreu discriminação](#)).

Outrora à margem do espaço público e mediático, estas questões têm vindo a ganhar crescente visibilidade, apesar das razões que levam à sua ocultação por parte das vítimas - como a falta de confiança nas autoridades e no sistema de justiça, a vergonha de revelar o sucedido e o medo de serem revitimizadas - persistirem (Bothamley e Tully, 2018; FRA, 2014; Williams, 1984 em idem). Ainda assim, a APAV - Associação de Apoio à Vítima tem vindo a reportar um aumento global das queixas/denúncias às autoridades judiciais e/ou judicárias. Em 2023 esse valor correspondia a 50,5%, mais 11,5 p.p. do que há 10 anos atrás e mais 17,6 p.p. do que em 2003 ([APAV – Relatórios Estatísticos Anuais 2003, 2013 e 2023](#)); sendo que, em 2022, 52% das vítimas do sexo feminino que foi apoiada na

---

<sup>39</sup> Como se pode observar em [DataLABOR - Desigualdade no montante da pensão entre homens e mulheres na Europa](#).

<sup>40</sup> Veja-se, [Proporção de mulheres nos conselhos de administração de empresas cotadas nos países da União Europeia](#), [Proporção de países da UE-27 com mulheres a ocupar o cargo de primeiro-ministro/a](#) e [Proporção de mulheres nos parlamentos nacionais da União Europeia](#).

APAV apresentou queixa ou fez uma denúncia da situação às autoridades competentes ([APAV – Vítimas no Feminino 2022](#)).

No quadro laboral, a questão do assédio, presente em diferentes setores da atividade económica, tem vindo a ocupar a ordem do dia. À semelhança das situações de violência, a APAV recebeu, em 2022, 160 queixas de assédio sexual e moral, mais 100 denúncias do que no ano de 2019 ([Renascença - APAV. Denúncias de assédio sexual e moral crescem mais de 150% em quatro anos \(14 de abril 2023\)](#)). Também neste âmbito, a incidência em vítimas do sexo feminino é superior. Em 2022, 12,3% das mulheres que trabalham ou já trabalharam afirmaram ter sido vítimas de assédio sexual no trabalho; no caso dos homens, essa percentagem correspondia a apenas 5,2% ([INE – Pessoas que trabalham ou já trabalharam, que sofreram assédio sexual no trabalho](#)). Inclusive, essa experiência de situações de assédio sexual no local de trabalho era superior no caso de mulher nas faixas etárias mais jovens ([INE – Mulheres que trabalham ou já trabalharam, que sofreram assédio sexual no trabalho](#)).

Segundo a CITE – Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego, o assédio sexual ou moral, mesmo que não assumido ou denunciado é um fator que contamina o ambiente de trabalho, com efeitos devastadores sobre as vítimas, mas também sobre as entidades empregadoras, pois conduz à diminuição da eficiência laboral e mesmo ao afastamento do trabalho, muitas vezes, por motivo de doença, tais como stresse pós-traumático, ansiedade ou depressão, entre outros, podendo até conduzir ao suicídio ([CITE – Algumas consequências do assédio](#)).

Ainda assim, é em contexto doméstico que a violência contra as mulheres assume maior expressão. O crime de violência doméstica, contra cônjuge ou análogo, continua a ser aquele que apresenta os índices de participação mais elevados, de entre toda a criminalidade ocorrida em 2023, sendo as mulheres as principais vítimas (Sistema de Segurança Interna, 2023). Dados de 2022 apontam para uma percentagem de vítimas de violência praticada por agressores domésticos ou familiares<sup>41</sup> do sexo feminino na casa dos 11,5%; mais 6,9% do que as vítimas do sexo masculino ([INE - Pessoas que sofreram violência por agressores domésticos ou familiares](#)). Os principais tipos de violência dirigida à população feminina em 2022 eram, assim, a violência em contexto de uma relação passada (36,3%), seguindo-se as situações de assédio persistente (23,8%), as situações de violência na infância (19,2%) e de assédio sexual no trabalho (12,3%) ([INE - Pessoas que sofreram violência, por tipo de violência](#)). O relatório de 2021 do Observatório das Mulheres Assassinadas da UMAR indica que 14 mulheres foram vítimas de feminicídio nesse ano, isto é, foram assassinadas por motivos de género, sendo que todos esses feminicídios ocorreram em contextos de uma relação de intimidade, em 54% dos quais existiam indícios de violência prévia (OMA-UMAR, 2021).

---

<sup>41</sup> Sejam eles cônjuges ou namoradas/os ou companheiras/os, bem como membros da família e outras pessoas que vivam ou tenham vivido no mesmo alojamento que a vítima.

Esta é uma das problemáticas que associa diretamente desigualdades existenciais e desigualdades de género, com pertinência para análise da condição e papel da mulher na sociedade e os seus reflexos nos processos de formação das identidades femininas.

### ***Mobilização Coletiva Feminista***

Aquele que podemos considerar como o terceiro pilar na discussão das questões femininas contemporâneas tem que ver com as dinâmicas de mobilização coletiva feminina e feminista.

Já em 2004 as feministas de longa data, M. Tavares, A. Bento e M. Magalhães, apontavam para um conjunto de desafios que se perspectivavam no âmbito da mobilização coletiva das mulheres e do futuro do movimento feminista. As autoras subscreviam, citando uma jovem feminista italiana, que:

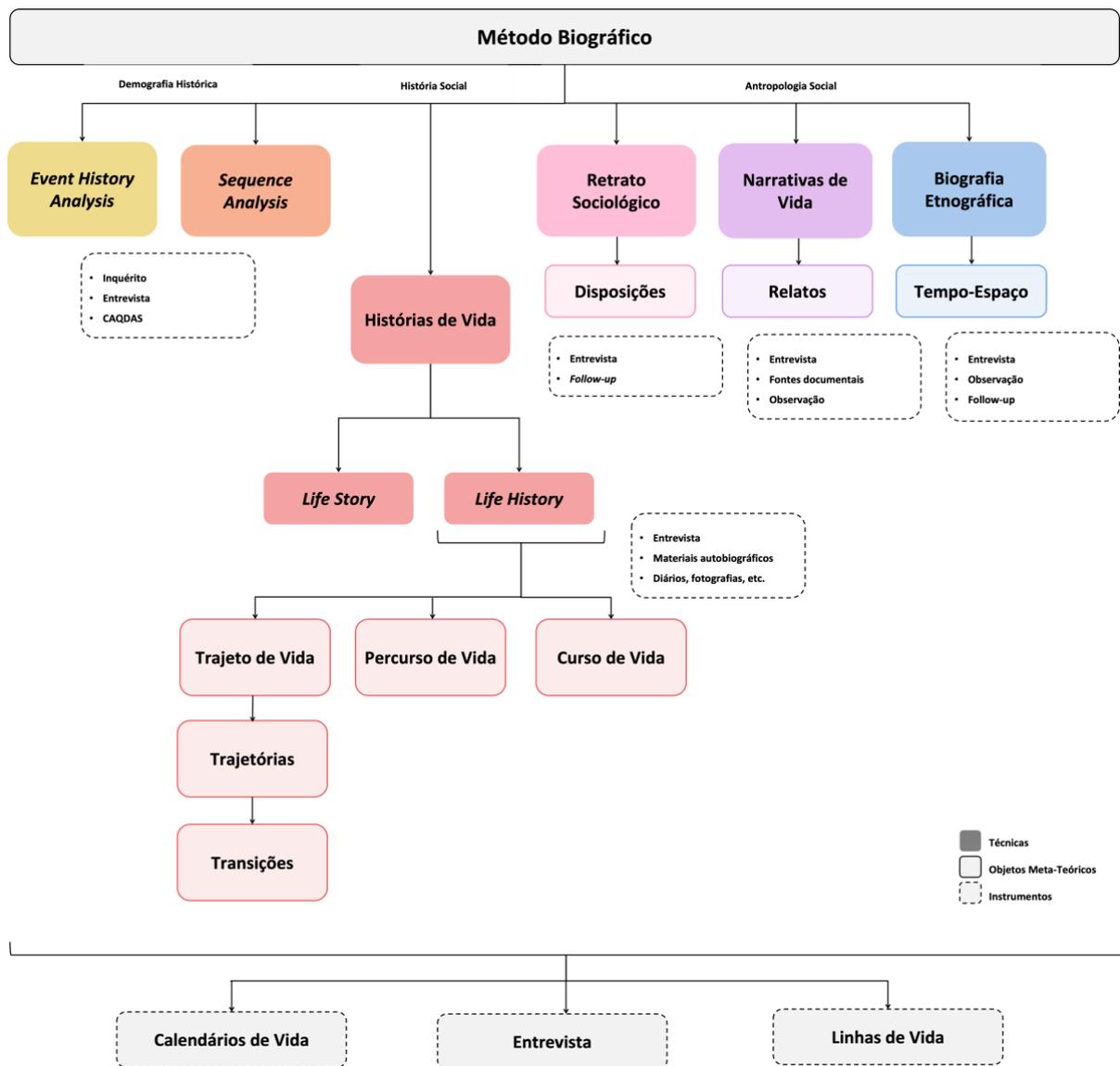
“[As jovens mulheres eram] portadoras de um feminismo renovado porque precisam de responder continuamente a desafios históricos que se colocam hoje, não apenas para o feminismo, mas também para o conjunto dos projetos emancipatórios dos quais o movimento dos movimentos pretende ser canal de convergência.”

M. Tavares, A. Bento e M. Magalhães, 2004: 14

Os desafios apontados, a nível interno e externo ao movimento, colocavam-se em linha com o manifesto feminista de N. Fraser, T. Bhattacharya e C. Arruzza (2019). Ao nível interno, devido ao fenómeno de crescente diversidade feminina, com impactos ao nível do relacionamento intergeracional, inter-racial e intercultural no seio do próprio movimento, devido à “emergência de novos setores feministas e [à] maior ligação das lutas das mulheres em redes internacionais” (Tavares, Bento e Magalhães: 15). Ao nível externo, por causa do reforço de “aspetos significativos do patriarcalismo”, efeitos da globalização neoliberal (idem).

Como temos vindo a entrar ilustrar, os desafios apontados pelas três autoras prendem-se com questões prementes do Feminismo e do feminino, para os quais, respostas duradouras no tempo têm sido de difícil execução, provavelmente por via das próprias dinâmicas de transformação social nos diferentes contextos Tempo-Espaço. Ademais, existem neste âmbito limitações inerentes ao mapeamento dos próprios desafios invocados. Se por um lado, existem algumas limitações éticas relativamente à recolha de dados sensíveis - como os que cruzam variáveis étnico raciais com outras (Mateus, 2013); por outro, a questão metodológica, transversal à análise dos movimentos social no seu todo, expande-se, na medida em que se tem centrado de forma orgânica em abordagens qualitativas (Harutyunyan, 2022; Campos, Brighenti e Spinelli, 2011), desestimulando as abordagens quantitativas desses fenómenos sociais. Em ambos os sentidos, importa tomar em consideração a forma como as manifestações atuais do movimento feminista se expressam, sobretudo, em relação a dinâmicas de desigualdade e discriminação de género, por forma a orientar o seu caminho futuro na influência que podem (ou não) ter para os processos de transformação dos papéis, condições e identidades femininas.

**Anexo II: Técnicas, objetos e instrumentos do Método Biográfico.**



### Anexo III: Tópicos e perguntas do guião de entrevista.

PERGUNTAS	PERGUNTAS SUPLEMENTARES
<b>Apresentação/Introdução</b>	
Pode começar por nos fazer uma breve apresentação?	Nome, idade, ano e local de nascimento.
<b>1. Família, amigos e vizinhos</b>	
Como foi a sua infância/juventude?	<ul style="list-style-type: none"><li>- Com quem vivia?</li><li>- Onde vivia?</li><li>- Qual a composição/caraterização da sua família de origem?</li><li>- Idades, escolaridades, empregos, profissões.</li><li>- Como descreve a relação com a sua família de origem ao longo da sua infância/juventude?</li></ul>
Atualmente vive com quem?	<ul style="list-style-type: none"><li>- Como foi essa transição (família de origem/família atual)?</li><li>- É casada? Porque tomou essa decisão?</li><li>- Tem filhos? Quantos? Porque tomou essa decisão?</li><li>- Gostaria de ter filhos? Era um sonho?</li><li>- Alguma vez sentiu pressão para casar e ter filhos?</li><li>- Como descreve a relação com a sua família?</li></ul>
Como caracteriza a relação com os seus amigos? E com os seus vizinhos?	<ul style="list-style-type: none"><li>- Quantos amigos tem?</li><li>- Há quantos anos são amigos?</li><li>- Porque os considera amigos?</li><li>- O que costumam fazer juntos?</li><li>- Vive perto da sua família (ascendentes ou descendentes) ou amigos?</li><li>- Gostaria de viver?</li></ul>
Pensando em tarefas como: <ul style="list-style-type: none"><li>- Cozinhar</li><li>- Limpar a casa</li><li>- Tomar conta das crianças/levar à escola</li><li>- Ir às compras</li><li>- Pagar as contas</li><li>- Fazer algumas manutenções (costuras ou manutenção de eletrodomésticos)</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Costumam/costumavam ser divididas por todas as pessoas com quem vivia?</li><li>- Quem costuma/costumava fazer mais tarefas? Porquê?</li><li>- Houve mudanças na distribuição das tarefas domésticas durante a Covid-19?</li></ul>
Como funciona/funcionava a distribuição das tarefas domésticas em sua casa?	
<b>2. Habitação, comunidade e tempos livres</b>	
Há quanto tempo vive na Quinta do Loureiro?	<ul style="list-style-type: none"><li>- Onde vivia antes?</li><li>- Onde viveu durante a sua infância?</li><li>- Porque é que veio viver para a Quinta do Loureiro?</li></ul>
O que é que gosta mais na Quinta do Loureiro? E o que gosta menos?	
Costuma fazer atividades/conviver na com a comunidade na Quinta do Loureiro?	<ul style="list-style-type: none"><li>- Que tipo de atividades costuma fazer?</li></ul>

- E fora do seu local de residência, que atividades costuma fazer? Com quem?

### 3. Escola, trabalho e transições

Que nível/ano de escolaridade completou? Pode contar-nos como foi esse período da sua vida?

- Gostava de ir à escola? O que gostava mais? E o que gostava menos?  
- Quando terminou de estudar, quais eram os seus planos/sonhos? Queria continuar a estudar? Que profissão lhe agradava?

Qual é o seu trabalho/profissão atual?

- Antes deste emprego, que outro(s) emprego(s) teve?  
- Porque é que deixou de trabalhar nesses empregos (novas oportunidades ou desafios)?  
- Onde se localizam/localizavam esses empregos?  
- Que tipo de atividades desempenha?  
- O que mais gosta e o que menos gosta no seu emprego atual? Porquê?

### 4. Desigualdades, discriminação e violência de género

Tem dificuldade em conciliar o seu trabalho com a vida familiar?

- Acha que é fácil fazer essa conciliação hoje em dia? Antigamente, acha que era mais fácil ou mais difícil?  
- Quando esteve grávida essa conciliação foi mais difícil ou mais fácil? Porquê? E depois de ter tido filhos?  
- O que pensa sobre a ideia de as mulheres deverem dedicar-se apenas família e não trabalhar?

Alguma vez experienciou situações de desigualdade ou se sentiu discriminada por ser mulher?

- Pode contar-nos sobre esse(s) episódio(s)?  
- Acha que as mulheres têm a mesma capacidade para fazer tarefas consideradas de homens? Por exemplo, combater na guerra.  
- O que acha da ideia de os homens fazerem tarefas consideradas de mulheres? Por exemplo, tomar conta das crianças e da casa.  
- Já se sentiu discriminada no local onde vive, por ser mulher?

Alguma vez experienciou outros tipos de desigualdade/discriminação?

- Pode contar-nos sobre esse(s) episódio(s)?

Alguma vez experienciou situações de violência por ser mulher?

- Acha mais provável esse tipo de situações acontecer a mulheres? Porquê?

Acha que ser mulher é uma característica que condiciona a sua vida?

- Vida (positiva ou negativamente)?  
- Na sua opinião, porquê?

### 5. Mobilização coletiva e feminismos

O que acha que poderia ser feito, na sua comunidade e na sociedade, para promover uma maior igualdade entre géneros?

Tem conhecimento de alguma instituição de defesa dos direitos das mulheres?

- Qual?  
- Como teve conhecimento?  
- O que pensa do trabalho dessa(s) instituição(ões)?

Alguma vez participou em alguma iniciativa dessas instituições ou em que se discutissem os assuntos das mulheres?

- Onde e quando?
- Há quanto tempo?
- Qual a regularidade?
- Por que razão decidiu participar?
- Foi sozinha? Porquê?
- O que achou dos temas debatidos? Sentiu-se identificada?
- Já ouviu falar de Feminismo? Na sua perspetiva o que significa?

Considera que é importante, participar nesse tipo de iniciativas? Porquê?

Acha que há diferenças históricas em relação à mobilização coletiva das mulheres?

#### **6. Visões sobre o passado, o presente e o futuro**

Atualmente, quais são as suas maiores preocupações individuais? E coletivas?

- Sentes que as suas preocupações se alteraram ao longo da vida?

Pensando em tudo o que aqui falamos, o que pensa sobre o futuro?

- Costuma pensar no futuro? Que planos faz?
- Dá por si a pensar no futuro? Que sonhos tem?
- O que pensa sobre o futuro? (Global / Individual)
- Como se imagina a si/aos seus filhos daqui a 10 anos?
- Que mudanças perspetiva?
- Porquê?

#### Anexo IV: Retratos da Quinta do Loureiro I.



**Fonte:** Arquivo Fotográfico de Lisboa (1950).  
Retirado de <https://www.projectoalkantara.org/nucleo-fotografia>.



**Fonte:** Arquivo Fotográfico de Lisboa (1990).  
Retirado de <https://www.projectoalkantara.org/nucleo-fotografia>.



**Fonte:** Arquivo Fotográfico de Lisboa (1999).  
Retirado de <https://magg.sapo.pt/actualidade/actualidade-nacional/artigos/20-anos-depois-o-que-e-feito-do-casal-ventoso>.



**Fonte:** Núcleo Interpretativo do Casal Ventoso (2019).  
Retirado de [https://www.rtp.pt/noticias/pais/casal-ventoso-vinte-anos-depois-do-realojamento-o-que-mudou\\_n1130452](https://www.rtp.pt/noticias/pais/casal-ventoso-vinte-anos-depois-do-realojamento-o-que-mudou_n1130452).

**Anexo V: Retratos da Quinta do Loureiro II.**



**Fonte:** Exposição de fotografia do projeto Bairro Meu (2021).



**Fonte:** Diário de Campo (2 de março de 2021).



**Fonte:** Diário de Campo (12 de maio de 2021).



**Fonte:** Exposição de fotografia do projeto Bairro Meu (2021).

**Anexo VI: Retratos da Quinta do Loureiro III.**



Fonte: Diário de Campo (7 de março de 2022).



Fonte: Diário de Campo (12 de maio de 2021).



Fonte: Diário de Campo (12 de maio de 2021).



Fonte: Diário de Campo (5 de novembro de 2022).

## **Anexo VII:** Pressuposto de análise de conteúdo (Diário de Campo).

A estratégia de análise de conteúdo adotada para a análise do Diário de Campo mantido durante o período de investigação no terreno segue o propósito de análise descritiva, tendo sido conduzida com recurso ao *software* informático de análise de conteúdo MAXQDA.

O Diário de Campo constitui-se um objeto de análise com particularidades no quadro deste tipo de programa informático, devido ao facto de, num mesmo documento, constarem várias entradas correspondentes a observações realizadas no terreno, em datas determinadas. Tal facto fez com que o recurso a este *software* de análise de conteúdo se fizesse de forma simplista, procurando identificar e dar ordem aos temas predominantes no relato da observação da realidade experienciada, por forma a ilustrar determinados elementos caracterizadores da mesma. Nesse sentido, construiu-se a seguinte estrutura de códigos que divide a informação em três códigos de primeiro nível – Espaço Físico; Dinâmicas Funcionais; Dinâmicas Marginais.

Fazendo uma análise breve aos códigos/temas com maior peso no total de observações registadas no Diário de Campo, é possível contatar a predominância de segmentos codificados nos códigos pertencentes ao tema Dinâmicas Marginais (código 3), um total de 41 segmentos, com destaque para o código de terceiro nível Concentração (código 3.3.1) [da Espacialização das Dinâmicas Marginais] (código 3.3), com 15 segmentos codificados; e para os códigos de segundo nível Reemergência do Mercado da Droga (código 3.1), dentro do mesmo tema, Degradação Urbanística e Ambiental (código 1.1), dentro do tema Espaço Físico (código 1).

<b>LISTA DE CÓDIGOS</b>	<b>Frequência</b>
Códigos	69
<b>1. Espaço Físico</b>	0
<b>1.1. Degradação Urbanística e Ambiental</b>	10
<b>1.2. Manifestações Simbólicas da Identidade Coletiva</b>	6
<b>2. Dinâmicas Funcionais</b>	0
<b>2.1. Instituições Fantásticas</b>	9
<b>2.2. Instituições Fantasma</b>	3
<b>3. Dinâmicas Marginais</b>	0
<b>3.1. Reemergência do Mercado da Droga</b>	12
<b>3.2. Diferentes Tipos de Comércio/Consumo</b>	5
<b>3.3. Espacialização das Dinâmicas Marginais</b>	0
3.3.1. Concentração	15
3.3.2. Alastramento	6
<b>3.4. Sala de Xuto</b>	3

Anexo VIII: Grelha de caracterização das entrevistadas (Versão Extensa).

Nome	Ano de Nascimento	Idade	Nacionalidade / Naturalidade	Residência	Escolaridade	Profissão/Situação	Estado Civil	Profissão do Pai/Tutor A	Profissão da Mãe/Tutor B	N Irmãos	N Filhos
<b>Pandora</b>	2001	22	Lisboa (PT)	Quinta do Loureiro	Ensino Secundário	Interventora Social	Solteira	Proprietário de Lavandaria	Proprietária de Lavandaria	2	0
<b>Alana</b>	1993	30	Lisboa (PT)	Quinta do Loureiro	6.º ano	Auxiliar de Limpeza/Desempregada	Separada	Feirante	Feirante	3	2
<b>Cláudia</b>	1987	36	Lisboa (PT)	Quinta do Loureiro	9.º ano	Caixa/Auxiliar de Limpeza	Solteira	-	Repositora de Loja	1	1
<b>Natália</b>	1982	41	Lisboa (PT)	Ajuda	9.º ano	Assistente Operacional	União de Facto	Topografo	Lojista	1	5
<b>Luana</b>	1974	49	Lisboa (PT)	Cova da Piedade	5.º ano	Interventora Social	União de Facto	Operário	Doméstica	3	2
<b>Elsa</b>	1974	49	Lisboa (PT)	Quinta do Loureiro	9.º ano	Auxiliar de Limpeza/Pensionista	Divorciada	Escriturário	Assistente Operacional	1	1
<b>Mafalda</b>	1950	73	Lisboa (PT)	Quinta do Loureiro	4.ª classe	Auxiliar de Limpeza/Reformada	Separada	Estivador	Vendedora	2	2
<b>Silvina</b>	1943	80	Arouca (PT)	Quinta do Loureiro	4.ª classe	Cozinheira/Reformada	Viúva	Camponês	Camponesa	11	1
<b>Leonor</b>	1933	90	Marinha Grande (PT)	Quinta do Loureiro	4.ª classe	Costureira/Reformada	Viúva	Operário	Doméstica	2	2

## **Anexo IX: Histórias e Linhas de Vida.**

No presente anexo encontram-se as histórias de vida e respectivas linhas de vida das nove mulheres entrevistadas, que servem de base à análise dos encontros e desencontros biográficos conduzida no Capítulo 6.

### ***Pandora*<sup>42</sup>**

Pandora nasceu no ano de 2001, há vinte e dois anos. No dia do seu nascimento veio acompanhada pela irmã gémea, chegando apenas com alguns segundos de atraso ao seio de uma família com longas gerações no Casal Ventoso:

“(…) toda a gente [da família] vive na mesma linha, no mesmo raio. Só a irmã do meu pai é que vive mais longe, de resto os tios estão todos aqui. (...) Quando viemos para cá [Quinta do Loureiro, eu] tinha um ano. Foi no dia em que eu fiz um ano que nos deram as chaves de casa.”

Toda a sua vida viveu em casa da família de origem, primeiro no Casal Ventoso e, já há duas décadas, na Quinta do Loureiro. A casa, sempre a partilhou com os pais, a irmã gémea, uma irmã mais nova e o com o gato, Joca. Mas foi com a avó materna que sempre passou mais tempo e com quem construiu as primeiras memórias da infância:

“A relação com a minha avó é muito próxima, foi ela que me criou quando eu era pequena, passava muito tempo com ela. Ela era muito boa em História, sabia tudo de História. Era muito boa na escola. Foi ela que me ensinou a fazer contas de dividir.”

Da relação com os pais destaca a proximidade. Um laço vincado que Pandora considera ter-se esbatido com a transição para a vida adulta, pois apesar de ainda não ter tido possibilidade de concluir a transição habitacional para fora de casa dos pais, reconhece que a conciliação do seu dia a dia com o dos pais se tem tornado mais desafiante, provocando um maior afastamento:

“Com os meus pais é uma relação muito próxima. Às vezes até de mais. Não é de mais, mas são pais galinha. Se eu digo que estou em casa a uma certa hora e depois não estou eles ligam logo [a perguntar] ‘estás aonde? porque é que ainda não chegaste?’. O pai dá mais abébias, a mãe é mais mãe galinha.”

“(…) foram 3 dias que nós não trocávamos uma palavra uma [filha] com a outra [mãe], porque quando eu saía [de manhã] ela já tinha saído para trabalhar e quando eu chegava [ao final do dia] ela já estava a dormir.”

Para além da relação de confidente que detém, desde criança, com avó materna, é com a irmã gémea que Pandora afirma ter “a tal cumplicidade de gémeos”. Também na relação com esta irmã a desarticulação do quotidiano tem provocado algumas entropias:

---

<sup>42</sup> Uma entrevista conduzida em março de 2023, no Projeto Alkântara (Quinta do Loureiro).

“(…) eu e a minha irmã gémea gostamos de desporto. Ela começou no Jiu-Jitsu primeiro que eu, ela teve de sair por motivos de trabalho, mas eu continuei e fiquei mais graduada que ela, mas na minha cabeça faz-me confusão eu estar numa ponta [da graduação do Jiu-Jitsu] e ela estar na outra. A nossa relação de irmãs gémeas é boa. Nem sempre há transmissão de pensamento, mas às vezes há. (...) Não é sempre, sempre, mas muitas vezes. Vamos juntas aos combates de Jiu-Jitsu. Apoiamo-nos sempre uma à outra.”

A irmã mais nova de Pandora tem nove anos, nasceu quando Pandora e a irmã gémea tinham treze anos. Esta diferença etária traduz-se numa relação com alguns contratempos, fruto daquilo que Pandora considera como uma flexibilização da autoridade dos pais em relação à irmã mais nova, por comparação às regras a que desde cedo foi sujeita no seio da família:

“Acho que tenho uma relação mais especial com ela [a irmã gémea] do que com a minha irmã mais pequena. Com a mais pequena, estamos sempre à bulha, numa discussão. Não é que ela seja mal-educada, mas a educação que eu e a minha irmã gémea levamos é completamente diferente. A mais pequena ainda agora está com 6 negativas, se eu tivesse 6 negativas nem telemóvel tinha. Antes, quando eu tinha a idade dela, respondia mal à minha mãe levava logo. Ela responde mal à minha mãe, goza...”

Embora se não se incomode com as diferenças entre a forma passada e presente de educar dos seus pais, Pandora considera que na sua família há igualdade na partilha de tarefas domésticas e que imperam algumas regras que, no entanto, não escapam a alguns vieses de género que Pandora e a família procuram contornar:

“(…) toda a gente já sabe o que é que tem de fazer, toda a gente ajuda. Por exemplo, eu ao almoço acabei de almoçar tirei a loiça da máquina. Agora a minha irmã vai almoçar e põe a loiça na máquina e põe a máquina a lavar. Fazemos sempre assim. Estão bem divididas as tarefas domésticas. Até o pai faz, o pai só não cozinha, arruma a casa, limpa. Compras sou mais eu e a minha irmã. Aquelas reparações é mais o pai. Quer dizer, é o pai e a mãe, a mãe também se desenrasca. Nós ainda agora trocamos para outra habitação aqui no Bairro e metemos uma parede com placas e a mãe é que montou aquilo, porque o pai andava nas entregas de roupa.”

No que respeita à extensão das suas relações sociais para lá da família, Pandora considera que tem poucas amigas, mas fortes, relacionadas frequentemente ao seu passatempo de eleição - o desporto, em particular, as artes marciais – e ao lugar onde habita e trabalha – a Quinta do Loureiro:

“A minha melhor amiga é de Campolide, conheci no Jiu-Jitsu e na escola. Mas, por exemplo, [os treinadores do clube de boxe do Bairro] são pessoas que para mim tenho uma boa referência. A minha relação com eles é desde que eu tenho 6 anos. (...) [e] “as crianças aqui do Bairro. [Que são os teus amigos?] Sim, são meus amigos.”

Todo o seu tempo livre é dedicado ao desporto, a ver ou a praticar, paixão que assume ter-lhe sido inculcada desde cedo pela família:

“Gosto de fazer Jiu-Jitsu e ver combates de Boxe. (...) porque antes do Jiu-Jitsu, andei no Kick-Boxing e depois no Boxe, porque a minha mãe dizia para nós gastarmos energia depois da escola, por isso metia-nos a fazer algum desporto.”

Profissionalmente trabalha como interventora social numa das associações da Quinta do Loureiro e está atualmente encarregue das atividades dirigidas às crianças e jovens do Bairro:

“(...) faço acompanhamento ao estudo e atividades desportivas. Eu gosto das duas. Claro que jogar à bola é sempre melhor do que fazer trabalhos de casa. Mas não tenho assim uma atividade que goste mais. [Que tipo de atividades desportivas fazem?] Fazemos jogos assim na rua, no verão e no inverno, só por dizer que no inverno eles estão mais agasalhados.”

Pandora sempre soube que a área profissional pela qual gostaria de enveredar teria de estar relacionada com o desporto ou com as crianças:

“[O desporto sempre foi a tua paixão?] Sim! [Gostavas de ter ido para um curso de desporto?] Ponderei. Mas depois pensei ‘desporto ou crianças?’, porque são duas coisas que eu gosto. Mas agora, por exemplo, vou tirar o curso para dar aulas de Jiu-Jitsu aos miúdos.”

No entanto, sempre teve consciência de que o seu percurso académico seguiria uma via alternativa ao ensino secundário geral. Optou assim, por tirar o curso profissional de Educadora Social:

“[Soubeste logo o que querias fazer profissionalmente quando acabaste os estudos?] Sim, por exemplo, eu pensei sempre ir para um curso profissional. Nunca pensei ir para a faculdade, quer dizer, primeiro pensei, mas depois decidi ir para o curso profissional.”

Antes de começar a trabalhara numa das associações da Quinta do Loureiro, Pandora teve o seu primeiro emprego, já relacionado com as suas áreas de interesse, aos 17 anos:

“Se bem que eu recebi um convite para ir para a Junta [de Campo de Ourique] e estou a considerar, porque eu já trabalhei lá com 17 anos. Foi o meu primeiro emprego, foi lá, era monitora de praia. Foi engraçado, a responsabilidade é que... Quando não havia praia estava a estudar e depois entrei para [a associação], com 18 anos.”

Pandora sempre sonhou conciliar estes dois mundos. Sonho esse que partilhava com a sua irmã gémea:

“(...) ser professora de desporto foi sempre um sonho. Tanto eu como a minha irmã gémea sempre pensámos ‘ah vamos abrir uma escola, vamos as duas tirar um curso e abrimos uma escola para dar aulas.’”

No entanto, enquanto Pandora procurava conciliar as suas paixões na concretização dos seus sonhos, a sua irmã gémea optou por seguir outro rumo, encarregando-se de seguir com o negócio dos pais que

“têm uma lavanderia, que está em nome da mana [irmã gémea], mas trabalham os três para o mesmo.”

Quando questionada acerca do futuro afirma que o único sonho que tem por cumprir é o de ser mãe, apesar de admitir que a vida conjugal nunca foi uma prioridade sua. Os seus planos fazem-se a pensar no futuro profissional e desportivo, sobretudo na procura e conquista de mais conhecimento nas suas áreas de interesse:

“A ideia de fazer mais formações, de continuar a estudar, é uma ideia que me agrada, sim. (...) Mas este é um plano para acontecer mais no futuro. Quando tirar a faixa preta do Jiu-Jitsu. Há a faixa branca, a azul - que é onde eu estou - , a roxa, a castanha e a preta.”

Por outro lado, a instabilidade laboral constitui-se como uma preocupação para Pandora. Sabe que o seu contrato com a associação na Quinta do Loureiro terá fim em breve, mas apesar de ter recebido uma proposta de trabalho para ocupar uma posição como auxiliar de ação educativa numa das escolas da Junta de Freguesia de Campo de Ourique, Pandora sente-se reticente:

“(...) eu recebi um convite para ir para a Junta [de Freguesia de Campo de Ourique] e estou a considerar, porque eu já trabalhei lá com 17 anos. (...) É tudo aqui perto, mas agora estou a considerar [a nova proposta] para ser auxiliar, porque posso ser chamada para [a escola] Santa Isabel, mas se tiver de ir... (...) porque eu, entretanto, em junho, também me vou embora [da associação].”

Essa preocupação com as mudanças que se avizinham na vida laboral alimentam as reticências que Pandora tem em sair do ninho, em parte, assentes sobre as dificuldades estruturais de emancipação dos jovens em Portugal, mas também, motivadas pelo conforto que sente em permanecer no Bairro onde sempre viveu:

“Mas tirando isso [dificuldades estruturais] há aqui [na Quinta do Loureiro] uma união... Quer dizer, o Bairro é sempre dividido entre um lado [com droga] e outro [sem droga], mas quando é para ajudar - no sentido de ‘vamos lá, aquela pessoa precisa de ajuda’ - todo o Bairro se reúne para ajudar. (...) os vizinhos e as pessoas interagirem mais uns com os outros e estão sempre disponíveis no caso de nós pedirmos ajuda, eles estão sempre dispostos a ajudar.”

Ainda assim, não deixa de reconhecer que transitaram para a Quinta do Loureiro traços do antigo Bairro que, não obstante a sua vontade de permanecer no Bairro, reconhece serem condicionantes negativas para o desenrolar da sua vida quotidiana, na qual “a parte mais chata é o que toda a gente sabe, é o venderem droga à porta dos prédios e o barulho das rusgas à noite, durante a noite.”

Todavia, existem, para Pandora, outras questões mais flagrantes que a incomodam e que se prendem com as desigualdades de género existentes nas atividades desportivas às quais dedica a sua vida e que a ocupam física e mentalmente. Sobre isso, mais do que sobre outros temas, é perentória:

“Falando nas mulheres no Jiu-Jitsu, nós [mulheres] nunca conseguimos ter tanto patrocínios como os homens, a nível de treino. Nessa parte do desporto há alguma desigualdade. No Jiu-Jitsu a competição é dividida por géneros e pesos. Homens combatem com homens e mulheres combatem com mulheres. Eu não acho mal que os homens combatam com os homens e que as mulheres combatam com as mulheres. Nós [mulheres] no treino rodamos com homens, mas depois nos combates ainda bem que separam, porque a força do homem não é a força da mulher. Acho que assim é mais justo. No treino temos de fazer mais moderados.”

Apesar de considerar que existem diferenças entre homens e mulheres, Pandora considera que as desigualdades entre géneros devem ser mitigadas, tanto no desporto como em outras dimensões da vida. Ainda assim, é patente no seu discurso uma diferenciação estrutural dos papéis de género masculinos e femininos:

“Eu acho que tanto a mulher como o homem devem ter os mesmos direitos. Acho que há mulheres que têm a mesma capacidade para fazer tarefas que os homens fazem. Há mulheres que têm a mesma capacidade. Até podem não fazer ao mesmo ritmo que um homem faz, mas fazem e têm a mesma capacidade. [E ao contrário?] Acho que isso é mais difícil. É mais difícil. Mas também não é impossível. Por exemplo, o meu pai consegue limpar a casa como uma mulher faz. Foi sempre uma coisa que ele fez. Mas há essa desigualdade.”

No desporto, por exemplo, Pandora sente que, para além das desigualdades de género que experiência diretamente nas modalidades que pratica, existem desigualdades de género exteriormente impostas, por via de condicionantes geracionais e estruturais que influenciam o papel e condição da mulher nesses contextos:

“Há mais homens a treinar Jiu-Jitsu do que mulheres, eu chego a ser a única mulher no meio daqueles homens todos. A minha avó foi ver um combate um dia e ela assim ‘és a única rapariga?’ e eu ‘sim!’, porque a mim não me faz confusão ser a única. Para as pessoas é assim ‘ai! é a única!’. Faz mais confusão a quem está de fora do que a quem está lá dentro, nós já nos conhecemos [homens e mulheres], o convívio é outro. Para ela [avó] e para a minha mãe foi estranho, porque eu estava a rolar com um homem de quase 90kg. E ela [a mãe] assim ‘tu deste-lhe a volta!’. Custa mais, tenho de fazer mais força.”

Para além do desporto, também no campo profissional, Pandora reconhece que o desafio das desigualdades de género persiste. Acrescentando que, muitas vezes, essa frustração das oportunidades profissionais no feminino se estende à esfera familiar e pessoal, o que, no caso dos homens, não acontece:

“Acho que há coisas a melhorar. Porque é que um homem- chefe recebe mais que uma mulher- chefe? Aí é uma coisa a melhorar. Por exemplo, os patrocínios que eu falei. Porque é que um homem consegue ter mais facilmente patrocínios do que uma mulher. É mau. (...) Nós

podemos reunirmo-nos e ter a conversa de ‘o que é que não há igual de homem para mulher?’ e depois tentar arranjar estratégias para que isso fique de igual para igual. Eu pensei em escrever uma carta a dizer que não é por eu ser mulher que não posso ter o mesmo patrocínio, vocês deviam ponderar.”

“[A divisão de tarefas] Não é impossível. Por exemplo, o meu mestre [de Jiu-Jitsu] tem duas miúdas e tem uma escola dele. Por isso, impossível, não é. Se houver uma parte da mãe e outra do pai. [Achas que antigamente era mais difícil?] Sim, porque as mulheres tinham de estar em casa e a tratar da casa e das crianças, não é.”

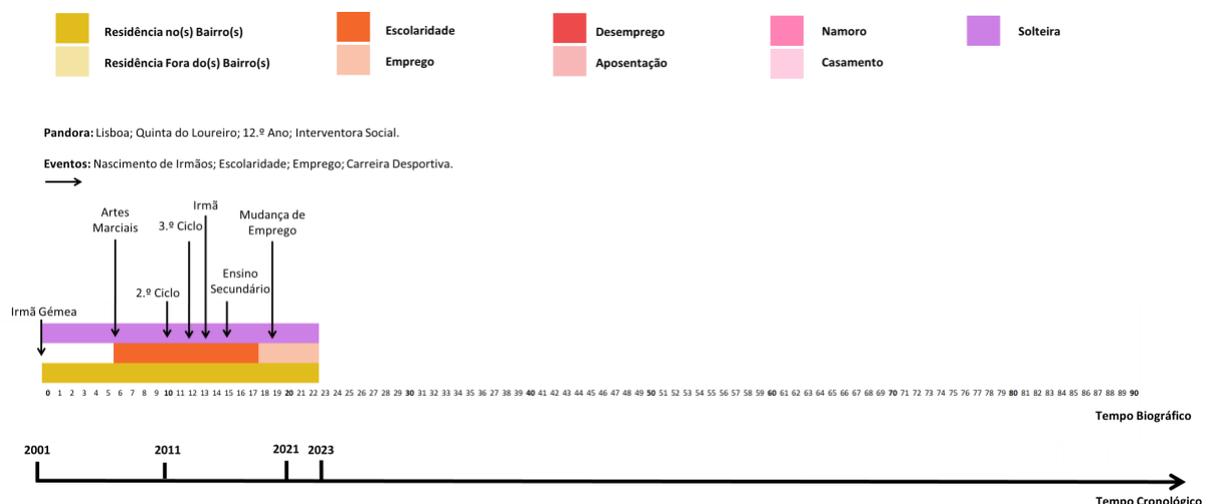
Quanto às questões da violência de género, Pandora tende a reconhecer uma questão emergente – a da violência de género contra o sexo masculino -, sugerindo que existe uma certa igualdade de género nessa esfera:

“Às vezes os homens também sobrem esses tipos de violência. Os homens também podem viver esse tipo de situações. Tanto pode ser o homem a bater na mulher, como a mulher a bater no homem.”

No que respeita à sua visão sobre a atualidade da mobilização coletiva feminina e o Feminismo, Pandora admite que só recentemente teve contacto com estes temas, por via da articulação entre a associação onde trabalha e instituições de caráter feminista com presença na Quinta do Loureiro. Apesar disso reconhece algumas limitações à ação destas instituições junto do território devido a condicionantes estruturais e geracionais de género:

“Essas atividades com a UMAR foram a principal altura em que falei sobre esses temas. (...) Participei sobretudo com os miúdos, porque também estava ligada à dinamização do [Programa] Escolhas. (...) [Mas] há muitas mulheres que não compreendem. Por exemplo, as senhoras mais velhas, às vezes podem até estar a sofrer desigualdade e não compreendem que estão a passar por isso.”

### Linha de Vida (Pandora).



### **Alana<sup>43</sup>**

Alana nasceu há 30 anos, em Lisboa, no seio de uma família cigana. A etnia a que pertence é assumida por Alana como um dos seus principais traços da identidade, acerca da qual tem uma visão crítica, mas orgulhosa. A sua infância foi permeada por antagonismos, momentos altos e baixos que Alana recorda com igual entusiasmo na voz ao contar uma história – a sua história – que podiam ser várias. Da *Infância de Criança* Alana recorda os momentos passados com os primos em Belém, onde vivia num prédio de casas pequeninas com os seus pais, irmãos, avós, tios e primos:

“[A minha infância] foi passada em Belém. Porque eu sempre vivi em Belém, por detrás dos pastéis de Belém. Comia pastéis de Belém todos os dias! Porque ia pedir. Ia para o Jardim Tropical, para o Centro Cultural de Belém, ia sempre pedir mais os meus primos, porque naquela altura gostávamos de ir pedir. Quando era a altura do Santo António íamos sempre pedir dinheiro para o Santo António. Gostávamos de gastar o dinheiro a comprar gelados e hambúrgueres. Gostávamos de ir para o parque, ia para o Museu da Criança, naquela altura havia o Museu da Criança ali no Museu da Marinha. Gostávamos sempre de ir para o Mosteiro dos Jerónimos, lá para dentro para aquelas fontes, roubar moedas. As pessoas punham lá as moedas para pedir desejos e nós trazíamos os bolsos cheios de moedas e depois íamos comprar porcarias. Eu gostei muito da minha infância, quando vivia lá em Belém. Aos sábados havia sempre lá os patrocinadores a dar coisas, do Lipton *Ice Tea*, quando foi da Coca-Cola Zero levámos tanta paleta de Coca-Cola para casa! Cada patrocinador que inventava uma coisa para pôr no mercado era sempre em Belém e davam-nos sempre coisas. No Dia da Criança davam sempre coisas, também. Estávamos sempre à espera pelo dia 1 de junho. Eu tive uma infância feliz! Gostei muito, porque andávamos sempre a fazer porcaria, a brincar com os primos, no Jardim Tropical. Entrávamos sempre lá para o dentro, sem bilhete, porque o senhor já nos conhecia, apanhávamos cocos pequeninos, diospiros, brincávamos com os ganços.”

Alana viveu também uma *Infância de Trabalho*. À semelhança de tantas outras famílias ciganas, a família de Alana eram ciganos feirantes. Tanto os seus pais como os seus avós, maternos e paternos, ganham a vida a vender em feiras, um trabalho que Alana começou a desempenhar era ainda criança:

“Desde os oito [ou] dez anos que o meu avô punha a gente a trabalhar, que era exploração infantil. (...) Os meus avós punham os netos todos a trabalhar com eles. Íamos para a feira com eles. Íamos nós às cinco da manhã para a feira vender calçado. Não sei como é que hei-de explicar, aquilo era exploração infantil. Se fosse agora não podiam fazer. Chamavam os netos, punham os filhos todos a trabalhara par eles, para irmos com eles às cinco da manhã acartar calçado. Não podíamos andar na escola, tínhamos de trabalhar logo com nove anos, dez anos.

---

<sup>43</sup> Duas entrevistas conduzidas em junho de 2023, no Projeto Aga Khan (Quinta do Loureiro).

Mas pronto, agora já tudo passou. Não tenho boas memórias dos meus avós. Nem sequer do meu pai e da minha mãe. Eu sempre vivi assim com traumas, mas não quero que os meus filhos passem pelo que eu passei.”

Para além de vender na feira, Alana e a sua irmã desempenhavam a tarefa de animar as festas ciganas da sua família. Desde pequenas cantavam e dançavam os sons da cultura cigana nas festas. Uma memória que Alana guarda com um sentimento agridoce, pois apesar da exigência da performance requerida, em particular por parte do avô paterno, foi nessas andanças que encontrou a paixão pela música e pela dança:

“Tanto que eu era pequenina, tinha 4 anos, o meu avô fazia festas com ciganos de todo o lado e depois chamava-me a mim e à minha irmã para todo o lado para nós cantarmos. Eu tinha 4 anos, a minha irmã tinha 8 anos e chamavam-nos as carochas. Chamavam-nos e nós tínhamos de cantar à cigano. As pessoas gravavam porque nós tínhamos uma boa voz. Eramos pequeninas, meu avô gostava de fazer parodias e chamava ciganos de todo o lado só para nos ouvir cantar. (...) Esses convívios eram os meus avós do lado do pai, ele [o avô] é que gostava de fazer muitas festas e depois tinha orgulho em nós e depois ficava lá a embebedar-se e convidava ciganos de toda a parte para mostrar as netas, eramos pequeninas, tinha quatro anos, a minha irmã tinha oito [anos]. Às vezes acordavam-nos à noite, uma [hora ou] duas da manhã tínhamos de nos levantar da cama para ir cantar. Era um bocadinho complicado, mas pronto, como eu desde criança gostava de cantar... Ainda tenho uma recordação de cantar na escola em criança, no pré-escolar, ali em Santa Maria de Belém. Lembro-me como se fosse hoje, subi para o palco, estava vestida de *Minnie*, eu era pequenina, tinha uns quatro [ou] cinco anos e eu a cantar a música de Natal, à cigano. (...) foi um momento importante, cantar.”

Alana esclarece que na cultura cigana existe uma noção distinta de Família Nuclear, comumente identificada como sendo composta pelos pais e respetivos filhos. Na cultura cigana a Família Nuclear é uma Família Extensa, englobando várias gerações e ramos familiares (os pais, os filhos, os avós, os tios, os primos, etc.) e é pautada por valores firmes de união e altruísmo. Uma realidade que produz efeitos paradoxais nas vidas individuais dos membros da família, como foi o caso de Alana, sujeitando-se às regras da cultura cigana impostas pela sua família:

“[A comunidade cigana] Tem raças, nós tratamos por raças, famílias. Eu sou da família dos [Amarelos], há a família dos [Laranjas], dos [Vermelhos], dos [Rosas], dos [Lilases], dos [Roxos], dos [Azuis], há muitas raças. Cada família, cada geração, por exemplo, uma pessoa de idade, manda naquele grupinho dos irmãos, dos sobrinhos, dos primos e metem o nome do mais velho, que é o apelido e fica ali aquela família, aquele grupinho que é os [Laranjas], porque ele é o [Laranja]. Os ciganos comunicam assim (...) Eu sou da família dos [Amarelos], porque a minha família está falada de Norte a Sul por ser uma família unida e por serem muito maus,

pronto... Porque só arranjam confusão. Nós não somos chamados para casamentos ciganos nem para festa porque dizem que nós só arranjam confusão. Se os ciganos estiverem ali na rua e disserem assim 'olha vêm ali a família dos [Amarelos], ninguém se meta com eles!' fogem, a sete pés! Como é uma família assim que está sempre a arranjar confusão, ninguém nos chama para festas é sempre uns com os outros. Ficamos mais fechados. É sempre entre primos e irmãos, mas mesmo assim, entre primos e irmãos andam sempre à zaragata. (...) quando nós estamos em zaragata, o tal fulano [envolvido na zaragata] e a família do tal fulano, são todos nossos contrários. Mesmo se for [nosso] primo segundo, primo terceiro, são tudo da minha família, já não pode estar com a outra família porque se zangaram. Por isso é que os ciganos só arranjam confusões, porque o primo paga, em segundo grau, terceiro grau, se um brigar, os outros também pagam, desde que sejam da mesma família, porque os ciganos são todos unidos, todos junto. (...) Estava a tirar um curso, mas, entretanto, não posso ir para o curso. Ia para um curso agora de cozinha, só que tenho lá familiares que são os meus contrários que é como quem diz não posso, porque quando a gente se encontra não pode ser uns ao pé dos outros. E eu queria mesmo tirar aquele curso de cozinha, mas agora, entretanto não posso."

Tais factos fazem com que Alana mantenha um discurso dual sobre a sua família - por um lado, a única família que tem e que a criou; por outro, a família que condicionou as suas escolhas de vida a vários níveis. Duas das situações em que Alana aponta esta dualidade estão interligadas. Uma tem que ver com a impossibilidade de prossecução dos estudos e outra com a imposição do casamento, ambas relacionadas com as especificidades da condição feminina no quadro da cultura cigana:

"Eu queria continuar [na escola], porque eu depois até, como estava no 6.º ano e tinha 14 anos, eu decidi que queria ir para um curso porque ali [nesse curso] tirava o 9.º ano em um ano. Tinha cozinha, fazia [tapetes de] Arraiolos, tinha costura. Mas gostava, por acaso. Mas só estive lá um mês porque depois casei. Mas gostava de continuar. Depois de casar e de ter dois filhos fui para lá outra vez, mas não completei porque aquilo era uma vida ativa, mas não tirei nenhuma escolaridade. Era só mesmo porque gostava de ir para lá. (...) Os mais velhos dizem logo: ai a menina já está muito grande para poder ir para a escola! Depois ainda começa a namorar na escola! Porque os homens mais velhos preservam as meninas. Porque as miúdas, não vamos estar sempre atrás delas, por exemplo, elas podem gostar de um cigano na escola ou de um não cigano e eles [os ciganos mais velhos] quanto mais novas as tiram da escola, melhor, que é para elas ficarem em casa guardadas. Para guardarem a sua honra, porque se elas forem para a escola os mais velhos ficam sempre mais preocupados, como quem diz, podem namorar, podem se estragar. E depois os pais ficam tristes, porque os pais estão a reservar a honra, que é o mais precioso da comunidade cigana, a honra da mulher. Os mais velhos às vezes dizem assim: tira a menina já da escola!"

Ainda assim, Alana relata que no seio da cultura cigana se sentem os sinais dos tempos. Grande parte das meninas ciganas procuram, hoje, permanecer na escola até mais estar para “para tirarem mais escolaridade, para arranjam trabalho, para não ficarem sempre na ignorância e só saberem o 4.º ano da escola.” No entanto, esse não foi o seu caso:

“Estudei até ao 6.º ano porque, entretanto, casei com 14 anos, sim. Eu não gostava de estudar. Tanto que eu estava lá a tirar um curso, e só fiquei lá um mês, para tirar o 9.º ano, que era costura, um bocadinho pouco de aulas, tinha cozinha, vários módulos. A gente num dia fazíamos três ou quatro módulos. Depois, entretanto, casei e já não fui mais, porque a mulher tem de ficar em casa, não pode ir para o curso. (...) Agora não, as meninas mesmo que casem vão para a escola até aos 18 anos. Há 16 anos atrás já não, a gente casávamos e já não íamos para a escola. Era também a nossa tradição, mulher casada não podia ir para escola, tinha de ficar em casa a tomar conta dos filhos. Eu não gostava de estudar. Gostava de muito de matemática! Mas não gostava de estudar. Gostava de ir para a escola conviver com as minhas amigas. As minhas amigas eram pretas e brancas, não eram ciganas. Gostávamos de fazer porcaria, íamos para o parque, íamos para outras escolas, andar a gozar com outras miúdas de outras escolas, coisas da idade.”

Alana explica que esta lente cultural que prevê a preservação das mulheres ciganas no seio do espaço doméstico se prende com a valorização do feminino. Uma visão que compreender, respeita, mas em relação à qual é crítica:

“[Sendo assim, achas que há uma desvalorização da escola por parte da comunidade cigana?] Não, não é isso. É mesmo só porque querem guardar a honra das miúdas, tanto que os meninos vão para a escola quando eles querem, saem à noite. O homem é diferente da mulher. A mulher é mais, tem de ficar guardada até casar. Depois quem toma conta da mulher é o homem, quando casam. Ela tem de ficar guardada com sete chaves. Porque na nossa religião a honra da mulher é o mais importante. Para a cultura não sair, para estar sempre de geração em geração. Casar virgem, fazer aqueles casamentos de dois e três dias.”

Contudo, também no que respeita ao casamento cigano as características da Modernidade Tardia têm vindo a introduzir mudanças que Alana aponta com entusiasmo, mas também com algum conservadorismo:

“O casamento cigano é assim: quando estão na festa os ciganos veem que um tem um menino o outro tem uma menina, às vezes ainda estão na barriga e já comprometem, quando elas estão grávidas. O pai do menino pergunta ao pai da menina se querem ficar comprometidos, quando forem mais velhos, para casar. Isso é até hoje, ainda dura. Se o pai concordar com a maneira do menino, com a maneira do pai, se é boa pessoa, não é só de finanças, se é boa pessoa, de conviver com as pessoas, se são importantes na comunidade eles comprometem e

dão uma mãozada. Se aquilo for para a frente, marcar a data do casamento quando os miúdos tiverem 16 ou 17 anos. Ou até mais novos, com 14 ou 15 anos já casam. [Porque é que é assim tão cedo?] Não sei, porque a mulher cigana não nasceu para namorar, nasceu para casar logo, então comprometem-se e têm de casar. Agora já não, desde que existe redes sociais, *Instagram, Facebook, TikTok* elas agora namoram com quem quiserem, um dia que decidirem casar, elas casam. Nas redes sociais elas podem namorar às escondidas e os pais não sabem. Vão para a escola namorar. Isso acontece muito. Não querem namorado, comprometem-se com outro. Comprometem-se com um noivo, mesmo cigano, mas dizem ao pai que já não querem. Comprometem-se com outro. Agora é assim, a tradição já está diferente.”

Há 16 anos atrás, quando Alana casou a realidade matrimonial no seio da cultura cigana era bastante menos flexível. Alana casou com 14 anos, o seu marido tinha mais sete anos e o casamento entre ambos por programado por uma tia materna de Alana:

“Quando eu casei, era muito nova ainda, tinha 14 anos. Não podia namorar. Um dia chamaram-me para fugir com o meu noivo, porque naquela altura estava comprometida com ele, mas só ficamos comprometidos duas semanas. Depois fugimos, mas eu não queria, estava a chorar, era criança. Não sabia o que é que era namorar, não sabia nada. Depois fui aprendendo com ele, com o tempo, o que é que era a vida. Foi assim a pouco e pouco. Depois nunca apanhei mais nenhum [homem] foi só aquele. (...) Eu via que havia culturas mais liberais. Mas não pensei muito nisso na altura. Estava casa e pronto, acabou. Vamos viver para toda a vida assim. Nunca pensei bem nisso [em casar]. Pensava em um dia querer namorar, como todas as meninas da nossa idade, mas casar não. Nunca pensei em casar. Também não sabia o que era casar, nunca ninguém me tinha explicado. Como é que se fazia, o que não se fazia. As mulheres não ensinam às meninas, nós temos de aprender por nós próprias. Estava mesmo em branco, para mim era tudo novo.”

Mesmo após ter casado, Alana ficou a viver com os pais, com os irmãos, os avós paternos e o marido, na mesma casa onde cresceu, em Belém. Na altura o seu marido era empregado, “na fábrica dos bacalhaus ali em Odivelas”, mas a mãe de Alana impôs-lhe que desistisse do trabalho, oferecendo uma mesada ao casal. Uma imposição que deixou ambos numa de dependência face à família de Alana e que a levou a deixar para trás a família de origem e cair numa situação de vulnerabilidade extrema:

“Casei e fui viver com ela, com a minha mãe, no primeiro andar lá em Belém. Casas velhinhas, ela vivia no primeiro andar e deu-me a casa do segundo andar para eu viver. (...) Depois a minha mãe disse para ele desistir do trabalho, porque o trabalho era para os senhores, não era para os ciganos. E ele desistiu. Eu não achei boa ideia. Porque depois íamos arranjar dinheiro onde? Depois tínhamos de viver à custa do rendimento, ele já não tinha dinheiro e a minha mãe só me dava 50€ por mês. O que é que é 50€ por mês?! Durante um mês! (...) Demos

se mal, ela estava sempre a brigar comigo e disse ‘vai-te embora da minha casa!’, eu era criança, estava a chorar, peguei numa trocha e fui viver sozinha. Não sabia fazer comida, o meu marido ensinou-me a fazer. Fui para aquela casa arrombada e o meu marido depois foi comigo.”

Alana confessa que a sua relação com a mãe nunca foi boa e que, por isso, acabou interpretar o casamento precoce como uma oportunidade para escapar aos maus-tratos perpetuados pela mãe:

“Não, nunca tivemos uma boa relação [eu e a minha mãe]. Porque a minha mãe também sofria com o meu pai. Porque o meu pai era bêbedo. E a minha mãe sofria muito, nunca dava tenção aos filhos. E o meu pai tirava as coisas de casa e ia vender, mesmo a comida. A minha mãe sofreu muito. Não conseguia dar atenção a nós. Depois nós andávamos a pedir. Andávamos por aí em Belém, à nossa sorte. Só íamos para casa dormir. [E a sua mãe trabalhava?] Não, ela não trabalhava. Ela era feirante, andava por aí a vender. Mas era em vários lugares, porque ela não tinha dinheiro para comprar lugares, andava por aí. Era ali em Algés, a fugir á polícia, para o mercado da Ajuda. Onde podia. Tivemos vidas difíceis. (...) ela nunca deu apoio às filhas. Tanto que a minha irmã e eu casamos aos 14 anos porque, não era maus-tratos, mas elas obrigavam-nos a limpar a casa e depois batiam-nos. Depois a gente tínhamos de ir para a rua. Eu ia mais brincar com os meus primos só para não estar em casa, para não conviver com ela.”

O único familiar com quem Alana manteve contato nessa altura foi o seu irmão, dois anos mais novo, com quem tem uma relação de grande confiança e cumplicidade, por terem passado juntos vários momentos de adversidade:

“A minha família que eu tive sempre foi só o meu irmão. Foi como se fosse meu pai, minha mãe, meu irmão, filho, foi tudo junto. Porque ele conviveu sempre comigo, foi como e fosse meu filho, meu irmão, meu pai, minha mãe, minha irmã. Deu-me sempre conselhos. Sempre me ajudou! Batia-me em criança, mas era normal... Não me largava eu nem à casa de banho podia ir, que ele ia atrás de mim. [Risos] Ele não podia viver sem mim. Até agora, eu tenho 30 [anos] e ele vai fazer 28 [anos] e ele, onde eu vou, ele vai atrás de mim. Foi aquela cumplicidade. (...) Até mesmo já em casada. Ele agora, pronto, está preso porque fez porcaria. Mas quando eu casei, eu era uma clandestina já vivi em Belém, já vivi no Altinho, Junqueira, no Rio Seco, na Brandoa, andava sempre a mudar e onde eu ia ele andava sempre atrás de mim, arranjava sempre maneira de vir morar para o pé de mim.”

Inclusive, quando Alana ficou sem casa foi o seu irmão mais novo que a ajudou a encontrar um abrigo. Memória que não esquece e que considera ter fortalecido, ainda mais, a relação entre ambos:

“Nessa altura, não [houve ninguém que me apoiasse quando a minha mãe me expulsou de casa]. Foi só o meu irmão mais pequenino. A pessoa mais importante é o meu irmão. O meu irmão na altura, eu tinha 16 [anos] e ele tinha 14 anos, ele era uma criança. Com um amigo

dele, que andava com ele na escola ali no Altinho, arrombou-me a porta daquela casa e disse-me ‘Lana, eu tenho uma casa para ti, anda para ali’. E foi para ali que eu fui, por causa dele. Porque aquela casa estava fechada e foi um pé’zão que ele deu. Eu fui para ali porque foi o meu irmão. Foi por causa dele, sempre.”

Alana viveu nessa casa ocupada durante três anos, até ser expulsa. Altura em que foi obrigada a adotar um estilo de vida nómada, saltitando de casa em casa, de barraca em barraca:

“(…) fiquei lá a viver 3 anos. Mas, entretanto, a Câmara [Municipal] foi lá tirar-me porque (...) os não queriam ali muito ciganos, chamaram a polícia e mandaram-nos embora. Já sofri muito. Andei de casa em casa. Nunca tinha casa. Já vivi em barracas. Foi muito difícil, tempos muito difíceis... (...) [Quando a Câmara nos tirou da casa arrombada] Não tínhamos para onde ir. Depois o meu tio emprestou-nos uma barraca, fomos viver para uma barraca. Depois dali fomos alugar uma casa no Rio Seco. Depois dali fomos viver para outra casa. Eu até agora fui uma clandestina, andava de casa em casa.”

Enquanto estava sem casa, Alana foi mãe do seu primeiro filho, tinha 15 anos. Confessa que nunca planeou esse projeto de maternidade, irreflexão que atribui à tenra idade, mas também à pressão da cultura cigana:

“[Ter filhos] Foi uma coisa que aconteceu, nunca planeei. Mas também, a mulher quando casa tem de ter logo filhos, se não tiver logo filhos já falam mal dela na família. E quantos mais filhos melhor, ainda há essa ideia, que é para [fazer] crescer a comunidade. Mas agora as pessoas ciganas não querem ter, porque querem trabalhar, querem gozar a vida e não vão andar com cinco [ou] seis filhos atrás. O ideal é três filhos ou quatro, no máximo quatro. Mas também um ou dois, não, tem de ser três ou quatro que é para [a comunidade] crescer. (...) Tinha 15 anos [quando tive o meu primeiro filho]. Eu nunca precisei da minha mãe para criar o meu filho. Criei do meu filho sozinha, até o primeiro banho fui eu sozinha e era criança, tinha 15 anos. Nunca precisei dela para nada. A minha mãe também nunca me ajudou a comprar o enxoval do meu filho, fui só eu. Nunca tivemos relação boa. Nem agora. (...) Mas eu nunca precisei de ninguém para me sustentar e era uma criança (...). Claro que, pronto, sobrevivia do RSI, mas eu tinha de sobreviver de algum lado. Com aquele dinheiro eu tinha de me governar, para dar de comer ao meu filho. Para me governar a mim.”

Atualmente, Alana vive com os seus três filhos – o mais velho com 14 anos, o do meio com 9 anos e o mais novo com 7 anos – na Quinta do Loureiro, num apartamento que aluga com o apoio da Câmara Municipal de Lisboa:

“Eu vim viver aqui para o Loureiro porque foi a Câmara [de Lisboa] que me arranjou esta casa, de um arrendamento apoiado porque eu não tinha possibilidades de arrendar uma casa por 500 ou 600 euros, porque eu vivia num T0 a pagar 250€, com os meus três filhos. Pedi ajuda à

Câmara e ela ajudou-me com esta renda, para pagar menos de 5€. E vim viver para aqui. Eu podia rejeitar, mas, entretanto, fui conhecendo o Bairro, fui conhecendo as pessoas.”

Em relação ao Bairro, confessa que quando chegou ao Loureiro se sentiu discriminada pelos moradores, devido à sua etnia. No entanto, procurou arranjar forma de transformar essa situação, com o apoio das associações locais:

“As pessoas eram um bocadinho preconceituosas, mas agora já não. Já esta tudo bem. Aqui vivem alguns ciganos, mas os ciganos não saem para a rua. Só vão para casa, para dormir. Se tiverem que ir a algum lado, saem. Mas depois voltam para casa, não saem para o Bairro. Eu não. Eu gosto de conviver com as pessoas, gosto de sair, de explorar coisas novas. Eu ia para o parque com os meus filhos, vinha para aqui para [a associação].”

“O que eu gosto mais é aqui do espaço, [da associação]. Porque eu gosto, porque aqui convivemos uns com os outros, não há etnias, não há raças, os miúdos brincam uns com os outros. Se eu quiser cantar, eu canto porque aqui tem uma coisa para cantar, dançar. Aqui sinto-me livre! (...) eu vim falar com a [técnica da associação] a perguntar se eu podia vir dar aulas de dança Flamenca ou de algo, para falar um bocadinho sobre a comunidade cigana. E já estou assim há um ano. Agora estou a ver se arranjo patrocinadores para patrocinar a minha [iniciativa], porque eu agora quero abrir um espaço aberto à comunidade, de ciganos, de pessoas de cor, de pretos, de brancos, de tudo. Para não haver desigualdades ali, para haver de tudo, dança, gastronomia, tudo e mais um pouco. Para falarmos das nossas culturas. Para não haver desigualdades entre, como se diz, raças. (...) A ideia era fazer aqui no Bairro, porque este espaço vai fechar e eu queria abrir para fazer essas [atividades]. Porque as crianças, como são pretos, brancos, ciganos, para fazer essas atividades, para conviver umas com as outras, ouvirem música, ficarem instrumentos musicais, fazerem *workshops* de comida, gastronomia cigana, cabo-verdiana, portuguesa. Porque aqui no Loureiro existem indianos, cabo-verdianos, chineses, de tudo um pouco.”

Alana vê neste passatempo o cumprimento de um dos seus grandes sonhos, bem como uma possibilidade de se sustentar a si e aos seus filhos, fazendo aquilo que gosta:

“Sim, gosto de cozinhar, mas o meu sonho mesmo é ser cantora. Gostava de ser cantora de Flamenco, gosto muito de cantar músicas espanholas. Pela minha voz, mesmo se fosse Fado, assim Fado cigano, uma mistura de música cigana com Fado português, aquela mistura. Era um sonho! Ser cantora e dançarina, era. Eu gosto muito de cantar e de dançar.”

Aos 30 anos, Alana teve apenas um emprego como assistente de limpeza. Atualmente está desempregada, mas foi a partir desta iniciativa comunitária que começou a projetar o seu futuro profissional. Enquanto mulher cigana, nunca teve a oportunidade de trabalhar. Por um lado, devido às

regras internas impostas pela cultura cigana às mulheres, por outro devido ao estigma externo em relação à comunidade cigana:

“Também nunca tive oportunidades de trabalhar. Trabalhar foi de limpezas, mas foi pouco tempo. Agora quero ver se daqui para a frente, se eu quero trabalhar mesmo nesta área de assistente social/sociocultural, com as comunidades. Com as crianças, com as pessoas, andar a falar das nossas culturas. Eu quero mesmo trabalhar assim, ativista. (...) O [emprego] das limpezas só durou uma semana, depois tive de sair porque eu não gostava de trabalhar ali. Já bem bastava eu fazer limpezas na minha casa todos os dias. É isso que eu estou a explicar, eu quero um trabalho que eu goste, trabalhar com as pessoas, trabalhar assim em comunidade. Ajudar as pessoas porque eu gosto de ajudar o próximo, conviver com os miúdos, dar aulas de canto, dança... Uma coisa que eu me levante de manhã ‘ai eu quero ir trabalhar!’, não é um trabalho que eu ‘ai não quero ir trabalhar...que cansada...’ Quero motivar-me, quero trabalhar um trabalho que eu goste, na minha área.”

“Porque eu não tive oportunidades de trabalhar, porque a mulher cigana não pode trabalhar. Agora já podem, o mundo já está mais socialmente. Mas se uma mulher trabalhar e tirar a carta já falam mal dela. Dizem logo que ‘aquela já quer ter outro homem, já quer casar com outro homem, ter outra vida’. Isso é de gerações mais antiga, mas agora já não, agora já toda a mulher pode ir trabalhar, tiram a carta, têm a sua independência. Só que não dão trabalhos às ciganas porque dizem que os ciganos são ladrões, são maus. Não dão muita oportunidade à gente por sermos ciganos. Alguns procuram trabalho e disfarçam que são ciganos para poderem trabalhar porque precisam. Ainda sofremos um bocadinho de racismo.”

Ainda assim, Alana confessa que, enquanto mulher cigana sempre sentiu mais a pressão interna à sua cultura para exercer o papel social feminino, tradicional. Uma realidade que identifica com clareza e que partilha com outras mulheres ciganas:

“Eu às vezes digo que preferia ser homem. Digo às minhas primas ‘mais valia sermos homens!’. E as vezes quando conversamos dizemos ‘ai não queria ser cigana, mais queria ser branca! Porque as brancas fazem o que elas querem, as ciganas não!’. Nós conversamos entre nós que queríamos ser brancas, não queríamos ser ciganas. Não é por causa da nossa cultura, nós gostamos da nossa cultura, gostamos de tudo! Mas por causa de tradições e de liberdade, ainda somos muito presas. (...) Elas [as mulheres ciganas] levam porrada, ficam em casa, não saem, não socializam com outras pessoas, não trabalham. Ficam só em casa a arrumar a casa, a conviver com as pessoas do Bairro. Mas agora também já não, a tradição agora também já está muito evoluída. As mulheres ciganas também já querem trabalhar, tirar cursos, já querem sair da parte de se analfabetas, de serem atrasadas. Querem se envolver com outras coisas,

com outras culturas, com outras pessoas para serem algum na vida. Para a cultura cigana se envolver melhor.”

Alana aponta que esta rigidez que persiste nos papéis de género dentro da cultura cigana tem, também, efeitos negativos na própria condição dos homens ciganos:

“Os homens são capazes de fazer as mesmas tarefas que as mulheres e as mulheres as mesmas tarefas dos homens. As mulheres são independentes, não precisam dos homens para nada! Só que os homens não fazem porque é vergonha. Se uma pessoa o vir ele já fica mal visto. Alguns ciganos [homens] ajudam as mulheres às escondidas, fica só entre eles. Porque se algum outro homem da comunidade souber que ele ajuda a mulher nas tarefas de casa, ele já fica mal visto ‘ai aquele cigano! Esta a ajudar nas tarefas de casa, está a sair da tradição!’ Os homens não têm de fazer nada, quem faz tudo é as mulheres, mas como eles agora têm medo que as mulheres os deixem porque ficam chateadas, eles fazem, mas tem de ser entre eles [o casal], em segredo.”

A combinação de fatores como o papel social do homem cigano – másculo, forte, viril – sobreposta à natureza masculina do lugar onde vive – agressivo, marginal, forte - e ao facto de ter três filhos – todos eles rapazes – é uma das principais preocupações de Alana:

“(…) eu acho que também vou pedir transferência, para outro bairro. Porque eu quero sair deste Bairro. Vou pedir transferência a ver se eu consigo. Daqui a um aninho, pedir transferência para sair daqui. É mesmo por causa dessa situação [do tráfico de droga], porque até os vizinhos agora está tudo bem, damo-nos uns com os outros. Porque também eu tenho três filhos homens e eu não quero que eles vão para as drogas. Porque essa sociedade aprende-se uns com os outros e eu não quero esse ambiente para os meus filhos. (...) há muita droga aqui no bairro e isso não é bom para as crianças. É complicado. Eles vão convivendo com isso e eu, como não tinha possibilidades de ir para outro sítio viver, tive mesmo de aceitar essa [casa]. O que me desagrada mesmo é só mesmo esse caso da droga. Eu acho que afeta a minha vida no dia a dia, porque a gente chega à rua só vê drogados. Olhamos pela janela, vemos um drogado na esquina a drogar-se. Isso é mau para as crianças, até mesmo para nós. É um ambiente que não é um bom ambiente para as pessoas, para as crianças.”

Os planos de Alana para o futuro estão bem definidos, para além da mudança de residência, Alana está concentrada no seu projeto comunitário e na conquista de um trabalho que a realize pessoal e profissionalmente e que tenha um impacto positivo nas desigualdades sociais, sobretudo de género e étnicas:

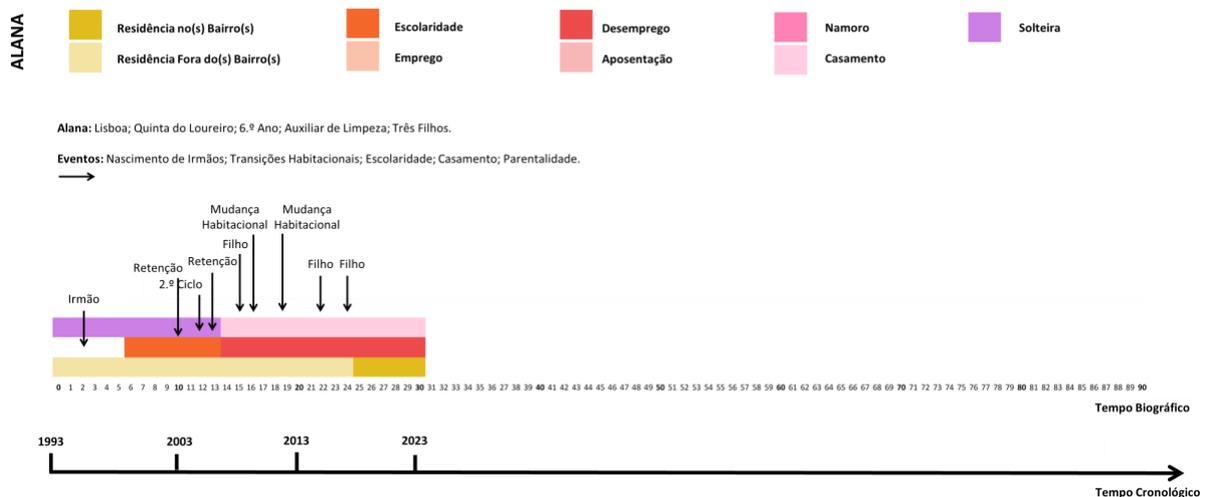
“Mas quando eu abrir o meu projeto, se Deus quiser, vou ver se consigo abrir um projeto sobre o direito da mulher cigana, para não haver desigualdade entre o homem e a mulher. Porque quando eu for dar essas aulas de diálogo, eu vou explicar o que é que é um ser cigano homem

e um ser cigano mulher. Mas eu queria que houvesse um projeto para isso das mulheres ciganas, para elas se abrirem mais para a cultura, para as outras comunidades, não serem tão fechadas. Eu acho que sou a primeira cigana a falar sobre a nossa tradição, porque as mulheres ainda têm muito...medo, não é medo, não sei bem...vergonha. [Timidez?] É! Tanto que há ciganas de outros bairros que sabem que eu estou a dar aulas de dança cigana e também querem. (...) Eu queria abrir assim um projeto também sobre a mulher cigana, para elas não terem vergonha, para expressarem as suas expressões. Para não haver aquelas desigualdades entre o homem e a mulher.”

Alana espera contribuir para transformar a realidade social das mulheres ciganas, procurando apresentar soluções para alterar o dilema que viveu na pele – ser orgulhosamente uma mulher cigana e viver com os constrangimentos internos à sua etnia e externos à sua condição feminina:

“[As mulheres ciganas] Querem manter a sua cultura. A mulher cigana pode querer trabalhar, mas tem aquela cultura de vestir, de dançar de cantar, da honra. (...) Na rua, se virem, estás na rua e consegues distinguir uma mulher cigana e uma não cigana. Porque a mulher cigana tem os cabelos compridos, usam mais praticamente saias, gostam de se pintar, usar pestanas. Tu consegues ver uma mulher cigana. Consegues distinguir o que é que é uma cigana e o que é que é uma branca. Pela maneira de se vestir e pelo falar. Se vires ali ao fundo uma cigana a falar, as ciganas já começam aos gritos. A nossa fala é aos gritos.”

### Linha de Vida (Alana).



### *Cláudia*<sup>44</sup>

Cláudia tem 36 anos, nasceu em Lisboa, no Hospital Egas Moniz. Toda a sua vida viveu no bairro da Ajuda. Durante a infância, vivia na casa da avó materna, com a avó, a mãe e o seu único irmão:

<sup>44</sup> Uma entrevista conduzida em março de 2023, no Café Galão (Alcântara).

“A minha avó era doméstica, fazia ali umas coisas de costura, modista, não sei diferenciar muito bem. (...) foi tranquila [a minha infância], foi normal. Sempre fui mimada. Sempre fui menina da minha avó. Não me posso queixar. (...) Era uma relação muito próxima.”

Recorda a relação que tinha com a avó materna, recentemente falecida, de forma emotiva, mas atribui-lhe um sabor agri-doce por considerar que colmatava a ausência da sua mãe, obrigada a conciliar diferentes trabalhos para providenciar sustento à família de quatro pessoas quando Cláudia era pequena:

“[A minha mãe] era mais distante (...) A minha mãe nunca foi muito presente, hoje em dia é mais, mas eu costumo dizer que o meu filho tem mais noção de avó do que nós tivemos de mãe.”

Claúdia sente que esse distanciamento da mãe condicionou a relação das duas até ao presente. Quando Cláudia nasceu, a sua mãe não era casada com o pai de Cláudia e após o seu nascimento, o pai nunca a reconheceu como filha por ser fruto de uma relação extraconjugal:

“O meu pai sempre foi ausente. Eu sou filha de um homem casado e o meu pai sempre ficou com a família, por dizer assim. Nunca esteve presente. Mas hoje ele ainda tenta chegar-se mais ao meu filho do que alguma vez tentou chegar-se a mim. Mas o meu filho não o reconhece como avô. O meu filho reconhece como o avô o companheiro da minha mãe. Porque depois a minha mãe encontrou um companheiro, já há cerca de seis anos.”

A relação complicada entre a mãe e o pai de Cláudia, a somar à sobrecarga laboral da mãe, condicionou desde sempre a relação com os seus pais, bem como os planos de Cláudia acerca da constituição da sua própria família. Acredita que é pelo exemplo disfuncional da relação dos seus pais que “também deve ser por isso que eu não acredito em relações. (...) Eu não tive o exemplo das relações em casa, das relações marido-mulher.”

Claúdia admite que nunca teve o sonho de casar e ter filhos e que, também, nunca sentiu pressão da mãe e da avó para tal:

“(...) eu venho de uma família muito liberal e não têm muito esta coisa de ‘as meninas aos 25 [anos] têm de casar’. (...) Eu sou muito independente, não tenho paciência. Sou muito individualista e não tenho paciência para me justificar se vier alguém. Independentemente da parte boa, dos *cafunes*. Há sempre aquela coisa do ‘vou aqui’ ou ‘vou ali’, ‘olha tenho de ir ali’ ou ‘olha tenho de levar o teu carro’. Assim, eu já sei com aquilo que conto. Conto comigo, duas ou três pessoas e pronto.”

“O sonho de casar morreu quando a minha mãe se casou, eu tinha quatro anos. A minha mãe teve casada um mês, seus meses, para aí. Depois teve uma data de anos para se divorciar e eu percebi que não era por aí, não era esse contrato que firmava alguma coisa. Nunca tive o sonho

de casar. Nem de ter filhos. Para mim era muito mais satisfatório ser bem-sucedida profissionalmente do que ser bem-sucedida pessoalmente.”

No entanto, os planos de Cláudia alteraram-se quando tinha 28 anos e a história vivida pela sua mãe repetiu-se. Cláudia tem um filho com oito anos, mas a relação com o pai do seu filho foi atribulada desde início:

“Não [vivo com o pai do meu filho]. O pai do meu filho, melhor, o meu filho é que não conhece o pai. O pai dele viu-o quando ele nasceu, ao terceiro dia de nascer. Depois nunca mais quis saber. Porque o meu filho também é filho de um homem casado. A mulher dele é brasileira, ela estava no Brasil. Ele estava separado da mulher. Mas eu dou-me super bem com a mulher dele, porque nós fomos enganadas ao mesmo tempo. (...) Eu não fiquei a perder porque eu tenho um filho, não sinto que fiquei a perder. Mas ele mostrou-me [o que era], porque ele deixou-me para ficar com outra, que [nem] era a mulher dele.”

Apesar da maternidade nunca ter feito parte dos seus planos, Cláudia decidiu prosseguir com a gravidez. Decisão da qual não se arrepende. No entanto, essa altura coincidiu com um momento de transição habitacional que deslocou Cláudia do lugar vivia há quase 30 anos e onde esperava criar o seu filho:

“Quando o meu filho apareceu, foi uma surpresa, mas não foi uma rejeição. Desde o primeiro momento que eu soube que não queria abortar. Não era mais feliz sem ele.”

“Depois, em 2015, com o meu filho (...) a minha avó morreu e com aquela história da casa e não sei quê, tive de vir para aqui. Vim com o meu irmão e o meu filho. (...) Já estava preparada [para a transição entre família/casa de origem e a nova família/casa], porque sabia que quando a minha avó morresse que as coisas se iam desenrolar dessa maneira... (...) Eu sabia que depois tinha de arranjar casa e fazer-me à vida. Não havia muito a fazer, até porque a senhoria deu-nos seis meses para deixar a casa. São muito complicadas estas questões da habitação agora.”

Apesar desta transição habitacional forçada que levou Cláudia a procurar uma habitação social na Quinta do Loureiro, é na Ajuda, no bairro onde cresceu e viveu até aos 28 anos, que Cláudia faz a sua vida diária. Inclusive, não assume a identidade do Bairro onde reside atualmente, por via do estigma social associado a esse lugar que resistiu e volta a emergir, mesmo após o Programa Especial de Realojamento:

“Eu costumo dizer que eu vivo no Loureiro, mas o meu bairro é a Ajuda. A minha mãe ficou na Ajuda, eu vou lá com muita frequência. Porque a minha mãe também é família de apoio, vai-me buscar o miúdo e não sei quê. Eu passo mais tempo na Ajuda do que aqui. Venho dormir aqui.”

Desde então, Cláudia passou a viver com o filho e o irmão mais novo, de 22 anos. O irmão de Cláudia é fruto da atual relação que a sua mãe mantém com o padrasto de Cláudia, mas apesar de não serem

irmãos de sangue, Cláudia afirma que o irmão é o seu principal apoio. Uma relação onde assume o duplo papel de irmã e mãe:

“O meu irmão apoia-se em mim, mais do que eu nele, também pela diferença de idades, mas tem-me a mim. (...) O meu irmão é muito mais novo do que eu. Eu tenho treze anos de diferença do meu irmão. O meu irmão já é mais na minha adolescência. (...) O meu irmão é o meu primeiro filho. Eu sou como mãe dele. Ele tem agora 22 [anos], fez o 12.º [ano] e agora trabalha aqui no *LxFactory*.”

Para além do irmão, faz parte da estrutura de apoio de Cláudia a sua melhor amiga. Uma amizade com mais de 20 anos, que dura desde os tempos de escola:

“Conhecemo-nos na escola. A gente já se conhece há vinte e pouco anos. Ela é uma irmã de outra mãe. Não é habitual os amigos de escola irem para tanto, temos colegas de turma que seguimos no *Instagram*, no *Facebook* e nenhum deles é tão chegado como nós [as duas]. Também é muito a necessidade. Eu entro no CCB às seis da manhã, eu tenho de deixar o meu filho nela às cinco e tal para ela o ir levar à escola. Mas mesmo antes dos miúdos nascerem nós eramos, fins de semanas, folgas, eramos muito próximas. Eramos amigas do 7.º [ano], do [ensino] básico. Ela é uma inspiração para mim. (...) Tem duas meninas, também foi mãe solteira.”

Para além desta amizade, Cláudia traz dos tempos de escola recordações da sua rebeldia que a levaram a não terminar o ensino secundário:

“Ui, eu baldava-me muito às aulas. [Risos] Não era má aluna, não era mal-educada, nunca fui. Mas não gostava das aulas. Porque era uma seca, porque era mais giro ir lá para fora com os amigos. Porque era miúda. (...) [Desisti da escola] Porque eu era uma adolescente como muitas que andam aí. Não queria, eu queria era trabalhar. Na altura foi para trabalhar. Eu não desisti, eu fiz o 12.º [ano], mas fiquei com o Inglês e a Matemática.”

No entanto, hoje atribui esse desinteresse pela escola à dificuldade em perspetivar um futuro quando se é jovem, devido à pressão quotidiana imposta pela dualidade de ter de manter um sustento e a incerteza de sucesso numa carreira de possível interesse pessoal:

“Hoje em dia, quando eu fiz esta troca de trabalho, a minha amiga dizia-me assim – porque ela quis ser educadora de infância, ela não é, mas queria ser educadora de infância, trabalha na Rádio Popular, uma excelente vendedora! – ‘mas o que é que tu queres fazer?’ e eu ‘não sei’. Se voltasse lá atrás, vinte anos lá atrás, eu não sei o que é que queria ser! Queria só ir vendo e experimentando!”

Ainda assim, recentemente Cláudia confessa estar a tentar combater essa dualidade. Cláudia esperou pelo fim da Pandemia de Covid-19 e decidiu mudar a sua vida profissional:

“Portanto, eu despedi-me e nessa altura quis dar um *up* na minha vida, tanto a nível profissional, como na vida particular. Por tanto resolvi voltar a estudar. Terminar o 12.º [ano], já está na altura. Agora estou no Qualifica a ver se consigo terminar o 12.º [ano].”

Claúdia não vê na conclusão do ensino secundário o fim da sua corrida pelo sonho antigo de sucesso profissional. O seu plano é entrar para a universidade pública, pelo menos numa das suas principais áreas de interesse:

“Perspetivas, ver se consigo entrar na universidade pública. Se calhar não vai ser este ano. Aquilo [Qualifica] pode ir até um ano e depende do nosso ritmo de trabalho e eu há alturas que estou mais inspirada, outras em que estou menos inspirada. Por causa do trabalho. Também me vou deixar levar o meu tempo. Não vou querer fazer tudo a correr. É muita coisa.”

“[As] áreas que me interessem [são] Psicologia ou Direito. Mas, talvez Direito... Ou Gestão. Direito porque gosto. Apesar de achar que um advogado - porque eu via, estive muito tempo nesse ramo (...) não ganha muito, um jurista ou assim. Ou então Gestão, porque acho que é uma coisa mais rentável. Mas Direito ou Psicologia seria a minha área. Se bem que eu não consigo... Tenho dificuldade... Eu costumo dizer que não gosto de pessoas, não gosto de falar. Tenho dificuldade, porque quando as pessoas têm problemas eu consigo absorver muito. Sou demasiado empática e às vezes fecho-me mais. Gostava muito de Psicologia, acho que é uma área muito rica, mas não sei se aguentava essa pressão.”

Em termos profissionais, Cláudia saltitou entre diferentes empregos desde a altura em que entrou para o mercado de trabalho:

“(...) já trabalhei, por exemplo, na Staples, numa papelaria, trabalhei na Telepizza. No que havia. Foi por aí. (...) Na papelaria eles perderam a liquidez e eu fiz um acordo para não ficar com ordenados em atraso. Na Staples estive à experiência durante seis meses, na Telepizza despedi-me. Mas lá está, também acho que sou muito insatisfeita. Se fosse outra pessoa se calhar continuava nesse trabalho.”

Atualmente concilia dois empregos, um na área do atendimento ao público e outro nas limpezas. Esta é, em parte, uma mudança recente na vida de Cláudia, resultado do processo reflexividade que a levou procurar a mudança de vida iniciada já há cerca de dois anos:

“Eu tenho dois trabalhos. Um é ali em Belém, no CCB e depois entrei há cerca de três meses na IKEA, em Alfragide. (...) Eu trabalhei durante cerca de oito anos num escritório de advogados, mas sempre recebi o ordenado mínimo e, mais ou menos, em 2019/2020 comecei a achar que estava muito sobrecarregada para aquilo que ganhava. (...) Eu já há cinco anos, desde que a minha avó morreu que tenho este segundo trabalho no CCB e trabalhava muito, mal vivia, mal tinha tempo para o meu filho e, então, mais ou menos em 2019/2020 comecei

a ficar muito insatisfeita. (...) Por causa da Pandemia, pensei ‘não vou largar a minha estabilidade’, até que em setembro do ano passado [2022] resolvi meter a carta.”

Claúdia explica que com esta sua mudança recente de emprego espera alcançar uma maior estabilidade profissional e um maior à vontade remuneratório que lhe permitam sair da situação de sobrecarga laboral que vive para poder sustentar a sua família, atingindo uma melhor qualidade de vida:

“[O emprego no] CCB sempre foi temporário. (...) Eu já desde que a minha avó morreu que tenho este segundo trabalho no CCB e trabalhava muito, mal vivia, mal tinha tempo para o meu filho e, então, mais ou menos em 2019/2020 comecei a ficar muito insatisfeita. (...) Não gosto das limpezas, foi uma necessidade. Não tenho vergonha, mas não gosto. São muitas horas e eu começo-me a sentir esgotada. Apesar de eu ter a certeza [de] que no escritório não me pagavam o preço justo - eu isso tenho a certeza - por exemplo aqui no IKEA sou *part-time* e recebo subsídio de alimentação. Lá recebia o ordenado mínimo, nunca levava para casa mais de 700€ e isso eu tenho noção, tenho noção de que não era bem paga.”

No entanto, não nega a possibilidade de esta poder ser apenas uma mudança transitória face às condições de trabalho precárias que permeia o mercado nacional na atualidade e que conduzem a lógicas de interesses por parte de trabalhadores na mesma situação de Claúdia:

“Eu estou no IKEA há três meses, mais ou menos, e já disse, se eu daqui a cinco anos eu não for uma chefe, não é chefe, mas se eu não for subindo eu vou perder o interesse e vou ter de mudar por que já não estou satisfeita. (...) Eu acho que, regra geral, quando menos pagam, melhor para eles. (...) Por exemplo, mais 100[€] no ordenado mínimo, já era mais satisfatório. Acho que é isso. O IKEA, por exemplo, não é paga-me bem, mas pagam-me melhor.”

Por outro lado, Claúdia perspetiva, também, esta mudança profissional como meio para alcançar um maior equilíbrio entre trabalho e família. Um impasse que vive há largos anos e que se consubstancia no dilema constante que a obriga a escolher entre ter dinheiro ou ter tempo:

“(...) o CCB sempre foi temporário, não gosto, não me identifico, mas vejo que não sou mal paga. Tenho oito horas por semana e recebo 350€ e isso é uma grande ajuda, mas não é uma coisa que eu goste de fazer, trabalhar de madrugada. Mas eu não tenho tempo para mim, não tenho tempo para o meu filho. Eu é, a minha amiga para o ir pôr à escola e a minha mãe para o ir buscar. (...) agora como estou a fazer um horário *full-time* no IKEA até às próximas duas semanas, eu não o consigo ir levar à escola, nem consigo ir buscar.”

Claúdia sente que a sobrecarga que sente se intensificou quando se tornou mãe:

“Ah, sim! Desde que fui mãe foi uma coisa que eu comecei a sentir. (...) Sinto que a sociedade te obriga a trabalhar oito horas por dias e te obriga a chegar a casa, às vezes andar a correr, não teres tempo para o teu filho e sentires aquela culpa de não seres capaz. É muita culpa que

eu sinto ao longo destes anos, muita culpa quando às vezes chego a casa e já estou farta de ouvir pessoas e sentir ‘cala-te’, porque eu já não aguento. É uma carga muito grande.”

Para além disso, Cláudia afirma que os sentimentos de sobrecarga constante e de culpa se exacerbam quando tentar realizar atividades para sua realização pessoal. Uma dupla pressão que considera ser interna, vinda de si própria; e externa, imposta pelas pessoas que a rodeiam:

“Mas sim, desde que sou mãe sinto culpa. Muita culpa. E quando eu tento ser só a Cláudia, mãe do Diogo, sinto que me pergunta sempre ‘vais sair sem o teu filho?!’ Eu tenho esse direito, eu tenho consciência que tenho esse direito. Ainda por cima sendo mãe solteira, ninguém me pergunta pelo pai do meu filho. Mas se eu deixo o miúdo na minha mãe ou na minha amiga porque tenho um jantar - que eu também não vou muito porque gosto de estar em casa cedo, gosto da minha paz – quando eu faço alguma coisa ‘então e o Diogo?’. Porque eu sou mãe. Mas eu própria também me culpo.”

No que respeita à dinâmica trabalho-família, Cláudia reconhece que existem condicionantes estruturais de género, bem como influencias dos próprios processos de socialização familiar que, no seu caso, experienciou e experiência:

“A minha avó sempre gostou de fazer tudo. A minha avó era uma mulher à antiga, ela é que sabia fazer. Eu nunca fui preparada para as tarefas domésticas, também porque a minha avó sempre fez tudo. Mas ainda hoje em dia, é mais fácil eu fazer o comer do que limpar a casa. Não é uma coisa que me agrada. Eu sou desorganizada. Por muito que a minha avó me tentasse incutir, porque era uma mulher nascida nos anos vinte, aquele ensinamento de que as mulheres é que faziam, é que eram as donas de casa e não sei quê, por muito que ela me tentasse passar, eu não concordo e sempre foi muito desorganizada, muito desarrumada.”

“Uma mulher volta da escola, volta do trabalho, no que é que pensar? Arrumar casa. (...) “Hoje em dia deveria ser [mais repartido, o trabalho doméstico], mas também é só no papel. A sociedade tende a transmitir isso. Na minha casa, hoje em dia, eu tento. Mas o meu filho não está destinado para isso e o meu irmão é só à bofetada. Às vezes dá vontade disso, porque ele ainda consegue ser pior do que eu.”

Ainda assim, é também fora do espaço doméstico que Cláudia sente parte do peso das desigualdades de género. Na esfera laboral, apesar da experiência excecional que considera ter vivido quando ficou grávida, reconhece que existem intensas desigualdades entre homens e mulheres, em particular no que respeita à assistência à família:

“Tinha começado a trabalhar no escritório de advogados [quando fiquei grávida]. Mais ou menos um mês depois de começar a trabalhar, soube que estava grávida. Por acaso estava com medo, porque foi na altura do período experimental, mas foi tranquilo. Foi uma boa experiência nesse sentido, não senti nenhuma discriminação. (...) mas eu sinto que a mulher

não tem a igualdade que merece ter no trabalho, porque os patrões acham que é perda de recursos porque uma mulher pode engravidar. Estará aquele tempo de baixa e por isso não é merecedora dessa confiança, não merece evoluir. Ou é vida pessoal ou é vida profissional. Dão muito mais credibilidade a um homem do que a uma mulher. Aliás há homens que se sentem humilhados por terem uma mulher como chefe. Isso ainda existe.”

“(…) nunca pus uma assistência à família. Ou o meu filho sempre que estava doente ficava com a minha mãe ou com esta minha amiga, eu nunca me senti à vontade para fazer isso, sempre senti que tinha de estar no trabalho e perdi algumas coisas. Se calhar devia ter usados esses direitos.”

Por outro lado, assume que já viveu outro tipo de situações de discriminação laboral por ser mulher:

“Tantas vezes, tantas vezes [que me senti discriminada por ser mulher] ... Por exemplo, eu tenho o posto [de trabalho] de informática, eu ando-me a tentar candidatar há anos, mas nas lojas de informática os postos eram [para] homens. Tentei algumas vezes, mas nunca consegui. Aí era um mundo maioritariamente de homens, se calhar hoje em dia está diferente, mas sentia que não conseguia entrar por ser mulher.”

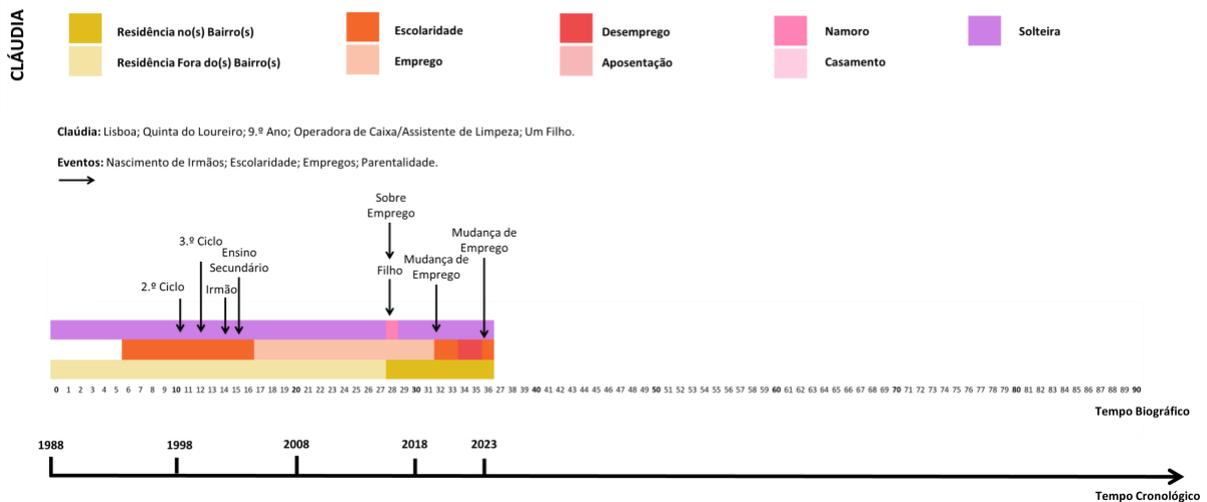
Claúdia também considera que o espaço público urbano é lugar de desigualdade de género, nomeadamente no que respeita a situações de assédio e violência:

“Uma mulher, eu não sei se já sentiu... Mas uma mulher é assediada. Há alturas que eu nem ligo, mas há outras que eu incomodo-me, porque há homens parvos, há homens porcos. Portanto sim, eu já me senti muito discriminada. E por isso os homens não passam.”

É por estas razões que Cláudia se considera insatisfeita em relação à condição social das mulheres, sobretudo no âmbito familiar e laboral, ainda que a identidade feminina que carrega se sobreponha à desigualdade que sente:

“Eu costumo dizer que na próxima encarnação quero vir homem. Mulher é sempre mulher. Quem nasce mulher nasce com o *karma* de ser discriminada. Ou somos muito bem-sucedidas ou então somos só mais uma. A família num contexto menos machista e a igualdade, faz a diferença. Porque por muito que falem que há igualdade, não há. (...) Eu gosto de ser mulher, mas eu sinto o peso de ser mulher.”

## Linha de Vida (Cláudia).



### Natália<sup>45</sup>

Natália é alfacinha de gema. Nasceu há 41 anos “aqui em Lisboa, em São Sebastião da Pedreira, na “casa do povo” - a Maternidade Alfredo da Costa. Com três meses fui para o Alentejo, para uma vila que se chama Mértola. Tenho muito orgulho em ser lisboeta, mas mais alentejana. Sou filha de mãe lisboeta e o meu pai é de Mértola.”

A infância de Natália foi, devido às origens e à natureza da profissão do pai, repartida entre Lisboa e Mértola. A maior parte do tempo, passavam-no em Mértola, tanto que Natália diz com orgulho:

“Eu considero-me alentejana, porque passávamos lá imenso tempo. O meu pai deixava-nos lá e ia trabalhar. Porque o trabalho dele, que era topografia, mas era em campo (fazer medições em terreno) era mais naquela zona e ele tinha de ir lá. Eu conheço o país de lés-a-lés derivado do trabalho do meu pai.”

Quando vinha a Lisboa ficava na casa da avó materna, localizada na Avenida Almirante de Reis. Desses tempos, relembra com nostalgia as idas com ao Mercado de Arroios, aos sábados de manhã, na companhia do pai. Memórias de uma Lisboa que se transformou completamente e que Natália recorda com alguma tristeza:

“Levava cinco contos de reis, que era 25 euros. Íamos à praça de Arroios, comprar fruta, frango, os ovinhos da galinha, mesmo, para pôr na canja. Era sagrado. Isso está tudo gravado na minha memória e sobrava sempre dinheiro. Sempre, sempre, dinheiro. E ele [o pai] comprava-me um chupa-chupa e lá ia eu toda contente. Eu aí era uma criança feliz. Nunca tive falta de nada. Nunca tive luxos. E tive amor. Claro que nem tudo foi rosas...”

<sup>45</sup> Uma entrevista conduzida em março de 2023, no Café Galão (Alcântara).

“A Avenida Almirante de Reis era como se fosse Campo de Ourique. Hoje já não... Eu não reconheço nada... Antigamente aquilo eram lojas caras, como se fosse a Avenida da Liberdade. Hoje já não, está muito degradado, é muito triste.”

Os pais de Natália conheceram-se quando o seu pai veio estudar para Lisboa. Uma história de conjugalidade que Natália confessa desconhecer:

“Ele [o pai] ficou órfão aos nove [anos], depois veio para cima para estudar em Lisboa e conheceu a minha mãe, não sei, penso que numa saída, bailaricos, essas coisas. (...) A minha mãe tinha 18 anos quando me teve, por isso, à partida, coisas de jovens. Pormenores? Também não sei. (...) a minha mãe era doméstica, ficou a tomar conta de mim e depois da minha irmã, teve uns trabalhinhos. Depois trabalhou no Pingo Doce durante 22 anos e depois ficou desempregada. Agora ficou a tomar conta do meu pai (...).”

Natália partilhou a infância com uma irmã mais nova, que nasceu quando Natália tinha 10 anos. Uma mudança que marcou profundamente a sua vida e que condicionou as suas relações familiares até ao presente:

“Nessa altura a relação não era muito positiva [com quem vivia, os pais e a irmã]. Até a minha irmã nascer eu era o *bijou* da família e quando a minha irmã nasceu eu fui literalmente posta de lado. A minha irmã sempre foi muito protegida pelos meus pais. Ela [a irmã] continua a viver com os meus pais, numa casa que também é minha. Ela nunca chegou a casar, só tem um namorado. Já teve grávida, mas tirou, diz que não quer ter filhos. É uma pessoa que não é como nós. (...) Nunca teve tanta autonomia.”

O sentimento de abandono por parte dos pais e a relação conflituosa com a irmã levou Natália a tornar-se numa adolescente rebelde:

“(...) eu sempre fui muito rebelde. Sempre fui selvagem. Uma palavra que eu não gosto é o Não, porque o Não, para mim tem de ter um Porquê. Tem de haver um objetivo. E quando me diziam ‘Não’ era quando eu ia ver o que era. Era o pior que podiam fazer, obvio. (...) Eu com 15 anos ia para a marina da Expo para dançar em cima das colunas. Eles [os pais] pensavam que eu ia fazer mal, mas não ia fazer nada mal. Eu queria ir para cima de uma coluna dançar a música, para ver como é que era.”

À relação difícil com a família e a rebeldia de Natália durante a adolescência, acresceu a experiência escolar negativa que Natália durante o período em que frequentou o 2.º ciclo do ensino básico. Durante esses anos da sua vida, Natália confessou ter sido vítima de *Bullying*. Assunto sobre qual, ainda hoje, se emociona ao relembrar, confirmando ter condicionado por completo o seu percurso escolar, que deu por terminado ao fim de seis anos de escolaridade:

“Eu não gostava de escola. Nunca gostei de escola. Nem é não gostar de escola, eu sofri de *Bullying*. [Emociona-se] Os miúdos conseguem ser muitos cruéis. O *Bullying* fere a alma da

pessoa e deixa sequelas, que eu hoje ainda tenho... Eu estudava na Fernando Pessoa. Eu nunca fui uma aluna *expert*, mas eu não sou parva. Sou bastante inteligente. Só que o facto de me massacrarem psicologicamente, de me meterem medo, puxarem os cabelos, gozavam-me, fez com que eu me retraísse. (...) Eu completei até ao 6.º ano normal e depois fiz o 9.º ano no Qualifica.”

Após desistir dos estudos, Natália começou a trabalhar, ainda com 16 anos. Uma entrada precoce no mundo do trabalho que se multiplicou em múltiplas entradas, devido à transitoriedade laboral que viveu ao longo dos seus 25 anos de vida ativa:

“Eu trabalho há mais de 21 anos. Queres falar sobre isso? É que eu assim não vou parar [de falar sobre todos os trabalhos que eu já tive]. [Risos] Sapataria Ratinho, que já não existe, foi o meu emprego. Foram muitos [empregos ao longo do tempo]. Eu sou praticamente uma saltimbanca. Eu estou à espera de entrar em efetiva neste, porque eu já estou cansada de andar à procura de trabalho. Eu ou passo a efetiva neste ou desisto, abro um negócio e fico patroa de mim mesma. (...) Também trabalhei no Pingo Doce, num escritório de espetáculos (mas eu não tenho estaleca para escritório, eu não gosto de escritório), já vendi publicidade, já fui *barman*, já fui jardineira, já trabalhei num salão de jogos (era a menina do *Bowling*), já trabalhei em lares, já fui cozinheira, já fui empregada de balcão, de refeitório... Sei lá, já fui tanta coisa.”

Durante o tempo que trabalhou como barman que Natália conheceu o seu atual companheiro, com quem vive há 20 anos em união de facto e com quem construiu a sua família:

“Eu conheci o pai deles numa fase um bocado complicada, controversa da minha vida. Foi numa fase em que eu tinha saído de uma relação muito sufocante e depois tive ali um momento da minha vida em que eu quis fazer tudo o que nunca tinha feito. Ia dançar, depois foi a altura em que também trabalhava como *barman*. Foi o melhor ano da minha vida! Entre os 19 e os 20 [anos]. E houve um dia que o pai dos meus filhos me foi buscar aos Olivais ‘olha, anda passar um fim de semana comigo’ e pronto, esse momento feliz tornou-se em 20 anos de relacionamento, com tudo o que envolve, com altos e baixos.”

O início da relação entre Natália e o seu companheiro teve alguns contratemplos. Na altura os pais de Natália não aceitaram bem a relação entre ambos, sobretudo devido à vida conservadora que tinha para a filha e que, achavam, devia casar primeiro e só depois ter filhos. Não foi isso que aconteceu:

“Quando soube que estava grávida da minha primeira filha, eu não estava à espera. Eu achava que não podia ter filhos. Eu tentava, tentava e não dava nada. Olha pronto, não posso ter filhos. E a melhor amiga, na altura, engravidou. E eu, pronto, se ela estava grávida, eu desisto, vamos ficar com a tua [bebé]. Eu já tinha tentado antes, o meu marido já tinha filhos, por isso eu pensei que à partida o problema não era dele, era, sim, meu. Ainda tivemos 3 anos a tentar

e não conseguimos. Quando eu desisti da ideia foi quando engravidei. Quando descobri estava com 3 meses e tal, eu nem sequer queria acreditar! Quando eu descobri que estava grávida, os meus pais foram um bocadinho, na altura... não aceitaram bem. Trataram-me batente mal. O meu pai era uma pessoa bastante... não é severa, retrógrada! Não posso dizer que tenha sido um pai extremoso nessa altura. Eles preocuparam-se mais com o que as pessoas iam pensar do que propriamente comigo e com o meu bem-estar.”

Foi nessa altura que Natália, ainda a viver em casa dos pais, se viu obrigada à emancipação da família de origem. A degradação da relação que mantinha com os pais piorou, devido à oposição de ambos à relação conjugal e gravidez de Natália, que recorreu às suas relações de vizinhança e, mais tarde, à aproximação da família do marido para ultrapassar esse período complicado da sua vida:

“A minha sogra, mãe do meu marido, ligou à minha vizinha (que era onde eu passava a maior parte do tempo, nessa altura em que ainda vivia na casa dos meus pais, no Parque das Nações) e a minha vizinha tinha-lhe estado a dizer que eu estava a passar mal e que os meus pais me tratavam mal, que eu ia todos os dias lá para o pé, comer, mas que não comia nada, que estava mal e que já tinha ido duas vezes para o hospital com dores e que estava com medo que eu perdesse o bebé. E a minha sogra ao telefone disse-me ‘tu pegas nas tuas coisas e vens para aqui viver!’ e foi aí que vim aqui para o Loureiro, já era o Loureiro. (...) Mas não era nada como é hoje, não havia nada do que há hoje. Estava tudo muito arranjadinho, bonito, não tinha nada a ver.”

Passado quase duas décadas desde esse momento, Natália afastou-se da família de origem, com quem admite ter apenas uma relação cordial. A sua primeira filha tem hoje 18 anos e mais quatro irmãos – três rapazes com 15, 11 e seis anos e uma rapariga com nove anos. A relação com a família do marido também esmoreceu, quando Natália, o marido e os filhos decidiram sair da Quinta do Loureiro:

“Agora vivo aqui na Ajuda, com os meus filhos e estou em casa de um tio. Estou na casa dele, mas é como fosse minha. Pago tudo, pago a renda, pago o gás. Mas os meus filhos, eles cresceram ali, eu só saí dali há 4 anos, por isso eu nunca lhes vou poder tirar as raízes dele. Eu vivi lá 17 anos. A minha filha mais velha nasceu lá, eu fui para lá em 2001, foram quase 20 anos.”

Natália confessa que os tempos em que viveu na Quinta do Loureiro não foram fáceis devido às dinâmicas marginais que permeiam o Bairro desde que Natália se tornou residente. Apesar de ter demorado cerca de duas décadas a sair de um contexto que considera ter sido tóxico, reconhece que a possibilidade de sair impactou positivamente a sua vida:

“Eu caí ali de paraquedas, não fui vista com bons olhos. Porque vinha de fora e eu não faço partes daqueles meios, daquelas vidas [referindo-se ao tráfico de drogas]. Não era maus olhos,

no sentido de eu ser má pessoa, era porque eu não era dali e não aceitava aqueles comportamentos [relacionados com o tráfico de droga].”

“[As pessoas na Quinta do Loureiro associadas ao tráfico de droga] querem-te sempre fazer submissa e que tu não possas ter a tua independência. Ora, jamais! (...) Tu não podes viver a tua vida, tem de ser como eles querem, à maneira deles. Depende, se elas [as mulheres dos traficantes] fizerem o que eles querem está tudo bem, elas têm vidas de rainha. (...) aqui o problema do consumo de estupefacientes é porque o Governo não ganha nada. Porque se ganhasse, isto já estava tudo como deve ser. Temos de pôr as coisas como ela são. Mas as pessoas... As pessoas não são más, mas estão tão calejadas de ser vistas da maneira mais errada e não são aceites, que criam ali uma cápsula, vivem o mundo à maneira delas e depois não saem daquela realidade, ficam presas. Muitas é por comodismo, muito, muito, muito! Outras é por falta de conhecimento, também, e falta de oportunidades para poderem sair. Eu consegui. Eu saí dali, estou na Ajuda!”

Para além de se ter mudado recentemente para a Ajuda, Natália mudou, também, de emprego há cerca de dois anos. Atualmente, trabalha na área da saúde, um emprego no qual se sente realizada, pois é através dele que sente ter cumprido o seu sonho profissional de ser médica ou enfermeira. Por outro lado, considera que o contexto laboral nacional não a deixa usufruir plenamente deste seu emprego, devido à inconstância dos vínculos contratuais:

“Atualmente sou assistente operacional na CUF Tejo, na ala de internamento pós-cirúrgico, onde faço parte de uma excelente equipa, damo-nos todas bem! Eu aqui [no atual emprego], pelo que percebo, vou conseguir evoluir. Porque o conceito aqui na CUF é mesmo dar a oportunidade de uma pessoa vencer na vida. [Porque é que sente que nunca conseguiu encontrar essa estabilidade?] [Por causa das] Leis que são feitas, para os empregadores. Uma pessoa não consegue evoluir.”

“Eu sempre quis ser médica. Mas nunca... Mas estou lá! Estou com a melhor parte. Eu não tenho de me chatear a abrir livros para ver o que é que se passou ou deixou de se passar, o que é que evoluiu e o que é que não evoluiu (apesar de eu ter de fazer formações, também). Enfermeira, gostava de ser enfermeira, mas também só por causa das picas? Hmm... não. Elas passam imenso tempo a queimar pestana e, sinceramente, a única parte boa que elas têm é a de administrar a medicação. Por isso eu fico com a parte melhor que é a de poder falar com os utentes, de cuidar deles, mudar uma cama também não me cai as mãos, fazer uma higiene também não me cai as mãos. Eu fico com a melhor parte que é a mais prática e que também é a mais social. Acabamos de dar ali, também, um apoio psicológico.”

A conciliação entre trabalho e família sempre foi para Natália um desafio. Quando lhe nasceu a primeira filha, Natália trabalhava como assistente de caixa num supermercado e voltou a trabalhar

assim que a filha completou um mês de vida. No entanto, admite que com o crescimento dos filhos essa conciliação se tornou mais fácil graças à participação de todos nas tarefas domésticas:

“Toda a gente faz. Ainda agora eu apanhei a roupa [um dos filhos, com 11 anos] ficou a dobrar a roupa que eu apanhei e [a filha de 9 anos] ia ver as cuecas e as meias. O pai estava a trabalhar hoje, eu deixei já a sopa a fazer e estava-lhe a perguntar o que era hoje para o jantar e ele disse que traz um feijão e fazemos uma feijoada, eu começo e depois ele acaba. Isto é uma equipa, tem de ser. Há igualdade. Então como é que era, eu sozinha? Não pode. [Antigamente, na sua casa dos meus pais] Não [era assim], a minha avó [paterna] é que me fazia tudo. Não me deixava fazer nada. Então eu queria varrer o chão, ela tirava-me a vassoura. Eu acho que quando for avó também vou ser assim, porque me foi inculcado quando eu era pequenina. Porque tudo o que nos é inculcado na infância, normalmente tendemos em repetir quando somos adultos. Mas em minha casa todos, participam, todos. [E quem é que faz aquelas pequenas reparações, normalmente?] O [marido], mas eu também faço. Divide-se tudo, tudo! Eu sei fazer tudo, também. Até o [filho] com 11 anos, já sabe.”

Apesar de no espaço doméstico sentir que existe maior igualdade no que respeita aos papéis de género, Natália aponta que o mesmo não acontece noutras esferas da vida, ainda que reconheça terem sido conquistadas mudanças substanciais na condição feminina nesse âmbito:

“(…) A nível de mercado de trabalho, as opções eram muito limitadas. Havia muita desigualdade no trabalho, no ordenado principalmente. Trabalhamos o dobro e ganhávamos metade. Eles [homens] trabalhavam metade e ganhavam o dobro de nós. Logo aí desigualdade. Agora há tabelas, todos ganham o mesmo, o ordenado é o mesmo. Isto é bom!”

“Jamais [acho que o papel das mulheres atualmente é ficar em casa a cuidar dos filhos]! Podem ficar em casa, porque lhes apetece ficar em casa. (...) E sinceramente, quem devia estar a tomar conta disto eram mulheres e não homens, porque nós [mulheres] temos muito mais maturidade e conseguimos ter um campo de visão muito superior à dos homens. Os homens só veem aquilo que querem e entendem, nós [mulheres] temos outro campo de visão e outros horizontes que eles não conseguem captar, porque nós temos de nos adaptar, temos uma capacidade de adaptação que os homens não têm. Infelizmente não é culpa deles (...). Acho que já demos um grande passo. Se nos podemos impor mais, acho que sim! Já estamos quase lá, já faltou mais. Tem havido progresso, a todos os níveis. Eu tenho pena é que quando temos boas mulheres [elas saiam]. Mas eles tiram-nas. Acho que é uma questão de desigualdade de género, sem dúvida. Elas são retiradas porque são mulheres!”

Com uma maior estabilidade familiar, desencadeada pela mudança para uma zona da cidade onde se sente mais segura e livre; bem como com um incremento substancial da sua estabilidade profissionais,

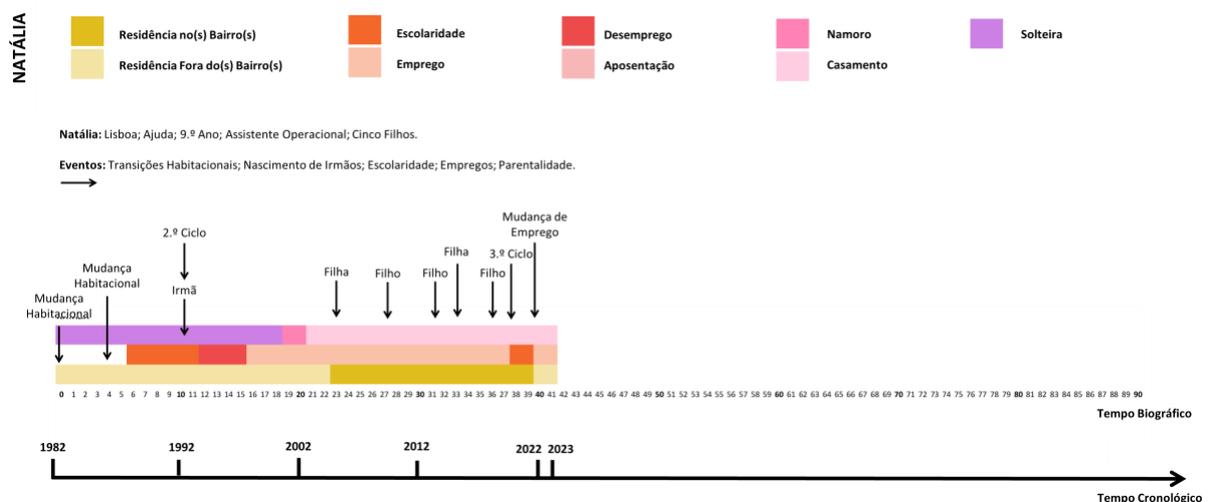
possibilitada pela transição um novo emprego que a realiza pessoal e profissionalmente, Natália considera os planos que tem vindo a traçar para a sua vida se têm cumprido:

“Eu completei até ao 6.º normal e depois fiz o 9.º ano no Qualifica. Agora queria ver se acabava o 12.º, já tentei, mas não consegui, mas deixa-me organizar. Eu vou acabar. Mas primeiro quero organizar a minha vida. Primeiro a casa, já tenho trabalho, depois carta, carro e escola. Está perfeito, não mexe mais. Porque para mim é importante ter saúde, uma família unida e que tudo se componha e que se mantenha. Os meus objetivos não é ter mais do que aquilo que eu posso ter, mas ter o suficiente para estar estável. Ter essa tranquilidade, essa felicidade, deitar a cabeça na almofada, ter tudo organizado. Já me dou por contente, mais do que isso já é adicional, já são pormenores.”

Resta, porém, cumprir um dos seus grandes sonhos, o de casar:

“Não sei se ainda posso, mas eu gostava, espero eu, ainda realizar esse sonho que era casar-me nas noivas de Santo António. Mas não sei, nada é impossível, não há idade para casar. Ainda para mais as coisas também estão a compor-se, por isso é tudo na boa.”

### Linha de Vida (Natália).



### Luana<sup>46</sup>

Luana nasceu em 1974. À semelhança da sua mãe, foi criada pelos tios-avós numa pequena casa localizada no Casal Ventoso. A mãe, o pai e os três irmãos mais novos de Luana viviam perto, na Meia Laranja, mas as dificuldades económicas enfrentadas por uma família numerosa no Portugal de 50 anos atrás obrigaram-na a ir viver, desde cedo, com os tios que compunham o principal perfil socioprofissional da população portuguesa à época. Pouco escolarizados, o tio era operário fabril e a tia, doméstica:

<sup>46</sup> Uma entrevista conduzida em abril de 2023, no Projeto Alkântara (Quinta do Cabrinha).

“A minha tia, que é minha avó. Eu é que lhe chamava tia, porque eu chamava-lhe avó e a ela dizia-me ‘não me chames avó’, então eu chamava tio [ao avô] e a ela [à avó] chamava sempre tia. Sempre foi assim. Eles eram tios da minha mãe, criaram a minha mãe.”

“(...) eu fui criada com os meus tios desde, não te quero mentir, mas acho que ainda tinha meses. Fui criada com eles até aos 14 anos. Foi uma infância feliz, não tenho nada a dizer deles. Nunca me deixaram faltar com nada, deram-se a educação que tenho hoje. (...) [os meus tios] não tinham filhos, nunca tiveram. Ela não podia ter filhos. Por isso é que me criaram a mim, à minha mãe e uma prima minha.”

Da infância passada no Casal Ventoso Luana tem memórias agriçocas. Nos seus primeiros anos de vida relembra um Bairro de gentes humildes, trabalhadoras e unidas. Uma realidade que se alterou repentinamente, com a incorporação das dinâmicas marginais verificadas a partir dos anos 1980, das quais Luana se apercebeu desde cedo:

“Mas na minha infância não havia nada disso [dinâmicas marginais], não tinha nada a ver. Era diferente, a minha bisavó fazia assim uma coisa cheia de café e as pessoas depois iam lá, todas ‘oh tia dê-me um copinho de café’. Depois isso acabou, isso tudo acabou. É uma pena, mas acabou. As pessoas começaram a ter outras vidas. Eu acho que no Casal Ventoso era mesmo tudo família. Porque eras prima duma, tia de outras, prima de uma. Ou porque a minha prima casou-se com o primo de não sei de quem. Era família! Aquilo acabou a ser uma grande família. Mas depois acabou-se tudo. (...) Muita gente ali no Casal Ventoso saía de madrugada para ir trabalhar. Como ainda há aqui na Quinta do Loureiro.”

“Na minha infância eu lembro-me, na primária, de ver eles lá a fazerem aquelas coisas... A injetarem-se e a fumar. A gente subia as escadas e eles diziam ‘olha aí, cuidado, olha aí, olha as miúdas, encosta-te’. Mas na realidade, a gente via tudo. Aquilo ficou nas nossas memórias, ainda hoje falo e isso tudo ficou na nossa memória. Jovens a morrer, jovens da nossa geração que se meteram na droga, muita coisa. Aconteceu muita coisa. Mas eu não digo que os moradores do Casal Ventoso que não venderam droga. Venderam. Cada um à sua maneira, mas quem estragou o Casal Ventoso foram pessoas de fora. (...) Porque alugavam as casas, as pessoas que viviam no Casal Ventoso às vezes nem vendiam droga, alugavam as casas às pessoas que vinham de fora e vendiam. E foi assim que aquilo começou a ficar muito mau.”

O contexto territorial complexo em que Luana cresceu, moldou, desde logo, a sua infância singular, devido à própria influência das dinâmicas espacializadas na família de origem de Luana. Luana é fruto de uma primeira relação conjugal da mãe que, tendo engravidado de Luana inesperadamente e fora do matrimónio, decidiu omitir essa situação da filha, bem como a identidade e situação do seu pai biológico. Informações que Luana veio a descobrir ainda em criança e das quais se procurou sempre distanciar:

“Mas depois a minha mãe quando se juntou com ele estava grávida de mim, só que isso ficou em segredo. Uma coisa que mais tarde a gente vem a saber. Mas ficou em segredo e foi assim uma bola [de neve]. E depois na minha infância eu lembro-me de me dizerem ‘oh Luana, eu vi teu pai passar de carro!’ ‘Mas o meu pai não conduz, como é que passa de carro? Há aqui qualquer coisa que está mal!’ e depois começa a juntar as pecinhas. Tinha 6 anos, nunca mais me esqueço. Sei que na altura eu descí as escadas a chorar a dizer ‘oh tia, fulana disse que o meu pai passou aqui de carro, mas o meu pai não tem carro’. Depois os meus tios foram ter com a pessoa, gerou-se ali uma ganda confusão, porque era segredo. Eles não queriam que se soubesse. Até hoje, a minha mãe nunca chegou ao pé de mim e disse ‘Luana fulano tal é teu pai’. Mas eu depois acabei por conhecer o meu pai. O meu pai biológico [acena com a cabeça que não], esquece... O meu pai verdadeiro mesmo morreu, metido na droga. Eu às vezes via-o ‘o que é que estás aqui a fazer?’ ‘ai vim ver um amigo.’ ‘vieste ver um amigo? ta bem’. Eu depois deixei, perdi a ligação com ele. Ele morava nas Janelas Verdes, depois era uma pessoa que tinha muito dinheiro, que na altura era rica. E sabes que as pessoas ricas têm muita curiosidade. E a curiosidade dele, matou-o. E ele era um homem novo, ainda. Mas entre mim e ele nunca houve sentimentos, pelo menos da minha parte, porque eu nunca tive relação com ele. A história que ele me contou foi que queria falar comigo para me contar tudo e eu, já era mulher, e disse-lhe ‘a história que tu me vais contar, vais contar a tua versão, mais tarde a minha mãe vai-me contar a dela e depois a história não vai bater certo, por isso, não me contes nada.’ Não soube. Não quero saber. Foram vidas que eles levaram, quero lá eu saber da vida deles! Deixa estar.”

Luana considera que o facto de ter sido criada com os tios, bem como de não ser filha do mesmo pai que os seus irmãos, fez com que a sua relação com a família de origem fosse sempre distanciada, em particular as relações com a sua mãe e padrasto:

“Sempre foi uma ligação muito distanciada. Sempre foi os meus irmãos. E eu. Porque os meus irmãos já são todos filhos dele. Mas sabes que quando a gente somos crianças, a gente não se apercebe muito das coisas. Depois vamos apercebendo. Às vezes quando eu era criança eu fazia aquela pergunta ‘porque é que os meus irmãos estão com eles e eu fui posta de lado?’ Mas ninguém me explicava.”

“Tanto que ainda hoje não me dou com ele [com o padrasto]. Nem nunca falei nada com ele da minha vida, nem nada. Da minha mãe, sim [sou próxima], do meu pai já não. Eles estão juntos, mas com o meu pai não. Dou-me muito bem com a minha mãe, mas sabes que sempre foi assim porque eu não sou filha dele.”

Não obstante, Luana sempre foi muito próxima dos três irmãos mais novos. A mais velha de três rapazes, desde adolescente que Luana se sentiu na obrigação de ajudar a criar os irmãos para que nada

lhes faltasse. É a essa preocupação, para além dos tempos em que andaram juntos na escola e das brincadeiras de criança, que Luana atribui a proximidade que conserva até hoje, pelo menos, com dois dos irmãos:

“Três rapazes e uma rapariga. Eu tenho 49 [anos], o [irmão mais velho teria] 48 [anos], o do meio tem 42 e qualquer coisa, também nos quarentas e o [irmão mais novo] 40. Somos assim todos próximos. (...) O [irmão mais novo] era o *bijou*, porque era o mais novo. O meu irmão [mais velho] que faleceu, era a seguir de mim, um ano. Foi um acidente de carro. Os meus irmãos estudaram até mais tarde, o [irmão mais velho] foi pouco depois, também desistiu. O [irmão do meio] é o mais bandido, trabalhava, depois não trabalhava, trabalhava, depois não trabalhava. O [irmão mais novo] era o *bijou*, era o mais pequenino, não havia hipótese de trabalhar. A trabalhar era eu e [o irmão mais velho], mas o [ele] trabalhava hoje, amanhã já não trabalhava. Também não gostava muito de trabalhar. (...) Mas pronto, eu estava ali era para eles e para não faltar com nada a eles e foi o que eu fiz.”

“(...) a minha preocupação a partir daí [da adolescência] foi sempre os meus irmãos. Depois o meu irmão [mais velho] começou a andar comigo [na escola] também, porque eram idades muito próximas, tínhamos a mesma *stora*.”

Luana relembra as diferenças entre os tempos de escola que viveu e os que se vivem na atualidade. Para além disso, reconhece que o seu contexto social de partida teve grande influência no seu percurso escolar, que terminou ainda antes da conclusão do 2.º ciclo do ensino básico, tanto por comparação ao desempenho escolar que seria esperado pelo sistema educativo à época, como por oposição aos percursos escolares dos seus irmãos:

“(...) antigamente não era obrigatório [ir à escola], do [irmão mais novo] já era, o [irmão mais velho e do meio já] não. Eramos obrigados a fazer só até ao 9.º [ano], mas por necessidade tivemos de ir trabalhar. Lembro-me que o [irmão do meio] ainda andou a estudar até à noite. Havia escola à noite. O [irmão mais velho] já não, nem [ele] nem eu. O [irmão do meio] acho que ainda completou o 9.º ano. O [irmão mais novo] tem o 12.º.”

“Eu era muito infantil. Na 1.ª classe fiquei lá mais um ano. Tive boas professoras na primária. Ainda falo com a minha professora da primária que (...) mora ali em campo de Ourique. Já está velhinha. Mais tarde, fui ali para a Manuel da Maia fazer o 5.º ano. Nessa altura já havia droga, havia os charros. Lembro-me de ir para o 5.º ano e eles já estavam li nuns prédios a fumar uns charros e havia uns comprimidos que eles tomavam e ficavam todos pedrados. Comecei a fumar [tabaco] aí. (...) No 5.º ano que a gente só queria era brincadeira e quando chegavam as notas dávamos graxa às professoras. Sabes que a gente quando chega a uma certa idade, à idade da prateleira, é complicado... Depois tive mesmo de desistir.”

Para além do contexto socialmente vulnerável dos pais e irmãos de Luana, o encurtamento do seu percurso escolar foi motivado, sobretudo, pela doença do seu padrasto, quando Luana tinha 14 anos.

“Aos 14 anos, estava a estudar. (...) Aos 14 anos, o meu pai teve um problema de saúde e eu tive de ir trabalhar. Mas antes de ir trabalhar, porque vivi sempre com os meus tios, eu pedi autorização ao meu tio, porque acho que ele merecia isso, se podia deixar os estudos e ir trabalhar. E a resposta que ele me deu foi ‘oh filha, tu é que sabes’ e eu expliquei-lhe o motivo, que eram os meus irmãos, que estavam a passar necessidade e eu precisava de trabalhar para na altura ajudar a minha mãe que trabalhava nas limpezas e eu fui trabalhar para a ajudar, porque a mim eu sabia que não me faltava nada, mas custava-me ver que os meus irmãos que precisavam.”

Luana começou por tentar conciliar a sua atividade laboral com os estudos, mas acabou por desistir quando surgiu uma oportunidade de emprego mais vantajosa do que as limpezas - numa loja de tecidos em Campo de Ourique – da qual não podia abdicar, devido à dificuldade em encontrar emprego assente sobre o estigma associado a quem morava no Casal Ventoso.

“Fui trabalhar para a loja de tecidos por conhecimento, lá está, também. Porque irmos à procurar, dar o nome - porque na altura ainda não havia currículos - ninguém nos dava trabalho. Mas não tive lá muito tempo. Depois arranjei trabalho através da minha mãe, da encarregada da minha mãe e fui trabalhar para a Pierre Cardin, para a fábrica. Tive lá montes de anos. Levei miúdas daqui [do Casal Ventoso], da minha geração, para trabalhar comigo na fábrica.”

“Como eu costumo dizer, a gente no Casal Ventoso eramos feios, porcos e maus. Ninguém nos dava trabalho e isso agravou muito a minha geração, que muitos jovens meteram-se no tráfico de droga. Porque era uma alternativa.”

Com a sua transição precoce para o mercado de trabalho concluída e a permanência da necessidade coletiva e da preocupação pessoal de providenciar uma vida melhor para os irmãos, Luana acabou por conciliar dois empregos, ainda em jovem. Uma situação que se alterou, apenas, quando Luana decidiu formar família:

“Entretanto tava aqui também a trabalhar logo no café, aqui na Meia Laranja. Era só trabalho e casa e o meu ordenado era para os meus pais. Mas eu dava porque achava que tinha de dar e porque sabia que os meus tios não me deixavam faltar com nada. Trabalhava e dava o ordenado, até namorar. Porque eu já namorava e ainda ajudava eles, atenção. O meu irmão mais novo foi criado comigo.”

Luana conheceu o seu atual e único companheiro, a quem chama marido apesar de nunca terem casado, já tinha atingido a maioridade. Mais uma vez, foi no Casal Ventoso que o amor entre os dois despontou, florindo numa relação com quase 30 anos, da qual Luana se orgulha ao relembrar:

“Eu tenho marido há 29 anos e ele foi uma pessoa que sempre me ajudou. Não tenho razões de queixa nenhuma. Graças a Deus! Graças a Deus... Até hoje. É uma pessoa impecável. Ele concorda comigo em tudo. Às vezes tem aquelas birrinhas dele, mas a gente entende-se. (...) Ele era taxista e passava lá no Casal, havia aquela troca de olhares, mas eu também era muito tímida. Acho que ele disse a uma rapariga que queria falar comigo, eu disse que não queria. Eu tava farta de olhar para ele, mas pronto. O [marido] tinha um táxi, na altura eu trabalhava na fábrica e ele fazia serviços no Casal Ventoso. Ele passava, a gente olhava-se, mais nada. Era olhares só. Eu dizia assim ‘aquele gajo é todo giro’. Eu tinha muito medo, sabes? Não sei... Não me queria entregar assim, percebeste? Hoje em dia é diferente. Mas sabia lá se ele era casado, se tinha namorada, porque ele caiu ali de paraquedas e eu não conhecia ele. Mas não, por acaso era solteiro. Começamos a namorar.”

O início da conjugalidade marcou, também, o momento de transição habitacional de Luana, numa altura em que o quotidiano marginal que marcou a história do Casal Ventoso se adensava:

“(...) comecei a namorar, saí do Casal Ventoso. Isso foi com 18/19 anos. Saí do Casal Ventoso porque o Casal Ventoso na altura já estava um caos... Eu já não dava para aquilo, saí e juntei-me. Até hoje estou com o Carlos. (...) Na altura o Carlos vivia com os pais, mas depois saiu, tinham um quarto. Ele vivia no Bairro de Angola, em Camarate. E depois a gente decidiu ir juntar-se. Eu cheguei ao pé dos meus pais e disse que me ia juntar com o Carlos. Peguei nas minhas coisinhas e até amanhã.”

No entanto, Luana e o marido voltaram ao Casal Ventoso para viver com os tios de Luana que, no período justamente antes da concretização do Programa Especial de Realojamento, adoeceram e que de quem Luana se viu obrigada a cuidar. Assim, o casal decidiu voltar para o Casal Ventoso. Na altura, Luana tinha já uma filha, nascida em 1997, único fruto da relação com o seu companheiro de vida:

“Depois quando o Casal foi abaixo, a parte primeira foi ali a Vila Pratas e a gente veio para aqui [Quinta do Loureiro]. Vivi primeiro com eles [com os tios-avôs]. Eu o [companheiro], eles e a [filha]. Mas não dava. E eu tive de mudar de sítio e saí do bairro. Não era porque as casas eram pequenas, era porque o meu tio não queria que eu trabalhasse. Queria que eu tomasse conta deles e não dava, não dava. Tava fora de questão! Mal que eu podia vinha cá a casa, andava sempre no controle com eles. Entretanto tava aqui também a trabalhar logo no café, aqui na Meia Laranja. E andava sempre em cima deles. Nessa altura eles já eram mais idosos, a minha avó depois ficou acamada e eu tinha de andar aí a cuidar deles.”

Foi nesse momento que Luana, o marido e a filha atravessaram a ponte em Alcântara, rumo ao lugar onde até hoje vive com o companheiro, a Cova da Piedade. A partir desse momento, Luana afirmar ter encontrado alguma estabilidade, longe da família de origem, mas centrada na família que construiu, em particular na filha:

“Na altura em que fui viver para outro lado, com o meu marido, fui viver para a Cova da Piedade e ainda hoje moro lá. A minha filha veio aos 23 [anos]. Já uns anos depois [de me juntar com o meu marido]. Planei a minha vida. Já não trabalhava na fábrica, mudei de emprego [para o emprego no café na Meia Laranja], o meu marido continuava com o táxi, mas dono já do táxi. Eu trabalhava no café, mas depois deixei de trabalhar, acho que na altura [quando ficou grávida da filha] já estava em casa. Depois a [filha] nasceu, tranquila, vida de mãe. Depois fiquei a cuidar dela, dona de casa, mamã, escola, tratar da menina e assim foi. (...) não precisei de trabalhar, o [marido] era dono de um táxi, era diferente. Fiquei em casa. Era outra estabilidade.”

No entanto, Luana lembra que os tempos depois de ter sido mãe não foram fáceis. Queria conciliar a sua vida familiar com a vida profissional, mas a rotina na qual se viu envolta, bem como as restrições inicialmente imposta pelo marido não foram fáceis de ultrapassar numa primeira instância:

“A rotina era tipo: eu levantava-me de manhã, ia levar a lara à escola, ainda demorava um bocado, aquilo era ali na Cova da Piedade. Leva ela à escolinha, ia para casa, tratava da casa, preparava logo o jantar... Como antigamente. Eu gostava de acompanhar a [filha], mas queria sair dali, queria ir trabalhar. Mas pronto, vi que não dava porque ele queria-me em casa para ir buscar a menina e levá-la à escola e etc. Se havia uma pressão do meu marido para ficar em casa? Sim, sim, completamente.”

Luana procurou, assim, encarregar-se das tarefas domésticas e da maternidade. Pouco tempo depois da mudança para a margem sul do Tejo voltou a engravidar, mas perdeu o bebé. Uma experiência traumática que a fez mudar de planos, com o apoio do marido:

“Depois de ter a [filha], passado dois anos, fiquei novamente grávida, mas perdi o bebé aos cinco meses. A partir daí disse: não quero mais filhos! Esse processo foi muito complicado, mas tive de esquecer, porque se não batia ali com a cabeça na parede e esquece... Na [gravidez da primeira e única filha] foi, aconteceu. Depois (...) foi uma coisa que eu planejei, que desejava e não deu certo. São coisas que às vezes acontece na vida e eu disse logo: não quero mais! Por vontade do [marido] eu tava cheia de filhos! Eu é que disse logo, na na na na não! Chega! Não quero mais nada!”

Depois desse episódio, Luana voltou a trabalhar. Apesar de viver na Cova da Piedade, arranjou emprego no território onde sempre viveu, numa das associações da Quinta do Loureiro. O seu gosto pelos trabalhos manuais e a ligação que mantinha com as gentes do Bairro, fez com que os profissionais da associação onde trabalha atualmente reparassem em si e a convidassem a integrar os seus projetos:

“Mas isto tudo [os trabalhos manuais] foi por acaso. Comecei a fazer para os miúdos do Bairro e gosto de fazer. Porque depois tive a minha filha e fiquei sempre em casa e também tinha de arranjar o que fazer. Eu fazia festas de anos aos putos e tudo! Elas [as mães] diziam “oh Luana

vem lá” e eu fazia-lhes as festas, mas não levava nada. Aos miúdos do Bairro eu não levava. Mas comecei com as pinturas faciais, ganhava dinheiro, fazia festas. Depois fui convidada (...) para vir trabalhar com eles [para a associação]. (...) faço de tudo, um bocadinho de tudo. Por isso é que eles não me deixam ir embora. Gosto de trabalhar aqui... Gosto de trabalhar com as pessoas que eu estou, gosto de trabalhar naquilo que eu faço, mas às vezes custa-me muito vir para o Bairro...”

O marido apoiou-a na entrada para este emprego, bem como na realização das tarefas domésticas, outrora incumbência exclusiva de Luana:

“(...) na altura ele [o marido] não tinha muito para ajudar em casa, porque eu estava lá. (...) Eu fazia tudo em casa. Mas isso [pequenas reparações] deixava para ele. Isso eu não percebo nada disso. Mas ajudo! E quando ele está a fazer eu fico lá a ver para aprender, porque se houver alguma coisa depois não preciso, já sei fazer. (...) [Fazer] compras, ambos. Mas é mais ele. Só que me está sempre a ligar. Eu mando ele ir ao Continente, mal chega já me está a ligar, manda fotos. Mas mete a máquina a lavar, aspira. No Covid foi a melhor parte! Quando se ouviu que houve mais divórcios, para mim foi a melhor parte! Estivemos ali os dois no ninho, sossegadinhos! E ele ajudava também, sempre!”

Devido ao apoio do marido, Luana reconhece que desde que tive de conciliar família e trabalho não se sentiu sobrecarregada. Ainda assim, considera que o facto de nunca ter colocado regras à sua filha, para que esta ajudasse na realização das tarefas doméstica, durante o período da infância e adolescência em que Luana foi doméstica, teve impactos relevantes nas dinâmicas familiares, distintas das que viveu com a mesma idade:

“Nos meus tios eu só tinha uma tarefa, que era arrumar o meu quarto. De resto era a minha avó que fazia tudo, eu não mexia em mais nada, nem comeres, nem nada. Mas eu dizia à minha filha ‘arruma o teu quarto!’ a mim ninguém me dizia... Gerações diferentes. Hoje eles metem tudo para a gaveta e está ali tudo embrulhado. A mim nunca me disseram ‘Luana vai arrumar o teu quarto!’ Nada, nada! Eu ia logo! Agora a [filha]... ‘oh [filha], vai arrumar o teu quarto! Já vou!’ São gerações muito diferentes, não tem nada a ver! Nada a ver! Eu falo por mim, eu acho que isso é porque eu protegi mais a [filha] do que me protegeram a mim. Se calhar agarrei-me a essa parte. Às vezes ela estava a estudar e eu dizia ‘estuda lá, que a mãe faz’. É a minha ideia. Por isso é que eu às vezes digo que estraguei a [filha]. E o [marido] também diz. Mas eu fiz o meu papel de mãe, foi proteger a minha filha. Agora quando é o mau é sempre a mãe é que teve a culpa.”

A filha de Luana tem hoje 27 anos é, também ela, mãe de uma menina. Um dos grandes orgulhos de Luana é ter conseguido fazer o esforço de pagar o curso de Estética à filha, que lhe permite hoje trabalhar nessa área e ter a sua independência financeira:

“A minha filha trabalha em estética. Eu paguei-lhe o curso e pensei: bem, mais um que eu vou pagar e ela não vai usar. Porque ela antes já teve num que era a Magestil e lá havia muitas formações, ela andou lá numa de estilista e fazia roupas e não sei quê, mas depois foi-se embora. Depois foi para educadora, mas não se dava bem, fez o estágio. E eu disse ‘Ora bem, então vai lá fazer o de esteticista’. Olha foi até hoje. Ela não chegou a completar o 12.º ano, fez o 9.º depois começou a ir para um lado e para o outro e agora a vida dela é só mesmo a estética. Já tem o [curso] de pestanas, de unhas já tem há 12 anos. Ela era novinha. Agora ela ia tirar outro, teve numa palestra não sei do quê. E agora é isso e a bebé, que vai fazer 3 [anos]. E ela ganha bem, ela ganha muita bem. Ela já...desde 2013 que tem o curso das unhas. Mas ela agora deixa a bebé na escola, ela deixa-a, vai buscá-la e trabalha em casa. Eu já a ela para ver de uma loja, mas a gente já fizemos contas e não compensa. Tens de pagar renda, água, luz, tens de pagar depois à Segurança Social. Não compensa. Mas ela tem montes de clientes, nisso eu estou descansada com ela. Não é uma preocupação.”

No entanto, preocupa-se com a instabilidade conjugal da filha, situação que teme vir a afetar a infância da sua neta:

“A minha filha, tem 27 anos, tem uma menina, vive com o pai da menina, mas anda sempre também a zangar-se com o pai da menina, não se dão lá muito bem. Sobra para mim e para o [marido]. Eu já disse: [filha] resolve a tua vida! Só que ela diz ‘oh mãe, não é bem assim!’ (...) Eu às vezes digo assim ‘tu queres viver com um gajo que não te ajuda, que a menina diz ‘ohh pai’ e ele diz ‘o pai já vai’. É isso que tu queres para ti? É isso que tu queres para o futuro? Tu és uma miúda nova! Resolve a tua vida!’ Mas ela gosta dele... Eu cheguei ao meu limite, porque depois eu metia-me porque ela é minha filha, e vinha para casa, não dormia e ela tem a menina que é bebé, é uma criança. E eu disse: acabou! Tu resolve os teus problemas com ele, agora a menina, não! E assim ficou. Não me meto em nada, se eles discutirem, se se pegarem, não me meto em nada. Agora com a menina, não! Ela é uma criança. Por isso é que eu digo, longe.”

Por essa razão, Luana observa na sua filha uma realidade que sempre procurou fisgar quando tinha a sua idade, através do reconhecimento e planeamento dos seus objetivos, rumo à concretização plena:

“Mas a minha vida foi toda planejada, primeiro tens de fazer isto, agora tem de fazer aquilo. Eu planeei a minha vida toda! Porque eu antes vivia porque a vizinha pedia à vizinha, porque os pais agora não podem, tens de ajudar a tua filha. Eu não queria nada disso, queria que funcionasse. Que viesse tudo de mim, do meu trabalho e assim é que foi. E eu depois disse ‘já estou pronta’ e aí veio um bebé. Não foi logo, mas depois quando soube que estava grávida, foi. [E sempre foi um sonho para si, ter filhos?] Epah, sim! Acho que toda a mulher tem esse sonho de ser mãe.”

No entanto foi também no tornar-se avó que Luana cumpriu um sonho que não previa. A sua neta passou a ser a sua principal preocupação, num futuro no qual, mesmo sem ainda ter feito meio século de vida, já não se perspetiva:

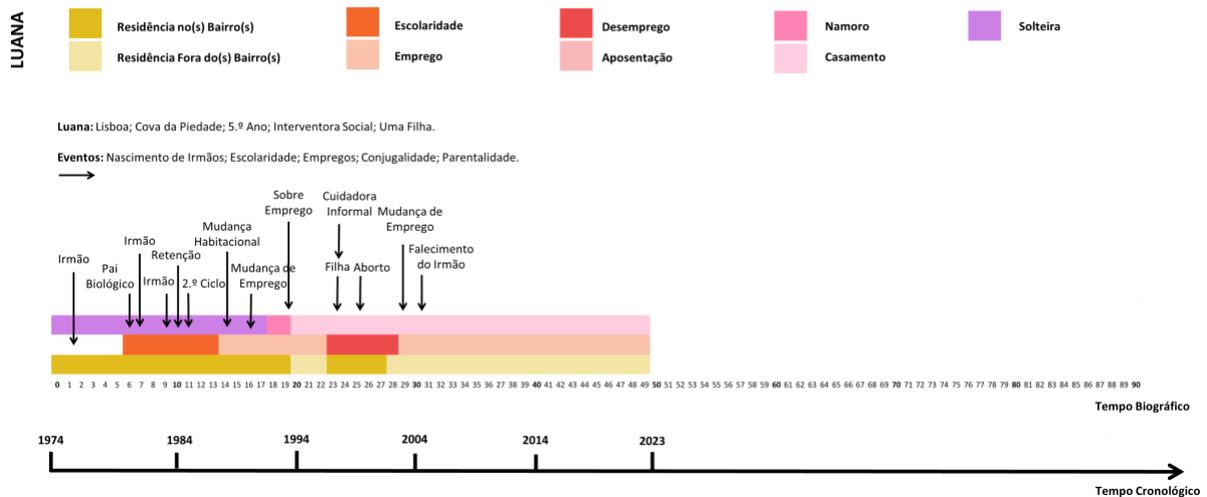
“Sou muito sincera. Dizem que ser avó é um amor muito maior que os filhos, para mim não é. A [neta] é como se fosse minha filha. O amor é maior? Não, o amor é igualzinho. Há uma coisa que é diferente, a preocupação, com as quedas. Porque quando a [filha] caía eu tinha de ajudar, mas aqui eu já sei o perigo, tenho sempre medo. De resto é igual. A minha filha até diz que a filha dela é minha filha.”

“Eu a mim já não me preocupo, mas preocupa-me pela minha filha, pela minha neta. Às vezes meto-me a pensar como é que será daqui a 30 anos? Eu já não devo estar cá, também não quero nadar aqui a cair aos bocados. Mas aí já não penso na [filha], é como se ela aí já estivesse orientada. Mas penso na minha neta, penso na miúda mais pequenininha. O que é que será a vida dela, o que é que ela vai ser, o que é que ela não ver. Porque isto está muito incerto, cada vez está mais incerto. Isto cada vez está pior.”

Quanto aos sonhos que lhe restam, Luana é pragmática e sintética:

“Porque tu tens sonhos, mas tens uma parte que queres já ser adulta e ir trabalhar. Eu gostava de continuar a estudar e de ser advogada, porque gosto de defender as pessoas. Quando está mal as coisas fico furiosa, com a injustiça. Quando tu tens a certeza das coisas e alguém não [reconhece]. Fico revoltada! O meu irmão disse-me ‘Carla, mas ainda vais a tempo’. Mas agora já não, já não tenho cabeça. Já não vou lá. Agora quero é curtir a minha vida, quero viajar, estar sossegada. (...) Não sei porquê, mas não penso no futuro. O que é que é o meu futuro? Bem, eu gostava de andar a viajar. Ir dar uns passeios. Neste momento, tudo o que eu já passei, eu acho que mereço curtir a minha vida. Eu não gozei a vida. O meu futuro, os meus sonhos, era andar assim a viajar, a curtir a vida! Só os dois, eu e o meu [marido]. Desligava logo o telemóvel, era logo a primeira coisa e ia curtir a minha vida.”

## Linha de Vida (Luana).



### Elsa<sup>47</sup>

Elsa tem 49 anos e viveu toda a sua vida em Alcântara, local onde foram criados e sempre viveram os seus pais. Nascida no seio de uma família de classe média-alta, diz ter tido uma infância feliz da qual recorda o largo tempo que passava com a avó materna, a cargo de quem ficava quando os pais iam trabalhar, e as picardias de miúdos com o seu único irmão, 10 anos mais velho:

“Eu tive uma infância muita feliz! Eu tive uma infância de classe média-alta. Ali em Alcântara. A minha mãe trabalhou no Hospital Egas Moniz durante 30 e tal anos e o meu pai na Lisnave, era soldador. Tive uma vida boa. Tenho um irmão que, infelizmente, também é doente. É esquizofrénico. Mas a minha infância foi super feliz, tirando veneno do meu irmão, que eu levava porrada por causa dele. Sou a irmã mais nova, por isso é que levava! [Risos] Ele era o preferido da minha mãe, eu era do meu pai. O meu irmão é o menino dela. Figuras importantes é só os meus pais e a minha avó, do lado da minha mãe. A minha avó, foi ela que me criou. A minha mãe fazia noites no hospital e era sempre a minha avó que estava comigo. A minha mãe trabalhava com os utentes (...) o meu pai era uma pessoa que trabalhava na Lisnave. Entretanto foi estudar para ser escriturário e passou a escriturário e a chefe.”

“O meu irmão e eu temos diferença de 10 anos. Por isso é que ele me fazia a vida negra! [Risos] Eu não era para nascer, nasci por engano... Ele dizia que não gostava de mim, coisas de irmãos. Agora está sempre ‘oh maninha!’.”

Para além de considerar ter tido uma relação positiva com os pais, Elsa confessa que o período da adolescência foi difícil para ambos. Nessa altura, viu-se confrontada com um sentimento de proteção excessiva por parte dos pais, e a rebeldia típica da adolescência, associada a uma rutura com as expetativas parentais predefinidas em parte associada a papéis de género predeterminados:

<sup>47</sup> Uma entrevista conduzida em junho de 2023, no Projeto Aga Khan (Quinta do Loureiro).

“Era boa a relação com os meus pais. Eu era um bocado a boneca. Eu não dizia uma única asneira. Agora olha... Eu sempre fui muito rebelde. Sempre fui muito independente, nunca dependi de ninguém. Sempre fui muito Maria rapaz. Gostava era de jogar à bola com os rapazes. (...) Eu cheguei aos meus 18 anos e para sair era muito complicado, tinha de estar em casa à meia-noite. Tinha de ir para o casamento virgem. Aquelas coisas de antigamente. Eram coisas que agora eu olho e agora já é à brava!”

“Não pensava muito em planos [quando era mais jovem]. Pensava em ir trabalhar e trabalhar.

Fosse no que fosse. Porque eu queria o meu dinheiro para comprar uma mota. Sempre gostei.”

Esse conflito intergeracional entre Elsa e os pais, desencadeado na adolescência, foi duradouro e acabou por se refletir, numa primeira instância, no seu percurso escolar. Ainda durante o 3.º ciclo do ensino básico, Elsa acabou por desistir da escola. Em alternativa, ingressou no mercado de trabalho, também por via da necessidade de uma nova fonte de rendimentos que sustentasse a família face à perda de rendimentos sofrida por parte da figura paterna na mesma altura:

“Eu completei, na escola, só até ao 8.º [ano], mas chumbei por faltas, então não mo deram. Na escola, eu não gostava muito de estudar. Não era que eu não gostasse da escola, mas era da explicação dos professores. Porque agora quando eu fui acabar o 9.º ano, eu nunca tinha tido uma positiva a inglês, eu aqui tinha tudo positiva, eu entendia tudo. Lá, ela falava, eu não entendia nada! Agora com esta idade, eu sei que no IEPF é mais fácil, mas também falam inglês. Não é? Chega-se ao mesmo objetivo. (...) Eu fui trabalhar tinha 16 anos. A Lisnave estava com problemas, o meu pai não recebia ordenado. Comecei a trabalhar com 16 anos. Fui trabalhar para uma tipografia, fazer envelopes. A fábrica era ali em Alcântara.”

No encadeamento dessa transição precipitada entre escola e emprego, Elsa foi confrontada com uma gravidez não planeada a partir da qual foi obrigada a ingressar numa situação de conjugalidade forçada pelos pais, à luz dos seus firmes valores conservadores. No entanto, nem essa primeira gravidez de Elsa, nem o casamento arranjado pelos pais foram bem-sucedidos. Elsa acabou por abortar espontaneamente nessa primeira gravidez e, apesar de terem vivido alguns anos como marido e mulher e de terem sido pais de um rapaz poucos anos mais tarde, o casamento acabou ser dissolvido após um episódio de violência por parte do ex-marido. Após a separação, Elsa retornou à casa dos pais em Alcântara, para onde foi viver com o seu filho:

“Entretanto os meus pais casaram-me. Porque na altura quem fizesse “mal” à menina tinha de casar e eu casei-me pelo registo. Fizemos lá uma brincadeira [antes de ser casada] e eu tive uma grande hemorragia e eu disse assim: Meu Deus! Eu quando casei tinha uns 18 [ou] 19 anos. (...) [Casei-me pelo registo] Mas mais porque os meus pais queriam. Eu tive casa para aí um ano e dois meses. Ele era gémeo com outro [homem], o outro era toxicod dependente e durante o nosso casamento o rapaz [o seu cunhado] morreu. O outro [o primeiro marido]

começou a beber, houve um dia chegou a casa agrediu-me. Acabou ali. Ainda houve uma segunda agressão. Apertou-me o pescoço, eu fui ao hospital, com o pescoço todo marcado, para ter provas. Depois havia casa para pagar, foi pedido o empréstimo... Vivíamos na Margem Sul, nessa altura. Casei e fui para a Margem Sul.”

“Eu fui mãe a primeira vez aos 23 [anos]. Tive dentro da idade. Foi um engano, também. Foi um descuido. Um descanso da pílula, engravidei. (...) Tive o meu filho sozinha. Mas como ele era guarda noturno, [emprego] estável, foram-lhe sempre buscar [o subsídio de paternidade].”

Na altura partilhava a profissão na área da saúde com a mãe, na qual trabalhou durante oito anos no Hospital São Francisco Xavier. Após a separação e com o filho a seu cargo, Elsa passou a conciliar dois empregos, um na área da saúde e outro na área da segurança:

“Eu fui auxiliar de ação médica, tirei o curso, trabalhei numa urgência durante oito anos, eu sei entubar um doente, eu sei tirar sangue. (...) Gostei muito da urgência de São Francisco Xavier. Salvar vidas, não há melhor. Gostei muito. E também gostei da segurança, porque também sou assim da noite, gosto de trabalhar à noite. Sempre trabalhei à noite. Eu durante o dia não gosto muito, chega à noite *plim*, fico mais ativa. Não sei porquê.”

A vida conjugal de Elsa teve, no entanto, outro capítulo. Apaixonou-se por um colega com quem trabalhava na área da segurança e que considera ter sido até hoje, mesmo estando já separados, a sua alma gémea. Dessa relação, que durou 11 anos, Elsa teve dois filhos:

“Eu fui casada duas vezes. Com esse primeiro que me agrediu e com este segundo casei porque ele não era casado e ele, o pai do meu quis casar. Eramos os dois seguranças, trabalhávamos à noite. Fazíamos concertos juntos, fazíamos tudo juntos. Fui super feliz! (...) Era muito boa [a dinâmica familiar]! Ele ajudava em tudo! A gente dava-se super bem! Almas gémeas. Eu acho que nunca vou encontrar outra pessoa assim.”

Apesar da beleza deste segundo casamento, a separação foi inevitável devido ao problema de toxicod dependência desenvolvido pelo marido, que afetou Elsa de forma multidimensional, condicionando a estabilidade familiar e económica da sua família, mas também a sua própria saúde:

“Temos uma ligação, uma coisa, demais. Mesmo que eu às vezes queira esquecer não consigo. Nem é esquecer ele como homem. É aquilo que eu passei. Ele com o problema da droga borrifou-se para mim, para os filhos.... Chegámos a uma altura que eu ainda atentei ficar com ele, só que eu dormir na mesma cama que ele depois de ele ter estado com outras pessoas eu não conseguia. Ele ainda lá esteve a viver em casa, mas eu dormia num lado e ele dormia noutro. A gente tinha uma relação espetacular, mas pronto... (...) Foi um casamento espetacular, mas a droga estragou tudo. Ainda hoje a gente nunca falou sobre o assunto, mas pronto... Entretanto eu fiquei com cancro. Ele foi à vida dele. Arranjou uma rapariga que lhe dava os consumos, claro... Eu não lhe dava os consumos, ralhava com ele. Foi assim.”

“Infelizmente deixou-me algumas marcas, más. Boas, só os meus filhos. (...) Deixou-me duas [doenças, o meu marido]. (...) Soube na segunda gravidez. (...) Isso as pessoas não sabem, porque eu não tenho e contar a minha vida. Infelizmente o estigma que há em relação a isso é podre. (...) A minha mãe é a única que sabe, acompanha-me às consultas todas. A Santa Casa também sabe, obviamente, aqui no bairro é que ninguém sabe.”

“Fiquei traumatizada. Foi só más experiências. E tudo a ver com este meio [da droga]. Já viu a minha sorte. Ele nunca me tratou mal [o segundo marido]. Roubou-me foi tudo em casa. Jogos dos miúdos. Em minha casa entrava 3000€ por mês. Foi uma adição de droga, mesmo droga. (...) Os meus filhos, toda a vida, foram vandalizados na escola porque o pai era drogado. Tive de os tirar lá de cima da escola, porque os meus filhos eram cuspidos, agredidos lá dentro e ninguém fazia nada. (...) Os meus filhos são educados, eu sempre lhes dei tudo o que lhes pude dar. Além de eu ter aquilo em casa eu sempre lhes tentei explicar que não é aquilo! Além de eles terem visto o pai a drogar-se – porque eles iam atrás do pai espreitar, para além do pai se tentar esconder – eu tentei sempre explicar aos meus filhos, sem lhes esconder, que aquilo não era bom para eles.”

Para além de todas estas consequências, a situação de toxicod dependência do segundo marido de Elsa fez, também, com que Elsa tivesse ficado em risco de perder os seus três filhos ainda menores:

“Os meus filhos de três em três meses tinham de ir à Santa Casa e eram questionados sobre a minha vida. Sozinhos. Eles passaram por tudo isso. Sozinhos. As crianças vão uma a uma e os meus filhos calados a olhar. ‘Os teus pais fumam ganza?! Fumam drogas!’ e eles calados. Porque eu dizia-lhes a eles, eu falava com eles ‘filhos portem-se bem, a mãe não consegue fazer mais nada! Vocês têm de se portar bem na escola!’. (...) Isto tudo era só por causa da toxicod dependência dele, levei com a proteção de menores, levei com tudo.”

Durante esse largo período da sua vida que Elsa foi diagnosticada com Cancro da Mama. A ter de conciliar dois empregos e múltiplos problemas de saúde, Elsa caiu numa situação de vulnerabilidade extrema, que fez com que se visse forçada a deixar de trabalhar:

“Eu até ter o meu cancro eu trabalhava, nunca dependi da Santa Casa. Estava de baixa do meu trabalho [quando surgiu o cancro, mas] eu trabalhei a minha vida desde os meus 16 anos.”

Nessa altura, Elsa refugiou-se na educação. Procurou ocupar-se com cursos em diversas áreas, vício que manteve até ao presente, mesmo após a superação do Cancro:

“Tenho tantos cursos, curso de comunicação... Eu durante o meu cancro agarrei-me à escola. Tirei o 9.º ano e agarrei-me a cursos, tirei o curso de estética. (...) Tenho o curso de geriatria. (...) E tenho outros cursos, tipo fiscalidade, e outras áreas, por causa dos IRSs. Comunicação, que adorei! O curso de comunicação para mim foi espetacular! Eu saí daquele curso a sentir-me uma pessoa diferente. Não me pergunte porque, mas senti-me. Foi também ali no IAFP.”

Eu, em mim própria, sentia-me diferente. A maneira de falar com as pessoas. (...) Eu agora tive neste curso dos líderes, que foi dado agora aqui pelo projeto.”

Do ponto de vista habitacional, a situação de Elsa tornou-se igualmente precária. Devido ao problema de dependência do ex-marido, Elsa perdeu a casa onde viviam com os seus três filhos, em Alcântara. Com a sua saúde limitada e sem rendimentos do trabalho, Elsa viu-se obrigada a recorrer a políticas locais de apoio à habitação para pessoas em situação de vulnerabilidade. Um pedido que Elsa endereçou à Junta de Freguesia de Alcântara para a resolução desta situação e que, passados 16 anos, se concretizou:

“Eu morava numa casa, pagava 300€ e estava na sanita, desculpe a expressão, e estava-me a chover na cabeça. Lá o presidente [da Junta de Freguesia de Alcântara] falou e vim para aqui [para a Quinta do Loureiro]. Cheguei aqui e para mim foi caótico! Sinceramente...”

“Eu cheguei bem aqui [à Quinta do Loureiro], porque em Alcântara sempre fui apoiada pela Junta de Freguesia, por toda a gente, por causa dos meus problemas de saúde. Cheguei aqui ao Loureiro tinha sido operada de barriga aberta, tirar os ovários e os órgãos, porque já tinha tido cancro de mama e eles [os médicos] acharam melhor retirar. (...) Vim para aqui para a Quinta do Loureiro em dezembro de há três anos.”

A mudança de Elsa para a nova casa na Quinta do Loureiro teve um sabor agri-doce. A melhoria generalizada das condições habitacionais, bem como a proximidade à casa dos seus pais, ainda em Alcântara, foi um fator determinante na melhoria da sua qualidade de vida. Por outro lado, a existência de dinâmicas marginais relacionadas com o consumo e tráfico de droga são, para Elsa, uma grande desvantagem que condiciona o seu bem-estar, não só em termos físicos, mas também psicológicos:

“(...) a casa é melhor, tenho melhores condições, para além de que já caiu o estore umas 500 vezes, mas pronto. Olho para a casa e tudo compensa. Eu não tenho razão [de queixa] de ninguém. Agora fico triste e revoltada, mas não é com as pessoas do Bairro. É com aquilo que eu oiço e que eu vejo e não funciona assim. (...) As pessoas aqui passam mal. As instituições não apoiam. As pessoas lá fora não têm noção. Isto aqui é um mundo completamente a parte. As pessoas não têm noção. (...) Mas pronto, das pessoas [do Loureiro] não tenho nada a dizer, são cinco estrelas. Mas é só o que me mete nojo, é a gente vir à janela e se for preciso vê eles a fazer ali cocó, ralha com eles...”

“Gosto [de viver no Loureiro]! Só pensei em sair por causa da porcaria que há aqui no Bairro. Eu falo por mim. A mim mete-me nojo! Se calhar é porque eu tenho um “problema de fígado” e sou mais sensível. A única coisa que me mete nojo é eles fazerem cóco, seringas e por aí adiante. É a única coisa que eu me queixo. É o meu cão apanhar feridas porque ninguém vem arranjar aquilo. Só um dia antes de o presente da Junta cá vir.”

Devido à presença de tais dinâmicas marginais, Elsa acaba por se refugiar no interior da sua habitação. Lugar onde passar a maior parte do tempo que tem, entre tratamentos:

“Eu agora não saio muito. Porque eu estou a fazer uma medicação que é anticoagulante. Então eu prefiro estar me casa. Estou mais tranquila. Pelo menos até outubro, tenho de estar assim mais tranquila. A minha condição de saúde não estava tão grave, mas depois deram-me uma facada aqui, enganaram-se. É preciso é que eu consiga superar.”

As técnicas das associações de apoio à comunidade presentes no Loureiro, têm sido um grande apoio para Elsa, procurando evitar o seu isolamento e estimular a sua integração na comunidade:

“Se elas [as técnicas] me convidarem, eu vou a todas as atividades que elas me convidarem, porque eu de momento não estou a fazer nada. Faço pinturas. (...) E passo o meu dia a dia a ir buscar coisas que eu gosto de fazer. (...) foi o que eu sempre fiz. A fazer as minhas coisas em casa.”

A reaproximação à família de origem, com quem detinha uma relação distanciadas desde a adolescência, é apontada por Elsa como um fator que determinante, nesta fase da sua vida. Sobretudo determinado pela degradação das condições de saúde de Elsa, mas também dos seus pais:

“Agora a minha mãe está aqui comigo, não veio viver comigo, mas está aqui porque o meu pai morreu e ela ainda não consegue ir para casa. O meu pai teve dois anos até morrer e ela ainda não consegue ir para a casa. Está lá o meu filho mais velho. Ela também acaba por me ajudar, em comida pelo menos ajuda. Somos muito amigas, apesar dela ser chata! Tomara eu que ela seja sempre chata!”

O falecimento recente do pai, de quem Elsa foi cuidadora a par da mãe, foi uma perda significativa que a colocou, novamente, numa situação de sobrecarga emocional. No entanto, Elsa sente que não tem alternativa, se não enfrentar o novo desafio, pois considera ser da sua responsabilidade o cuidado da mãe, do irmão e dos filhos:

“O meu pai era muito assim, calado, na dele, tranquilo. Até com Alzheimer o meu pai era bonzinho. (...) Ele parou aqui em casa, já não foi para o hospital, eu e os meus filhos é que o reanimamos. E saiu daqui a falar comigo, só que morreu lá. Os médicos dizem que ele estava muito fraquinho. Foi melhor assim. Só que faz bueda falta... Era o único homem da família. Eu sinto que a responsabilidade caiu toda em cima de mim, porque o meu irmão é esquizofrénico, tenho dois filhos em casa, a minha mãe tem 80 anos. É tudo eu. (...) Tenho de ter força para a minha mãe. A minha mãe foi-se muito abaixo.”

Apesar de tudo, o facto dos filhos de Elsa serem já adultos é para si um alívio das responsabilidades a seu cargo. Estes são, inclusive, um importante apoio na vida de Elsa. A relação de Elsa com os filhos nunca foi pacífica devido ao contexto familiar disfuncional em que estes cresceram, devido à dependência do pai e padrasto:

“(…) eu acho que eles me culpabilizam do passado. E como a vida também não lhes corre bem eles têm de descarregar em algum lado e acabam por descarregar um bocado em mim. Se eu pedir alguma coisa, eles ajudam-me, são cinco estrelas. Mas se eu der alguma opinião, tem ali uma revolta. E eu não consigo entender. Parece que tudo o que eu fiz foi em vão.”

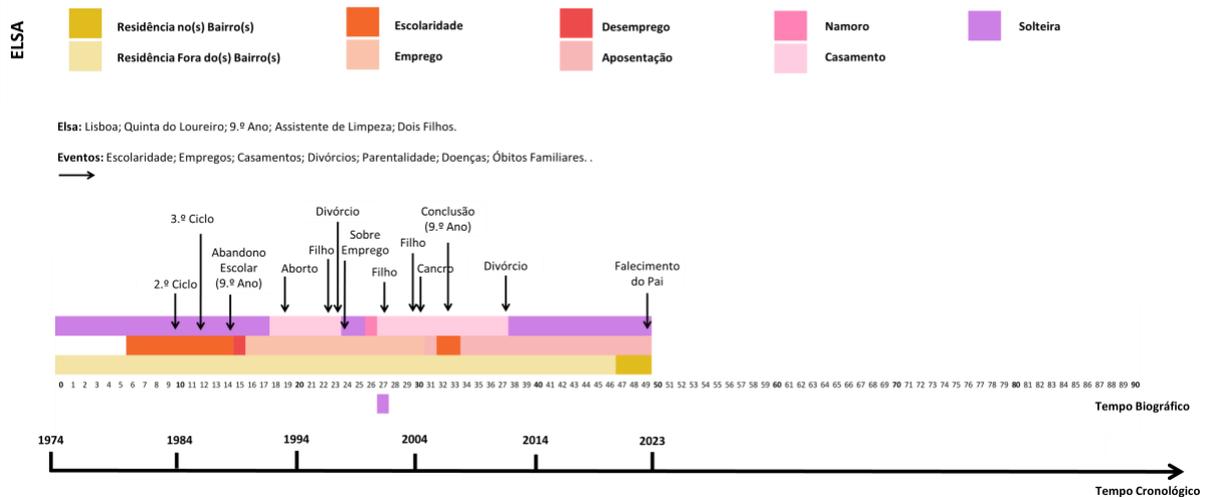
Elsa sente um grande orgulho nos seus filhos por terem todos concluído a escolaridade até ao ensino secundário. Contudo, uma das suas preocupações mais presentes é relacionada com as oportunidades de emprego precárias, às quais os filhos estão expostos no quadro do mercado de trabalho português, no contexto de um mercado de trabalho em constante e acelerada modernização:

“Preocupa-me os jovens não terem aqui oportunidade (...). Preocupa-me imenso, porque isso quer dizer que se esta tudo a borrifar. Da maneira que nós estamos não consigo imaginar [o futuro dos filhos]. Pelas notícias que eu vejo - eu leio muito sobre o que se passa no mundo, não tanto notícias, mais sobre História, gosto muito de História – e essa Inteligência Artificial que anda para aí qualquer dia está-nos a entrar pela cabeça adentro e agente já não tem trabalho nenhum. Vamos trabalhar em quê? Vamos ser escravos deles. Eu já não, mas os meus filhos vão.”

As preocupações presentes de Elsa, relacionadas com o futuro dos seus filhos e a sua condição de saúde, impedem-na de pensar sobre o futuro. Por não conseguir projetar o longo prazo, mas também devido aos desafios que lhe foram colocados, desde sempre e em vários planos, retorna sempre às vivências do passado:

“Eu não faço planos. Eu faço planos, quer dizer, eu olho para a minha família. Mas não faço planos diretamente para mim. Porque eu estou aqui agora, mas amanhã já não sei se estou. Por isso todos os planos que eu tento fazer é a favor deles [dos filhos]. (...) Já me perguntaram porque é que eu não escrevo um livro. Eu não escrevo, mas ao menos alguém que me escreva. (...) Mas não é por isso que não sou feliz, tenho a minha família toda, além de não estarem todos, ao pé de mim. Somos muito unidos. Temos desafios. Eu acho que tive todos os desafios na minha vida, não sei mais que desafios posso ter. A única cena que eu posso fazer agora é por mim e pelos meus filhos.”

## Linha de Vida (Elsa).



## Mafalda<sup>48</sup>

Nascida na Rua do Arco do Carvalhão, em Lisboa, no dia 23 de outubro de 1950, Mafalda tem hoje 74 anos. Originária do Casal Ventoso, acompanhou as transformações nos dois Bairros – Casal Ventoso, no passado e Quinta do Loureiro, no presente – ao longo dos tempos. Da infância, passada no Casal com duas irmãs mais velhas, relembra tempos austeros devido à rigidez das regras familiares impostas pelo pai, natural de Alhandra e estivador no porto de Lisboa. A mãe de Mafalda era alfacinha de gema e sempre trabalhou como vendedora de hortaliças e frutas na zona onde moravam:

“O meu pai também era um bocadinho rude. Ele era empregado a bordo e de maneira que ele era muito rígido para a gente. Não deixava, nem as minhas irmãs, fazer nada. E a gente foi criada assim naquele espaço, em casa, muito certinhas. (...) A minha mãe trabalhava, [não era doméstica,] vendia coisas. Vendia hortaliças e assim.”

Mafalda conta que os pais foram viver para o Casal Ventoso depois de casar, para uma casa na Rua do Arco do Carvalhão onde nasceram, Mafalda e as irmãs. Por via da rigidez das regras familiares, Mafalda confessa que passou a infância dentro de casa com as irmãs, a cargo de quem ficava quando os pais saíam para trabalhar:

“Não fazia nada [fora de casa]. Funcionava tudo lá [no Casal Ventoso]. Nem saía para ir passear, nunca fiz nada dessas coisas. Também não gostava, gostava de estar no meu ambiente. Nunca fui dessas coisas.”

As atividades fora de casa e Bairro onde cresceu começaram quando Mafalda entrou em idade escolar. Nessa altura, destaca com orgulho ter feito a 4.ª classes e a catequese. Para si, foram duas importantes

<sup>48</sup> Uma entrevistas conduzidas em maio de 2023, no Projeto Alkântara (Quinta do Loureiro).

conquistas que, ainda hoje, destaca, comparando fazendo a ponte entre a sua experiência escolar e a da sua neta:

“(…) a 4.ª classe de antigamente era diferente da de hoje, era muito mais à frente. Muito mais avançado. A gente sabe coisas que eles não sabem agora. Eu vejo pela minha neta, que anda aí.”

O pouco tempo que Mafalda passou na escola deveu-se à inevitabilidade mais comum há 50 anos atrás, a insuficiência dos rendimentos para sustento da família. À semelhança das irmãs, Mafalda teve de desistir da escola após terminar a 4.ª classe. Uma decisão que não a entristece, por reconhecer com naturalidade a sua inevitabilidade:

“Eu gostava de aprender, gostava de fazer, só havia lá uma professora que eu não gostava muito porque ela dava muitas reguadas. Isso é que eu não gostava. [Gostava de ter continuado na escola?] Não, por acaso não gostava. As minhas irmãs também foi só até à quarta classe.”

Mafalda considera que o primeiro emprego surgiu anos mais tarde, após a saída da escola. Ao atingir a maioridade começou a trabalhar num laboratório de medicamentos. Um emprego na qual se sentia profissionalmente realizada:

“O meu primeiro emprego foi lá nesse laboratório de medicamentos. Punha-se os comprimidos nas caixas, punha-se selos, fazia-se assim várias coisas. Fazia-se o soro. (...) O emprego que eu gostei mais foi o do laboratório! Gostava das colegas e das coisas que a gente fazia. Era uma boa convivência! E sabia bem para desaliviar da casa. Era engraçado quando a gente entrávamos dentro de uma casinha que a gente tinha, que era lá dos raios, para encher a penicilina, assim todas mascaradas, com máscara e tudo. Era muito engraçado! Não havia nada assim que eu não gostasse lá.”

Foi também por essa altura, no contexto de trabalho no laboratório, que Mafalda conheceu o seu primeiro marido:

“O meu primeiro marido era lá analista. Ele é que fazia as análises lá aos remédios. Ele fazia as análises da medicação. (...) eu era empregada de laboratório e a gente conhecemo-nos lá. tinha 19 anos ou assim, a ir para os 20. Ele era mais velho que eu 5 anos. Dali fui para Algés morar.”

O primeiro casamento de Mafalda, conta, não foi planeado. Mas sim, fruto de uma conjugação de fatores históricos, relacionados com o conservadorismo com que eram vistas as relações amorosas fora do casamento e o desconhecimento acerca de temas da sexualidade, como a contraceção, de um modo generalizado e com maior incidência nas camadas sociais menos favorecidas:

“Naquela altura aconteceu-me uma desgraça. Ele é que me tirou “o melhor” e eu fiquei de bebé. (...) E naquela altura os pais era assim, a minha mãe disse-me que tínhamos de casar e o meu pai chamou-o lá a casa e disse-lhe [o mesmo] e depois casámos. O registo foi lá a casa.

Não tive assim um casamento, com festa. Também nunca tive assim esse sonho de casar, não pensava muito nisso.”

A situação matrimonial de Mafalda imposta pelos seus pais juntou, assim, duas famílias de origens distintas. Dois fatores que Mafalda considera, hoje, terem estado na origem do insucesso do seu casamento, mas que na altura não percecionou com potenciais tensões. O primeiro marido de Mafalda era médico e a sua família proprietária de um prédio em Algés, características que Mafalda julgou contribuir para a sua emancipação da família de origem. No entanto, a intromissão da sogra na relação de ambos levou a que o casamento precipitado, rapidamente se comesse a desmoronar:

“Ele [o marido] era o único filho e a mãe, a minha sogra - que lá esteja a alma em descanso (o meu sogro não, coitadinho) - ela era muito complicada. Era deste género assim: ele [o marido] não era de me bater nem nada, eu morava no esquerdo e a minha sogra morava no direito, num rés-do-chão em Algés, quando casei fui para lá e era assim, ele tinha de fazer tudo o que ela queria. Metia-se. Ele saía de casa com uma camisa se fosse lá [a casa da mãe e] se ela entendesse que não estava bem, ele voltava atrás e tinha de ir mudar. Mas tudo assim. Nada estava bem.”

Para além disso, as expectativas que Mafalda criara acerca das relações conjugais ficaram defraudadas quando Mafalda se aperceber do desequilíbrio na divisão de tarefas entre marido e mulher. Uma realidade comum, mas acerca da qual nunca teria refletido antes de a experienciar:

“O meu marido trabalhava e eu também trabalhava, mas era só eu [que participava nas tarefas domésticas]! Ele não fazia nada! Ele não ajudava. Nunca tive sorte com os maridos para fazer essas coisas. E às vezes via-me um bocado sobrecarregada, de vir para casa quando saía do trabalho e ainda tinha de fazer uma data de coisas, fazer o comer... Era muito complicado.”

Apesar das tensões entre o casal, passado nove meses de casamento, Mafalda foi mãe de um rapaz, hoje com 55 anos. Uma mudança na vida pessoal que se repercutiu no abandono de um emprego do qual sempre gostou, tornando-se doméstica, à semelhança do que ditavam as normas sociais no final dos anos 1960:

“(…) depois nasceu o meu filho mais velho e eu deixei de trabalhar. (...) Fui doméstica ali durante um período. [Não gostava?] Gostava, agora! Gostava da casa, a casa era boa, aquilo era um prédio grande que era deles [da família do marido]. Mas não gostava de ser doméstica.”

O início atribulado da sua relação conjugal, a presença constante e intrometida da sogra e a nova realidade da maternidade com que Mafalda teve de lidar, foi a conjugação de fatores suficiente para que o seu casamento comesse a apresentar sinais de desgaste mais prementes, num curto espaço de tempo:

“Depois ele começou com problemas. Havia lá uma antiga vizinha, que era lá do prédio e que eles já se tinham namorado e depois começaram a andar um com o outro e a mãe sabia, só que eu não sabia. Eu era nova... (...) Já se tinha perdido ali.”

Apesar falar com abertura sobre esse capítulo “fechado e bem fechado” da sua vida, Mafalda não nega que o insucesso do seu primeiro casamento condicionou o seu sonho de “viver bem, ter assim mais um dinheirinho, continuar a trabalhar e pronto.” Pois, na altura em que era casada e vivia em Algés, considera que:

“(…) vivia bem, apesar daquela situação [da traição]. Não era falta de dinheiro, não era nada. Foi mesmo ali o amor que se perdeu, o ambiente. E acabou. (...) Tinha uma vida boa primeiro, tinha, não me faltava nada. Tinha mulher a dias para me fazer as coisas, mas não chega. Faltava ali o amor. (...) Depois separamo-nos, divorciei-me. Os meus filhos vieram comigo.”

Foi uma mudança radical, mas para um destino que já conhecia. Mafalda voltou para perto dos pais e foi viver uma casa no Casal Ventoso, com o filho e voltou a trabalhar.

“(…) fui trabalhar para as limpezas. Trabalhei no Conselho de Ministros. (...) Trabalhei, também, na Rua do Ouro, no banco.”

Enquanto refazia a sua vida no Casal Ventoso, Mafalda conheceu o seu segundo companheiro, com quem nunca chegou a casar, mas com quem viveu durante largos anos e teve um filho, também rapaz, hoje com 40 anos. Apesar de ser uma relação duradoura, esta relação de Mafalda teve, também, as suas vicissitudes, terminando em rutura, sobretudo, devido ao estilo de vida do seu companheiro:

“Ele era muito mulherengo. Ele é daqui [do Casal Ventoso/Quinta do Loureiro], andava com esta, com aquela. (...) Era sair à sexta-feira, sair do trabalho, deixava a roupinha e pronto, bye-bye! Vinha na segunda-feira, para ir trabalhar.”

Mesmo no seio da relação, Mafalda confessa que a dinâmica de divisão e entreaajuda na conclusão das tarefas domésticas não existia, sendo inclusive pior do que na sua primeira experiência conjugal:

“Era eu que cozinhava, que lavava, que levava os filhos à escola, tudo, que geria ali o orçamento. Trabalhava nas limpezas, deixava o meu filho [mais novo] na ama, lá onde eu morava e ia trabalhar. Entrava às seis da manhã até às nove e depois ia das cinco da [tarde] às nove da noite outra vez. E era assim a vida.”

Para além disso, a relação do casal complicou-se quando Mafalda começou a ser vítima de violência doméstica – física e psicológica - por parte do companheiro. Momento da sua vida menciona brevemente, sem vontade de recordar:

“(…) ele batia-me muito, era uma coisa muito mesmo... (...) Ele andou com vizinhas aqui! De perto, pessoas conhecidas. A última que ele andou foi uma aqui de baixo, que estava quase o meu filho a nascer e ele deu-me uma tarefa que não fazes ideia. Por causa dela. (...) Ao fim de

22 anos, a vergonha, fi-la só por uma vez. Pus-lhe os sacos à porta e toma, está aqui, a andar!

E pronto. (...) Já há 20 e tal anos que não o aturo mais. Sou solteira!”

Após os dois episódios de conjugalidade falhada, Mafalda concentrou-se nos seus dois filhos e nos vários trabalhos como assistente de limpeza que conciliava para os poder sustentar. No entanto, foi durante essa altura que Mafalda experienciou um problema grave de saúde que a impediu de continuar a trabalhar:

“Aqui no Conselho de Ministros é que me deu uma dor no olho e ceguei. Foi assim de repente. Tive três anos cega, foi uma veia que me rebentou. (...) . Fui operada a uma vista, desta não vejo nada e da que fui operada vejo 80%. E é a vida. Fui reformada por invalidez. Nessa altura tinha 55 anos.”

Desde então, Mafalda vive com uma reforma pequena, que não chega para suprir as despesas que têm com alimentação, medicamentos e mesmo da habitação de cariz social que lhe foi atribuída:

“Fiquei com uma “grande” reforma! Que ainda hoje tenho. 40 anos de descontos e tenho uma reforma de 382€... Quem é que consegue? (...) Se não fosse o meu filho, como é que eu pagava, renda de casa, água, luz, medicação. Eu todos os meses tenho quase 150€ [de despesa]. Eu vou à farmácia, posso trazer o que quiser e ao dia oito vou pagar. Mas quer dizer, a minha reforma é só para isso e para comprar mais meia dúzia de coisas e acabou. Se não fosse o meu filho...”

Devido à incapacidade com que ficou e às dificuldades económicas que a atiram para uma situação de vulnerabilidade social, Mafalda acabou por viver sempre com o seu filho mais velho, com quem partilha casa na Quinta do Loureiro:

“Na Quinta do loureiro já [vivo] há 22 [anos]. Deram-me a chave no dia um de maio. Fizemos agora 22 anos. A gente já anda aqui no convívio há 19 [anos.]. Eu lá em cima [no antigo Casal Ventoso] já vivia (...) e depois deram-me uma casa aqui.”

A relação entre Mafalda e os dois filhos sempre foi bastante próxima. Apesar de serem filhos de pais diferentes, sempre foram criados como irmãos e dão-se muito bem. Uma alegria que Mafalda conserva e que se estende às famílias que cada um criou, já em adulto:

“Tenho uns filhos que é uma maravilha. Tenho umas noras que é uma maravilha, também, são muito minhas amigas. A da Serafina [a mulher do filho mais novo] é um espetáculo! É como uma filha. Esta aqui [do filho mais velho], já é diferente. (...) O feitio dela é diferente. Mas a outra da Serafina é um espetáculo!”

“(...) eles os dois dão-se bem [apesar de não serem filhos do mesmo pai]. Mas este [filho mais velho] não gosta do pai, do meu marido, pronto. Do primeiro, do meu marido mesmo, porque o outro era companheiro. Pai para ele era este [segundo companheiro], porque os criou. Mas também não se falam.”

“(…) cada um tem a sua casa. Um [o mais novo] mora na Serafina, é empregado, chefe nos hospitais, dos resíduos e depois anda por aqui e por ali e acolá a fiscalizar. O meu [filho mais velho] trabalha com a mulher na Santa Casa, anda com um carrinho a distribuir os almoços. A minha nora, que também trabalha na Santa Casa, ela é que faz os comeres.”

Mafalda tem um sentimento agridoce em relação ao facto de os filhos viverem perto de si – um vive consigo e o outro num território contíguo ao bairro do Loureiro -, por um lado, sente que é uma vantagem para o seu bem-estar na velhice, mas por outro sente-se desgostosa com o estado atual do lugar onde mora e tem pena que os filhos tenham de lidar com as dinâmicas marginais que nele se vivem:

“Quando ele [o filho mais novo] foi para ali [Bairro da Serafina] (porque eu pedi um desdobramento para aqui [Quinta do Loureiro], mas não mo deram, não resultou, então) foi para a Serafina, numa casa velha, agora entras lá dentro, tudo feito por ele.”

“Agora já não gostava que eles tivessem vindo viver para junto de mim. (...) Só que o sítio... Mesmo assim, neste meu sítio, não [há problemas]. Eu moro aqui ao pé da capela. Só não tenho tido elevador, isso é um problema. Mas aqui ninguém tem. Há uma colega nossa que anda a fazer hemodialise, anda de cadeira de rodas, não tem elevador, mora num 5.º andar e têm de ir buscá-la. Está à espera que lhe deem uma casa, mais abaixo, mas ali para o prédio [que concentra o tráfico de droga] também não quer, eu também não queria. Aquele prédio é demais... Aquilo ali é um horror. Depois ninguém tem elevador, não há... Aquilo é assim, eles vêm arranjar hoje, amanhã já está avariado. (...) Olha esta gentinha que anda aqui, rapazes novos que têm morrido. Às vezes há aqui cada...com polícia e assim. Uma pessoa está sempre com o coração nas mãos. Eu nunca tive nenhum problema, mas é sempre uma preocupação. Felizmente os meus netos não [se juntaram a esse estilo de vida], eles trabalham. Mas uma pessoa está sempre assim ansiosa, basta morarmos aqui.”

Mafalda não evita comparar a situação da atual Quinta do Loureiro com aquela que premava o Casal Ventoso, onde viveu, durante o final do século passado.

“Eu gosto da minha casa, as casas são boas. Gosto de vir aqui um bocadinho [a uma associação do Loureiro], mas não tenho aqui muitos amigos. Lá em cima [no Casal Ventoso] era diferente. Aqui cada um está na sua casa. Eu pelo menos estou na minha casa e só saio para vir aqui [à associação] um bocadinho ou sento-me ali fora no banco a apanhar fresco. Agora há um mês, temos aqui a capela de manhã, só em maio e ao sábado há missa. (...) antes eram vizinhos, amigos, conhecia a gente toda. Agora já não. Fomos todos separados. Uns foram para um lado, outros foram para outro. Nem todos ficaram juntos. Uns ficaram no [Bairro do] Cabrinha, outros no [Bairro] Ceuta Sul.”

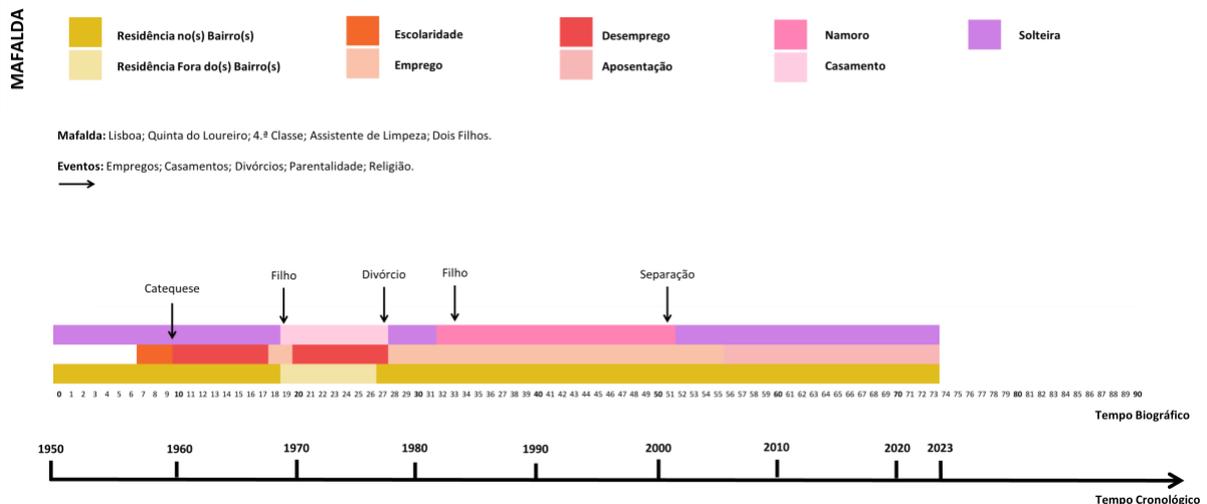
Contudo, a opção de procurar casa noutra lugar já não equaciona devido à idade avançada e a tidas as suas limitações de saúde:

“[Já ponderou, hoje em dia, sair do Loureiro e ir viver par outro sítio?] Não, não, não. Agora com esta idade, não. Se fosse mais nova, se trabalhasse, gostava muito de morar em Campo de Ourique, porque como eu morava no Arco do Carvalhão era ali mais perto. Ainda hoje lá vou, pego no autocarro e vou lá dar uma voltinha. Agora, hoje, não. Porque eu gosto muito da minha casa, estas casas são muito boas.”

A sua preocupação central é mesmo a degradação da condição de saúde, advinha do avançar da idade e de uma vida que nem sempre foi facilitada e as preocupações que teme causar, sobretudo, ao filho mais velho:

“A minha preocupação é que a saúde não e muita. Tenho tido grandes problemas, de coração e tudo. Tive agora um problema de ossos, já não andava, tinham de me dar banho, tinham de me vestir e tudo. (...). A minha preocupação agora é se eu me der alguma coisa, se ficar outra vez assim, não ter alguém que me faça as coisas. Tenho de ter uma pessoa, que não é o homem, que ele [o filho] é muito meu amigo.”

### Linha de Vida (Mafalda).



### Silvina<sup>49</sup>

Filha de mãe brasileira e pai português, Silvina nasceu em Arouca, na freguesia de Moldes, há 80 anos:

“A minha mãe era brasileira, o meu pai é português. (...) A minha avó [materna] veio de barco para cá para Portugal, o meu avô estava lá no Brasil a trabalhar e na altura eles tinham filhos e eles morriam. Porque eles estavam em Santos e aquilo era muito abafado e eles não se davam lá. Morriam. Depois o médico disse assim para a minha avó ‘Se quer salvar algum filho, tem de ir para Portugal’ e ela ‘nem é tarde nem é cedo, vou já!’ E pôs-se a andar.”

<sup>49</sup> Uma entrevista conduzida em maio de 2023, no Projeto Alkântara (Quinta do Loureiro).

A infância vivida em Arouca foi humilde. Os pais eram ambos camponeses e os primeiros anos da vida de Silvina foram partilhados com onze irmãos, seis rapazes e cinco raparigas. Silvina era a mais nova:

“O meu pai trabalhava no campo. Tinha 56 anos a mais que eu e a minha mãe 40 [anos a mais que eu]. Também trabalhava no campo. O meu pai tinha 16 anos a mais que a minha mãe. Era uma grande diferença. Víamos muito mal. Os meus pais eram muito pobrezinhos. Eles até eram remediados, mas como não havia televisão começaram a fazer filhos. Se tivessem televisão iam-se entretendo e já não faziam os filhotes. Assim, entreterem-se.”

“Uns irmãos estavam fora [de casa], já trabalhavam. Também havia grande diferenças de idades. O meu irmão mais velho de todos, agora, se fosse vivo tinha aí uns 100 anos. Na altura tínhamos 20 ou 10 anos de diferença.”

A experiência na escola fez-se sempre na companhia de uma irmã, a única que ainda está viva, mas de quem Silvina vive longe. Um afastamento sem grande pesar, pois nunca se deram bem:

“(…) é tão raro a gente falar que eu até me esqueço que tenho aquela irmã. Ela tem um feito assim esquisito. Ela é toda assim “chega-te para lá” e eu também me chego. É toda *la finess*. Eu gosto de coisas mais vulgares. Ela tem a mania das grandezas, de ricos, do caraças. Eu, não me interessa os ricos para nada, eles não me dão nada. Ela só liga aos ricos, aos riquinho. Eu ligo a toda a gente. Sejam ricos, seja aí um sem-abrigo, eu ligo a toda a gente.”

Dos tempos em que andaram juntas na escola recorda o espírito de competição entre as duas, na tentativa de obter melhores resultados escolares. Silvina sempre se destacou, sobretudo por ter concluído a 4.ª classe no tempo esperado, o que não aconteceu no caso da irmã:

“Ela nasceu quatro anos antes do que eu, ela andou sempre a par comigo [na escola]. Eu fiz a 4.ª classe com nove [anos] e ela fez com 13 [anos]. (...) Andei na escola até aos nove [anos], entrei com seis [anos] e saí passados três anos, com a 4.ª classe. Depois aí fui trabalhar.”

Quando relembra os tempos de escola, os olhos de Silvina brilham. Gostaria de ter continuado a aprender, mas esse foi um sonho que teve de deixar por cumprir devido às necessidades económicas da família:

“Gostava e aprendia muito bem! Eu gostava de tudo na escola! Era só o aprender, o passar os olhos nos livros. Ia-me deitar, no outro dia sabia aquilo tudo! (...) Eu gostava de ter continuado na escola, mais uns anos até ao liceu, a aprender. Porque eu aprendia bem. Mas faltava a ‘maçaroca’, tinha de se ir trabalhar. Gostava de ter sido costureira.”

A entrada no mercado de trabalho foi, por esses motivos, precoce, como era típico na sua geração. Silvina foi trabalhar para o Porto com 10 anos, depois de completar a 4.ª classe. Começou por ser cozinheira, profissão que acabou por exercer toda a sua vida:

“Sempre fui cozinheira, toda a vida. Houve duas ou três vezes que estive como ajudante, mas depois fiz o exame de cozinheira. Passei como distinta no exame e passei a cozinheira de primeira categoria.”

“[No entanto] eu nunca gostei muito [de ser cozinheira], mas foi o que se pode arranjar. Foi o que a minha irmã me arranjou.”

Apesar de não gostar de ser cozinheira, gostou muito dos tempos que passou no Porto. Durante sete anos foi lá que trabalhou, até aos 17 anos, altura em que rumou a Lisboa por vontade de uma irmã mais velha:

“Para o Porto foi uma senhora lá da minha terra que tinha uma filha que tinha lá uma casa no Porto. E a minha irmã mandou-me ir para lá e eu estive lá. De lá vim para Lisboa. Mas eu gostava mais do Porto. Sentia-me melhor lá. É mais divertido e mais perto da minha terra. De lá à minha terra era uns 80/90 km. Daqui são 300 e tal km. É uma longa viagem.”.

“A minha irmã que estava cá dizia ‘vem para aqui, vem para aqui’ e eu vim. Mas gostava mais do Porto. A minha irmã é que dizia “vem que isto aqui é muito melhor”, mas não é. Eu gostava mais de lá, era mais divertido, havia lá uns barquinhos, a gente ao domingo ia dar uns passeios de barco. Aqui não havia nada. Nunca passei muito aqui por Lisboa. A minha irmã, que era mais velha, entendeu que eu que havia de vir.”

À chegada a Lisboa, Silvina foi viver para um pequeno quarto na Penha de França. Vivia perto da irmã mais velha e de uma outra irmã que morava, também, nessa zona. Mas não ficou do lado oriental da cidade durante muito tempo. Através de um colega de trabalho, encontrou uma casa modesta no antigo Casal Ventoso:

“(…) vivia num quarto na Penha de França, depois trabalhava na cozinha e havia lá um rapaz que trabalhava lá nas mesas e eu tava a alugar um quarto, mas a dona da casa disse-me que precisava do quarto. E eu pensei ‘agora é que eu estou enrascada...agora para onde é que eu vou’. Depois lá no trabalho disse para o meu colega ‘António, não sabes por aí de alguém que me queira alugar um quarto?’ [e ele] ‘sei, mas não é um quarto, é uma casa’ [e eu disse] ‘mas eu lá tenho dinheiro para alugar uma casa! Estás a brincar ou quê?’ Eu não tinha dinheiro nenhum... [e ele disse-me] ‘tu não te assustes, porque vais pagar pela casa tanto como estás a pagar pelo quarto!’ [e eu] ‘ai assim já dá! Quanto é?’ [ele disse-me] ‘350 escudos’. E pronto e fui. A casa não era muito grande, não tinha água, não tinha luz, mas paciência, tive de me aguentar. Ia lá ao chafariz buscar a água, mandei por a luz e estive lá 13 anos a morar.”

“No Casal Ventoso gostava de viver, vivi lá bastante tempo. Não tenho razão de queixa lá de ninguém. Tem muita má fama, mas para mim era a minha casa. Queria lá saber o que os outros diziam. Eu, também, como saída às oito da manhã e entrava quase à meia-noite, também, não

queria saber. Não falava para ninguém. Entrava e saía. De maneira que não me fazia nada confusão. Na altura eu gostava de tudo, lá no Casal Ventoso.”

A relação com os colegas do trabalho foi sempre boa, foi neles que Silvina encontrou os amigos e a família, longe da terra natal. Amizades que relembra com animo e muita saudade:

“Sempre vivi assim um bocado longe da minha família, mas fiz cá amigos que trabalhavam comigo. Essa [amiga], ela era de Viseu, e era tão engraçada a falar lá à moda de Viseu. ‘oh [amiga], de onde é que és? Sou de *B’seu*.’ Ela via os locutores a falar ao micro, na televisão e dizia ‘olha lá estão eles a comer um gelado!’ Ela era muito divertida. Olha casou com um médico. Anteontem estive a falar com ela. Já não nos encontramos é muito, por causa das pernas. Mas ela está bem, casou bem casada, com um médico. Têm dois filhos. Assim amigos próximos são poucos, nunca tive assim muito tempo para amigos. Era sempre a trabalhar.”

Também o seu marido foi encontrado no contexto laboral. Silvina emociona-se ao falar do grande e único amor que teve e que perdeu, já há uns anos. Silvina confessa que sempre teve o sonho de casar e recorda quão feliz foi no dia do seu matrimónio:

“Fui viver para o Porto, comecei a trabalhar como cozinheira, vim para Lisboa para trabalhar e depois casei-me aqui em Lisboa, ele era de cá e também era cozinheiro. Eramos muito amigos [eu e o meu marido]! E quando morreu foi um grande desgosto... [Emociona-se] Ele faz-me muita falta... Era uma grande paixão mesmo... Dos irmãos todos, eram uns quantos, era o mais bonito. [Risos]”

“Foi um casamento assim na igreja e tudo. Tenho lá as fotografias. Tenho memórias muito boas desse dia. [Naquela altura] Era “casar” mesmo no dia do casamento, não era antes.”

“Eu casei-me com um pobrezito... Mas tinha amor. O dinheiro ajuda, mas não é tudo.”

Tendo crescido numa família de 11 irmãos e vivenciando as dificuldades que os seus pais tiveram em criar todos os filhos, Silvina confessa que o projeto familiar de casar e ter filhos nunca foi, para si, um sonho:

“(...) a minha mãe ainda teve uns 11 filhos. Eu como vi isso na altura, foi logo, casar aos 19, ter um filho aos 20 e depois mais nada! Só tenho um filho e chega-me bem, graças a Deus! (...) nasceu em 1963.”

O seu foco principal sempre foi o trabalho. Pois, era nessa trocar comercial entre mão de obra e capital que Silvina via a oportunidade de ter uma vida melhor do que a experienciada pelos seus pais e irmãos, em Arouca. Ao mesmo tempo, era também na convivência do dia a dia de trabalho que Silvina travava as suas principais relações sociais, de amizade e conjugalidade:

“(...) às vezes lá no trabalho, estava cheia de calor e eles [os colegas homens] vinham trazer-me uma cervejinha! Tratavam bem de mim, a gente dava-se bem! Fiz ali bons amigos. Gostava de trabalhar lá.”

Tal facto fez com que Silvina, durante o toda a sua vida ativa, nunca tivesse parado de trabalhar como cozinheira. Nem mesmo durante a gravidez. Sobre essa altura, relata com o entusiasmo de quem sabe da existência de um desfecho favorável, um episódio preocupante que lhe ficou na memória:

“Quando estava grávida andei a trabalhar até aos nove meses de barriga. E foi aos nove meses de barriga que se me rebentou uma variz. Eu estava a lavar as pernas, porque uma pessoa na cozinha suja-se muito, eu estava a lavar as pernas e os pés para me ir embora e uma colega minha, eu olho para a bata branca dela e vejo salpicado de sangue. Até que reparei, vi mesmo o sangue a sair. Depois fui dizer ao patrão, que era meu padrinho de casamento e disse ‘oh padrinho passa-se isto assim, assim’. Ele agarrou logo num guardanapo, agarrou na carrinha e levou-me logo para o hospital. Eles lá depois conseguiram parar o sangue. E estava quase a ter a criança, faltava uma semana ou assim. Depois, quando foi para ter a criança, lá no hospital os gajos tiraram-me o guardanapo e não foram capazes de estancar o sangue, mas depois lá estive, lá estive, lá estive e lá consegui.”

Mesmo após o nascimento do seu filho, o respeito e amizade na relação com o marido facilitaram a conciliação entre o intenso trabalho de cozinheira de Silvina e a vida familiar. Um equilíbrio que permitiu ao casal a vivência de uma vida desafogada, mesmo que sem grandes luxos:

“[O marido] ia passear muito com o meu miúdo. Depois calhou logo um rapaz, ele adorava o rapaz. Eu para mim era qualquer coisa, um menino ou uma menina, o que vier é o que for. Calhou um rapaz. Também não estava interessada em mais [filhos].”

“Ele ajudava-me sempre, ajudava-me muito em casa. Faz-me muita falta... [Emociona-se] Ainda hoje me faz falta... Hoje é que ele me fazia falta. Só pela companhia. Os nossos amores fazem-nos sempre falta... Às vezes nem que seja para embirar um bocadinho.”

“Com o meu marido dividíamos as tarefas, para à tarde podermos sair. Íamos ao cinema Europa, em Campo de Ourique. Eram 3 escudos [o cinema], não era muito dinheiro, dava para a gente ir. A gente ganhava 300 escudos. (...) Por exemplo, ao dia de folga, a gente folgávamos os dois juntos, ele fazia o comer e eu lavava a roupa. Dividíamos o trabalho para depois de tarde irmos passear ou ao cinema, dar uma voltinha. Ele cozinhava muito bem. Eu era cozinheira por ser, ele, quem lhe perguntasse, dizia que era cozinheiro, todo contente!”

Apesar do apoio do marido, Silvina reconhece a existência de condicionantes de género que lhe colocavam mais peso no que respeita às responsabilidades domésticas e familiares. Uma questão que considera ser premente, à época, mas ainda persistir:

“Mesmo com a ajuda do meu marido, quem fazia mais tarefas domésticas era eu, pois claro. Era passar, lavar, ele não sabia fazer nada disso. Era limpar a casa. Tomar conta do filho ele tomou várias vezes. Porque ele trabalhava oito horas e eu trabalhava dez horas ou mais, eu trabalhava quatorze horas porque era num restaurante. Ele [o marido] trabalha oito horas

porque trabalhava numa pastelaria no Chiado. Como chegava mais cedo a casa tomava conta do filho. Tinha um carrinho, punha o miúdo no carrinho e ia-me lá visitar ao trabalho.”

“Oh... Se fosse um homem trabalhava menos, em casa principalmente. É preciso os homens começarem a alinhar, mas agora já começam. Eles agora ajudam, estendem roupa, lavam roupa. É giro! [Risos] O meu marido não estendia a roupa. Essas coisas ele não fazia, não, porque sabia que não era a ele que pertencia. Ele não queria que alguém o visse à janela [a estender a roupa] e se risse dele ‘olha a gaja obriga-o a estender roupa!’ Antigamente isso acontecia, no geral. Eu gosto de ir à varanda e ver. Agora vê-se muitos homens a estender e a apanhar e a passar! Alguns também passam.”

Para além das desvantagens implícitas que reconhecia ter, no seio da família, devido à sua condição feminina, Silvina confessa que as longas horas de trabalho exacerbavam a sobrecarga que sentia, também condicionada pelos tempos de deslocação no centro da cidade de Lisboa, entre a antiga periferia de Alcântara - onde se localizava o Casal Ventoso e a casa de Silvina – e o centro histórico e comercial da cidade – na freguesia de Santa Maria Maior, no coração de Lisboa:

“Eu cozinhava para 200 pessoas, num restaurante na Bica. Trabalhei sempre em restaurantes, mas esse foi onde trabalhei a maior parte do tempo. Mas era muitas horas, entrava às oito da manhã. A hora de saída era às cinco [da tarde], depois entrava outra vez às sete [da tarde] mas às vezes eram seis e ainda não tinha saído. Já não valia a pena sair [para fazer uma pausa entre turnos]. Depois só saía às dez da [noite] para apanhar o autocarro e ir para casa porque tinha lá o filho na ama, lá no Casal Ventoso.”

Hoje, Silvina é reformada da sua profissão de cozinheira. Apesar das boas memórias do tempo em que trabalhou, confessa que estas nunca profissão com que sonhou:

“Agora sou reformada, sempre fui cozinheira toda a vida, aqui na zona de Lisboa, principalmente. No Porto trabalhava nas mesas dos restaurantes. Mas não tinha assim um gosto especial pela cozinha. Gostava mais de ter ido para a costura. Mas a minha irmã não foi nisso. Não me arranjou porque não quis, podia ter arranjado. Porque ela, para ela não arranjou para restaurante. A minha irmã trabalhava numa droguaria.”

Há mais de meio século, desde que veio para Lisboa trabalhar, que Silvina vive na zona da Quinta do Loureiro, antigamente, Casal Ventoso. Apesar do desgosto pela terra onde ganhou o pão, encontrou o amor e construiu a sua família, Silvina nunca pensou em volta à sua terra natal, em Moldes, Arouca. Nem mesmo após aposentada:

“Vivo aqui no Loureiro há 20 anos, já vivia lá no Casal Ventoso e depois vim para aqui. Eu fui viver para o Casal Ventoso em [19]60. Em 2000 foi abaixo e depois vim para aqui. (...) Nunca pensei em ir viver para Arouca, nem agora quando já estava reformada, porque não tenho lá

casa. Mesmo que tivesse não ia, porque já não está lá quem me criou. Já não está os meus pais, nem os meus irmãos...”

Viúva e a viver sozinha desde a emancipação do seu único filho, Silvina conserva-se na Quinta do Loureiro devido à proximidade com o filho, única ligação familiar de sangue e em quem se apoia, sobretudo, desde o acentuar da velhice. Apesar da presença do filho no seu dia a dia, quando o filho não está, é na comunidade do Loureiro que Silvina se apoia:

“Tenho aqui estas companheiras do projeto. (...) Venho aqui ao projeto (...) Aqui no Loureiro costumo vir às atividades [de uma das associações de apoio social]. Ontem, por exemplo, foi ginástica. Hoje estivemos todas a conversar, fazemos várias coisas. (...) De vez em quando vou ali à capela, rezar o terço, quando há. Eu gosto de ir lá, mas só gosto [mesmo] da igreja da minha terra. Aquilo ali [a capela na Quinta do Loureiro] não me diz lá muito o que eu gosto. Não é padre, é uma mulher, ainda é pior! Na minha terra há padre, há missa como deve de ser. A igreja aqui é católica, mas é uma senhora que diz o terço e eu isso não me cheira muito bem. Da última vez apanharam-me à saída e disseram ‘venha, venha’ e eu lá tive de ir, é mesmo à minha porta [do prédio] e apanharam-me. Eu sou uma pessoa de fé, gosto de ir. Não tenho muito o hábito de ir, porque eu gosto muito das igrejas, mas é lá na minha terra. Aqui para ir à igreja, não.”

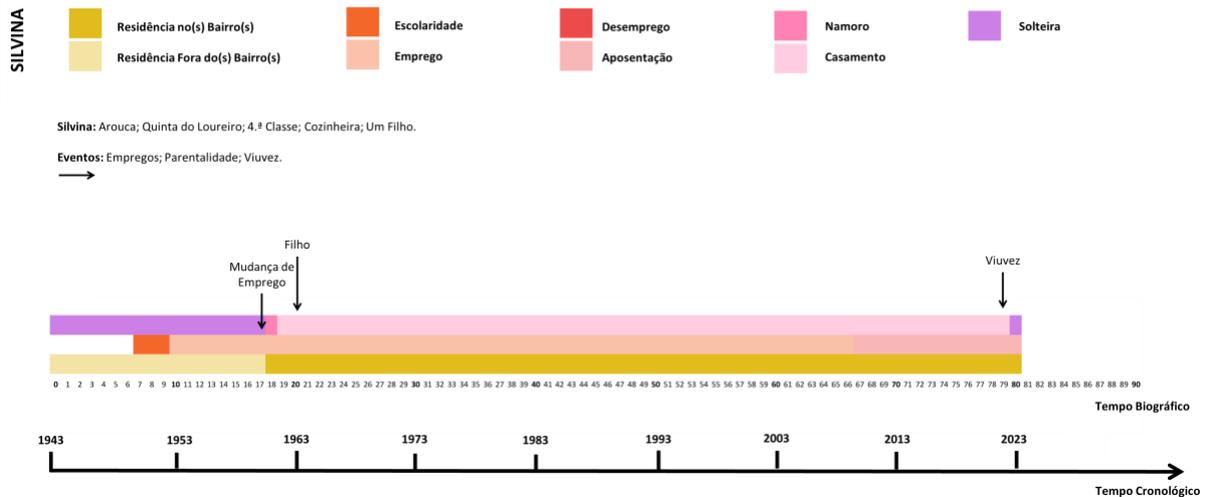
Reconhece que as condições de habitabilidade no Loureiro são melhores, mas é do antigo Casal Ventoso que Silvina mais sente saudades, sem esconder a reprodução das dinâmicas marginais de outrora que se estendem, hoje, ao novo Bairro:

“Aqui no Loureiro, é melhor, as casas são melhores. De resto é a mesma treta. A desgraça é a mesma porque eles vieram lá de cima cá para baixo, são a mesma gente. Gente que não interessa nada. Mas eu não falo com os que interessam mais nem com os que interessam menos. Não falo com ninguém. Não tenho problemas. Eu dou boa tarde e bom dia, mas não paro para conversar.”

Sobre o futuro não tece muitas considerações. A sua maior preocupação é conservar o estado de saúde que tem atualmente, mas que depois de 80 anos de uma vida de intenso trabalho não esconde as mazelas:

“[A minha preocupação] é não cair, principalmente. Porque depois não me posso levantar. (...) É a minha saúde. Tenho essa preocupação, porque depois não tenho ninguém para cuidar de mim. Não tenho ninguém assim que ajude. (...) Mas no futuro eu já não existo, já me terei ido embora! O meu filho vai estar bem. Eu tenho 80 [anos] e tem 60 [anos]. Menos 20 que eu. Quando ele tiver a minha idade não sei como é que vai ser [a vida]. Para melhor nunca vai para melhor, a vida, com a idade vai sempre para pior.”

## Linha de Vida (Silvina).



### Leonor<sup>50</sup>

Leonor nasceu em 1933, na Marinha Grande. Veio para Lisboa com três anos, acompanhada pela mãe. O pai “trabalhava lá na fábrica do vidro, lá na Marinha Grande e depois cá [em Lisboa] havia também a fábrica dos vidros e a gente veio para cá, para Lisboa”. A proximidade do ganha-pão da família, bem como a pertença a classes operárias fez com que se instalassem no Casal Ventoso. A Marinha Grande nunca lhe disse nada “porque eu não conhecia, assim, muita coisa lá. Conhecia mais era cá [em Lisboa]. Tinha cá os meus amigos, a minha família.” Já o Casal Ventoso, onde morou mais de 60 anos da sua vida, considerava-o “muito bom naquela altura. (...) Havia lá tudo, havia talho, havia mercearia, havia tudo, depois é que desagradou...”.

A mais velha de três, partilhou a infância com uma irmã e um irmão. No Casal Ventoso viveu os primeiros anos com os pais e com a irmã. O irmão nasceu apenas dois anos mais tarde, Leonor tinha já cinco anos. Esse é um dos momentos da vida que recorda com maior clareza e entusiasmo, ainda com aos 90 anos:

“O meu irmão já nasceu lá, no Casal Ventoso. E quando ele nasceu, eu estava cá fora e disse adeus ao avião, a agradecer por ter feito o meu irmão tão lindo. Era um bebé tão bonito! Por que a minha mãe estava a ter o meu irmão e a minha mãe disse ‘olha já nasceu o mano’ e ia a passar um avião e eu ‘adeus!’. Isso lembro-me perfeitamente! Que me trouxe um mano tão lindo!”.

Da infância passada no Casal Ventoso com os irmãos recorda as “brincadeiras na rua, andávamos com uma bola, com uma boneca. Andávamos assim.” À semelhança das memórias de infância, os tempos e escola partilhou-os com os dois irmãos, dos quais relembra o ensino austero aplicado no Portugal pré-democrático:

<sup>50</sup> Duas entrevista conduzida em abril de 2023, no Projeto Alkântara (Quinta do Loureiro).

“Fomos os três para a escola [eu e os meus irmãos]. Eu fui até à 4.ª classe e os meus irmãos também. (...) Eu gostava de andar na escola, gostava. Mas tinha assim receio de ir ao quadro e de não fazer bem. Não era boa aluna. Às vezes a professora era muito, assim... [Autoritária?] Sim, era. Porque [eu] tava sempre com medo de errar.”

Continuar os estudos nunca foi um sonho, mas mesmo que fosse “(...) também não havia posses para isso.” Numa família de origens humildes – o pai era operário fabril, e a mãe doméstica – e com três filhos, Leonor terminou a 4.ª classe e começou cedo a trabalhar:

“Comecei logo a trabalhar de costureira, era aprendiz e depois passei a costureira. (...) Depois voltei a trabalhar de costureira aqui [no Casal Ventoso], fazia em casa. Fazia blusas, saias.... Era ajudanta, era meia costureira. Fazia assim uns arranjos e às vezes fatos.”

Leonor considera que, apesar de ter tido uma infância breve, foi uma criança feliz. Das memórias mais presentes que retém desse período da sua vida, destaca as idas à praia no verão, com a mãe e os irmãos:

“Era para ali, naquelas praias, atravessando o rio [Tejo]. Esses dias eram bons, levávamos o farnel. Era divertido.”

Aos 19 anos, Leonor levava já uma década de trabalho como aprendiz e costureira no Casal Ventoso. Quando casou, deixou o posto de costureira no Casal Ventoso e continuou a profissão no Teatro São Carlos. No entanto, não deixou o lugar onde cresceu e sempre viveu:

“(...) casei e fui trabalhar para o Teatro São Carlos. Passei a viver também aqui [no Casal Ventoso] com o meu marido e com duas filhas que eu tenho. (...) Ele morava perto de mim, lá no Casal e tinha uma mercearia. Depois começamos a namorar, com 17 anos. Depois casei com 19 [anos].”

Do casamento ficaram alguns arrependimentos e sonhos por cumprir, mas que Leonor concretizou através das suas filhas:

“Eu gostava de me ter casado pelas noivas de Santo António, a minha filha mais velha casou-se. Eu tinha esse sonho quando era mais nova. Mas o meu marido tinha assim um feito muito especial... Ele gostava muito de mulheres. Eu não gostava disso... Mas depois pensava ‘vou-me separar’, mas ai credo! E depois ‘o que é que dizem as pessoas todas’. Mas às vezes tinha vontade. Mas agora ele já faleceu. Mas se calhar gostava [de me ter divorciado], para ser mais livre. Mas na altura era assim, era o que toda a gente fazia.”

Para além de alguns desentendimentos entre o casal, Leonor conta que o início da sua vida conjugal não foi fácil, também, a nível económico. Devido a uma situação de desemprego do marido, Leonor e a família tiveram de recorrer ao apoio da família de origem do seu marido:

“Eu quando casei o meu marido trabalhava na Caris e ao fim de um ano não tinha trabalho. Aí foi difícil. Mas a minha sogra tinha uma mercearia e sustentava a gente. Dava as coisas da

mercearia e ajudava a gente. A comida, o peixe, para eu fazer. E as vezes comia lá [na casa da sogra].”

No entanto, nem a convivência com o marido, nem a convivência com sogra era pacífica. Hoje Leonor arrepende-se do seu feitio, que considera ser demasiado submisso:

“A minha sogra tinha assim um feitio... um feitio de sogra. Mas no fim até falávamos bem. Eu também tinha assim aquele feitio de me calar. A minha sogra era lá vizinha [no Casal Ventoso], tinha lá uma mercearia e eu morava lá, numa casa.”

“Mas não nos dávamos muito bem. Ele [o marido] não era assim muito bom. (...) Não nos dávamos muito bem, mas eu, olha... calava-me a tudo. Tive vontade de me separar, mas naquela altura ouvia-se dizer que mulher que se separava era porque tinha outro homem. Às vezes arrependo-me, penso nisso. Acho que tinha sido diferente, a minha vida.”

Ainda assim, reconhece que casar foi a única forma de cumprir o sonho de ter filhos. Leonor que teve duas filhas, como sempre sonhou e, nas suas palavras “mais alguns abortos”. Apesar das filhas terem sido muito desejadas, o contexto económico vivido pelas famílias portuguesas, como a de Leonor, entre as décadas de 1960 e 1970, altura em que as suas filhas nasceram, não eram propícios ao estímulo da natalidade. Assim, Leonor confessa que recorreu várias vezes à realização de abortos, à época ilegais:

“(...) não nos dávamos muito bem [eu e o meu marido], mas eu gostava muito de ter filhos. Queríamos muito ter filhos. Ter dois, como tive. (...) Foi sempre uma coisa que desejei.”

“E também tive alguns abortos. [E como é que foi nessa altura?] Íamos lá à parteira e depois ela fazia. Era muito diferente de hoje em dia. [E fez esses abortos porque não queria ter mais filhos?] Não. Porque era muito caro sustentar filhos. [E nesses momentos ia sozinha ou tinha algum apoio?] Não ia sozinha, ia com uma amiga. Mas não me importava de ir sozinha, mas a minha amiga ia sempre comigo. [E na altura não usava métodos contraceptivos] Não usava o quê? [Métodos contraceptivos.] Não, isso acho que não. Não havia.”

“Foram dois abortos, porque fui eu que não quis [ter filhos]. Na altura era ilegal. [E como é que fez?] Era uma parteira na Rua Saraiva Carvalho ou na Rua Pereira Borges e fui lá. Agora há muitos anos que ela já não faz, agora também já é permitido. Um correu mal. Porque eu tinha dores e ao fim de oito dias fui lá e ela disse ‘está tudo bem’ e eu disse ‘mas tenho tantas dores’ e ela foi lá ver e não estava. E tinha razão estava lá qualquer coisa que me fazia dores. Mas as outras minhas filhas foram desejadas.”

Já casada, mas sem grande liberdade dentro do casamento, Leonor foi obrigada pelo marido a desistir do emprego de que tanto gostava como costureira no Teatro São Carlos. Um episódio que recorda com tristeza e revolta. Sobretudo, porque o seu marido não a impedia de trabalhar por razões de desafio familiar ou para se dedicar ao cuidado das filhas e da casa, mas porque não gostava que a

sua esposa estivesse empregada no meio artístico, com horários distintos da norma que lhe impediam de ter controle sobre a vida de Leonor:

“Era uma coisa que gostava de fazer [ser costureira], esses arranjos e assim. Depois tive no Teatro São Carlos, também como costureira, mas era os tutus, aquelas coisas das bailarinas. Mais fatos das artistas. (...) Nessa altura estava já casada e como tinha de ficar lá uma noite o meu marido não foi de acordo e eu saí. Tive de sair. Eu fiquei triste na altura, porque era tudo assim muito alegre, era vistoso. [Porque é que acha que ele não concordou?] Não sei, não devia de querer que eu ficasse fora de casa. Era assim.”

Leonor manteve-se, assim, como doméstica durante os primeiros anos de casada. Nessa altura, as tarefas domésticas passaram a ser sua responsabilidade completa. Uma realidade à qual estava já habituada, desde os primeiros anos de casada:

“Ele não ajudava nada, só trabalhava e pronto. As minhas filhas depois andavam a estudar e era eu que acabava por fazer as tarefas domésticas todas. Quando havia umas reparações para fazer, isso aí, já era ele. Pagar as contas da casa era ele, era ele que fazia mais essa gestão do dinheiro, era. Mas era, entrava às dez saía às sete [da noite] [do trabalho como costureira] e ainda trabalhava tudo [em casa].”

A certa altura Leonor decidiu negociar um novo emprego com o marido, que lhe garantisse alguma independência financeira da relação conjugal. Foi então que mudou de área, deixando para trás a profissão de costureira e começando a trabalhar nas limpezas:

“Porque casei e estava em casa, mas achei que havia de trabalhar. Achei que havia de ter o meu dinheiro. Para ir assim às vezes fazer coisas.”

Quando ficou grávida da primeira filha - hoje com 72 anos – Leonor trabalhava como assistente de limpezas no Liceu Francês:

“(...) estava a trabalhar no Liceu Francês, nas limpezas, também. Lá já andava com a barriga grande e a Madame dizia-me que eu que havia de ir para casa. Mas não fui, continuei sempre. E não tinha [de ir para casa]. Eu é que fiz da minha bebé uma barriga muito grande.”

As filhas de Leonor têm 12 anos de diferença, a mais velha tem 72 anos e a mais nova 60 anos. A década que separa as irmãs confirma as diferenças nas experiências de natalidade experienciadas da mãe:

“(...) foram diferentes os dois bebés. Uma, a primeira, quem me apoiou foi a minha sogra. Ela queria que eu fosse ser vista por uma parteira e ter o bebé. Mas a parteira foi a casa e disse que eu que tinha de ir para o hospital e fui para o hospital e tive lá na Maternidade Alfredo da Costa. Da segunda [gravidez] também tive na maternidade, fui logo. Da segunda custou-me um bocado, já estava ali a trabalhar e custava-me. A Madame [a patroa, lá do Colégio Francês] dizia-me para eu ir para casa, porque já estava com uma barriga muito grande, mas estava só

de sete meses. Tinha era uma barriga muito grande e descaída e a ela fazia-lhe confusão. Mas não podia, tinha de ganhar dinheiro.”

Leonor admite que, com o nascimento das filhas tornou-se mais difícil conciliar a vida laboral com a vida familiar:

“Não era muito fácil, não. Era um bocadinho difícil, porque eu tinha de me levantar muito cedo e tinha de fazer as coisas de casa. Havia uma peixaria lá [no Casal Ventoso] e eu ia muito cedo lá comprar o peixe, arranjava o peixe e deixava tudo arranjado antes de ir para o trabalho. Tinha de me levantar mais cedo. O meu marido não ajudava muito nessas tarefas. Nada, mesmo.”

“Eu não pedia muito a elas [às filhas, para me ajudarem nas tarefas domésticas]. Elas tinham sempre assim coisas para fazer, da escola e assim. Eu evitava [pedir-lhes ajuda nas tarefas domésticas].”

Nessa altura, em que Leonor estava empregada nas limpezas, foi ela que passou a assumir a gestão da economia doméstica, anteriormente gerida pelo marido:

“Quando trabalhava era eu que tratava das contas da casa, que geria tudo. O meu marido também trazia dinheiro, mas era eu que geria.”

Apesar de, à época não discutir a sua posição de dominada pelo marido, Leonor sempre reconheceu as desigualdades existentes entre si e o seu marido no espaço doméstico. Hoje, a sua visão é diferente, ainda que não se consiga desligar completamente de uma visão estrutural, imiscuída no período histórico que a moldou e à sua geração:

“Os homens deviam de participar [mais nessas tarefas domésticas]. Na altura era assim, as mulheres tinham de ser só elas, a cuidar dos filhos e da casa. Eu acho que isso não era correto. Antigamente os homens é que trabalhavam mais e tudo, mas elas [as mulheres] também tinham capacidade [de trabalhar]. (...) [E ao contrário, acha que os homens também têm capacidade de fazer essas tarefas que, normalmente, são mais as mulheres que fazem?] Eu acho que não. Não sei, porquê. Mas acho que não. Eu achava que sim, que haviam de ajudar, também. Mas não têm jeito. Quer dizer, alguns têm. O meu marido não tinha jeito. Ele tinha jeito era para fazer o comer para a rapaziada, fazer o comer, uma caldeirada e assim essas coisas. Ele fazia. Mas nunca contribuiu para o dia a dia. Era bom eles fazerem essas tarefas.”

Após a morte do marido, a conquista de autonomia habitacional das filhas e o processo de realojamento dos residentes do Casal Ventoso nos novos bairros, Leonor ficou a viver sozinha no apartamento que lhe foi atribuído na Quinta do Loureiro. Apesar disso, não deixou de viver perto das filhas que são, também, suas vizinhas no Loureiro:

“Uma das minhas filhas vive no 4.º andar e eu vivo no primeiro. A outra vive ali para a Calçada do Combro. É bom viver ao pé da família, dá ali um apoio.”

A relação com as filhas sempre foi positiva. Com a entrada para a vida adulta, a relação entre as três ainda se estreitou mais. No entanto, são também as suas filhas, a maior fonte de preocupação de Leonor. Pois, com a idade avançada de 90 anos e a maternidade antecipada, aos dias de hoje, de Leonor as três encontram-se a experienciar o processo de envelhecimento em simultâneo, ainda que em diferentes fases:

“A gente dá-se bem! Somos muito amigas. (...) Uma tem agora 60 anos e a outra já tem 72. É diferença de 12 anos da irmã. Duas raparigas. Elas também não estão muito bem, as duas. Numa consulta de rotina a mais nova descobriu que tinha um cancro num peito e a outra já foi pior, já estava mais avançado. Anda a recuperar agora, há 5 anos. Porque ele tem de tomar um comprimido e tem de descansar, porque se não descansar sente-se mal. Ela já estava reformada. É uma preocupação que eu tenho. (...) Mas a mais velha está doente. Ela foi ao médico, ao psiquiatra, porque ela não estava muito bem. Começou ontem o tratamento. São coisas que demoram tempo. Morreu-lhe o marido também há um ano, agora está sozinha.”

Com as filhas a viver próximo, é na Quinta do Loureiro que Leonor faz a sua vida diária sem grandes desvios, sobretudo deste que está reformada “pelo menos há 30 anos”. Lá conserva algumas amigas que vieram consigo desde o Casal Ventoso e outras que fez mais recentemente, que reencontra com regularidade numa das associações do Bairro. Entretém-se nos convívios e outras atividades promovidas entre a vizinhança, pois a falta de saúde já não lhe permite dedicar-se aos seus passatempos favoritos:

“Agora estou reformada, já há muito anos. Eu tenho 90 anos, pelo menos há 30, sim. A reforma, mais ou menos, vou-me orientando. Eu gostava ainda de fazer costuras, mas agora já não vejo. Já não vejo nada desta vista.”

“Amigos é aqui esta convivência com as colegas do projeto, é. Já conhecia a Mafalda antes, mas não eramos amigas, foi só aqui. Depois aqui ficámos amigas.”

“Costumo ir ali à capela, vou. E gosto. Sou crente, gosto de rezar. Fiz a catequese em pequena e gosto de rezar. Quando vou à igreja sinto-me bem. Assim um conforto. Agora vou aqui ao terço e gosto de ouvir o que eles lá dizem. E oiço a missa na televisão.”

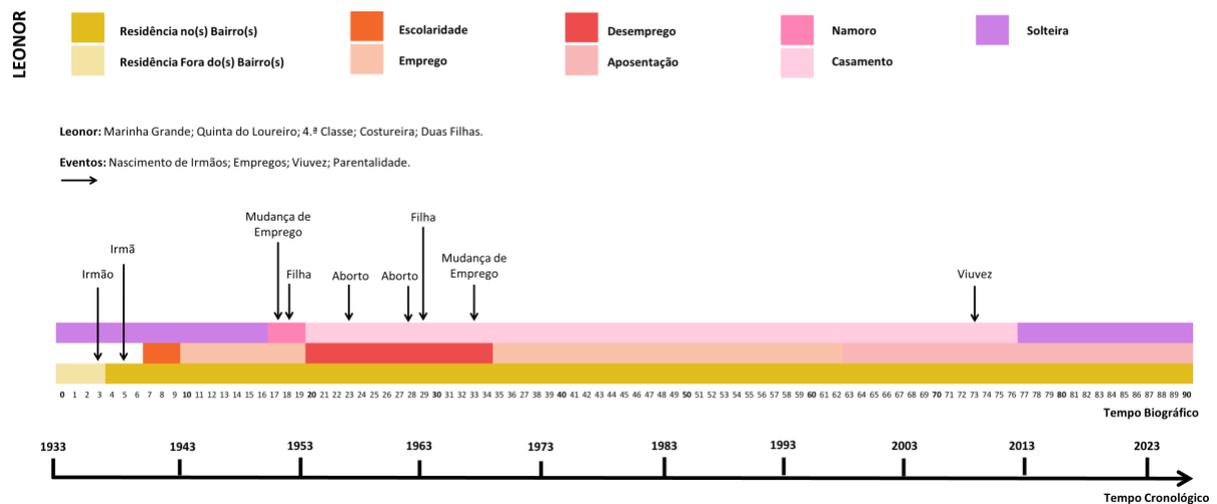
Apesar de não sentir que tem uma vida tranquila no Loureiro, Leonor não esquece as diferentes realidades que viveu nos diferentes tempos do Casal Ventoso e da Quinta do Loureiro:

“Isto [dinâmicas marginais no Casal Ventoso] agora é uma coisa mais recente, mas naquela altura aquilo descambou lá no Casal Ventoso... Mas quando a gente foi para lá morar aquilo era muito agradável. Era um convívio bom que tínhamos ali. E depois acabou. (...) Esta situação que se passa aqui, isso preocupa-me. (...) por acaso nunca tive [nenhuma chatice relacionada com as dinâmicas marginais, não. Mas também não falo assim com ninguém. Ignoro.”

Mas atualmente o que mais a incomoda é a estrutura física do Bairro, contra qual Leonor luta todos os dias para poder fazer a sua vida na vizinhança. Uma dificuldade associada, também, ao passar dos anos e à degradação da condição de saúde de Leonor que não lhe permitem ter a vivacidade de outrora:

“(…) o acesso é difícil. Tenho estado com o coração em baixo e o médico não quer que eu suba escadas. Eu moro no primeiro andar, mas mesmo assim já são muitas escadas. [E tem elevador no seu prédio?] Não, não, está avariado. (...) Se não podia ir dar uma volta, ir às compras, distraia-me muito. Fazer a minha vida. Agora não me posso distrair tanto.”

### Linha de Vida (Leonor).



## **Anexo X:** Pressuposto de análise de conteúdo (Entrevistas).

Para análise das entrevistas individuais foi adotada uma estratégia de análise de conteúdo com recurso ao *software* MAXQDA, que nos permitiu ver a correlação entre as várias dimensões de análise observadas, bem como a sua predominância e distribuição nos discursos das nove mulheres entrevistadas. A estratégia de análise teve por base a estrutura de códigos que se apresenta de seguida, assente sobre as dimensões de análise<sup>51</sup> definidas *a priori* no guião de entrevista<sup>52</sup>. A lista de códigos encontra-se, assim, dividida seguindo as várias dimensões do guião de entrevista, correspondentes aos códigos de primeiro nível (códigos de um a sete).

No **primeiro código** - Apresentação – são tidos em conta alguns elementos-chave, de caracterização das entrevistadas (idade, naturalidade, residência, escolaridade, etc.), que vão surgindo ao longo da entrevista, utilizados sobretudo para construção da grelha de caracterização sociográfica das entrevistadas.

O **segundo código** – Habitação, Comunidade e Tempos Livres – corresponde à segunda dimensão de análise presente no guião de entrevista, enquadrando o percurso residencial as entrevistadas (no código de segundo nível 2.1), bem como os seus passatempos e atividades desempenhados dentro e/ou fora da comunidade residencial (código de segundo nível 2.2). Dentro do código de segundo nível - Do Casal Ventoso à Quinta do Loureiro e/ou Entretantos – procuramos distinguir os discursos das entrevistadas acerca dos motivos de mobilidade residencial inerentes às suas saídas/entradas no(s) Bairro(s), por forma a destacar os fatores motivadores dessas mudanças residenciais.

O **terceiro código** - Família, Amigos e Vizinhos – divide-se em três códigos de segundo nível interligados, mas distintos - Família; Amizades; e Relações de Vizinhança. No caso do primeiro código de segundo nível, tornou-se pertinente um desdobramento em dois códigos de terceiro nível, distinguindo as dinâmicas familiares no seio da família de origem (código 3.1.1) e na família de destino (3.1.2). A subdivisão desses dois códigos, em códigos de quarto nível foi uma opção tomada na sequência da verificação de um elevado número de segmentos codificados nesses temas, tornando-se necessária uma maior especificação para um tratamento mais claro dos dados. Os segmentos incluídos neste terceiro código correspondem, assim, à primeira dimensão de análise do guião de entrevista.

O **quarto código** - Trabalho, Escola e Transições – incorpora as questões constantes da terceira dimensão de análise do guião. Este subdivide-se em quatro códigos de segundo nível. O primeiro (código 4.1) relacionado com toda experiência de escolaridade das entrevistadas; o segundo (código 4.2) com os momentos concretos de transição entre escola e mercado de trabalho; o terceiro (código 4.3) com as experiências de trabalho, emprego, desemprego, etc. objetivamente vividas; e o quarto

---

<sup>51</sup> Apresentadas e discutidas no subcapítulo 2.1.

<sup>52</sup> O guião de entrevista apresenta-se no anexo I.

(código 4.4) com o terceiro com o momento de entrada na reforma, um código que importou criar para distinguir os trajetos ocupacionais das entrevistadas mais velhas, dos das restantes.

O quinto e o sexto códigos incidem, mais especificamente, sobre as questões do género. No **quinto código** - Desigualdades, Discriminação e Violência de Género – tratam-se as questões colocadas na quarta dimensão do guião de entrevista, segmentando-as em quatro códigos de segundo nível relacionados com temática abordadas de forma mais objetiva, como a conciliação trabalho-família (código 5.1), a discriminação (código 5.2) e a violência de género (código 5.3) e, num último nível com questões mais transversais sobre as visões sobre condições, papéis e desigualdades (código 5.4). Já no **sexto código** - Mobilização Coletiva e Feminismo – procurou-se compartimentar questões relacionadas com o associativismo feminista, designadamente as visões sobre movimento Feminista (código 6.1), sobre associações/instituições de carácter feminista (código 6.2) e participação cívica individual (código 6.3).

Por fim, o **sétimo código** - Visões sobre Passado, Presente e Futuro -, com correspondência à última dimensão de análise do guião, procurou sintetizar a perspectiva reflexiva das entrevistadas em relação a diferentes momentos temporais das suas vidas, descrita ao longo das entrevistas.

LISTA DE CÓDIGOS	Frequência
Códigos	904
<b>1. Apresentação</b>	46
<b>2. Habitação, Comunidade e Tempos Livres</b>	1
<b>2.1. Do Casal Ventoso à Quinta do Loureiro e/ou Entretantos</b>	68
2.1.1. Pontos Positivos	17
2.1.2. Pontos Negativos	32
<b>2.2. Passatempos e Atividades</b>	39
<b>3. Família, Amigos e Vizinhos</b>	1
<b>3.1. Família</b>	0
3.1.1. Família de Origem	25
3.1.1.1. Estrutura e Composição	60
3.1.1.2. Relação	36
3.1.2. Família de Destino	23
3.1.2.1. Conjugalidades	63
3.1.2.2. Filhos	83
<b>3.2. Amizades</b>	16
<b>3.3. Relações de Vizinhança</b>	8
<b>4. Escola, Trabalho e Transições</b>	0

<b>4.1. Escolaridade, Escola e Formação</b>	38
<b>4.2. Transição para o Mercado de Trabalho</b>	10
<b>4.3. Trabalho/Emprego</b>	83
<b>4.4. Reforma</b>	6
<b>5. Desigualdades, Discriminação e Violência de Género</b>	0
<b>5.1. Conciliação Trabalho-Família</b>	56
<b>5.2. Discriminação</b>	25
<b>5.3. Violência</b>	17
<b>5.4. Visões sobre Condições, Papéis e Desigualdades</b>	58
<b>6. Mobilização Coletiva e Feminismos</b>	1
<b>6.1. Visões sobre Movimento Feminista</b>	5
<b>6.2. Visões sobre Associações/Instituições</b>	9
<b>6.3. Participação Cívica</b>	4
<b>7. Visões sobre o Passado, Presente e Futuro</b>	4
<b>7.1. Preocupações</b>	20
<b>7.2. Sonhos</b>	32
<b>7.3. Planos</b>	18

## Anexo XI: Matriz de Códigos.

À primeira vista é possível observar que o número de segmentos codificados em cada entrevista – 904 segmentos, no total das nove entrevistas – se distribui de forma relativamente heterógena entre as mulheres entrevistadas - variando entre os 55 segmentos codificados na entrevista de Pandora e os 123 segmentos codificados na entrevista de Elsa - registando-se uma média de 100 segmentos por entrevista/entrevistada (100,4). Por outro lado, se observarmos o número de segmentos codificados em cada tema/código é possível constatar que os códigos com maior peso no total das entrevistas são o Trabalho/Emprego e o código Filhos – com 83 segmentos, cada um. Tal facto indica-nos que estes são, de forma global, os temas aos quais as entrevistadas dão mais atenção ao refletirem sobre as suas vidas, pois são também os elementos-chave - dos Trajetos Ocupacionais e dos Trajetos Conjugais - que permeiam as vidas das entrevistas de forma mais duradoura, como vimos através da análise das linhas de vida. Opostamente, os códigos que reúnem o menor número de intervenções – inferiores a 10 segmentos – inserem-se no tema Mobilização Coletiva e Feminismo que, como veremos adiante, é um tema pouco presente nas vidas das entrevistadas.

Lista de Códigos	Pandora	Alana	Cláudia	Natália	Iuana	Elsa	Leonor	Mafalda	Silvína	SOMA
Apresentação	●	●	●	●	●	●	●	●	●	46
Habitação, Comunidade e Tempos Livres										1
Do Casal Ventoso à Quinta do Loureiro e/ou Entretantos	●	●	●	●	●	●	●	●	●	68
Pontos Positivos	●	●	●	●	●	●	●	●	●	17
Pontos Negativos	●	●	●	●	●	●	●	●	●	32
Passatempos e Atividades	●	●	●	●	●	●	●	●	●	39
Família, Amigos e Vizinhos										1
Família										0
Família de Origem		●	●	●	●	●	●	●	●	25
Estrutura e Composição	●	●	●	●	●	●	●	●	●	60
Relação	●	●	●	●	●	●	●	●	●	36
Família de Destino										23
Conjugualidades		●	●	●	●	●	●	●	●	63
Filhos		●	●	●	●	●	●	●	●	83
Amizades	●	●	●	●	●	●	●	●	●	16
Relações de Vizinhaça	●	●	●	●	●	●	●	●	●	8
Escola, Trabalho e Transições										0
Escolaridade, Escola e Formação	●	●	●	●	●	●	●	●	●	38
Transição para o Mercado de Trabalho	●	●	●	●	●	●	●	●	●	10
Trabalho/Emprego	●	●	●	●	●	●	●	●	●	83
Reforma	●	●	●	●	●	●	●	●	●	6
Desigualdades, Discriminação e Violência de Género										0
Conciliação Trabalho-Família	●	●	●	●	●	●	●	●	●	56
Discriminação	●	●	●	●	●	●	●	●	●	25
Violência	●	●	●	●	●	●	●	●	●	17
Visões sobre Condições, Papéis e Desigualdades	●	●	●	●	●	●	●	●	●	58
Mobilização Coletiva e Feminismos										1
Visões sobre Movimento Feminista	●	●	●	●	●	●	●	●	●	5
Visões sobre Associações/Instituições	●	●	●	●	●	●	●	●	●	9
Participação Cívica	●	●	●	●	●	●	●	●	●	4
Visões sobre o Passado, Presente e Futuro										4
Preocupações	●	●	●	●	●	●	●	●	●	20
Sonhos	●	●	●	●	●	●	●	●	●	32
Planos	●	●	●	●	●	●	●	●	●	18
Σ SOMA	55	119	115	111	109	123	82	97	93	904

Anexo XII: Nuvem de Palavras (Preocupações).

